

ORGANIZADORES

NIDIA REGINA LIMEIRA  
ANDRÉ DE SOUSA COSTA

# EDIFICANDO A NAÇÃO

*Sobre Bases e Valores*



Um partido existe para discutir ideias, apresentar propostas e colocar em prática os seus ideais.

A missão do PL Mulher é desenvolver e fortalecer as ações que visam inspirar, motivar, incentivar e oferecer formação continuada para aprimorar a participação da mulher na política partidária.

Nós acreditamos que o aumento da participação da mulher na política proporcionará melhores leis e políticas públicas que venham ao encontro das necessidades e dos anseios da mulher e da sociedade em geral. A mulher tem uma visão mais humanizada do mundo e isso, certamente, faz toda diferença na escolha das melhores decisões.

Com a divulgação deste livro, o PL Mulher pretende colaborar na formação de bases sólidas de conhecimentos para a edificação de uma Nação mais próspera, verdadeiramente justa e com mais igualdade de oportunidades para todos.

BASES E  
VALORES



# EDIFICANDO A NAÇÃO

Acesse o site do PL Mulher e  
baixe gratuitamente a versão digital deste livro.  
[plmulher.org.br](http://plmulher.org.br)



FUNDAÇÃO  
INSTITUTO  
ALVARO VALLE





ORGANIZADORES

NIDIA REGINA LIMEIRA

ANDRÉ DE SOUSA COSTA

# EDIFICANDO A NAÇÃO

*Sobre Bases e Valores*

{ shilo }  
editora



Editora Shilo  
SIA Trecho 2  
Lotes 190/200  
Brasília – DF

## **EDIFICANDO A NAÇÃO: Sobre Bases e Valores**

© Copyright 2024 Nidia Regina Limeira e André de Sousa Costa (Orgs.)  
Editora Shilo © 2025

Publicado no Brasil pela Editora Shilo com as devidas autorizações dos autores e todos os direitos reservados.

1ª edição em português © 2025 Editora Shilo – Junho de 2025.  
*Todos os direitos em língua portuguesa reservados.*

As partes desta publicação podem ser reproduzidas desde que citada(s) a(s) autoria(s).

Esta obra pode ser armazenada em sistema de base de dados, reproduzida e transmitida, desde que a(s) autoria(s) esteja(m) explícita(s) ou citada(s).

Os autores são os responsáveis pelo conteúdo dos seus textos.

Esta obra foi produzida com a finalidade de ser parte do material didático do I Encontro Nacional de Mandatárias do Partido Liberal, realizado em Brasília, nos dias 6 e 7 de junho de 2025.

Direção geral: JB e Dirce Carvalho  
Organizadores: Nidia Regina Limeira e André de Sousa Costa  
Coordenação editorial: Lana Lopes  
Revisora: Eliana Camargo  
Diagramação: Samuel Tabosa  
Design de capa: Geisy Reis

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Edificando a nação: sobre bases e valores / [organização Nidia Regina Limeira, André de Sousa Costa ; coordenação Lana Lopes]. —  
1. ed. — Brasília, DF : Editora Shilo, 2025.  
Vários autores.  
256p.

ISBN: 978-65-983556-2-3

1. Brasil – Política 2. Brasil – Política e governo I. Limeira, Nidia Regina. II. Costa, André de Sousa. III. Lopes, Lana.

25-272912

CDD-320.981

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil : Política 320.981

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

# I SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	<b>7</b>
Organizadores: Nidia Regina Limeira e André de Sousa Costa	
<b>Prefácio</b> .....	<b>11</b>
Valdemar Costa Neto	
<b>Uma política diferente</b> .....	<b>14</b>
Michelle Bolsonaro	
<b>Esse papo de democracia</b> .....	<b>22</b>
Alexandre Garcia	
<b>A retroalimentação da pobreza em governos de esquerda</b> .....	<b>32</b>
Caroline de Toni	
<b>O caminho da prosperidade</b> .....	<b>48</b>
Thiago Manzon	
<b>Ninho de cobras: movimentos revolucionários e a instrumentalização da mulher</b> .....	<b>62</b>
Chris Tonietto	
<b>Por falar em aborto...</b> .....	<b>70</b>
Jean Marie Lambert	
<b>Liberdade e igualdade: qual o ponto de equilíbrio?</b> .....	<b>82</b>
Bia Kicis	
<b>A proteção da infância sob a perspectiva conservadora</b> .....	<b>86</b>
Damares Alves	
<b>Vida, família e liberdade: princípios para uma educação e uma nação livres</b> .....	<b>98</b>
Gustavo Gayer	
<b>Política com alma feminina — Acolher, cuidar e transformar realidades</b> .....	<b>116</b>
Celina Leão	

<b>A verdade que liberta: um chamado à coragem</b> .....	126
Tassos Lycurgo	
<b>De direita, feliz e livre: a mulher que o feminismo não entende ...</b>	146
Priscila Costa	
<b>Negro de direita: protagonismo sem vitimismo</b> .....	162
Helio Lopes	
<b>Conhecendo inimigos</b> .....	166
Nidia Regina Limeira	
<b>Luta contra as drogas e pela recuperação: um compromisso com a vida</b> .....	182
Eros Biondini	
<b>De mãe para mãe</b> .....	186
Adriana Marra	
<b>Projeto do caos</b> .....	200
Adriano Sousa Costa	
<b>Da ilha ao Parlamento: uma jornada pela liberdade</b> .....	206
Zoe Martínez	
<b>Entre violinos e revoluções: a batalha pelo espírito conservador na Bolívia</b> .....	216
Anelin Suarez	
<b>A geração que vai governar</b> .....	220
Alessandro Paiva	
<b>Ouse governar</b> .....	226
Dirce Carvalho	
<b>Partido Liberal: uma história de liberdade, liderança e compromisso com o Brasil</b> .....	240
Rogério Marinho	
<b>Posfácio</b> .....	248
Jair Bolsonaro	

# APRESENTAÇÃO

**Organizadores:**  
**Nidia Regina Limeira<sup>1</sup> e André de Sousa Costa<sup>2</sup>**

## EDIFICANDO A NAÇÃO: SOBRE BASES E VALORES – O CHAMADO PARA RECONSTRUIR O BRASIL

Imagine um Brasil onde a família é a rocha que sustenta a sociedade, onde a liberdade não é negociável e onde a verdadeira justiça social brota do trabalho árduo, não de promessas frágeis. Um país onde a Constituição não é apenas papel, mas a bússola que guia o Estado para servir ao povo. Esse é o Brasil projetado em *Edificando a Nação: Sobre Bases e Valores*, um manifesto poderoso que pulsa com a energia do Conservadorismo e da Direita brasileira. Este não é apenas um livro – é um convite para que cada cidadão de bem assuma o leme da própria vida e construa um futuro com dignidade, prosperidade e verdade por meio da ação política e pela ocupação de espaços em todas as esferas de decisão e de poder.

Preparado para virar a  
página e transformar o Brasil?

### O coração do Conservadorismo brasileiro

*Edificando a Nação: Sobre Bases e Valores* é um brado pela essência do que nos faz brasileiros: fé, família, patriotismo e liberdade. Liderado por figuras como Jair Bolsonaro, a maior voz de Direita do país, e Michelle Bolsonaro, que incentiva e conduz mulheres a liderarem com coragem, o Partido Liberal (PL) se consolidou como a maior força política do Brasil. Este livro revela como o PL está lutando para resgatar valores fundamentais como a defesa da vida desde a concepção, a proteção das crianças contra ideologias macabras e a valorização da família como alicerce da sociedade.

---

1 Ex-Diretora de Educação Especial do MEC no Governo Bolsonaro e atual Assessora Especial para Projetos e Interação Parlamentar do PL MULHER.

2 Ex-Secretário Especial de Comunicação Social do Governo Bolsonaro e atual Chefe de Gabinete do PL MULHER.

Por que este livro é essencial? Porque ele desafia a narrativa que sufoca a verdadeira democracia. Enquanto a mídia repete “democracia” como um mantra vazio, *Edificando a Nação* prova que democracia é a voz do povo – livre, sem censura, amplificada pelas redes sociais e protegida pela Constituição que, infelizmente, hoje é tão vilipendiada. O livro expõe a verdade incômoda: o Brasil precisa de um Estado que sirva, não que oprima; de líderes que respeitem o voto, não que traiam a confiança do eleitor.

## Uma história que toca a alma

Permita-nos contar uma história que pulsa nas páginas deste livro. Em 2005, uma família cubana é despedaçada pelo jugo de um regime autoritário. O pai foge para o Brasil em busca de liberdade. Em 2009, a mãe o segue, deixando as filhas para trás. Em 2011, a família finalmente se reúne em solo brasileiro, onde a jovem protagonista descobre o sabor da liberdade. Inspirada pela sua mentora, ela se torna vereadora, uma guerreira pelos direitos individuais. Essa saga de separação, luta e reencontro é o espelho do que *Edificando a Nação* defende: um Brasil onde cada cidadão pode governar sua vida com esperança, ousadia, fé e propósito.

## Por que você precisa ler este livro?

*Edificando a Nação: Sobre Bases e Valores* é um roteiro para um Brasil renovado, ancorado em seis pilares inegociáveis:

**Edificando a Nação não é para os acomodados. É para quem acredita que a mentalidade de um povo molda seu destino.**

Vida e Família: A vida, desde a concepção, é sagrada. O livro defende a família como base da sociedade, protegendo as crianças de doutrinações e fortalecendo lares para uma nação sólida.

Liberdade e Democracia Verdadeira: Contra a censura disfarçada e a manipulação da linguagem, o livro clama por uma democracia na qual o povo é soberano. Ele critica abusos praticados por agentes públicos de alto escalão e regulamentações que ameaçam a liberdade de expressão.

Juventude e Futuro: O PL Jovem mobiliza jovens para um futuro de trabalho e produção, não de dependência. O livro propõe formação e oportunidades reais, que afastam a juventude do crime.

Justiça Social pelo Trabalho: Esqueça promessas socialistas. A verdadeira justiça social vem da prosperidade gerada pelo trabalho. O livro defende menos impostos e mais apoio à produção nacional.

Liderança Feminina com Propósito: Michelle Bolsonaro lidera o caminho, mostrando que mulheres conservadoras transformam a política com cuidado, fé e coragem, sem cair na narrativa de vitimização do feminismo moderno.

Responsabilidade Fiscal e Soberania: O dinheiro público pertence ao povo. O livro exige transparência, responsabilidade fiscal e um Estado que invista na soberania nacional, não em tirania disfarçada.

## Um desafio para transformar o Brasil

*Edificando a Nação* não é para os acomodados. É para quem acredita que a mentalidade de um povo molda seu destino. Como diz a Dra. Caroline Leaf, 98% das doenças têm raízes na mente – e o mesmo vale para a prosperidade ou a pobreza de uma nação. O Socialismo, com seu histórico de miséria e opressão, é desmascarado nestas páginas. O Conservadorismo, por outro lado, é apresentado como o caminho da liberdade, da família e do progresso, com exemplos históricos de nações que prosperaram ao abraçar o livre mercado.

Este livro é um desafio direto: rejeite narrativas que dividem, manipulam e silenciam. Leia *Edificando a Nação: Sobre Bases e Valores* e descubra como o voto consciente, a educação enraizada em valores e a fé inabalável podem mudar o Brasil. É hora de exigir líderes que honrem seus mandatos e suas funções públicas, de proteger a Constituição que garante sua liberdade, de combater a doutrinação nas escolas e a censura nas redes. É hora de edificar uma nação que reflita nossos valores mais profundos.

## Junte-se a nós

*Edificando a Nação: Sobre Bases e Valores* não é só um livro – é um movimento. É a chama da “geração do enfrentamento”, liderada por Bolsonaro, que nos convoca a lutar por Deus, Pátria, Família e Liberdade. Cada página é um convite para governar sua vida com ousadia, para escolher o caminho da prosperidade e não da servidão, para construir um Brasil onde a família é forte, a liberdade é intocável e o futuro é promissor. Pegue este

livro, sinta o peso da responsabilidade e a leveza da esperança, e junte-se à transformação conservadora que está construindo um novo Brasil.

Lembremos que, na história bíblica, Neemias se voluntariou para ajudar a reconstruir a sua nação, dizendo:

*“Vocês estão vendo a situação terrível em que estamos (...). Venham, vamos reconstruir o muro de Jerusalém, para que não fiquemos mais nesta situação humilhante.”*

(Neemias 2:17)

O futuro começa com você –  
está pronto para edificar a nação?

## I PREFÁCIO

**VALDEMAR COSTA NETO**

O povo brasileiro fez do PL o maior partido do Brasil. Isso aconteceu com a chegada do Presidente Jair Bolsonaro ao partido, ele que representa a maior liderança da Direita conservadora no nosso país. O PL hoje é, sem dúvida, uma das maiores forças políticas do mundo a defender de forma firme e coerente os valores do Conservadorismo. Junto com o Presidente Bolsonaro, veio também o trabalho excepcional da senhora Michelle Bolsonaro, que tem levado às mulheres brasileiras o conhecimento, o orgulho e a força do pensamento conservador. Seu empenho tem incentivado a participação feminina na política como nunca antes visto. O resultado foi histórico: o maior número de mulheres eleitas da trajetória do nosso partido.

Quando encontramos brasileiros engajados na defesa dos valores conservadores, percebemos uma sintonia imediata entre o que defendemos e o que a maioria do nosso povo acredita. Porque o Conservadorismo verdadeiro não nasce em gabinetes – ele brota da vida real, das famílias, das igrejas, do suor de quem trabalha com dignidade e quer um país melhor para seus filhos.

Deus, Pátria, Família e Liberdade são os pilares do Brasil que acreditamos e que estamos construindo com trabalho, fé e responsabilidade. Um país que valoriza a vida desde a concepção, reconhecendo-a como um dom sagrado, um ato de criação divina. Defender a vida é reconhecer que todos têm dignidade. É respeitar um direito fundamental, assegurado pela nossa Constituição e pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Lutamos para que nossas crianças tenham o direito de simplesmente serem crianças: sem rótulos, sem ideologias forçadas nas escolas, sem a imposição de uma linguagem artificial que não tem qualquer raiz na nossa cultura. Há quem ouse até tentar mudar o hino nacional com termos neutros como “*des filhos deste solo és mãe gentil*”. Não. O nosso hino é sagrado. Ele fala dos filhos deste solo, com amor e respeito à nossa história. E é isso que vamos preservar.

**O Conservadorismo  
verdadeiro não  
nasce em gabinetes  
– ele brota da vida  
real, das famílias,  
das igrejas, do suor  
de quem trabalha  
com dignidade e  
quer um país melhor  
para seus filhos.**

Temos que olhar com cuidado e responsabilidade para a juventude. Queremos ver nossos jovens longe das drogas, longe do vazio existencial e próximos de um caminho de propósito e construção. É por isso que incentivamos a entrada dos jovens na vida pública, por meio do PLJ, que tem mobilizado a juventude em todo o país. Para afastar o jovem do crime, não basta proibir, é preciso oferecer caminhos. Caminhos que integrem formação, trabalho e pertencimento dentro de um projeto nacional. O Brasil precisa preparar seus jovens para produzir, construir e servir ao bem comum. Que aprendam uma profissão, encontrem dignidade no trabalho e tenham acesso às estruturas que permitam prosperar com base no esforço e na identidade com sua terra.

E esses caminhos precisam chegar a todos. Oportunidade não pode ser privilégio de poucos, nem esmola disfarçada de política pública. Oportunidade precisa ser enraizada na produção, no trabalho real, na valorização de quem faz o país acontecer. Acreditamos que a verdadeira justiça social nasce da prosperidade construída com trabalho, não com transferências artificiais. Por isso, defendemos um Brasil que volte a produzir com força: que valorize sua indústria, sua agricultura, sua infraestrutura e o saber técnico do seu povo. Um país que recupere a capacidade de planejar, investir e gerar empregos sustentáveis. E isso exige um Estado que coordene, que proteja a produção nacional e que coloque a riqueza brasileira a serviço do povo brasileiro.

Não queremos um Estado inchado e controlador, nem um Estado omissivo e ausente. Queremos um Estado presente, justo e servidor – que apoie quem produz, organize os caminhos para o crescimento e defenda a soberania nacional diante dos interesses estrangeiros. Um país onde a liberdade esteja ligada à criação de valor real, ao trabalho produtivo e à independência econômica das famílias brasileiras.

Dizer não ao racismo também é isso: garantir que todos tenham acesso à construção do futuro, com dignidade, estrutura e vocação produtiva. Superar desigualdades por meio de políticas que integrem – não que dividam. Acreditamos em um país no qual a justiça vem pela organização do trabalho, pela valorização da produção nacional e pelo fortalecimento das comunidades, e não por discursos vazios ou paternalismo disfarçado de inclusão.

Esse é o Brasil que nós do PL acreditamos. É por esse Brasil que trabalhamos – com nossos vereadores, prefeitos, vice-prefeitos, governadores, deputados, senadores e com o nosso Presidente Jair Bolsonaro e a senhora Michelle Bolsonaro. Por um Brasil mais justo, mais forte e mais livre.

Não consigo esconder a minha felicidade de participar deste livro. Pelo conteúdo que ele carrega, pelo simbolismo do momento em que vivemos, e por ele nascer dentro do nosso partido, o PL. Espero que esta leitura inspire o seu presente, fortaleça a sua fé e a sua coragem, e ajude a construir o seu futuro de maneira sólida, edificando a Nação sobre bases e valores.

## I UMA POLÍTICA DIFERENTE

**MICHELLE BOLSONARO**

Você já assistiu a filmes ou leu livros que relatam os acontecimentos de uma guerra? Já leu os que falam da primeira e segunda guerras mundiais, em especial? Reparou como geralmente são retratados os papéis de homens e mulheres nesses cenários? Os homens são apresentados, principalmente, atuando no combate corpo a corpo, dos quais muitos saem feridos e têm suas vidas dilaceradas. Às mulheres, por outro lado, cabem os papéis de acolher os feridos, curar as feridas físicas e psicológicas e cuidar do bem-estar dos que sofrem. Ambos os papéis são importantes, mas aquele que permitirá as melhorias concretas para as condições futuras – porque restabelece e cuida da vida – sem dúvida, é o papel das mulheres.

Trazendo para os dias e realidades atuais, existem muitas semelhanças entre a política e as guerras, porque a prática política também é uma “batalha” que tem objetivos de conquistar espaços ou defender interesses e, nesse processo, muitos podem sair “feridos”.

Devido ao seu dom natural voltado ao cuidado das pessoas, a participação efetiva das mulheres na política é a garantia de um futuro mais humano, voltado à cura das feridas sociais e ao bem-estar do povo. Logo, a presença da mulher na política traz equilíbrio e confiança.

As mulheres podem amenizar os confrontos, gerir os conflitos, buscar soluções mais equilibradas, exercer seu “sexto sentido” em horas estratégicas, discernir intenções e trazer palavras que geram consenso. As mulheres são pessoas de multitarefas e de multifocos, por isso têm uma visão ampla, e parece que veem o que ninguém está vendo.

Ainda que sensíveis, as mulheres são fortes para aguentar dores, resistentes a afrontas e resilientes nos ataques.

As mulheres podem cooperar nas “batalhas políticas” com aquilo que têm de melhor: sua afetividade, sua sensibilidade, sua inteligência, sua intuição, sua empatia e sua força interior. As mulheres de bem não querem a “guerra”, mas estão prontas para lutar em defesa das famílias, por melhores condições de vida na sociedade e por mais igualdade de oportunidades para todos, e, assim, construir um legado para as futuras gerações.

Eu creio que nós, as mulheres, fomos criadas com um senso de missão que envolve: sermos poderosas na sociedade, fortes espiritualmente, sensíveis emocionalmente, solidárias na dor e estratégicas nos embates – e tão somente diferentes dos homens, mas nunca menores ou inferiores. Verdadeiramente, os dois gêneros se complementam e se ajudam na Criação.

Por isso, almejo ver, no Brasil, mais mulheres aspirando e alcançando posições políticas, ocupando cargos no Parlamento e em diferentes esferas de poder, de liderança e de decisão. Inclusive, o Brasil é privilegiado porque as mulheres são a maioria na população (51%) e também são a maioria dentre os eleitores (52%). A despeito dos números favoráveis, temos muito trabalho a fazer para que a nossa nação confie mais nas potencialidades femininas e passe a aproveitar mais as nossas competências – que são várias.

O mundo está mudando para melhor com o aumento da participação das mulheres em todas as áreas. Nós somos capazes de mudar os rumos da política e da sociedade, trazendo excelentes contribuições. Somos capazes de contribuir significativamente para que a nossa sociedade caminhe mais decididamente em direção ao progresso, à prosperidade, à solidariedade e à paz.

No entanto, as mulheres de Direita sofrem muita rejeição por parte das mulheres que se inspiram no feminismo. Elas não entendem os motivos pelos quais nós, mulheres de Direita, queremos ser femininas e não feministas. Isso não é bem compreendido pelas mulheres progressistas, que são aquelas que querem transformar a sociedade segundo uma visão que, por um lado, toma os homens como inimigos, e, por outro, quer competir com eles, assumindo funções masculinas para provar uma pseudo-igualdade.

As mulheres de Direita são diferentes: não têm preconceito com a maternidade e com o cuidado da família, valorizam a colaboração com os homens e gostam de ser protegidas em seus relacionamentos.

A maioria de nós, mulheres conservadoras, não nos sentimos diminuídas ou usadas porque cuidamos dos nossos filhos, porque fazemos uma comidinha gostosa, ou porque fazemos compras ou atendemos a outros

**Ser feminina, ser mãe, ser esposa, ser amiga, ser voluntária, ser trabalhadora, amar a Deus e seguir a Cristo em um mundo marcado por ataques à família e à feminilidade, demanda que sejamos fortes, firmemente posicionadas e orgulhosas de nós mesmas.**

membros da família. Nós nos alegramos em realizar as tarefas que escolhemos desempenhar.

Se o feminismo quer destruir o casamento, as relações de responsabilidades partilhadas, se quer destruir os modelos que os filhos extraem dos pais, nós, ao contrário, queremos fortificar o relacionamento com nossos maridos, queremos atrair nossos filhos, queremos construir lares e edificar sociedades, bem como proteger nossas gerações, nossas heranças culturais e nossas heranças patrimoniais. Na sociedade, nossos posicionamentos falam mais por ações que por palavras.

Não estamos preocupadas com os ataques e pressões das feministas. Somos felizes em função do que escolhemos para nós: escolhemos priorizar o lar, mas isso não significa que não podemos ter nossa vida profissional ou social muito ativa. Sabemos da nossa importância, das nossas capacidades, dos nossos direitos e, também, dos nossos deveres.

Ser feminina, ser mãe, ser esposa, ser amiga, ser voluntária, ser trabalhadora, amar a Deus e seguir a Cristo em um mundo marcado por ataques à família e à feminilidade, demanda que sejamos fortes, firmemente posicionadas e orgulhosas de nós mesmas. Não temos compromisso com ideologias progressistas, mas, com as pessoas que amamos e com aquelas a quem servimos.

Essas diferentes visões fazem com que sejamos convidadas para uma batalha contra o feminismo, porque o feminismo é marcado por “doce mentiras” que não nos enganam. Entendemos que a maternidade e a paternidade são bênçãos, assim como é bênção ter a nossa própria profissão e a liberdade de empreender. Valorizamos a nossa liberdade de escolha. Não estamos interessadas em divisão, competição e rivalidade. Não queremos dividir; somaremos. Somos fortes e somos alicerces. A identidade feminina se baseia em princípios de cuidado, de afeto, mas, também de garra, perspicácia e resiliência.

A arena de enfrentamentos políticos é muito desafiadora tanto para homens como para mulheres, mas, é ainda mais difícil para a mulher, devido às questões da violência política que ainda acontece em diversos espaços. Há homens que, infelizmente, ainda pensam que a política não é lugar para mulheres. Esse é um tempo de mudança e de valorização da mulher, por isso, as mulheres que estão ou que querem entrar na arena política precisam estar capacitadas e antenadas, porque estamos vivendo tempos complicados.

Nos tempos atuais, é mais fácil que as mulheres da Esquerda nos tratem com agressão do que com a famosa “sororidade” – o sentimento de

irmandade entre as mulheres. As mulheres afetadas pelo feminismo falam de sororidade mas não têm a menor empatia com as mulheres que pensam diferentemente delas.

Podemos encontrar as origens dessas atitudes agressivas nas mudanças históricas pelas quais nossa sociedade passou.

Por exemplo, no período da Idade Média tudo era explicado pela fé e as pessoas eram mais contemplativas. Depois, houve uma mudança estrondosa quando a Humanidade passou a desprezar a espiritualidade e a valorizar apenas a razão, a ciência. Esse período foi chamado de Modernidade.

Nesse período, a expectativa era a de que a ciência se desenvolveria e traria igualdade, saúde e prosperidade, mas, a ciência não conseguiu popularizar seus benefícios e conhecimentos, assim, houve um desencantamento frustrante diante da expectativa de que a ciência ajudaria a todos. Infelizmente, como vemos ainda hoje, só a parcela das pessoas que têm uma melhor situação financeira consegue ter acesso ao que a ciência oferece para tornar as pessoas mais saudáveis e satisfeitas. Os mais vulneráveis continuam sem acesso, principalmente as pessoas com deficiência ou com doenças raras.

A ciência se desenvolveu muito, mas as guerras não foram extintas, multidões continuaram doentes, numerosas pessoas ainda passam fome e a maioria não tem acesso a quase nada do que a ciência e a tecnologia podem oferecer. A exaltação da ciência e da razão não trouxe paz nem empatia; trouxe desequilíbrio, competições, desconfianças e desencantamento com os líderes políticos, com os líderes religiosos e com os líderes que aglutinaram para si riquezas.

No final do século passado, percebeu-se que grande parte da Humanidade já estava caminhando com uma nova mentalidade: a essa nova forma de pensar deram o nome de “Pós-Modernidade”. Essa nova visão se mostra uma perspectiva de desilusão, de medo do futuro, de desconfiança de tudo e de todos. Essa mentalidade levou uma grande quantidade de pessoas a acharem que a solução é desconstruir tudo o que foi construído no passado, tudo o que é tradicional, para se construir uma nova sociedade, um novo Homem e uma nova ordem mundial.

Essa reconstrução pós-moderna está trazendo muito conflito, muita estranheza intergeracional, uma exacerbação do egoísmo, uma busca desen-

**A Esquerda quer implementar o Homem Novo, que assuma uma nova sexualidade e uma nova espiritualidade transcendente universal, que seja compartilhada por todos.**

freada pelo prazer, uma perda da responsabilidade pessoal e um crescimento da solidão. Esse desencantamento está incentivando a destruição de todas as certezas, o desprezo a todas as autoridades e a descredibilização das instituições (família, igreja, escola, sistema de justiça etc.).

As pessoas passaram a acreditar que tudo é relativo, então, que o interessante é cada um fazer o que quer, sem dar satisfação a ninguém e sem pensar no amanhã. Esse redemoinho social está sendo cada vez mais ampliado pela divulgação das pautas da Esquerda, as quais se utilizam fortemente da Educação e da Cultura.

A construção de identidades passou a ser muito abordada nas escolas, nas universidades e também na área da cultura – não apenas no Brasil, mas, em muitos países do mundo, principalmente por meio de organizações internacionais que influenciam a Esquerda. Assim, crianças e adolescentes passaram a ser ensinados que a sexualidade não é biológica, mas que é socialmente escolhida, e que devem se liberar para vivenciarem seus desejos. Passaram a ser ensinados que seus pais são retrógrados e que devem se desligar o quanto antes das amarras da família.

O Progressismo de Esquerda tem inúmeras outras bandeiras. Uma das mais fortes bandeiras esquerdistas que pretende influenciar os adolescentes e jovens é a questão da igualdade. Essa bandeira traz o feminismo com a consequente questão da “justiça de gênero”, segundo a qual é necessário promover a igualdade total entre homens e mulheres.

A Esquerda sempre se manifesta dizendo que apoia as diferenças, mas, verdadeiramente, só apoia algumas “diferenças” que ela mesma escolhe.

Também à sombra da bandeira da igualdade, a Esquerda coloca foco nas minorias, mas, atua para colocar uma minoria contra as outras. Infelizmente, o que a Esquerda verdadeiramente quer é controlar a sociedade, e, para isso, é preciso enfraquecê-la, então, a Esquerda procura dividir a nação em diversos grupos e joga grupos contra grupos. O povo que se sente dividido, torna-se fraco e mais fácil de controlar.

A Esquerda quer implementar o Homem Novo, que assuma uma nova sexualidade e uma nova espiritualidade transcendente universal que seja compartilhada por todos.

Quando uma pessoa apresenta a diferença que tem no sentido de sua fé, por exemplo, ela passa a ser atacada, ridicularizada. A Esquerda é totalmente anticristã. A visão esquerdista revolucionária é de base materialista e ateia, por isso, a Esquerda tem as religiões como inimigas de seu projeto de poder e de controle social.

Alas da Esquerda até divulgam uma “teologia feminista”, segundo a qual, a ideia bíblica de que o homem foi feito à imagem de Deus-Homem é que gera o machismo, o sexismo e o racismo. Chegam a ensinar que o assassinato de mulheres e a “feminização da pobreza” (ou seja, o entendimento de que as mulheres são mais pobres do que os homens) decorre da perspectiva patriarcal judaico-cristã. Assim, a teologia feminista acusa a perspectiva judaico-cristã de trazer uma visão distorcida de Deus como sujeito masculino e branco; também a acusa de trazer a visão de pecado e a visão de que o corpo das mulheres é imundo.

A perspectiva esquerdista persegue a Direita Conservadora disseminando a ideia de que a sociedade está cheia de relações autoritárias, porque o discurso judaico-cristão pretendeu definir o que é certo ou errado.

O que a Esquerda quer mesmo é que apenas exerçamos o nosso direito de crença recolhidos em nossas casas – e não na esfera pública. Mas, as pressões e acusações da Esquerda na arena política não têm que nos fazer calar. Nós, os cristãos, sabemos o que queremos, sabemos qual é o nosso chamado e levaremos adiante a nossa missão, fortalecendo os princípios do amor a Deus e ao próximo, não apenas por palavras, mas, por meio de nossas ações voluntárias e solidárias.

A Esquerda tem grande interesse em afastar os princípios e valores cristãos da esfera política. Os esquerdistas nos acusam de que estamos misturando Igreja e Estado quando fazemos uma oração pública, ou quando citamos um trecho das Escrituras Sagradas, ou quando temos um crucifixo em salas de instituições públicas, ou quando compomos bancadas evangélicas ou católicas. O que fazemos na esfera política não é “atuar politicamente em nome de Deus”, mas, trata-se de pautar os nossos posicionamentos e ações segundo os princípios de Deus à luz de sua Palavra.

Eu tenho clareza de que o Estado brasileiro é laico, mas ele não tem que ser um Estado obrigatoriamente ateu e nem um Estado perseguidor das religiões, porque o verdadeiro conhecimento de Deus dá dignidade às pessoas.

Sei que a Câmara e o Senado não são igrejas, mas não podemos esquecer que nos fóruns políticos acontecem disputas importantíssimas das quais precisamos participar porque todas as ideias têm o direito de se fazer representar – por isso o povo elege aqueles que o representam.

**A Esquerda sempre se manifesta dizendo que apoia as diferenças, mas, verdadeiramente só apoia algumas “diferenças” que ela mesma escolhe.**

No entanto, a impressão que temos atualmente é a de que existem forças orquestradas para que tudo o que traz o nome de Deus seja rejeitado e ridicularizado. Assim, fazer política nesses tempos pós-modernos é estar na linha de frente de disputas filosóficas mas também espirituais.

Infelizmente, por muito tempo algumas igrejas entenderam que política era suja demais e que nelas não se podia entrar para não se desviar; os cristãos acreditaram nessa ideia falsa e muitas igrejas foram silenciadas.

**As pessoas passaram a acreditar que tudo é relativo, então, que o interessante é cada um fazer o que quer, sem dar satisfação a ninguém e sem pensar no amanhã.**

Falhamos em nos posicionar como deveríamos, e agora, estamos abismados com as ações arbitrárias e arrogantes que têm saído das mãos de pessoas injustas que se perpetuam no poder, e, se não nos posicionarmos rápida, organizada e eficientemente, o mal vai crescer, a liberdade vai sumir e valores perniciosos serão impostos à sociedade sob a força de leis.

Já estamos nos deparando com leis, e também com programas e sistemas, que censuram parlamentares, que prendem pessoas inocentes, que agridem nossos princípios e valores e que tentam jogar nossos filhos contra nós e contra a fé. Se não ajudarmos homens e mulheres de bem e de fé a chegarem nos postos de poder, a crise dos valores morais, que já estamos assistindo, transformará a sociedade em um caos. Precisamos de políticos melhores e de leis melhores.

É tempo de mulheres e homens de Direita, cristãos, conservadores colaborarem para a edificação da nação; é tempo de mulheres ocuparem cargos políticos e funções importantes (de governadoras, de senadoras, de deputadas, de prefeitas, de reitoras, de diretoras de instituições, de líderes em órgãos públicos, de influenciadoras digitais etc.) – sem fundamentalismos, mas, com fundamento.

Não podemos achar que nossa militância é apenas espiritual; precisamos também assumir um protagonismo social para lutar contra aquilo que agride o coração de Deus e faz o povo sofrer: a injustiça, os abusos, o roubo, a mentira, a corrupção, a miséria, a pobreza, a ruína e a opressão.

Chegou o tempo de abriremos os olhos e de entendermos que, como cidadãos, temos que aceitar a política e desenvolver nosso papel fundamental nela, porque *“quando os justos governam, alegre-se o povo; mas quando o ímpio domina, o povo geme”*. Provérbios 29:2 (AA)

Queremos atuar na política não porque pretendemos impor nossas visões religiosas, mas, porque queremos pautar nossos atos políticos e de voluntariado nos princípios eternos, pois, infelizmente, o que estamos vendo é que *“o direito se retirou, e a justiça se pôs de longe; porque a verdade anda tropeçando pelas praças, e a retidão não pode entrar. Sim, a verdade sumiu, e quem se desvia do mal é tratado como presa.”* (Isaías 59:14,15)

## ESSE PAPO DE DEMOCRACIA

ALEXANDRE GARCIA

Quando alguém grita “água! água!” no deserto, é porque está sedento. Quando alguém grita “água! água!” num estádio de futebol, é porque está vendendo água. Quando aparece em abundância a palavra “democracia” na mídia, é porque ela está em falta e há sede de democracia. Ninguém fica falando de feijão-com-arroz se está saciado. Quando políticos e pessoas públicas bradam “democracia!” em seus palanques e tribunas, é porque estão querendo vender, como a água nos estádios, a sua própria “democracia”, em geral um produto com rótulo de democracia, mas com conteúdo de domínio, mostrando-se tutores do povo – é propaganda enganosa. Porque democracia não se exerce da boca para fora, mas com a prática, com atitudes, com ações.

Democracia é a voz do povo. Só quem não é democrata discorda dessa verdade. O corolário dessa verdade é que se não houver a voz do povo, livre, não há democracia. A censura que restringe a liberdade de expressão e opinião é vedada na Constituição do Brasil.

Como se expressa a voz do povo? Pela fala em lugares públicos. E, graças aos avanços digitais, pelas redes sociais, que ampliam, turbinam, potencializam a voz de cada pessoa, que ganha alcance universal. Há uma diferença, não há como não reconhecer, entre a voz nas redes e a voz na mídia tradicional. **A mídia tradicional escolhe o que o povo pode receber como informação, ou o que é preciso informar ao povo. Nas redes, o povo é quem escolhe o que receber e o que descartar; é o exercício do discernimento de cada um, que também pode participar com sua voz.**

Volta e meia ministros do Supremo pregam “regulamentação das redes sociais”, além do que já está na lei, o *Marco Civil da Internet*, em vigor há 11 anos. Censura em nome da democracia.

### Quem manda

Se o Estado (governo) diz ao cidadão o que deve fazer, o que deve querer, isso é uma ditadura. **Se é o povo quem diz ao governo como deve proceder, o que fazer, quais são os seus desejos — isso é uma democracia.** Porque o principal em um país é o povo, não o governo. O povo

é a origem e o dono de um país. O Estado é o povo organizado. O povo – a nação – vem antes do Estado. O Estado é a consequência da nação organizada. E serve para prestar serviços essenciais à nação, como: segurança, justiça, saúde, ensino, saneamento. Só por isso faz jus ao recolhimento de impostos. Tributos sem a prestação consequente de bons serviços públicos é tirania, como faziam os senhores feudais na Idade Média. Não se pagam impostos para sustentar cortes nem suntuosidade e mordomias de autoridades.

As autoridades, em uma democracia, são servidoras do público. Não é o Presidente da República o “primeiro mandatário da nação”? O Presidente é o primeiro servidor dos seus mandantes, os brasileiros. Assim são os governadores e os prefeitos. Servidores também são os deputados, senadores, vereadores; ministros, juízes, promotores, fiscais e servidores do público em geral. Eles têm *status* de autoridade do mesmo tamanho da responsabilidade que têm. Um crime de responsabilidade cometido por eles é um crime contra a nação, isto é, contra o povo; portanto, um crime contra uma coletividade, o que é mais grave que um crime cometido entre indivíduos comuns, sem o encargo público.

## O valor do mandato

Quando um senador, deputado ou vereador aceita ser ministro ou secretário, isso é um engodo de democracia, porque está abandonando seu mandante, o eleitor, em troca de outro patrão. Milhões de votos têm sido jogados no lixo, porque os mandatários trocam de mandante, desconsiderando o poder do voto que os vincula a seus eleitores. **Na campanha eleitoral forja-se uma procuração: o candidato diz ao eleitor o que pretende fazer, como pretende agir e o eleitor diz ao candidato o que espera dele.**

O voto é a assinatura da procuração, registrada no cartório eleitoral, o compromisso de ação por quatro anos. Hoje isso é mais fácil de acontecer, por causa da voz digital, universal e instantânea, que é um instrumento essencial da democracia. É preciso eliminar a distância entre eleito e eleitor, isto é, representante e representado, que ainda existe hoje a ponto de acharem natural o parlamentar abandonar milhares de mandantes para ser um simples serviçal do presidente, do governador ou do prefeito. Parlamentares são eleitos para representar o eleitor, não para serem empregados do chefe de outro poder. Isso é democracia só de boca.

Por outro lado, o eleitor precisa saber se seu voto foi realmente computado. A Constituição exige publicidade no serviço público, isto é, que tudo seja do conhecimento do público para o qual existe o Estado. O eleitor

precisa saber como seu voto está sendo contado e ter a possibilidade de conferir o processo de contagem. E precisa pensar mil vezes antes de tomar as decisões do voto; isso significa que precisa conhecer o passado do candidato, para que possa imaginar como será ele no futuro mandato.

## O dinheiro do público

Não existe isso de “dinheiro público” nem “patrimônio público” nem “servidor público”. Esses termos levam ao falso entendimento que não são de ninguém, submetem-se a uma abstração. Na verdade, o que existe é dinheiro do público, patrimônio do público e servidor do público. Porque tudo vem do distinto público pagador de impostos e eleitor. Estado, governo, não cria riqueza. Só gasta ou aplica o dinheiro dos outros, os pagadores diretos e indiretos de impostos e os que compraram papéis do governo, emprestando dinheiro ao erário.

**A mídia tradicional escolhe o que o povo pode receber como informação, ou o que é preciso informar ao povo. Nas redes, o povo é quem escolhe o que receber e o que descartar; é o exercício do discernimento de cada um, que também pode participar com sua voz.**

A única fonte de riqueza é o suor dos pagadores de impostos transferido para os governos municipais, estaduais e federal. Que precisam ter respeito ao dinheiro do público, porque é um dinheiro suado, inclusive tirado de quem ganha pouco e, muitas vezes, nem sabe que está pagando imposto embutido no preço de tudo que compra

para o seu sustento. Esse respeito precisaria se refletir no mínimo na isonomia de férias, aposentadorias e vantagens que deveria igualar o pagador de impostos privado e o pagador de impostos servidor do público.

## A maior lei

Numa democracia, a Constituição é a lei das leis. A lei básica, cujo objetivo principal deve ser limitar o poder do Estado, protegendo os cidadãos dos abusos de autoridade e, com isso, evitando uma tirania. Começou em 1215, na Inglaterra, quando os barões – proprietários de terras – impuseram ao rei John a *Magna Carta*, com a obrigação de o rei respeitar os direitos individuais.

**No Comunismo, o Estado é mais importante que o indivíduo, pois se impõe como representante dos interesses da massa, o proletariado. Na democracia, todo poder emana do povo e para o povo.**

As *magnae cartae* já não são feitas pelos barões, mas por constituintes eleitos pelo povo com essa expressa finalidade. A nossa foi assim. Eleitos em 1986, eles trabalharam em 1987 e 1988 e promulgaram, isto é, entregaram a Constituição ao país em 8 de outubro de 1988. O Presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, a chamou de *Constituição Cidadã*, pois é fácil de ser entendida em seus direitos fundamentais, embora seja bastante prolixa.

**Nossa Constituição estabelece que o Legislativo é o mais importante e decisivo dos poderes, pois é relacionado em primeiro lugar na Constituição e é composto de representantes do povo, os 513 deputados; e de representantes dos 27 estados, os 81 senadores.** O Distrito Federal não é chamado de estado, mas elege governador e tem Assembléia Legislativa e Judiciário como as outras unidades da federação.

O povo exerce o poder elegendo seus representantes: vereadores, deputados estaduais e federais, senadores, prefeito, governador, presidente. Esses têm mandato, isto é, receberam, pelo voto, uma procuração para exercer o poder em nome de seus mandantes, os eleitores, que os sustentam pelo pagamento obrigatório de impostos, diretos ou embutidos no preço de tudo que se produz, compra e vende.

Em contrapartida, os legisladores têm o dever de fiscalizar o executivo e fazer leis que visem ao bem-estar do povo e os governantes têm obrigação de prestar bons serviços de segurança, saúde, ensino, justiça, saneamento básico, entre outros. E todos que integram os três poderes precisam ter respeito sagrado ao dinheiro do público, porque vem do suor de cada um.

A Constituição estabelece que o Brasil é uma república federativa, isto é, uma união de estados que, por sua vez, se compõem de municípios. Município é a célula-básica do país. Deveria ser a parte mais importante do país, porque o prefeito e os vereadores são os representantes que mais próximos estão de seus mandantes, o povo. E ninguém dorme e trabalha num lugar que não seja um município. Em eleição presidencial ou de governador, os candidatos sabem que os melhores cabos eleitorais são prefeitos e vereadores.

Muitos jornalistas confundem cidade com município. Eles não são sinônimos. Cidade é um aglomerado urbano que nem é pessoa jurídica de direito público. Uma cidade não recolhe impostos, não presta serviços públicos. Quem faz isso é o município, que tem zona urbana e rural; sede e distritos. E faz limite com outros municípios (limite entre estados se chama divisa e entre países, fronteira). Mas a federação não saiu do papel da Constituição, pois os municípios são a parte menos abonada pelos impostos; a União fica com a parte do leão. É uma rima e não é uma solução.

## Os poderes

A Constituição também estabelece que são três os poderes da república: Legislativo, Executivo e Judiciário. O judiciário não tem voto nem mandato; é, portanto, um órgão técnico de aplicação das leis. Quem faz lei, como o próprio nome indica, é o Legislativo.

**Em tempos de exceções, como os atuais, o Supremo tem mudado ou feito leis, usurpando uma função do Poder Legislativo. Uma frase atribuída a Rui Barbosa, diz que “a pior ditadura é a do Supremo, porque contra ele não se tem a quem recorrer.”** Não é a pior por causa disso apenas. É a pior porque o Supremo não tem voto, não tem a legitimação direta da fonte do poder, mas via Senado. Por isso, a Constituição mostra que se tem a quem recorrer, sim: é o Senado que julga ministros do Supremo que não cumprirem o juramento de guardar e defender a Constituição.

O segundo artigo da Constituição manda que os três poderes ajam como independentes e harmônicos entre si. Desconfiados, os constituintes escreveram no inciso XI do art. 49 que é da competência exclusiva do Congresso “zelar pela preservação de sua competência legislativa”.

Mas como deputados e senadores têm muitas ações contra si pendentes no Supremo, se encolhem sempre que há necessidade de impor o que lhes atribui a Constituição, em defesa de seus poderes. Encolhem-se até em defesa da Constituição, como tem acontecido com presidentes do Senado. Na atual conjuntura, o Legislativo tem sido só harmonia em relação aos demais poderes, mas independente, não.

## Cláusulas pétreas

A Constituição tem cláusulas pétreas, as quais não podem ser mudadas a não ser em uma nova assembleia constituinte. Assim, não pode ser mudada a forma federativa (que na prática, mudou), o voto secreto, universal e periódico (mas não é transparente a apuração); a separação de poderes (mas o Supremo tem agido como Legislativo); e os direitos e garantias individuais, que estão no artigo 5º. Esse último também tem “mas”. A começar pelo *caput* do 5º que diz “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. Mas há leis com distinção pela cor da pele, etnia, e até com distinção por preferências sexuais.

O inciso IV diz que é livre a manifestação do pensamento, vedado o anonimato, mas manifestantes estão no presídio ou refugiados no exterior por expressarem seu desagrado com a falta de transparência na apuração de

seus votos. Diz que é livre o exercício de qualquer trabalho, mas pipoqueiro, ambulantes e lojistas foram presos por exercerem seu trabalho no período da pandemia; diz que é livre a locomoção, mas as pessoas foram proibidas de sair de casa por prefeitos, que receberam esse poder do Supremo, que não tem esse poder. O que fizeram na época da pandemia foi um experimento de totalitarismo, controle do povo, via televisões cúmplices.

**A liberdade de expressão é o maior sinal de uma democracia, assim como a censura é o maior símbolo de uma tirania.** Para que não se repetisse o que se viu no período militar, os constituintes, no artigo 220, escreveram que é vedado todo e qualquer tipo de censura e que a manifestação do pensamento, sob qualquer forma, não sofrerá restrição e que nenhuma lei conerá embaraço à plena liberdade de informação. No entanto, ministros do Supremo e o Presidente atual, não param de pedir “regulamentação” das redes sociais – o que já está feito, depois de muita discussão no Congresso, pela lei que é o Marco Civil da Internet, de 2014.

Por “regulamentação”, entenda-se censura, que está reiteradamente proibida pela Constituição. É da natureza totalitária calar vozes que criticam, desagradam, ironizam, corrigem. E é burrice, porque a crítica é mais valiosa que o aplauso, pois ajuda a corrigir rumos.

## Crise institucional

Vivemos, hoje, uma crise institucional, pois além de o Supremo assumir papel político e legislativo, passa por cima de princípios basilares do Direito, do devido processo legal. A Constituição lembra que o Ministério Público tem a iniciativa do inquérito, mas o “Inquérito do Fim do Mundo”, como chamou o ex-presidente do Supremo, Marco Aurélio Mello, teve início nas mãos do então Presidente do Supremo, Dias Toffoli, que escolheu a dedo o relator Alexandre Moraes, sem sorteio. No inquérito, o Supremo é o queixoso, investigador, promotor e juiz, ao mesmo tempo. Um juízo de exceção, esconjurado no inciso XXXVII do art. 5º da Constituição. Além disso, nesse inquérito, os investigados, réus e condenados não têm o juiz natural, que seria o de primeira instância, porque não estão entre os de foro privilegiado. Estando na última instância, não têm a quem recorrer, a não ser ao próprio condenador.

Isso ainda se agrava com os julgamentos a distância, sigilosos, com o advogado, sem outro caminho a não ser entregar vídeos gravados de defesa, sem saber se serão vistos, ou seja, sem o básico amplo direito de defesa. O inquérito incluindo o 8 de janeiro de 2023 é muito parecido com os julgamentos na antiga União Soviética, de que fui contemporâneo e testemunha.

## Violações

Assim como se constrange a manifestação política prendendo em massa manifestantes e os julgando coletivamente; assim como se constrange o trabalho policial com restrições judiciais e legais; assim como se premia a corrupção dispensando multas, dívidas, e cumprimento de penas; também se algemam e amordaçam os representantes do povo – o que equivale a algemar e amordaçar os representados – desobedecendo o essencial artigo 53 da Constituição, longamente discutido e gestado pelos Constituintes: “Os deputados e senadores são invioláveis, civil e penalmente, por quaisquer de suas opiniões, palavras e votos”.

Em outras palavras: não podem ser condenados à prisão ou indenizar alguém por quaisquer de suas palavras, por quaisquer de suas opiniões. Não existe condicionante algum de tempo ou lugar. Não tem um “salvo se”; não tem um “mas”, não tem um “na forma da lei”. A inviolabilidade é absoluta. Não é relativa. Como discursou o Doutor Ulysses, o texto impositivo é claro, cristalino. A menos que o julgador não saiba o significado de inviolabilidade. E no entanto, violam.

A ordem normal é Constituição, em primeiro lugar, e logo o representante do povo. O constituinte não criou inviolabilidade para o político corrupto, o ladrão, o homicida. Esses, se forem agentes do Estado, até merecem mais castigo. No entanto inquéritos por corrupção, desvios, demoram.... mantendo o parlamentar literalmente *sub judice*. Uma espada de Dâmocles (da Justiça) sobre suas cabeças, exigindo submissão. Com medo, não ousam defender a Constituição contra seus agressores.

## O voto que muda

E nós, origem do poder, donos dos votos e pagadores dos impostos que sustentam o Estado, o que fazemos? Não sabemos mandar? Ficamos à espera de intervenção divina, sem ajudar o Divino a intervir?

Nossa omissão não é democrática, embora tudo façam para calar a voz do povo, que agora foi turbinada pelos recursos digitais. **Antes nossa voz só era escutada por dois ouvidos, talvez outros mais. Hoje, nas redes, nossa voz ganha o mundo.**

Os gregos discutiam política na ágora, a praça da cidade. Nós temos hoje uma ágora digital universal. Nossos representantes nas câmaras, assembleias e congresso ficavam distantes; só os víamos em época de eleição. Agora estão sempre ao nosso alcance pelas redes digitais. Por isso querem

censurar as redes. São burros; a crítica, o grito, ajuda mais do que incomoda. Sem serem incomodados, permanecerão tranquilos, no erro que afeta o povo.

Com o “incômodo”, seriam alertados de que os patrões não estão gostando e vão trocá-los na próxima eleição. Assim é que funciona. E é obrigação do cidadão não se alienar; é covardia deixar que os outros resolvam nossos problemas. E votar errado é sofrer depois, mas é também fazer os outros sofrerem.

Devemos marcar bem aqueles que, depois de eleitos, esquecem os compromissos, traindo seus mandantes, usando o mandato como um meio de negócio. Para esses, temos que almejar, se um dia o país voltar a não ter impunidade, como em tempos da desmontada *Lava-jato*, almejar um bom período na prisão, para servir de exemplo a outros que ousarem usar a política para se tornarem milionários, como tanto já aconteceu.

O país, hoje, passa pela frustração da volta da impunidade, depois da esperança que veio com a *Lava-jato*. Corruptos passivos e ativos que confessaram, devolveram milhões, depois passaram por uma *lavanderia* e saíram alvos, cândidos e a ponto de virarem candidatos e ganharem eleição.

Assim como os corruptos minam o nosso bem-estar, os outros criminosos afetam nossa qualidade de vida, nossa liberdade de andar na rua, a segurança de nossas casas, cheias de grades. As leis que favorecem o crime precisam ser abolidas e isso exige pressão dos eleitores e pagadores de impostos; exige exercício da cidadania.

O crime tem território próprio, independente, agredindo a soberania do país, e com estímulo de ordens do Supremo que usurpam poderes do legislativo; assaltantes são soltos em 24 horas e presos dezenas de vezes e dezenas de vezes soltos para continuar assaltando. A polícia se sente frustrada, constrangida, sem apoio. A mídia que contribui para isso, tomando partido contra a polícia, também deveria sentir a reação da cidadania. Mídia sem audiência perde o poder de influenciar.

**A liberdade de expressão é o maior sinal de uma democracia, assim como a censura é o maior símbolo de uma tirania.**

## Cidadania e mulher

**A formação da cidadania começa em casa; é tarefa da família.** Valores como: verdade, responsabilidades, disciplina, cumprimento de compromissos, respeito aos outros, respeito às leis e aos bens de todos, ordem, limpeza, fidelidade à palavra dada, não mentir, fazer o bem, ter modos civi-

lizados – tudo isso é tarefa dos pais, avós, tios. E ensinar também. Já a tarefa dos professores é ensinar e, quando for necessário repreender, educar e chamar os pais. Encaminhamento de valores morais, religiosos, políticos é exclusivo dos pais, não de professores. Escolas ensinam números, letras, ciências e artes.

Pais formam, educam, preparam cidadania nos filhos. Escolas preparam as novas gerações para o exercício de profissões; lares preparam para a vida. Pais e professores têm que estar preparados para estimular a curiosidade de filhos e alunos e para responder às suas perguntas. O estímulo à leitura é fundamental. Os livros estimulam o cérebro mais que a televisão, que já entrega tudo pronto. Os livros exigem que o leitor seja parceiro do autor, criando as imagens que estão nas palavras.

A mulher tem um papel especial nessa educação para a cidadania, para o exercício do poder de cada eleitor. A mãe, em geral, convive mais com os filhos que o pai; as tias e avós exercem um poder especial sobre seus sobrinhos e netos. Por isso, a responsabilidade da mulher na formação de um país é maior que a do homem. Isso exige que ela não seja uma desinformada que não tem resposta para os filhos sobre questões políticas, sobre como seus filhos, sobrinhos e netos devam agir para participar de uma transformação nacional.

O país está cada vez mais inseguro. Insegurança física e jurídica e a passividade de cada um, das famílias e das mulheres contribui para piorar a situação. **A mulher pode ser a maior barreira contra os projetos de enfraquecimento do poder do povo por intermédio do enfraquecimento dos valores familiares, rumo a uma ditadura como tantas que a história recente mostrou.**

## Ser liberal

O que é ser liberal? É ser alguém que age sob o império da liberdade de expressão e do mérito. Aparência não é mérito; não é mérito o penteado, o cabelo, a cor dos olhos ou da pele, a etnia, a raça, o lugar de nascimento. Mérito é o que se sabe fazer, o conhecimento, a aptidão, o caráter, a honestidade, a disciplina, o respeito às leis e aos outros, o cumprimento da palavra, o honrar compromissos. **A Liberdade é o respeito às opiniões alheias, à crítica dos outros, às posições contrárias, ao direito de cada um expressar suas posições sobre qualquer tema, ainda que discordemos e estejamos convictos de que estão erradas.** Assim se vive numa sociedade democrática liberal.

A solução para termos uma democracia sólida e liberal é a educação, que forma o cidadão – e o ensino, que forma a força de trabalho. Os dois juntos formam o bem-estar de uma nação livre. O Brasil já tem tudo isso inscrito na Constituição, mas ela tem sido tratada como uma abstração, descumprida ao sabor do arbítrio e de casuísmos. A Constituição não pode ser tratada como um rótulo de fantasia, para fingir para o mundo e para os próprios brasileiros que somos uma democracia.

Como ganhar consciência sobre o valor da Constituição? O Doutor Ulysses, na promulgação da Carta Magna, chamou-a de *Constituição Cidadã*, imaginando que ela se popularizaria entre a cidadania. Alguma escola ensina o básico da Constituição no ensino fundamental? Há professores que falam sobre a necessidade de o brasileiro saber o que é constituição e o que ela contém? Isso precisa entrar na escola, ao invés de catequese ideológica partidária.

## O poder embriaga

Muita gente chega ao poder e se transforma. Quando recebe o poder se revela autoritária. Além disso, o poder embriaga alguns. É gente que sempre sonhou em ter poder, corrompida pelo pecado favorito do diabo, que é a vaidade. Aí, ficam cegos pelo autoritarismo e a vaidade. Como o trapezista que um dia se convenceu de que poderia voar e mandou tirar a rede. Estatelou-se no chão. O problema é que alguns desses trapezistas do poder demoram a estelar-se e prejudicam e submetem muita gente. Há a irrefreável tentação, nessa gente “poderosa”, de tutelar a Nação.

Se permitirmos, passaremos a ser servos feudais, escravos tutelados, abriremos mão de sermos origem e fonte de todo poder, para sermos civilmente incapazes, nem digo relativamente incapazes, porque não há “democracia relativa”.

**Democracia é como gravidez — não há gravidez relativa. As únicas semelhanças, é que, em democracia, podemos sofrer em nossas liberdades estupro e aborto, quando o poder se torna tutor.** É por isso que existe Constituição – para limitar o poder do Estado. E um Estado menor, mais leve para o pagador de impostos, também fica ágil para prestar bons serviços ao público mandante e pagante.

**Ser liberal é trabalhar para que tenhamos, um dia, esse Estado liberal, que garanta liberdade e bem-estar.**

# A RETROALIMENTAÇÃO DA POBREZA EM GOVERNOS DE ESQUERDA

CAROLINE DE TONI

**A** pobreza tem uma relação muito mais direta com a mentalidade de um povo do que se pode imaginar. Culturas arraigadas no vitimismo e na limitação estão fadadas a reproduzir um sistema de pobreza. Justificar o insucesso e apoiar-se em fatos históricos cujas páginas já foram viradas é a máquina que alimenta a pobreza e indubitavelmente os seus operadores são as lideranças políticas de espectro socialista/comunista.

É a pobreza generalizada que produz no homem a pseudo-sensação de que o Estado é a única via possível capaz de mitigar os efeitos da miséria. Quando um governo inibe a fluidez do mercado e dificulta a criação de novos negócios, ele lança sobre si mesmo uma responsabilidade impossível de ser cumprida. Porque não é essa a natureza do Estado, ele jamais conseguirá impulsionar os indivíduos de uma comunidade a exercer o que há de mais nobre em um ser humano: **a sua capacidade de criar.**

Essa é a estratégia milenar da Esquerda de aprisionar indivíduos e fornecer-lhes migalhas para manutenção de seu poderio sobre a sociedade. Ao longo da história, governos de Esquerda alimentam na sociedade a ideia de que o Estado é o benfeitor e o mercado e seus derivados são fruto da ganância humana e existe para enriquecer uma parcela minoritária da sociedade.

## A contradição do Comunismo

Em 1820, 95% da população mundial era pobre e 85% muitíssimo pobre. 195 anos depois, menos de 10% encontra-se em situação similar ao período retratado.

Embora os números sejam gritantes, impera ainda uma falácia contada aos indivíduos espalhados ao redor do mundo de que a pobreza é fruto de um mercado insano que opera atropelando pessoas e mirando exclusivamente no bem-estar de alguns poucos. *“Se o mercado existe, então serei eternamente uma vítima desse sistema injusto e opressor”.*

**A forma como indivíduo se enxerga, enxerga o Estado e enxerga as oportunidades é que delineiam a capacidade de um Estado gerar riqueza. Tudo começa no indivíduo e tudo termina no indivíduo.**

Se um cidadão se enxerga protagonista do seu destino e o Estado não usurpa dele a capacidade de criar e gerar riquezas, o resultado é um só: comunidade em franco crescimento.

A mesma lógica aplica-se ao indivíduo que se enxerga vítima de um sistema corrupto que quer aproveitar da sua força de trabalho e dos recursos naturais provenientes de sua comunidade.

O século XX reúne fartos exemplos sobre tal afirmação. O Socialismo marxista pode ser testado em diferentes localidades do mundo, desde América, até África, parte da Ásia e parte da Europa.

Vejam como tudo parte de uma mentalidade equivocada de que o indivíduo trabalhador é vítima de um sistema que o engole:

Toda história tem sido uma história de lutas de classes, de lutas entre exploradores e explorados, entre a classes dominadas e dominantes, em vários estágios de desenvolvimento social; [...] tal luta, contudo agora chegou a um estágio em que a classe explorada e oprimida (o proletariado) já não mais consegue se emancipar da classe que a explora e oprime (a burguesia) sem ao mesmo tempo libertar para sempre a sociedade como um todo da exploração, da opressão a da luta de classes.  
(Trecho do Manifesto Comunista)

Essa foi a cosmovisão que convenceu milhões de pessoas de que o proletariado (os trabalhadores) eram vítimas de um sistema opressor e que a carta de alforria desse sistema seria a entrega dos meios de produção ao Estado. Na visão de Marx e Engels, o estado era o único ente capaz de gerar igualdade em uma comunidade.

Na lógica comunista, os indivíduos não possuem liberdade de escolha. Eles trabalham em atividades selecionadas pelo Estado e toda produção volta para o Estado que – de modo “justo e equânime” – assim distribui entre todos.

O mais paradoxal é que em um sistema de livre mercado, o indivíduo trabalha e recebe proporcionalmente pelo seu trabalho. Inclusive, ele recebe mais do que um indivíduo que optar por não trabalhar. Na pior das hipóteses, se ele recebe pouco, o que não trabalha, nada recebe.

No entanto, **em um sistema socialista, o indivíduo trabalha e absolutamente tudo o que ele produz pertence ao Estado. Este, por sua vez, concede ao que trabalhou e ao que não trabalhou exatamente a mesma proporção.**

Se antes, os meios de produção pertenciam a grupo de indivíduos específicos e isso é supostamente a gênese da injustiça, sob a égide socialista os meios de produção, ironicamente, não pertencem aos que trabalham, mas pertencem ao Estado.

**Essa constatação nos faz inferir que o Socialismo marxista jamais entregou ao proletariado o que entendia ser do proletariado. Ele apenas usurpou do indivíduo o direito de possuir propriedade privada e passou a ser o dono dessa propriedade privada.**

No Manifesto Comunista, Marx e Engels resumem a teoria marxista em uma única máxima: **“abolição da propriedade privada”**.

**A forma como indivíduo se enxerga, enxerga o Estado e enxerga as oportunidades é que delineiam a capacidade de um Estado gerar riqueza. Tudo começa no indivíduo e tudo termina no indivíduo.**

É anulando a propriedade privada que o Estado passa a deter absolutamente tudo. A pobreza passa a ser generalizada e a escassa riqueza de uma nação é diluída.

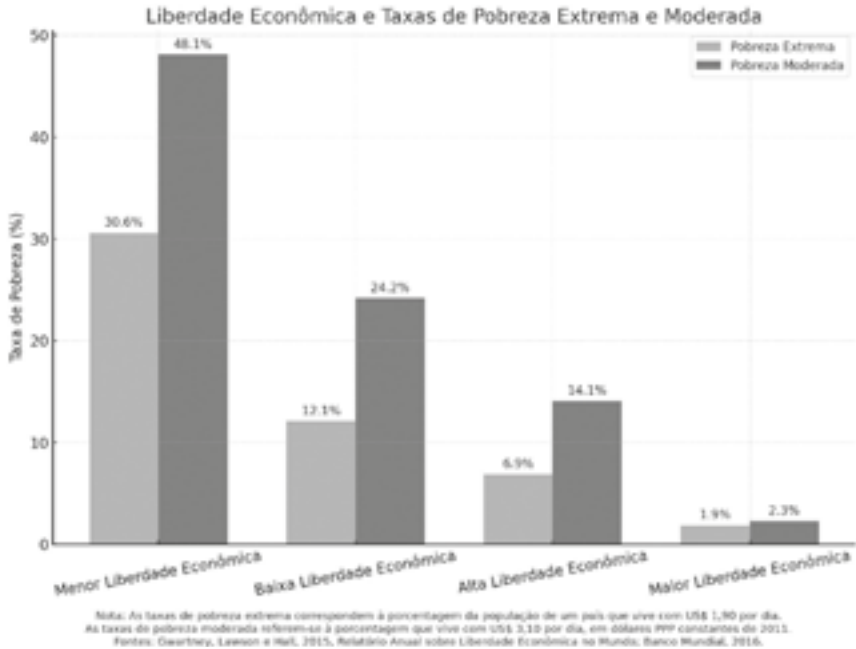
A forma mais simples de rebater essa máxima é apresentado dados concretos sobre essa teoria.

Nos países em que o Estado apontou a si próprio como resposta para o fim da pobreza, os resultados foram catastróficos. Em contrapartida, os países que mais se abriram o mercado, são os países que possuem os menores índices de pobreza.

Em decorrência da expansão do Capitalismo e da globalização, países apresentaram crescimento econômico médio anual de 1,5 pontos percentuais acima dos que não optaram por essa via. De acordo com artigo de Juan Romón Rallo, publicado pelo Instituto Mises Brasil, *“essa diferença está longe de ser insignificante: um país cuja economia cresce 1,5% ao ano durante 40 anos enriquecerá 80% neste período; já um país crescendo 3% ao ano durante este mesmo período enriquecerá nada menos que 226%”*.<sup>1</sup>

Crescimento que por certo não extingue a pobreza, mas reduz o número de pobres em uma comunidade.

<sup>1</sup> <https://mises.org.br/article/2788/para-erradicar-a-pobreza-mais-capitalismo>



Fonte: <https://mises.org.br/article/2788/para-erradicar-a-pobreza-mais-capitalismo>

Enquanto o Comunismo afundou nações em pobreza e destruição, os países que optaram pelo caminho oposto experimentaram crescimento econômico incontestável.

Sob o argumento de que o Socialismo traria igualdade a partir da distribuição de renda, milhões perderam suas vidas em países que abraçaram o Comunismo:

- 85 a 100 milhões de indivíduos foram mortos durante o século XX.
- China – 65 milhões
- União Soviética – 20 milhões
- Coreia do Norte – 2 milhões
- Camboja – 2 milhões
- Países Africanos – 1,7 milhões
- Vietnã – 1 milhão
- Países do Leste Europeu – 1 milhão
- Países latino-americanos – 150 mil.

Milton Friedman afirmou muito sabiamente: *“A sociedade que coloca a igualdade à frente da liberdade terminará sem as duas. A sociedade que coloca a liberdade à frente da igualdade terá uma grande medida das duas”.*

**O fracasso escancarado do Socialismo é a comprovação irrefutável de que essa teoria não apenas deixa de distribuir de forma mais equânime, mas é a maior promotora da pobreza. O Socialismo é a fórmula criada para multiplicar e perpetuar a pobreza.**

Após o vergonhoso fracasso ao longo dos anos, a Esquerda passou a maquiar o Socialismo em sua essência, passando a gotejar ideias de modo mais velado: relativizando a propriedade privada e exacerbando a cobrança de impostos.

No entanto, o resultado – a partir da implementação dessa cosmovisão – é o mesmo: manutenção da pobreza. Ademais, nessa cosmovisão, pessoas inteligentes e em sua mais perfeita capacidade de produção ficam subaproveitadas em uma dependência nada sadia do Estado. Em vez de criar riqueza, geram despesas.

## **Propriedade Privada**

A relativização da propriedade privada é um dos meios mais eficazes de fomentar a pobreza. Nunca se esqueça da máxima que sustenta o Marxismo: “abolição da propriedade privada”.

Por certo, o contexto atual não comportaria uma narrativa tão literal e direta como a adotada por Marx e Engels no Manifesto Comunista, em 1848. Até porque, a literalidade desse pensamento confronta diretamente a ordem firmada na Constituição da República. Esse ideal, hoje, se traveste de outras formas.

Durante os governos de Esquerda e de Centro-Esquerda no Brasil, poucas famílias tiveram titulação de terra (última etapa para aquisição definitiva da propriedade) – o que é demasiadamente irônico, já que sustentam com tanto afinco o ideal de reforma agrária.

A titulação é, em termos bem práticos, a carta de liberdade que o indivíduo tem em relação à sua terra. Depois dessa etapa, não há mais quaisquer pendências com o Estado. **Na prática, a titulação permite acesso a créditos rurais e inserção nas cadeias produtivas ligadas à agricultura familiar.**

Essa escolha premeditada do governo – de dificultar a posse de terra – fica ainda mais evidente quando a análise de dados se volta para a desapropriação das terras e o fomento ilegal a movimentos de invasão de propriedades.

A matemática por trás dos governos de Esquerda é simples: toam para si terras, sob a justificativa de realizar a reforma agrária, no entanto, em posse delas, negam-se a transferi-las para os indivíduos — o que resulta em aumento da pobreza no campo e completa dependência do Estado por parte dessas pessoas.

Abole-se a propriedade privada ao desapropriar terras; abole-se ao fomentar invasões; abole-se a propriedade privada ao negar titulação.

Veja os dados:

- Os maiores números de decretos de desapropriação:
  - FHC – Em 1998, chegou a editar 845 decretos.
  - Lula – Em 2005, chegou a editar 398 – média maior do que a de 1 por dia.
  
- Os maiores números de terras incorporadas à reforma agrária:
  - FHC – 20,8 milhões de hectares como parte do Programa Nacional da Reforma Agrária (PNRA).
  - Lula – 47,6 milhões de hectares.

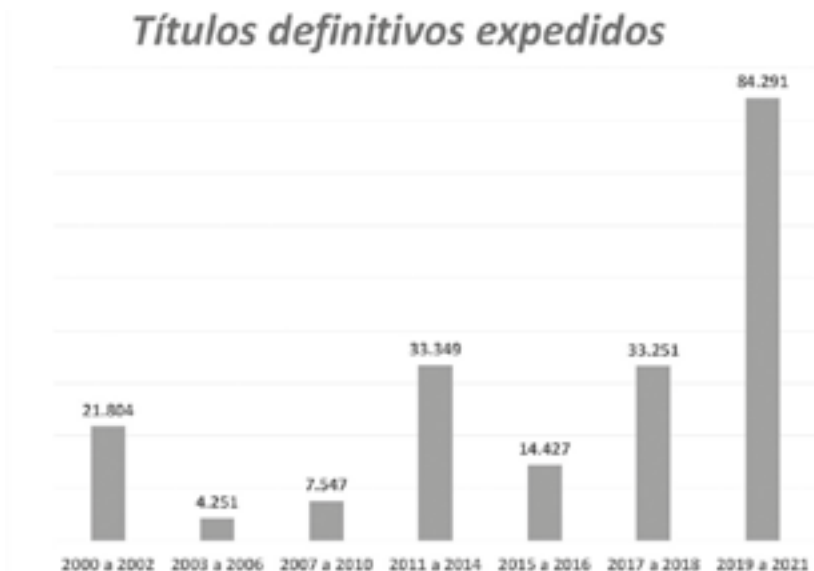
Nos dois primeiros mandatos de Lula foram emitidos 99 mil títulos e no governo Dilma, de 2011 a 2016, foram 166 mil.

- No governo Bolsonaro:
  - O menor número de decretos de desapropriação: não houve desapropriação.
  - Menor número de terras incorporadas à reforma agrária: Com Bolsonaro, 2,8 mil hectares foram incorporados com o intuito de promover a reforma agrária.

**Bolsonaro entregou mais de 400 mil títulos de terra. Sozinho, ele entregou mais títulos de terra do que Lula e Dilma. Além disso, Bolsonaro foi responsável pela regularização de mais da metade dos assentamentos criados durante o governo Lula e Dilma.**

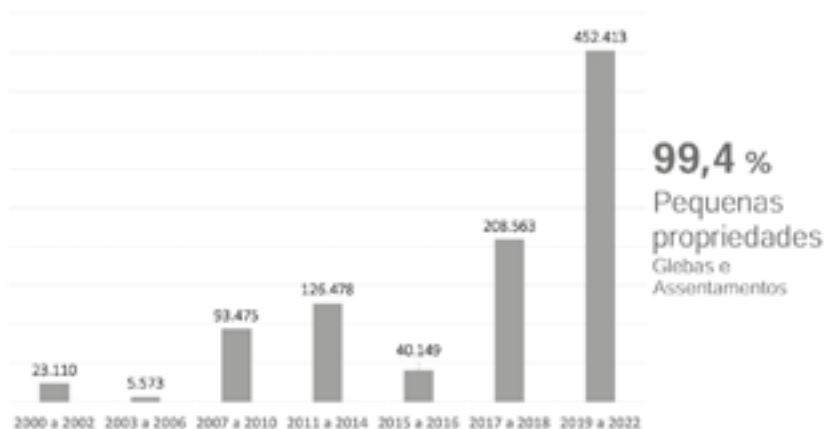
**Em um sistema socialista, o indivíduo trabalha e absolutamente tudo o que ele produz pertence ao Estado. Este, por sua vez, concede ao que trabalhou e ao que não trabalhou exatamente a mesma proporção.**

## Relação de títulos de terra ao longo dos anos



Fonte: Câmara dos Deputados. Audiência Pública, Geraldo Melo Filho.<sup>2</sup>

### *Resultados alcançados na Titulação*



Fonte: Câmara dos Deputados. Audiência Pública, Geraldo Melo Filho.<sup>3</sup>

2 [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/57a-legislatura/cpi-sobre-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-terra-mst/apresentacoes-em-eventos/ProgramaNacionaldeReformaAgrria\\_v7\\_10h36\\_23ago2.pdf](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/57a-legislatura/cpi-sobre-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-terra-mst/apresentacoes-em-eventos/ProgramaNacionaldeReformaAgrria_v7_10h36_23ago2.pdf)

3 [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/57a-legislatura/cpi-sobre-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-terra-mst/apresentacoes-em-eventos/ProgramaNacionaldeReformaAgrria\\_v7\\_10h36\\_23ago2.pdf](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/57a-legislatura/cpi-sobre-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-terra-mst/apresentacoes-em-eventos/ProgramaNacionaldeReformaAgrria_v7_10h36_23ago2.pdf)

O sistema de desapropriação e de políticas de reforma agrária adotadas por FHC e Lula comprovadamente não se mostraram eficientes na proteção da propriedade privada – o que é um dos maiores paradoxos da Esquerda.

Se os governos petistas são afeitos aos movimentos de pessoas “sem terra”, por que seguram a entrega de títulos e por que são os que mais desapropriam?

A sistemática segue exatamente o raciocínio marxista: o Estado trabalha em prol de mitigar o instituto da propriedade privada.

Diferentemente, com as ações adotadas, Bolsonaro conseguiu reduzir o número de invasões, e, ao mesmo tempo, trabalhou na titulação de terras. Estaticamente, é plenamente possível afirmar que Bolsonaro o foi o presidente das últimas décadas que mais emancipou brasileiros da pobreza.

Para além da ineficiência em resolver a problemática agrária, os governos mais à Esquerda são os que menos conseguem garantir a segurança no campo.

### **Nos governos FHC e Lula, tivemos os maiores índices de invasão:**

No governo FHC, foram 2.442 invasões de imóveis rurais, uma média de 305 por ano.

No governo Lula, 1.968 invasões, uma média anual de 246; já no governo Bolsonaro as invasões reduziram drasticamente, pois ocorreram 62 no total: 11 ocupações em 2019; 11 em 2020; 17 em 2021; e 23 em 2022, **número este que foi superado em um ano e meio do governo Lula 3.**

Só nos primeiros 8 meses do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), **o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terras) invadiu 62 terras, entre privadas e públicas, em 11 estados.**

### **A média de Lula é de 1 invasão por semana, ATÉ ESSE PERÍODO.**

Foi também sob o comando de governos de Esquerda que os movimentos sociais interfeririam diretamente na seleção de famílias beneficiadas pela reforma agrária. De acordo com acórdãos publicados pelo Tribunal de Contas (TCU):

- beneficiários com alta probabilidade de irregularidades: 578.547
- indivíduos que receberam assistência técnica direcionada a beneficiários, mas que não constavam na Relação de Beneficiários: 87.2 mil
- beneficiados falecidos: 37.997
- titulares de mandatos eletivos: 1.017
- estrangeiros: 213,
- dentre outros.

### **Há de se destacar ainda que, no Brasil, há mais terras destinadas à reforma agrária do que terras cultivadas:**

“Aproximadamente 88 milhões de hectares já foram destinados para pouco mais de um milhão de famílias assentadas, enquanto 68,8 milhões de hectares são áreas agrícolas. Os dados são do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)”.<sup>4</sup>

No entanto, governos de Esquerda, quando no poder, reiteradamente criam obstáculos para a concretização de titulações.

### **O próprio MST afirmou que na atualidade, ao menos 100 mil famílias vivem debaixo de lonas – número que poderia ser facilmente suprido com as terras disponíveis.**

Um governo que assumidamente caminha ao lado de movimentos dessa natureza deveria viabilizar o que cidadãos sem propriedade mais anseiam. No entanto, não o fazem.

De eleição em eleição, essas pessoas permanecem alimentadas pela falsa promessa de que governos que acenam aos movimentos sociais darão a eles um pedaço de terra para plantar.

Essa expectativa suprida em conta-gotas nitidamente faz perpetrar um sistema de pobreza no Brasil. Em 2017, de acordo com os dados do Censo Agropecuário do IBGE/2017, a renda média de uma família assentada era de menos de 1 salário mínimo por mês, em 86% dos municípios com assentamentos<sup>5</sup>.

A impossibilidade de possuir terra própria inibe a geração de riquezas. As pessoas não possuem qualquer estímulo para investir, produzir e se empenhar, uma vez que tais ações não provocarão qualquer tipo de retorno para elas. Quer se esforcem, quer não se esforcem, o resultado será exatamente o mesmo. Isso, em larga escala, impede o acúmulo de capital e, por conseguinte, a expansão e a criação de novos negócios.

**Outro exemplo de flagrante relativização da propriedade privada se dá no âmbito das terras indígenas.** Projetos de lei da bancada da Esquerda desenham sempre a limitação da propriedade privada. Um exemplo é o PL nº 4566/2023 de autoria da deputada do PSOL Célia Xakriabá. O texto do projeto de lei firma o entendimento de que o Marco Temporal é do ano de 1500, dando margem para que as terras brasileiras sejam demarcadas a qualquer tempo.

4 <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/area-destinada-para-a-reforma-agraria-e-maior-do-que-o-total-de-lavouras-no-brasil/>

5 [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/57a-legislatura/cpi-sobre-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-terra-mst/apresentacoes-em-eventos/ProgramaNacionaldeReformaAgraria\\_v7\\_10h36\\_23ago2.pdf](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/57a-legislatura/cpi-sobre-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-terra-mst/apresentacoes-em-eventos/ProgramaNacionaldeReformaAgraria_v7_10h36_23ago2.pdf)

E isso, porque quase 14% do território nacional é direcionado para pouco mais de 1 milhão e meio de índios (0,83% da população)!

Em termos comparativos, esse pequeno grupo de pessoas possuem terras equivalentes aos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Pernambuco, Santa Catarina, Paraíba, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Alagoas e Sergipe. E os governos de Esquerda insistem em demarcar mais terras para esse grupo.

Apesar do amplo espaço territorial e da liberdade para o cultivo, alguns grupos indígenas atravessam severa pobreza. Destaco aqui que 62% de crianças da etnia Guarani vivem abaixo da linha da miséria.<sup>6</sup>

**O Brasil é o país com o maior número de territórios indígenas no mundo, ganhando, inclusive, dos Estados Unidos** que têm: 326 reservas e cerca de 2,3% do território total destinado aos indígenas. Nos Estados Unidos, 1/3 desses indígenas vivem abaixo da linha da pobreza. Lá, a posse da terra não é individual, é tribal. E esse fator é suficiente para tornar a terra menos produtiva do que ela poderia ser.<sup>7</sup>

A dificuldade do Estado em garantir a plena liberdade à propriedade privada interfere muito diretamente na produção de riqueza.

## Tributação

No Brasil é unânime o entendimento de que, apesar do alto investimento forçado que todos fazem no Estado (por meio do pagamento de tributos), não há qualquer contrapartida razoável. As pessoas pagam impostos para investimentos em saúde, segurança e educação, mas precisam recorrer ao sistema privado para a obtenção de tais serviços. O Brasil vergonhosamente figura entre os países com a maior precariedade tributária, ou seja, com o maior índice de insegurança ou instabilidade no pagamento de impostos.

**Em termos comparativos, esse pequeno grupo de pessoas possuem terras equivalentes aos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Pernambuco, Santa Catarina, Paraíba, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Alagoas e Sergipe.**

<sup>6</sup> <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-05/fiocruz-62-das-criancas-guarani-vivem-abaixo-da-linha-pobreza#:~:text=Fiocruz:%2062%25%20das%20criancas%20C3%A7as%20Guarani,linha%20de%20pobreza%20%7C%20Ag%20C3%AAncia%20Brasil>

<sup>7</sup> Wayne Grudem Barry Asmus – A pobreza das Nações – pag. 155.

Apenas para corroborar com esse entendimento, pesquisa divulgada em 2024 mostra que quase metade dos brasileiros não estão satisfeitos com a qualidade da educação no país<sup>8</sup>.

Apesar de reforma tributária aprovada no ano de 2023, as perspectivas não são boas. O Brasil provavelmente terá o maior IVA (Imposto sobre Valor Agregado) do mundo, estimado em 28%<sup>9</sup>. O governo do PT foi um dos principais articuladores dessa proposta. O texto constitucional aprovado recentemente pelo Congresso Nacional em um jargão popular pode ser ilustrado como a “troca de seis por meia dúzia”.

A pobreza ou a capacidade de produzir riqueza necessariamente passam pela forma como o Estado trata a tributação. Estados maximalistas (aqueles que buscam a aplicação integral do programa socialista) abarcam para si responsabilidades que não são suas, usurpam bens do indivíduo e, **são os responsáveis pelo insucesso das infundáveis políticas que criam.**

Em uma sociedade em que o Estado toma para si atribuições que outrora eram desenvolvidas pela igreja ou pela comunidade (como os cuidados com o mais vulneráveis), tem-se uma tripla perda:

- as instituições e os indivíduos se sentem socialmente desobrigados a auxiliar,
- o Estado, por óbvio, não consegue suprir as necessidades a que se propôs, e
- o indivíduo não se sente estimulado a produzir riqueza.

O raciocínio é muito simples. Se o cidadão percebe que o seu esforço não necessariamente se converte em benefícios, o natural é que a sociedade produza homens e mulheres que não se esforçam no mesmo nível que o de homens e mulheres de sociedades em que o Estado tem um papel minimalista, ou seja, que não interfere tanto na vida privada das pessoas.

É certo que, se o indivíduo é penalizado por altas taxas tributárias, em regra o seu esforço será sempre focado apenas na manutenção razoável da subsistência.

---

8 [https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/47-dos-brasileiros-consideram-a-educacao-no-brasil-ruim-diz-pesquisa/#:~:text=47%25%20dos%20brasileiros%20consideram%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil%20ruim%2C%20diz%20pesquisa,-Pesquisa%20da%20Ipsos&text=A%20pesquisa%20Global%20Education%20Monitor,%25\)%20e%20Argentina%20\(51%25\).](https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/47-dos-brasileiros-consideram-a-educacao-no-brasil-ruim-diz-pesquisa/#:~:text=47%25%20dos%20brasileiros%20consideram%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil%20ruim%2C%20diz%20pesquisa,-Pesquisa%20da%20Ipsos&text=A%20pesquisa%20Global%20Education%20Monitor,%25)%20e%20Argentina%20(51%25).)

9 <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/brasil-tera-maior-imposto-do-mundo-com-iva-estimado-em-28/>

No Brasil, os exemplos são fartos. Um trabalhador celetista fica com aproximadamente apenas 30% de todo o montante gasto pelo seu empregador, porque quase 70% desse valor é entregue ao Estado.

Isso, sem considerar a quantidade de tributos que esse indivíduo pagará sobre os seus bens (IPTU e IPVA são alguns exemplos), sobre o consumo (ICMS e ISS) e sobre a sua renda.

Esse formato empobrece a nação. No Brasil, 90% da população, em 2021, tinham renda inferior a R\$ 3,5 mil reais por mês. Desse total, 70% recebem até dois salários mínimos<sup>10</sup>. Um indivíduo que ganha R\$ 4 mil por mês está entre os 10% mais ricos da população. Isso não é concebível, quando se considera que, no Brasil, trabalha-se o equivalente a 5 (cinco) meses apenas para pagar impostos!

Um estudo realizado na Universidade de Stanford comparou a taxa de crescimento econômico de um país *versus* a sua taxa de impostos, por um período de 30 anos. Concluiu que os 8 países com maiores taxas tributárias tiveram um crescimento anual de menos de 1/5 dos 8 países com as menores taxas tributárias. Esses, por sua vez, tiveram 3,7% de crescimento ao ano<sup>11</sup>.

Ou seja, se um país pretende ampliar o poder aquisitivo de sua população, a redução de impostos pode ser uma excelente estratégia.

O Governo Lula 3, bateu recordes de arrecadação em diversas situações. Em 45 dias de governo (no ano de 2025), os brasileiros pagaram 500 bilhões em impostos<sup>12</sup>. O valor representa um aumento de mais de 8% no mesmo período do ano de 2024.

64% dos brasileiros acreditam que o poder de compra caiu no último ano<sup>13</sup>.

**A chave para redução da pobreza está em reconhecer as limitações do Estado – que não pode tudo – e enaltecer as habilidades do indivíduo, o grande protagonista na produção de riqueza de uma nação.**

10 <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/12/13/calculadora-de-renda-90-brasileiros-ganham-menos-de-r-35-mil-confira-sua-posicao-lista.htm>

11 Wayne Grudem Barry Asmus – A pobreza das Nações – pag. 168.

12 <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2025/02/07/brasileiros-ja-pagaram-r-500-bi-em-impostos-em-40-dias-de-2025-diz-acsp.htm#:~:text=O%20montante%20representa%20um%20aumento,R%20461%2C6%20bilh%C3%B5es.>

13 <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/quaest-63-dos-brasileiros-acham-que-poder-de-compra-hoje-e-menor-do-que-ha-um-ano/>

O problema tributário vai além da alta arrecadação, pois esbarra na má alocação de recursos, demonstrando completa falta de percepção do que de fato é prioritário para o país. Hoje, o Brasil é o 6º país que mais gasta com o funcionalismo público<sup>14</sup>. Isso representa aproximadamente 14% do Produto Interno Bruto (PIB). Em contrapartida, os gastos com educação representam uma média de 4,4% do PIB.

**No governo Bolsonaro, 13 tributos foram reduzidos ou extintos e o Brasil, pela primeira vez na história, terminou com uma inflação menor do que a dos Estados Unidos. A pobreza recuou e o Brasil experimentou um crescimento parecido com o da China.** A dívida pública em relação ao PIB também recuou. Tudo isso em um contexto de pandemia e redução de impostos<sup>15</sup>.

**Os números mostram que é impossível sair da pobreza aplicando as teorias que norteiam o pensamento da Esquerda.**

Foi sob a gestão de um governo de Esquerda que o país atravessou a maior recessão econômica da sua história. Entre o segundo semestre de 2014 e o quarto semestre de 2016, o PIB contraiu 8,6% e o desemprego atingiu 13,9%<sup>16</sup>.

Um quadro perfeito para comprovar que políticas liberais que desprezam um Estado inchado e que valorizam o dinheiro do indivíduo resultam em um Estado mais eficiente e em uma população mais livre.

## Abertura do mercado

Nações que querem produzir riqueza precisam necessariamente centralizar seus esforços em garantir liberdade: liberdade para produzir e liberdade para escolher.

Adam Smith, em 1776 já discorria sobre isso:

*O esforço natural de cada indivíduo para melhorar a sua própria condição, quando tem a possibilidade de trabalhar arduamente com liberdade e segurança é um princípio tão poderoso que por si só e sem ajuda*

14 <https://fiesc.com.br/pt-br/imprensa/despesa-com-servidor-no-brasil-esta-entre-mais-elevadas-entre-mais-de-70-paises-aponta-cni>

15 Paulo Guedes e Adolfo Sachsida – A Política Econômica Brasileira.

16 Paulo Guedes e Adolfo Sachsida – A Política Econômica Brasileira.

*(...) e sem qualquer ajuda (...) é capaz de conduzir a sociedade à riqueza e prosperidade<sup>17</sup>.*

O índice de liberdade econômica, produzido pelo Instituto *Heritage* mostra que o país, embora seja incomparavelmente rico, não utiliza os recursos que possui, nem equipa a sua população a produzir riqueza. O Instituto mensura o grau de liberdade a partir de alguns requisitos: Estado de Direito, tamanho do governo, eficiência regulatória e abertura de mercados.

O Brasil é o 117º país mais livre no mundo dentre 184, e o 25º dos 32 países da região das Américas, o que nos dá o título de economia “majoritariamente não livre”.

Fundamentos mais fortes de liberdade econômica continuam sendo essenciais para garantir um futuro econômico melhorado. As pontuações de corrupção e direitos de propriedade do Brasil são relativamente baixas, e seu sistema judicial continua vulnerável à influência política. A presença do estado na economia continua a prejudicar o desenvolvimento de um setor privado mais vibrante. Apesar de algum progresso, o processo de organização de novos investimentos e produção continua trabalhoso e burocrático. É caro e demorado lançar ou fechar um negócio. Regulamentações trabalhistas sufocantes continuam a prejudicar o crescimento do emprego e da produtividade<sup>18</sup>.

Nenhum país do mundo, com exceção de países do oriente<sup>19</sup> ricos em petróleo, atingiu crescimento econômico por outra via, senão pelo livre mercado. A China, não obstante as incontáveis problemáticas ainda presentes no país, experimentou considerável crescimento a partir de 1978, sob o comando de Deng Xiaoping. Como, por exemplo, crescimento médio do PIB superior a 9% ao ano por várias décadas, o que reduziu a pobreza e atraiu investimentos estrangeiros. Nesse período, o país modernizou a agricultura e desenvolveu-se na indústria.

**A grande contribuição do Estado é ausentar-se para que os indivíduos produzam.** Aliás, é sempre bom lembrar que o PIB é a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, geralmen-

17 Adam Smith, *An inquiry into nature and causes of wealth of nations*.

18 <https://www.heritage.org/index/pages/country-pages/brazil>

19 Waynen Grudem, Barry Asmus – a pobreza das nações, pag. 147.

te em um ano<sup>20</sup>. Isto é, o Estado em sua essência é incapaz de produzir ou gerar riqueza, pois essa função pertence exclusivamente ao indivíduo.

Jaz nessa máxima a **importância do empreendedorismo**. No Brasil, poucos negócios abertos conseguem crescer. Em 2023, por exemplo, tivemos um aumento de 25% de encerramentos de CNPJ, comparados a 2022, último ano do governo Bolsonaro. Cerca de 4 empresas fecham no Brasil, a cada minuto<sup>21</sup>. Um dos fatores apontados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) como principal razão para o fechamento dessas empresas é a regulação governamental, que é uma das piores do mundo<sup>22</sup>.

Em 2023, o Brasil caiu uma posição no Ranking que mensura a Competitividade Global<sup>23</sup>. O país está entre os 5 piores, ficando à frente apenas de países como Venezuela.

Em um ambiente assim, em que o Estado dita em detalhes o que pode ou não ser feito, o país fica refém de leis antiquadas. O indivíduo acaba por produzir pouco para si e muito para a máquina estatal.

## Conclusão

### **Os números mostram que é impossível sair da pobreza aplicando as teorias que norteiam o pensamento da Esquerda.**

Quando o país está sob a gestão de governos assim, há uma relativização da propriedade privada e um crescimento absurdo dos gastos públicos, que é necessariamente suprido pelo aumento de impostos. O Estado não consegue suprir o que promete e a população torna-se cada vez mais pobre. Nem o Estado, nem os próprios proventos do indivíduo são capazes de garantir uma vida economicamente sustentável.

Em contrapartida, um governo de Direita, em dos períodos mais caóticos da história recente – o período da pandemia – conseguiu erguer o Brasil, resgatando 7,4 milhões de pessoas da pobreza.<sup>24</sup>

20 <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php#:~:text=O%20PIB%20%C3%A9%20a%20soma,PIB%20nas%20suas%20respectivas%20moedas>

21 <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/a-cada-minuto-quatro-empresas-fecham-no-brasil>

22 [https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/10/16/internas\\_economia,997715/com-pior-carga-de-regulacao-do-mundo-brasil-cai-em-ranking-de-competi.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/10/16/internas_economia,997715/com-pior-carga-de-regulacao-do-mundo-brasil-cai-em-ranking-de-competi.shtml)

23 <https://www.poder360.com.br/poder-empendedor/brasil-ocupa-60o-lugar-no-ranking-de-competitividade-em-2023/>

24 <https://www.poder360.com.br/poder-empendedor/brasil-ocupa-60o-lugar-no-ranking-de-competitividade-em-2023/>

O número de indivíduos pobres no Brasil desceu de 9,2% para 7,6% em 2020. E a extrema pobreza caiu de 5,3% para 4,2% em 2019, conforme levantamento da FGV Social.

**A chave para redução da pobreza está em reconhecer as limitações do Estado – que não pode tudo – e enaltecer as habilidades do indivíduo, o grande protagonista na produção de riqueza de uma nação.**

# I O CAMINHO DA PROSPERIDADE

THIAGO MANZONI

**A** forma de pensar de uma pessoa determina os resultados que ela alcançará na vida e os limites a que estará submetida. No fim do dia, cada um de nós corresponde ao somatório dos nossos próprios pensamentos – o nosso sistema de crenças – e, mesmo sem pedir autorização, **a vida produz e reproduz aquilo que permitimos que ocupe a nossa programação mental.**

Segundo a Dra. Caroline Leaf, especializada em lesões cerebrais traumáticas e que trabalha no ramo da neurociência cognitiva desde 1985, com resultados que estão alterando paradigmas sobre o funcionamento do cérebro humano, todos nós somos livres para escolher onde vamos concentrar nossa atenção e, quando o fazemos, afetamos diretamente o modo como substâncias químicas atuarão em nossa atividade cerebral.

Conforme ela explica em seu livro *Ative Seu Cérebro*<sup>1</sup>, os cientistas estão comprovando que a ligação entre o que pensamos e como entendemos e imaginamos a nós mesmos tem um enorme impacto sobre o funcionamento do nosso cérebro e do nosso corpo. Ela relata, por exemplo, que existem pesquisas a demonstrar que inacreditáveis 75 a 98% das doenças comportamentais, físicas e mentais têm origem na vida mental das pessoas e apenas 2 a 25% vêm do ambiente e ou dos genes.

O que quero deixar claro de início é que a sociedade reflete o pensamento majoritário e as crenças dominantes dos indivíduos.

**Prosperidade ou pobreza, abundância ou miséria, estão definidos, em primeiro lugar, no nosso pensamento.** Sua materialização em belas casas, roupas elegantes, contas bancárias abundantes, ou barracos de tapume, vestimentas maltrapilhas e dívidas, são a exteriorização de nossas crenças, esperanças, sonhos e pensamentos.

**Pensar define a nossa realidade**, por isso, eu recomendo que você leia a obra da Dra. Caroline Leaf, acesse o material do Dr. Bob Proctor disponibilizado na internet e leia os livros de autores como Myles Munroe e Kris Vallotton.

---

<sup>1</sup> LEAF, Caroline, *Ative Seu Cérebro*, traduzido no Brasil pela Editora Chara, 2018, p. 35.

E, se nessa breve introdução, você ainda me permite mais uma ideia: **nunca deixe de ler a Bíblia, porque dela nasce todo o conhecimento e sabedoria; ela é mais preciosa que tudo. A Bíblia é o fundamento da nossa civilização ocidental e é a origem de toda prosperidade e abundância que possamos imaginar.**

## A batalha pelo pensamento

Quando eu tinha 6 anos de idade, meu pai e meu tio me levaram pela primeira vez ao Maracanã. Eu nasci em uma família cheia de cariocas e meu avô decidiu torcer pelo clube que mais tarde se tornaria o mais querido do Brasil: o Clube de Regatas do Flamengo. Depois da construção do Estádio Mario Filho, o Maracanã, em 1950, meu avô adotou como hábito ir ao estádio torcer; hábito que transmitiu, pelo exemplo, a seus dois filhos que, em 1990 levavam de metrô, em um domingo chuvoso, a geração seguinte para aquela espécie de ritual futebolístico familiar.

Eu não sabia, mas naquele dia a minha forma de pensar sobre times de futebol sofreria um grande impacto e teria consequências até na minha vida adulta.

Tudo era novo e eu passei mais tempo admirando o imponente Maracanã e a torcida do que o jogo em si. Aprendi um monte de músicas cujo teor é impublicável e que depois o meu pai, em vão, queria que eu parasse de cantar. Naquele dia, ri, comi cachorro-quente, passei frio, tomei chuva, cantei, cansei e voltei para a casa do meu avô com um pensamento: *“Eu também sou Flamengo”*.

Estou falando de um time de futebol, mas você já compreendeu que essa ideia, de que “pensar define a nossa realidade”, vale para tudo na vida. A partir de então, uma série de decisões e episódios na minha história pessoal foram fortemente influenciados por esse pensamento.

A minha família se mudou para Brasília e todos os anos, sem exceção, passava as férias escolares de inverno e de verão no Rio de Janeiro. Eu queria rever a família, obviamente, e o Flamengo!

Cheguei à idade adulta e já perdi a conta de para quantas cidades e estádios, no Brasil e fora do Brasil, eu já fui para torcer. Você quer saber qual a melhor delas, né?! Lima, Peru, 23 de novembro de 2019, o bicampeonato da Libertadores – se eu pudesse eu voltava no tempo só para viver aquilo outra vez.

Imagino que você, se for amante de futebol, tenha sido capaz de sentir algumas das emoções que eu senti ao escrever sobre um pensamento, dentre tantos, a moldar o meu sistema de crenças. Essa é a força dos pensamentos.

Possivelmente, agora você também está pensando: *“Beleza, mas o que isso tem a ver com prosperidade?”*. Eu lhe falo: **o pensamento determina a realidade. Em todas as áreas da vida.**

Na medida em que o pensamento majoritário é como um molde que formata a própria sociedade, a maior batalha em curso no momento é a que pretende definir a forma de pensar do indivíduo moderno. Há duas correntes de pensamento sobre a vida, em conflito atualmente. As divergências entre elas se refletem em vários aspectos da vida moderna, e, em especial, na forma como se pensa sobre pobreza, riqueza e prosperidade.

**Socialistas (autointitulados de maneira bisonhamente equivocada de “progressistas”) e Conservadores travam atualmente uma verdadeira guerra pelo pensamento.**

Os **Socialistas** têm a disposição mental de levar toda a sociedade para o que Hayek chamou, na já distante década de 1940, de “o caminho da servidão”<sup>2</sup> e os **Conservadores** são dispostos a preservar as tradições e virtudes que fizeram da civilização ocidental a mais próspera e abundante que jamais existiu sobre este planeta.

## A mentalidade esquerdista

Nos próximos subtítulos deste capítulo, abordarei aspectos práticos relacionados à vitória sobre a escassez e à construção de riqueza, mas antes, é importantíssimo estabelecer alguns contrapontos entre a mentalidade esquerdista e o pensamento conservador/liberal no que diz respeito à economia e à geração de riqueza.

Para facilitar e tornar mais simples a leitura e a elaboração do raciocínio, é melhor discorrer em separado sobre um e outro.

O primeiro aspecto do pensamento esquerdista que impede que as pessoas prosperem em regimes controlados pela Esquerda, é a falácia de que **o Estado deve prover as necessidades das pessoas.**

Os esquerdistas, criaram dois jargões e utilizam-nos como uma espécie de super-trunfo apto a vencer qualquer discussão: (i) “direitos humanos” e

<sup>2</sup> Hayek, F.A. “O caminho da servidão”. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2010.

(ii) “garantia de direitos”<sup>3</sup>. São como dois pilares astutamente estabelecidos, mas, que não têm correspondência com a realidade prática da vida das pessoas, os quais foram usados para construir o pensamento escravizador que torna as pessoas dependentes de políticos e mendicantes de esmolas governamentais.

Para desfazer as falácias que são derivadas desses jargões, é preciso começar pelos chamados “**direitos humanos**”. A ideia de que existem direitos “naturais” e “humanos” é antiga e deriva da crença na existência de um código universal que se aplicaria a todas as pessoas, em qualquer lugar e que serviria de padrão para os sistemas jurídicos em geral.

John Locke acresceu a essa ideia a premissa de que o indivíduo deveria ser soberano sobre a sua própria vida e capaz de estabelecer relações mediante acordo e de se dissociar por mútuo consentimento. Esse é o pensamento contido na Declaração de Direitos de 1689, segundo a qual os direitos humanos devem ser entendidos como **liberdades**.

**A doutrina dos direitos humanos, então, nasceu para impor limites ao governo e não poderia ser usada para autorizar aumento do governo;** a não ser que o aumento de poder estatal fosse exigido para que o Estado pudesse se desincumbir de sua função principal, que é proteger a liberdade individual.

Isso significa dizer que **o Estado tem o dever de não se meter na vida dos cidadãos**, exceto para proteger e garantir a liberdade e a validade das transações e negócios jurídicos realizados sem vício de consentimento.

Embora a Convenção Europeia de Direitos Humanos tenha adotado a liberdade como premissa e isso tenha trazido benefícios diversos ao mundo ocidental (por exemplo: a igualdade de todos perante a lei, a imparcialidade do juiz e a separação de poderes), a **doutrina igualitarista** passou a permeiar a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, na qual os direitos humanos – de maneira sorrateira – deixaram de ser direitos de liberdade para começarem a traduzir-se em **reivindicações radicais ao Estado**.

Foi aí que tudo começou a mudar... E para muito pior!

É na Declaração Universal dos Direitos Humanos, precisamente em seu artigo 22, que surgem direitos chamados “econômicos, sociais e culturais” – ou seja: **direitos considerados indispensáveis não para a liberdade, mas para a “dignidade”**. Os direitos humanos deixavam de ser **direitos**

<sup>3</sup> A lista de jargões criada pelos esquerdistas para vencer discussões sem a necessidade de ter argumentos sólidos é enorme, mas para a finalidade deste ensaio, as duas mencionadas são as mais relevantes.

**possíveis de se opor ao Estado**, para se tornarem direitos **pleiteados ao Estado**. Já não se tratava de uma defesa das liberdades contra tentativas de violação; agora passou-se a tratar de reivindicações ao Estado – verdadeiros “trunfos” nas palavras de Ronald Dworkin<sup>4</sup>. “Trunfos” que, na realidade, conduzem ao empobrecimento e à escravidão de indivíduos, famílias, cidades e nações inteiras em relação ao Estado.

A partir de então, com fundamento na premissa completamente equivocada e dissociada da origem dos Direitos Humanos (de que é função do Estado provê-los), surgiu, no pensamento esquerdista a expressão utilizada com grande sucesso eleitoral: **“garantia de direitos”** – um verdadeiro engodo que, quando não desmentido, leva ao poder os piores partidos, as piores ideias e é, infelizmente, a receita do fracasso.

Assim, **com a mente escravizada na dependência estatal, a população precisa de políticos que possam garantir que de cada necessidade nascerá uma lei que garanta um novo direito**. Você pode ver isso ao seu redor o tempo todo: as pessoas têm necessidade de se locomover, então devem ter direito a transporte oferecido pelo Estado; têm necessidade de um local para residir, então devem ter direito à moradia garantido pelo Estado; precisam de dinheiro para pagar suas contas, então devem ter direito à renda mínima garantido pelo Estado. A fórmula pode ser utilizada para “grandes direitos”, mas também para outros que parecem pequenos como o “direito ao gás de cozinha”, “direito a absorventes higiênicos”, “direito a preservativos masculinos ou femininos”, que também devem ser garantidos pelo Estado, segundo o pensamento escravizante esquerdista.

Por esse raciocínio, tem-se que, **se as necessidades dos seres humanos são infinitas, para supri-las bastaria conceder direitos infinitos**. O problema é que, no mundo real, os recursos para proporcionar tais direitos são finitos e é aí que a conta não fecha e, enganadas pelo pensamento esquerdista, multidões ao redor do mundo empobrecem e muitas nações passam a viver em miséria absoluta.

Convém lembrar que o Estado – qualquer Estado – não é capaz de gerar riqueza. Ao contrário, todo recurso financeiro sob o poder estatal tem origem no trabalhador (seja ele empresário ou empregado) o qual cria riqueza mediante o seu esforço e dedicação. **O que o Estado faz, em verdade, é apropriar-se coercitivamente das riquezas produzidas pelos trabalhadores, sob o pretexto de garantir direitos**.

---

<sup>4</sup> Ronald Dworkin. “Levando os direitos a sério. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Todas essas ideias são difundidas com linguajar pomposo e clichês capazes de anestesiarem o cidadão que, seduzido pela propaganda enganosa de que o Estado tudo vai garantir e oferecer, termina por entregar o fruto do seu trabalho sem qualquer reação. Assim, a riqueza dos indivíduos é transferida para burocratas estatais gerando um ciclo vicioso de empobrecimento e desestímulo ao cidadão.

Outro aspecto de especial relevo quanto à **mentalidade esquerdista** é a falácia de que a economia é um “jogo de soma zero” e, portanto, **para alguém enriquecer seria necessário empobrecer a outros**. Isto é, se alguém está prosperando é porque está fazendo com que outros sejam pobres; é como se o sucesso de um fosse o fracasso de outrem.

**O pensamento determina a realidade. Em todas as áreas da vida.**

Esta é a premissa (absolutamente falsa!) que respalda o estúpido combate contra o lucro, os empresários, os “super-ricos”, a classe média e a todos quantos lograram ascender socialmente e prosperar.

Na cabeça de um esquerdista, dignidade é manter a todos na pobreza e dividir de maneira igualitária a miséria. Aqui, eu até poderia gastar o meu e o seu tempo, leitor, a expor e detalhar exemplos diversos, mas não vou. Basta uma simples pesquisa na internet sobre a realidade de países como Cuba, Bolívia, Venezuela, Argentina (no período anterior ao governo Milei) e tantos outros. As informações estão disponíveis e podem demonstrar como é nociva a forma de pensar esquerdista.

Os parâmetros estabelecidos acima, embora explorados de maneira superficial, são suficientes para entendermos o ciclo vicioso em que se encontra o Brasil.

Desde 2002, a Esquerda venceu as eleições, no Brasil, em 5 de 6 eleições para o governo federal. A única exceção foi a vitória de Jair Bolsonaro (o melhor Presidente que nossa nação já teve), em 2018. A pergunta é: por quê? A resposta passa, inevitavelmente, pelo que expus acima, mas, também, pelo sistema de crenças predominante em nosso povo.

Durante décadas foi incutido no povo brasileiro o pensamento de que nós não somos capazes de prover as nossas próprias necessidades e de levar sustento para nossa família.

Infelizmente, essa mentira colou e, a partir de então, o brasileiro passou a acreditar que nossas necessidades deveriam ser atendidas por meio da criação de direitos (os tais “direitos humanos”) e que era obrigação do Estado “garantir” esses direitos.

Sem perceber que o Estado nada pode nos dar sem que antes tenha tirado de nós mesmos (lembre-se: o Estado nada produz além de DARF), grande parte dos brasileiros passou a votar em políticos que se utilizam desses jargões em campanhas eleitorais. E, repito: a Esquerda venceu as últimas 5 de 6 eleições nacionais!...

Uma vez no poder, a Esquerda espoliou o povo brasileiro de todas as formas imagináveis. A maioria delas legais, isto é, em conformidade com as leis que eles mesmos criaram – num modelo chamado com muita correção de “espoliação legal” por Bastiat, em sua obra “A Lei”<sup>5</sup>.

Por meio de **leis** (vide os sucessivos aumentos de tributos do atual governo, cujo Ministro da Economia Fernando Haddad foi apelidado por muitos de Taxxad – tamanha sua sanha arrecadatória) e de **políticas públicas** (em especial aquelas chamadas de “políticas de transferência de renda” – pelas quais o dinheiro de quem produziu é tomado à força por meio dos impostos e entregue a quem nada produziu), **a Esquerda pune empresários, castiga o lucro, reprime a geração de riqueza e destrói a nação ao criar cidadãos dependentes do Estado**<sup>6</sup>.

O caminho da prosperidade passa, necessariamente, pela derrota dessa mentalidade esquerdista. É imprescindível uma mudança de mentalidade. Nós precisamos vencer a escassez.

## Destruindo a escassez

Se a mentalidade esquerdista é tão nociva e tem consequências tão nefastas ao redor do mundo, o que haveria para substituí-la e, ao substituí-la, trocar a insuficiência pela abundância?

A resposta passa por uma breve olhada no passado e pelo desenterrar de alguns preceitos cheios de significado e importância. **Você vai perceber que o caminho da prosperidade é feito por decisões individuais e pela dedicação pessoal; não depende do Estado e nem espera, do governo de ocasião, soluções para a vida.** O governo deveria apenas proteger a vida, a liberdade e a propriedade privada.

Vamos lá! A história da humanidade é permeada por escassez e pela busca da sobrevivência. Até bem pouco tempo uma pessoa que completava

5 Frédéric Bastiat. “A lei: por que a esquerda não funciona? As bases do pensamento liberal. Barueri/SP. Faro Editorial, 2016.

6 Enquanto este capítulo é escrito, 12 das 27 unidades da Federação brasileira possuem mais cidadãos vivendo de programas assistencialistas do governo do que trabalhando.

40 anos de idade era considerada idosa; na verdade, na maior parte da história, um ser humano que chegasse à adolescência já poderia ser considerado um vencedor, pois a mortalidade infantil era enorme, a maioria esmagadora das famílias não possuía sequer um local para morar. Banheiro e rede de esgoto eram evoluções inimagináveis.

Mais que isso, há 200 anos, qualquer pessoa estava fadada a nascer e morrer com o mesmo *status* social. Sua condição financeira e classe social eram herdados de seus ancestrais e não havia a menor possibilidade de alteração. Quase 90% da população nascia pobre e estava destinada a morrer na pobreza.

A grave situação social e financeira da maior parte da população mundial, e mais especificamente da população europeia, foram o combustível para uma das maiores transformações da história recente da humanidade. Foi o advento da Revolução Industrial e o surgimento do Capitalismo que possibilitaram a vitória sobre a escassez.

Entre párias e miseráveis<sup>7</sup>, surgiram pessoas dispostas a organizar e a estabelecer pequenos negócios e a produzir alguma coisa. Não produziam produtos caros, antes produziam bens baratos, aptos a satisfazer a necessidade de todos e não somente das classes mais altas. Foi essa a origem do Capitalismo moderno: a produção em massa para atender às necessidades e expectativas das massas.

Justamente nesse período da história, todos os gráficos relacionados à expectativa e qualidade de vida apontam para uma curva de aumento e melhoria com ângulo aproximado de 90°. Isto é, a Humanidade passava por uma transformação avassaladora: da Inglaterra para o mundo, **o Capitalismo se tornava a ferramenta para destruir a escassez.**

Mas, quais princípios estão contidos nesse momento histórico aptos a transformar nosso mundo? Que tipo de pensamento surgiu capaz de mudar o destino de milhões (ou bilhões) de pessoas ao redor do planeta? Uma economia baseada na propriedade privada e em trocas voluntárias.

Isso mesmo! **A propriedade privada e as trocas voluntárias são o caminho da prosperidade em qualquer economia de grande escala.**

**Com a mente escravizada na dependência estatal, a população precisa de políticos que possam garantir que de cada necessidade nascerá uma lei que garanta um novo direito.**

7 MISES, Ludwig Von. As seis lições, traduzido no Brasil por Maria Luiza X. de A. Borges, São Paulo, LVM, 2018, p. 37.

O direito de ser proprietário de seus bens e de realizar livremente trocas daquilo que se possuía por aquilo de que se necessitava, tornou possível às pessoas prosperarem no que hoje chamamos de “economia de mercado”.

Eu explico: em um ambiente de liberdade econômica e no qual a propriedade privada é respeitada, todos podem sair da pobreza e ascender socialmente; a única habilidade exigida para tanto é saber negociar aquilo que possui por aquilo de que precisa. Fazemos isso o tempo todo.

Por exemplo, precisamos de dinheiro. Por isso, a maioria de nós está disposta a vender o seu tempo e sua força em troca de dinheiro. Com o dinheiro em mãos, passamos a trocá-lo por outros objetos de desejo ou necessidade; sejam roupas, carros, casas, comida ou o que quer que seja. Em cada uma dessas transações, do outro lado há alguém vendendo algo que possui para adquirir, com aquilo que receber em troca, objetos de seu próprio desejo ou necessidade. Esse ciclo é praticamente interminável.

Em uma sociedade assim (e foi isso que fez a prosperidade do mundo ocidental) o preço é definido pela quantidade de determinado produto ou serviço disponível e pela quantidade de pessoas querendo comprá-lo. Quanto mais escasso o produto, maior o seu preço; quanto menos escasso, menor o seu preço.

Se determinado produto ou serviço não agrada aos compradores, o seu dono certamente irá à falência. Caso contrário, se o produto ou serviço cai no gosto dos consumidores, quem vende está a caminho de prosperar. No fim das contas o consumidor determina quem enriquece e quem empobrece. Todas as nações ricas, enriqueceram protegendo a propriedade privada e oferecendo segurança jurídica para as trocas voluntárias.

**O caminho da prosperidade passa inescapavelmente pela liberdade econômica**, pautada em transações voluntárias que têm como pano de fundo a confiança entre os contratantes e a proteção do Estado à propriedade privada.

Aqui estão escondidos valores preciosos, que parecem ter sido esquecidos ao longo do tempo: trabalho duro, mérito, perseverança, produtividade, responsabilidade, excelência, inovação.

Foi a ética judaico-cristã – sim, a ética do trabalho! – que começou a mudar as coisas para a espécie humana. A Igreja Católica tem relevância enorme; grandes e inovadoras cidades europeias foram construídas ao redor de seus templos e foi por meio dela que surgiram as primeiras Universidades. Mas, há um elemento da história que parece ter mudado o curso da humanidade: a Reforma Protestante.

A partir da Reforma, grande parte dos cristãos passou a entender que não era pecado prosperar por meio do trabalho e isso mudou drasticamente as coisas. O esforço perseverante trouxe resultados enormes e, sobre fundamentos sólidos, avançamos à Revolução Industrial.

Pessoas deixaram a miséria por mérito próprio, assumindo a responsabilidade pelas suas escolhas e respectivas consequências, o trabalho inovador e a perseverança para transformar ideias em realidade aumentou a excelência com que tudo passou a ser produzido. O resultado disso todos nós podemos ver ao nosso redor. Se há 200 anos quem tinha um banheiro em casa era rico, hoje quase todos temos acesso a um computador contido em um celular. O impensável aconteceu: as televisões foram superadas por telas menores, por meio das quais todos podem ter acesso ao mundo inteiro!

É nesse contexto em que a propriedade privada é respeitada, em que a liberdade dos indivíduos é inegociável e em que cada ser humano é responsável pelas suas próprias escolhas, que a prosperidade aparece.

Em um ambiente assim, a riqueza está ao alcance de todos; em um ambiente assim, a escassez é destruída e até quem se considera pobre em comparação com os outros vive como viviam os lordes e nobres até há bem pouco tempo (com banheiro, televisão e celular!).

## Riqueza

Para encerrar este pequeno ensaio, vou compartilhar alguns dos princípios que reputo mais importantes para a obtenção de riqueza. São aspectos práticos, que podem transformar nossas vidas.

Observem, meus amigos, nenhum deles está atrelado a qualquer conduta ativa do Estado ou vinculado ao favor de qualquer político.

Antes de tudo, devo lembrar que a riqueza é algo bom, se construída sobre os valores éticos e morais corretos. O dinheiro, em si próprio, é apenas isso: dinheiro. Nós não devemos passar a vida sendo controlados por ele; ao contrário, nós devemos controlá-lo.

Não gaste sua vida e sua energia com a intenção de ficar rico, mas trabalhe duro e com motivação, sabendo que a consequência natural na vida de quem o faz é ser seguido por níveis cada vez mais altos de prosperidade e riqueza.

Grande parte dos pensamentos que vou expor neste último tópico foram extraídos de palestras e livros de Kris Valloton, um pastor americano que dedica sua vida a transformar a mentalidade de pessoas ao redor do mundo.

Sugiro que você separe um tempo para ouvi-lo e ler a sua obra, em especial o livro “Pobreza, Riqueza e Prosperidade”. Este trecho final do capítulo é extraído dele; tem mudado a minha vida, espero que mude a sua também.

Acredito que existam algumas **regras não publicizadas no caminho da riqueza**. A primeira delas é: **cumpra as expectativas**. Pense no *McDonald's*. O segredo do sucesso deles não é o sanduíche que fazem, o molho que acompanha cada hambúrguer ou a forma como fritam as suas batatas. Na verdade, é bem possível que haja muitos sanduíches, molhos e batatas fritas bem melhores dos que os deles. Eu tenho amigos que fazem sanduíches mais gostosos do que qualquer um do *McDonald's*. Mas, por que eles não estão ricos?

Talvez as pessoas não vão ao *McDonald's* por causa da qualidade da comida. Suponho que elas vão até lá porque receberão exatamente o que esperam! Ainda que não seja o melhor sanduíche do mundo, todos sabemos o que esperar: atendimento rápido, entrega do lanche em menos de 5 minutos, comida dentro do padrão. Resultado: todos (ou quase todos) vão ao *McDonald's*.

O que quero dizer é que negócios prósperos se baseiam em **confiança!** E isso significa que **as expectativas do consumidor serão cumpridas de maneira sólida e permanente ao longo do tempo**. Esse pensamento vale para negócios e vale para a nossa vida, no geral.

Jamais se comprometa com mais do que você pode entregar. O que você tem por hábito na sua vida se torna a forma como você (ou seu negócio) será conhecido. Uma boa publicidade até pode trazer muita gente a você e ou ao seu negócio, mas as pessoas só voltam se houver entregas sólidas e permanentes. Sua reputação vem da repetição das entregas.

Lembre-se, a prosperidade é construída sobre entregas que correspondem às expectativas – entregas sólidas, robustas e permanentes. Quem consegue fazer isso, prospera.

A segunda regra é bastante conhecida, mas muitas vezes ignorada no nosso dia a dia: **tenha bons vizinhos**.

É simples! A melhor casa (ou o melhor negócio) na pior vizinhança é uma péssima ideia. A vizinhança influencia o valor do seu investimento e não há como você aumentar o valor dele (sua casa já é a melhor!). A única forma de você ter bons resultados seria a vizinhança melhorar, o que está completamente fora do seu alcance...

Nesse caso, seria melhor ter a pior casa no melhor bairro. Os vizinhos, pelo simples fato de existirem ao seu redor, aumentariam o valor agregado do seu investimento.

Enquanto escrevo penso em inúmeros empreendimentos que vi serem inaugurados e naufragarem porque estavam localizados na rua ou no bairro errado. Por outro lado, já vi negócios que não teriam o menor potencial de crescimento se tornarem muito lucrativos porque tinham ótimos vizinhos.

Próximo de onde moro, há uma rua com muitos restaurantes bons. O cidadão que passa por ela, pode escolher entre comida chinesa, comida mexicana, comida japonesa, saladas, pizzas, sorvetes e pães especiais. Todo negócio que envolve alimentação e passa a funcionar naquela rua, prospera – dos mais simples aos mais sofisticados. Mas, um dia, alguém resolveu abrir uma loja para vender aquários. Você pode imaginar o que aconteceu... Até pode ser que aqueles fossem os melhores aquários do mundo, mas eles estavam no lugar errado!

O que quero dizer com isso, para finalizar a segunda regra é que talvez seja melhor estar na posição do Viola na seleção brasileira que venceu a Copa do Mundo de 1994 do que ser o Neymar na seleção de 2014.

Mulheres, desculpem-me o exemplo futebolístico. Minha esposa até pediu para eu evitar (ainda mais depois que eu já tinha falado do Flamengo lá no início), mas foi mais forte do que eu...

A terceira regra também é simples: **desista e parta para outra**. Parece até brincadeira, mas é sério. Chega um momento em que é preciso reconhecer que vamos gastar mais dinheiro tentando consertar alguma coisa do que o que a coisa vale.

Muitas vezes colocamos mais dinheiro em um negócio ou objeto por causa do dinheiro que já colocamos antes. Para não perder o que investimos ou gastamos, fazemos mais investimentos ou gastamos mais. E quanto mais cavamos, mais o buraco fica fundo. Pare de cavar. Saia desse ciclo!

Quando eu era jovem, tive uma floricultura. Estive inserido nesse ciclo; colocava mais dinheiro no negócio não por causa do negócio em si, mas em razão do dinheiro que já tinha aportado. Simplesmente, eu não notava que não importava quanto investimento eu e meus sócios fizéssemos, não seria possível salvar o negócio. Foi necessário que um dos sócios – nós éramos 3 – desistisse e arrumasse um emprego para que eu e o outro notássemos que era hora de partir para a próxima.

Saímos do ciclo, paramos de cavar, voltamos a empreender e ambos prosperamos em outros negócios.

**A Esquerda pune empresários, castiga o lucro, reprime a geração de riqueza e destrói a nação ao criar cidadãos dependentes do Estado.**

A quarta regra é relativa ao que conhecemos sobre dinheiro: **estude o dinheiro**. Só é possível enriquecer se entendermos os conceitos relacionados ao dinheiro.

Conceitos sem complexidade podem fazer uma diferença brutal nos resultados de uma empresa e em nossa vida pessoal. Por exemplo, a formação do preço de qualquer produto ou serviço deve ter como base os custos da operação como um todo. Se estipulamos um preço abaixo do custo, quanto mais vendermos, maior será o prejuízo.

Parece bobo, mas inúmeras empresas e famílias vivem de empréstimo em empréstimo porque não sabem quantificar seus custos e adequar preço (ou orçamento) àquela realidade.

Por diferentes razões, nem todas as pessoas estão dispostas a obter conhecimento sobre dinheiro. Estudar toma tempo e nem todo mundo tem tempo disponível. Se você é um desses, não tem problema. Há inúmeras consultorias que podem lhe ajudar. Se você não pode dedicar tempo, dedique recursos financeiros. Isso pode ser a chave para sua riqueza!

Para finalizar, compartilho aquela que penso ser **a regra mais importante**. Ela tem moldado a minha vida desde a infância. Cresci observando meus pais aplicarem essa regra e pude ver a prosperidade no caminho da vida deles. Decidi aplicar na minha própria vida e quando olho ao redor, creio que ela é a chave para todas as outras regras. Ao olhar para minha vida e para minha família, posso dizer, sem medo de errar, que a **generosidade** cria caminhos de prosperidade mesmo onde eles não seriam possíveis.

Não seria possível, para mim, falar sobre generosidade de maneira dissociada da fé cristã que professo.

Por alguma razão, **o Criador de todas as coisas estabeleceu um princípio segundo o qual tudo aquilo que nós plantamos em vida, colhemos**.

O princípio tem validade para tudo na vida. Desde a forma como tratamos as pessoas até o modo e o que fazemos com o nosso dinheiro.

Ao observar o mundo ao meu redor, tenho visto que pessoas que vivem de modo a amar e respeitar o próximo, recebem de volta amor e respeito; que aqueles que decidem doar o seu tempo e sua energia para ajudar os outros, quando estão em situação inversa (a de precisar de ajuda) recebem tempo e energia até mesmo daqueles que nem seriam capazes de imaginar; e assim sucessivamente para tudo quanto há na vida.

Em relação ao dinheiro, não é diferente. A generosidade, isto é, o ato de doar dinheiro ao próximo, de algum modo faz com que o dinheiro volte

para nós em medida maior do que a que doamos. Não há meios racionais para explicar isso, mas o que eu gostaria de propor aqui é que você, leitor, fizesse um teste na sua vida.

Eu fiz quando ainda criança. Decidi que de todo valor que chegasse às minhas mãos eu separaria pelo menos 10% para, de alguma forma, devolver a Deus. Ao longo do tempo o percentual variou, sem nunca ter sido em patamar inferior aos 10%. Tive a oportunidade de ajudar pessoas a completarem os estudos, contribuir com o pagamento de planos de saúde, doar alimentos a quem precisava (sistematicamente e por prazo preestabelecido), pagar aluguéis de quem necessitava (em situações pontuais). Ainda pratico a generosidade de maneira intencional todos os meses de diferentes maneiras e não seria capaz de descrever em palavras o quanto isso me trouxe e me traz de prosperidade.

O meu caminho foi abençoado de maneira que eu sequer poderia imaginar. Estudei em escolas que meus pais não teriam condições de pagar, concluí o ensino superior pagando menos de 25% do valor da mensalidade (recebia bolsas diversas cujo somatório alcançava quase 80% do valor da mensalidade), abri um escritório de advocacia e venci na minha profissão, tornei-me palestrante e somos (eu e minha esposa) sócios de negócios de diferentes ramos.

Em tudo o que eu faço, dou o meu melhor, mas nada teria sido possível sem que o **princípio da generosidade** agisse a meu favor. Carrego comigo a mais absoluta certeza de que, quanto mais eu me disponho a entregar ao próximo parte do que Deus me confiou, mais ele derrama favor sobre a minha vida.

Optei por compartilhar esse pensamento ao final, porque penso que não seria justo tratar de prosperidade e riqueza sem mencionar Aquele que estabelece os parâmetros para sua obtenção e que é, Ele mesmo, a maior riqueza que alguém pode encontrar.

Espero que, no todo ou em parte, este capítulo e este livro sirvam para fazer avançar os princípios corretos em nossa nação e para que encontremos, ainda nesta geração, o caminho da prosperidade!

**Indivíduos prósperos geram família prósperas e, se as famílias forem prósperas, a nação também o será.**

# NINHO DE COBRAS: MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA MULHER

CHRIS TONIETTO

Os movimentos revolucionários, principalmente aqueles que ganharam força no século XX e que, já no atual século, promoveram uma brusca mudança cultural na maior parte do mundo, sob o argumento de que visam ao progresso da sociedade, na realidade, buscam forçá-la a adotar novos padrões de comportamento, os quais são notadamente nocivos ao verdadeiro progresso social.

Uma grave prova disso é o fato de como o movimento feminista e como a cultura “*woke*” vêm se infiltrando nos mais variados setores da sociedade, desde ambientes de trabalho, grandes corporações, até em escolas que recebem alunos na primeira infância e desde a mais tenra idade.

Atualmente, não parece raro encontrar uma adolescente que se identifique como feminista sem sequer conhecer o âmago desse movimento que, sob o pretexto de lutar pelos direitos das mulheres, promove claramente uma guerra entre os sexos desrespeitando a própria diferença anatômica entre eles.

Na aparência – ou melhor dizendo – na propaganda, diz-se que o feminismo é uma luta pela igualdade de direitos e condições entre homens e mulheres e que é um combate à violência contra a mulher.

Mas será que essa propaganda corresponde à realidade? Será que o feminismo é mesmo essa suposta luta pela paridade salarial, pela igualdade de direitos e que realmente promove o verdadeiro combate à violência contra a mulher?

Da mesma forma, a cultura “*woke*”, com raízes na cultura afro-americana, desde a última década – com a eclosão de movimentos sociais, como *Black Lives Matter*, e com a difusão das mídias digitais – está sendo cada vez mais impregnada de modo preocupante na juventude. Não é de se espantar que, tanto a cultura “*woke*” quanto o movimento feminista, por meio da manipulação semântica e do uso do eufemismo, têm tido êxito na moldagem

do pensamento da juventude e, não raras vezes, até mesmo na corrupção do seu caráter.

No que diz respeito ao movimento feminista, a **primeira onda**, surgida no século XIX, reivindicava, em síntese, a suposta educação igualitária, o sufrágio universal e a inserção no mercado de trabalho<sup>1</sup>. Nota-se uma flagrante modificação de prioridades, marcadas pela transição entre as suas ditas ondas, já que a **segunda onda** (marcada pela década de 1960 conhecida pelo avanço da chamada “revolução sexual”) já pleiteava, além da “liberdade sexual” (promiscuidade e irresponsabilidade), o pretense “direito” ao aborto, tratado muitas vezes como “planejamento familiar” com a intenção de camuflar seu intento.

Se, por um lado, a primeira onda feminista foi motivada pela luta pelos direitos civis e políticos, a segunda onda, por seu turno, terminou em débito com a humanidade, uma vez que deu oportunidade a um sem número de abortos, divórcios e até mesmo a um aumento no número de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)<sup>2</sup> considerando a revolução sexual que culminou no sexo sem compromisso, na animalização das relações sexuais e da objetificação da própria mulher – ainda que, para muitas, de forma inconsciente.

Em suma, com a **segunda onda feminista** (representada principalmente por Betty Friedan, Kate Millet e Shulamith Firestone), suas promotoras aderiram fielmente à revolução (de viés marxista), pois se insurgiram abertamente contra os valores cristãos, pregaram o sexo livre e indiscriminado, o uso de preservativos e de anticoncepcionais, e, por conseguinte, declararam guerra à família e ao tradicional papel da mulher na sociedade, como, por exemplo, ser mãe e cuidar de seu lar. Mal sabiam essas mulheres que estavam sendo utilizadas como “massa de manobra”, já que atendiam aos interesses de homens e corporações metacapitalistas que visavam, desde aquela época, o controle populacional, ou seja: as feministas foram (e ainda são) subservientes a uma agenda de poder.

**A legislação pátria atualmente em vigor não propõe qualquer hipótese de relativização do direito à vida, persistindo, pois, seu caráter de inviolabilidade e, por conseguinte, não comportando nenhuma exceção.**

1 CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo: Perversão e Subversão**. 1. ed. Campinas: Vide Editorial, 2019. 75-76 p.

2 Atualmente, a terminologia adotada para se referir a DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) é ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) – Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST – Ministério da Saúde – Acesso: 26/02/2025.

Um dos objetivos da segunda onda era o combate à chamada “ditadura do biologismo”, segundo a qual a mulher precisaria se libertar da “prisão” da sua biologia que estava associada à maternidade, ou seja, para as citadas feministas a maternidade seria encarada como uma escravidão e um fardo para a mulher e, por isso, ela precisaria se libertar.

No que se refere à **terceira onda do movimento feminista**, percebe-se o protagonismo de Judith Butler que escreveu “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade”, no qual pavimentava o caminho da ideologia de gênero, que é o rosto do feminismo radical.

Nota-se, nessa vertente, ainda, uma expressiva influência da feminista Simone de Beauvoir, que, em sua obra (infelizmente) difundida mundialmente “O Segundo Sexo”, defendia que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”<sup>3</sup>.

Essa terceira onda é eminentemente ocupada por feministas militantes de fato, que não hesitam em se manifestar, muitas vezes, de modo grotesco – para dizer o mínimo –, a fim de serem notadas. Por vezes, arrancam suas vestes<sup>4</sup>, realizam performances horripilantes simulando abortos<sup>5</sup>, praticam atos libidinosos publicamente, agem com intolerância e desrespeito<sup>6</sup>.

Hoje as feministas têm se valido bastante do ambiente digital para promover suas ideias, lançam obras literárias – inclusive para o público infantil<sup>7</sup> –, organizam manifestações para defender suas pautas ou para repudiar pautas contrárias a seus interesses (entenda-se: abortar)<sup>8</sup>. Estão cada vez mais organizadas, têm suas ONGs<sup>9</sup>, seus sites<sup>10</sup>, seus periódicos<sup>11</sup> e muitas dessas organizações recebem até financiamento internacional. Fazem levantamentos arrojados sobre indivíduos que vão de encontro às suas “lutas”<sup>12,13</sup>, realizam

3 BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: A Experiência Vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. 9 p. v. 2.

4 'Nas ruas não me sinto respeitada', diz mulher nua na Marcha das Vadias – Acesso: 27/02/2025.

5 G1 – Ativista do Femen simula aborto em igreja de Paris – notícias em Mundo – Acesso: 27/02/2025.

6 Performance feminista é interpretada como “ritual satânico” | Revista Fórum – Acesso: 27/02/2025.

7 [RESENHA] PARA EDUCAR CRIANÇAS FEMINISTAS: UM MANIFESTO – Literatura – Acesso: 27/02/2025.

8 Copacabana tem manifestação contra o PL que equipara aborto a homicídio | Rio de Janeiro | G1 – Acesso: 27/02/2025.

9 Ex: Vamos Juntas, Instituto Patrícia Galvão, Mulheres Negras Decidem.

10 Ex: Think Olga, RENFA, AzMina, Sempreviva Organização Feminista, Portal Catarinas.

11 Ex: Revista Estudos Feministas.

12 Políticos radicais lucram com cursos desinformativos sobre aborto – Acesso: 27/02/2025.

13 Antifeminismo como identidade política: o caso da deputada Chris Tonietto | Plural – Acesso: 27/02/2025.

assassinatos de reputações e, em alguns casos, ainda oferecem substâncias abortivas e auxílio no êxito de abortos<sup>14</sup>, por meio de plataformas de mídias digitais.

**O feminismo tem moldado gerações.** É muito comum ver meninas bradando que não pretendem se casar ou constituir família, que são contra relacionamentos monogâmicos, que são a favor do aborto e que permanecem na (pretensa) luta para conquistarem os mesmos direitos dos homens. Esta é mais uma falácia do movimento, pois a grande maioria dos países do mundo, já preveem, em seus respectivos ordenamentos jurídicos, os mesmos direitos aos homens e às mulheres. É o caso do art. 5º, inciso I, da Constituição Federal que trata da igualdade material ao dizer que “*homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição*”<sup>15</sup>.

O germe feminista hoje parece povoar e influenciar a mente não só das mulheres, mas da sociedade como um todo, desde o médico que prega o aborto e a “antinatalidade”, ao pai que estimula a filha para usar preservativo e anticoncepcionais para não engravidar, mas que se abstém de orientá-la sobre os benefícios de se construir uma família de maneira estruturada e no tempo adequado, sob a alegação de que “os tempos são outros”.

Ainda no que diz respeito ao avanço do feminismo no mundo, há que se comentar sobre as iniciativas do movimento que produziram efeitos nocivos à sociedade para além do âmbito comportamental, a exemplo da luta pela legalização do aborto, que hoje vem ser a pauta prioritária de defesa pelas feministas, numa completa demonstração de desprezo pelo direito à vida desde a concepção e à dignidade da pessoa humana.

Assim aconteceu na Argentina, na Colômbia, no México e no Uruguai, por exemplo. Nos Estados Unidos, temos o emblemático caso judicial “*Roe vs. Wade*”, no qual Jane Roe, pseudônimo de Norma McCorvey, uma jovem mulher, grávida de seu terceiro filho, valeu-se de uma mentira<sup>16</sup>, em 1969, no sentido de que teria sido vítima de estupro, a fim de pleitear o seu “direito” de abortar aquele filho.

No fim das contas, Norma deu à luz a seu filho e o encaminhou para a adoção. Contudo, foi por conta da judicialização desse caso que, em 1973, a Suprema Corte dos EUA julgou o recurso de Norma e decidiu que “o direito de a mulher interromper sua gravidez era protegido pela Constituição”.

---

14 Nem Presa Nem Morta (@nempresanemmorta) • Fotos e vídeos do Instagram – Acesso: 27/02/2025.

15 Disponível em: Constituição. Acesso em: 26/03/2025.

16 Disponível em: Morre Norma McCorvey – Pró-Vida de Anápolis. Acesso em: 26/03/2025

Mais recentemente, em 2022, a mesma Suprema Corte dos Estados Unidos derrubou a decisão de 1973, em uma sentença histórica que considerou que a Constituição norte-americana não faz qualquer referência ao aborto, não sendo sequer implicitamente protegido.

No Brasil, o direito à vida é garantido na Constituição Federal, em seu artigo 5º, caput, que estabelece, como um dos seus princípios basilares, a sua inviolabilidade.

Em igual sentido, o Código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406/2002) dispõe, em seu artigo 2º, que “*a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro*”.

Da mesma forma, determina o artigo 7º do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) que “*a criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que **permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência***”, ou seja, **a legislação pátria atualmente em vigor não propõe qualquer hipótese de relativização do direito à vida, persistindo, pois, seu caráter de inviolabilidade e, por conseguinte, não comportando nenhuma exceção.**

No Direito Penal, por exemplo, quando há dúvida quanto à inocência de uma pessoa, aplica-se o princípio do *in dubio pro reo* (*na dúvida, para o réu*). Então, por analogia, se, em situação hipotética, houvesse dúvida sobre o início da vida, jamais lhe seria permitido conceber o direito de matar, mas deveria ser aplicado o *in dubio pro nascituro* (*na dúvida, para o nascituro*).

**Ocorre que não há dúvida quanto ao marco inicial da vida humana que, por evidência científica, começa na concepção. Portanto, ao legislador cabe acompanhar o que a ciência atesta sobre o início da vida humana para a garantia de sua proteção integral.**

Nos artigos 124 a 127 do Código Penal, resta tipificado o crime de aborto que está dentro do Título I da sua Parte Especial, a qual versa sobre os crimes contra a pessoa e, da mesma maneira, está dentro do Capítulo I que trata dos crimes contra a vida.

Sendo assim, não pairam quaisquer dúvidas de que, desde o advento do Código Penal em 1940, o próprio legislador sempre considerou o nascituro como pessoa humana.

Ademais, o Pacto de San José da Costa Rica, celebrado em decorrência da Conferência Americana sobre Direitos Humanos, realizada em novembro de 1969 e tendo sido ratificado pelo Brasil em 1992, cujo teor inspirou nossa Carta Magna, sendo o nosso País dele signatário, assegura que

*“toda pessoa tem o direito de que se respeite sua vida. Esse direito deve ser protegido pela lei e, em geral”<sup>17</sup>, desde o momento da concepção. Ninguém pode ser privado da vida arbitrariamente”* (art. 4º, n. 1).

E mais ainda, em seu artigo 3º: *“toda pessoa (ou seja, todo ser humano para os efeitos da Convenção – art. 1º, n. 2) tem direito ao reconhecimento de sua personalidade jurídica.*

Note-se que o direito de ser reconhecido como pessoa é dado a todo ser humano, sem distinção da vida intra ou extrauterina.

Se o nascituro é pessoa, e isso foi declarado por uma Convenção que tem status supralegal, estando abaixo da Constituição, porém acima da legislação interna (acórdão do RE 349703/RS, publicado em 05/06/2009), segue-se que **não há lugar no Brasil para nenhum “aborto legal”, tratando-se esse binômio de falacioso.**

Ocorre que, infelizmente, o art. 128 do Código Penal, em grande medida, tem sido utilizado como motor da cultura da morte no Brasil.

Isso porque o art. 128 trata dos casos de gravidez resultante de estupro e dos casos de risco de morte para a gestante, situações em que o aborto não é punido, pois abarcado pelas escusas absolutórias.

Uma simples leitura atenta desse dispositivo legal (art. 128 do Código Penal) bastaria para concluir que **nele não está contido um “direito de abortar”, mas tão-somente uma não aplicação da pena após o fato já consumado.**

A expressão “não se pune”, que inicia o caput do artigo, não nos permite ir além. Eis o que ensina o Desembargador Ricardo Dip<sup>18</sup>:

*“Está a cuidar-se das chamadas escusas absolutórias, causas que, excluindo a pena, deixam subsistir, contudo, o caráter delitivo do ato a que ela se relaciona”.*

**Seguimos na esperança de que um dia toda sociedade desperte para os malefícios de toda essa agenda revolucionária que subverte a natureza humana e instrumentaliza pessoas e grupos a fim de implementar uma agenda de poder.**

17 A cláusula *em geral* só pode ser interpretada como generalização e não como excepcionalização. Pois se todo ser humano é pessoa (cf. art. 3º), não pode haver ser humano sem direito à vida.

18 Ricardo Henry Marques DIP. Uma questão biojurídica atual: a autorização judicial de aborto eugenésico: alvará para matar. Revista dos Tribunais, dez. 1996. p. 531.

No mesmo sentido leciona Walter Moraes<sup>19</sup>: “*Quanto ao aborto, a lei diz ‘não se pune’. Suprime a pena. Fica o crime*”.

É o que diz ainda Maria Helena Diniz<sup>20</sup>, *in verbis*:

*“O art. 128, I e II, do Código Penal está apenas autorizando o órgão julgante a não punir o crime configurado, por eximir da sanção o médico que efetuar prática abortiva para salvar a vida da gestante ou para interromper gestação resultante do estupro. Tal isenção não elimina o delito, nem retira a ilicitude da ação danosa praticada. Suprimida está a pena, mas fica o crime”.*

Destarte, resta patente que **o art. 128 do Código Penal não trata de “aborto legal” como muitos vociferam, mas trata apenas das chamadas escusas absolutórias (excludentes de punibilidade)**, isto é, o aborto nas hipóteses previstas nesse citado dispositivo legal não é punido, mas não há um incentivo à prática, tampouco a configuração de um “direito de abortar”.

Entretanto, a partir da interpretação subjetiva desse dispositivo tem havido inúmeras tentativas de legalização dessa prática nefasta, as quais geralmente são capitaneadas por associações ocupadas por feministas e que recebem financiamentos de organismos internacionais.

É o caso do Anis – Instituto de Bioética, que teve papel fundamental na descriminalização do aborto em caso de anencefalia, decorrente da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 54, protocolada em 2004 pelo coletivo.

O mesmo instituto, já no ano de 2017, apresentou-se como liderança estratégica na ADPF 442, que tramita perante o Supremo Tribunal Federal e objetiva a descriminalização do aborto até a 12<sup>a</sup> semana de gestação<sup>21</sup>.

O *modus operandi* do movimento costuma seguir um padrão que consiste no uso de eufemismos e falácias, de modo que o termo “aborto” corriqueiramente vem sendo substituído ou até mesmo suavizado na linguagem, por “atenção à saúde da mulher”, “saúde integral da mulher”, “planejamento familiar”, “planejamento reprodutivo”, “justiça reprodutiva” e tantas outras expressões cunhadas para levarem muitos ao erro.

19 Walter MORAES, O problema da autorização judicial para o aborto. Revista de Jurisprudência do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, mar./abr. 1986. p. 21

20 Maria Helena DINIZ, O estado atual do biodireito, 2. ed. aum. e atual. de acordo com o novo Código Civil (Lei 10.406, de 10-01-2002). São Paulo: Saraiva, 2002, p. 56.

21 ADPF apresentada pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Fase atual: autos conclusos ao Relator, Ministro Flávio Dino, 30/05/2024 – Supremo Tribunal Federal – Acesso: 26/02/2025.

Da mesma forma, o movimento se blinda em **falsas justificativas** no sentido de que, entre os militantes da causa “ninguém é a favor do aborto, mas sim do direito de realizá-lo”, “que é pela vida das mulheres, que morrem aos montes a realizarem abortos clandestinamente”, “que são os homens que fazem as leis que prejudicam os direitos das mulheres”, “meu corpo, minhas regras”, dentre outros subterfúgios que são repetidas mundo afora.

Vemos, por todo o exposto, uma profunda desordem social, hoje também agravada pela submissão à cultura “*woke*”, que tem adentrado paulatinamente nos ambientes acadêmicos e influenciado a cultura em geral.

Ainda no que se refere à cultura “*woke*”, hoje tem-se uma priorização e ampliação de grupos, taxados de vulneráveis, de modo que praticamente não restam outros indivíduos fora desse rol, ou seja, na medida em que todos passam a ser prioridade, faz-se que ninguém seja prioridade.

**Logo, essa ideia de setorizar a sociedade para dividi-la só satisfaz ao ideário marxista que promove uma espécie de luta de classes na cultura, estimulando, ainda que tacitamente, os antagonismos sociais e políticos, inclusive.**

Desta feita, todas essas agendas ideológicas corrompem a sociedade, sempre mascarando suas reais intenções, o que permite que muitos de seus adeptos sejam enganados e acreditem estar fazendo parte de algo realmente necessário para a conquista de uma posição de relevo para a mulher perante uma sociedade “desigual e opressora”.

Conclui-se, pois, que o movimento feminista não tem a ver com a defesa dos direitos das mulheres, ou com sua igualdade perante os homens, ou mesmo com sua liberdade, bem-estar ou dignidade. Trata-se, meramente, de uma agenda nefasta de poder que serve, como dito anteriormente, aos interesses de organismos internacionais geralmente comandados, inclusive, por homens milionários e metacapitalistas.

**Seguimos na esperança de que um dia toda sociedade desperte para os malefícios de toda essa agenda revolucionária que subverte a natureza humana e instrumentaliza pessoas e grupos a fim de implementar uma agenda de poder.**

Roguemos para que um dia toda mulher se dê conta do milagre que é a vida, a maternidade, o fato de sentir um singelo chute de um pequeno ser que cresce no seu ventre. Neste dia, provavelmente, o aborto será algo impensável...

## I POR FALAR EM ABORTO...

JEAN MARIE LAMBERT

— **S**abe, Joana... sempre que escuto alguém defender a legalização do aborto, eu fico pensando que essa pessoa não estaria pregando essas coisas neste mundo, se tivesse sido abortado nos primeiros momentos de vida.

– Se a mãe dele tivesse feito o que ele pretende liberar agora? É o que você quer dizer?

– Exatamente. Não estaria vivo hoje, metido em militância abortista, a depender de uma mãe do mesmo gabarito ideológico... porque estaria morto. Logo, não andaria por aqui falando asneiras.

– Verdade! Um aborto no segundo, terceiro ou quarto mês de gestação... e ele nem estaria aqui, contando as vantagens da tragédia. É uma evidência.

– Justo, Joana. E o fato revela uma nítida continuidade de vida entre ele e a criança que ele mesmo foi algum dia na barriga materna. Correto?

– Sem dúvida. É a mesma pessoa em fases distintas da existência ... que ele acha normal matar agora!

– Não precisa filosofar muito para entender isso, porque é óbvio. É o que entende de cara quem se pautar pelo que se costumava chamar de bom senso.

– E um aborto na primeira semana ou no primeiro dia de gestação daria na mesma. Porque o contrário seria o mesmo que morrer no útero, para voltar dos mortos na idade adulta.

– Pior! Mesma coisa, inclusive, com um aborto no primeiro segundo da gestação... ou no primeiro milésimo de segundo.

– Bingo, Joana! O que prova sem apelo que a vida começa na concepção.

– Com certeza!

– E a gente não fala de abóbora ou borboleta. Concorda? Não estamos tratando de bicho ou de planta. O que está em jogo é um ser humano. Logo, matar é assassinato. No útero ou depois, do mesmo jeito.

– Assim mesmo, tem mulher reivindicando o direito de matar o próprio filho. Há gente pedindo para liberar o infanticídio...

– Ou o genocídio, conforme a escala. Porque, de certa forma, somos todos abortos frustrados.

– Então, descriminalizar o aborto equivale a legalizar o genocídio!

– Perfeito. **Inclusive, “meu corpo minhas regras” é uma imbecilidade profunda. Mulher não tem duas cabeças, quatro braços e quatro pernas! Trata-se de outro corpo e de outra vida... que ela tem o privilégio de hospedar, sem ter o direito de eliminar.**

– Exatamente. Essa vida é de Deus. Não dela, com certeza.

– Ninguém pode matar ninguém, alegando fazer as próprias regras. O corpo da mulher é obra de Deus, Joana. Ele é Quem fez as regras, e elas estão inscritas na ordem das coisas. São da natureza, e cabe a todos respeitá-las.

– A não ser que se queira escutar o diabo para repensar a criação por conta própria...

– E é bem o que faz o movimento abortista. Mas a boa notícia é que não inventamos essa maldade toda, pois nada disso emana do Brasil profundo.

– Vem tudo de fora. Não é mesmo?

– Absolutamente tudo, Joana. Faz parte de um fenômeno de colonização cultural ... de uma forma de imperialismo que a ciência política chama de globalismo.

– Hummm!

– Sempre vem a reboque da diversidade sexual. Porque quem quiser massificar uma ideologia tem que falar de impulsos primários... coisa que todo mundo entende. Percebe?

– Sim. Não precisa ser PhD em física nuclear para saber o que é sexo.

– Justamente. É uma coisa que está ao alcance do mais raso intelecto. Então, é fácil achar quem dê ouvidos. É por isso que essa doutrinação penetra primeiro abaixo da linha de cintura para, depois, atacar o cérebro.

– Faz sentido.

– Com certeza. Você já ouviu falar da Escola de Frankfurt?

– Não.

– Então, grava esse nome, porque tem muito a ver com as insanidades que atropelam sua vida agora.

– Mas o que é essa Escola?

– Bem. Foi basicamente um grupo de pensadores marxistas, que funcionou como gatilho acadêmico da atual degrading moral.

– Ah!

– *Eles queriam fazer a revolução. Percebe? Mas isso não se faz com velhos, evidentemente.*

– *Claro. É preciso mobilizar a juventude.*

– *Isso mesmo. Eles achavam que jovem carece de maturidade intelectual para conversa sofisticada. Mas sabiam que gosta de sexo. Logo, era só propor o libera geral e deixar o resto acontecer sozinho.*

– *Então, amor livre, parada gay... não é por acaso...*

– *Não mesmo. É um cálculo... uma estratégia de longo fôlego, com a ONU na frente. Mas  **você precisa entender que é um sistema em que cada parte puxa a outra: começa com LGBTismo... vai para o feminismo... o antipatriarcalismo... antinatalismo... negrismo... indigenismo... transgenerismo... ambientalismo... sanitatismo... veganismo... climatismo...***

– *Muitos ismos!!! Kkkk...*

– *Realmente. Mas no fim do circuito, você cai no que eles chamam de “ecologismo profundo”. E, nesse ponto, a mente já fez a conversão. Já trocou o Pai Nosso pela Mãe Terra... por Gaia... pela Deusa Natureza... ou seja como quiser chamar o bezerro de ouro... mas você voltou para essa forma de paganismo.*

– *Quer dizer que é uma religião?*

– *Sim. Que sustenta um projeto de poder planetário. E que acha expressão encíclica na Agenda 2030 da ONU.*

– *Então, estamos sendo recolonizados...*

– *Sem dúvida. Como lhe disse, todo esse pacote vem de fora. Estamos importando um referencial ideológico incubado nas universidades americanas e europeias para difusão periférica via organismos internacionais.*

– *Humm!*

– *Pega todo esse quebra-cabeça ideológico e tenta achar um só e único conceito que brotou daqui para projeção lá fora. Você não vai achar, porque não há. É sempre de lá para cá. Nunca de cá para lá. É uma transmissão unidirecional de modelos.*

– *Pior que é mesmo! O Brasil é receptáculo passivo. Nunca inventou uma vírgula daquilo tudo. Está só papagaiando.*

– *Exato. E não falta índio com diploma de sociologia, etnologia, antropologia ou arrotologia para vender a alma em troca de espelinhos.*

– *O abortismo faz parte disso?*

– *Sim. Eis aonde queria chegar. Essa peça se deve à dinastia Rockefeller.*

– *Os magnatas do petróleo?*

– *Precisamente.*

- *Mas o que queriam com isso!?*
- *Essa é a questão de um milhão de dólares, menina. Mas – para resumir – essa turma vive assombrada com as taxas de natalidade da África, da Ásia e da América Latina.*
- *A população mundial está crescendo além da conta?*
- *Para os gostos deles, sim. E eles alimentam o receio de submersão demográfica pelo Terceiro Mundo.*
- *Tipo... uma psicose das invasões bárbaras?*
- *Por aí, Joana. Por isso, esse antinatalismo exacerbado...*
- *Aaah!*
- *Você já ouviu falar de Thomas Malthus?*
- *Não.*
- *Foi um religioso inglês que viveu numa época bem conturbada da Grã-Bretanha. Era o início da Revolução Industrial, que começou basicamente pelo setor têxtil...*
- *Com a invenção do tear mecânico. Não é?*
- *Justamente. E era preciso criar carneiro para produzir lã. O que exigia pastos. Mas isso implicava expulsar os camponeses da terra. Entende?*
- *Mais ou menos...*
- *Ok. Deixa eu lhe explicar. Na Idade Média, o senhor feudal tinha poderes extensos, mas não podia dispor da terra por compra e venda.*
- *Não é ele quem mandava?*
- *Sim. Mas não existia propriedade privada sobre a terra. Não havia mercado imobiliário. E ninguém podia ser despejado como hoje em dia. O servo tinha um direito sagrado à gleba.*
- *Logo, não havia sem-terra.*
- *Isso. O pobre era pobre, mas tinha um pedaço de chão para garantir a própria subsistência.*
- *E é esse consenso que a burguesia em ascensão veio quebrar naquela hora?*
- *Justo. Burguês comprava, nobre vendia e pobre perdia o meio de vida, para virar assaltante na estrada.*
- *Então, havia violência.*
- *E muita insegurança. Aí, os ricos buscavam uma explicação. Eles queriam diagnosticar o mal para reagir de forma adequada. Mas não podiam admitir a própria culpa. Então, Malthus veio resolver o dilema.*
- *Mas como?*

– *Abastado não tem responsabilidade na crise, nem precisa mudar de conduta – disse ele. A culpa é dos pobres que não param de fazer filhos. Eles se multiplicam que nem coelhos. A população cresce muito mais que a produção. Nem há como alimentar tantas bocas. Aí, todo mundo briga por migalhas. Então, tem que parar de nascer!*

– *Prático! Porque quem não nasce, também não come nem briga. Kkkk...*

– *No fundo, é o que Malthus dizia. E escreveu um livro para disfarçar esse simplismo em “ciência”.*

– *Deve ter feito sucesso. Porque tirava a culpa dos poderosos.*

– *Sem dúvida. Tem um mercado de ideias, como existe um mercado de panelas. Intelectual produz teorias em função da demanda, como industrial fabrica utensílios de cozinha.*

– *Então, a classe hegemônica queria comprar uma boa consciência, e Malthus foi quem vendeu a terapia!*

– *Mais ou menos, Joana. Corriam interpretações mais corretas, mas pobre não tinha dinheiro para bancá-las. Consequentemente...*

– *É. Quem paga o sanfoneiro é quem escolhe a música. Mas por que você me conta esse caso agora?*

– *Porque a ideia voltou hoje em formato neomalthusiano, inspirado por um panorama internacional similar à paisagem social inglesa do século XIX.*

– *Como assim?*

– *Bem. O globalismo organiza sistematicamente o confisco da renda mundial em favor de alguns polos privilegiados e em detrimento do resto. Entende?*

– *Logo, é um sistema que produz muitos pobres e poucos ricos.*

– *Sim. O grande beneficiário é o segmento financeiro. O capital transnacional que não tem pátria nem bandeira. Ou os bancos, se você quiser simplificar.*

– *Humm!*

– *Mas há alguns Estados poderosos que funcionam como cães de guarda. O que resulta em lubrificação financeira mais generosa de certos mercados.*

– *Isso talvez explique em muito o desenvolvimento de um lado e o subdesenvolvimento, do outro?*

– *Menina... dessa vez, você acertou em cheio. **E uma configuração dessas só se sustenta com uma dose cavalariça de distração ideológica. O que explica a engenharia cultural dos últimos anos, a doutrinação escolar, a idiotização das universidades..***

– Claro. Enquanto a academia debater a cidadania sexual e os direitos transgêneros, ninguém jamais vai entender nada, nem contestar qualquer coisa.

– É o esforço produtivo pátrio vai seguir produzindo dividendo nas bolsas de valores do mundo para enriquecer outros... em vez de virar estradas, pontes, hospitais, escolas, indústrias e bem-estar aqui em casa.

– Ah!

– É coisa que merece um curso completo, Joana. O sistema monetário... a natureza do dólar... o poder dos bancos. É matéria para encher um caminhão de livros. Mas, na necessidade de ter que evocar o fenômeno em duas linhas, eu diria que, numa canetada do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil fica 10 bilhões de dólares mais pobre a prazo... para outros lá fora ficarem 10 bilhões de dólares mais ricos.

– E são os mesmos 10 bilhões que passam de um para outro?

– De certa forma, sim. E não porque trabalhamos menos ou porque eles trabalham mais... mas antes porque eles controlam a caneta.

– Então, não é trabalhando que se fica rico no globalismo?

– Não totalmente, Joana. É antes mandando nos organismos que mandam no mundo. Na hora de produzir, todos são chamados. Francês, brasileiro, sul-africano... todos suam a camisa. Mas, na hora de distribuir, é antes quem tem posição hegemônica no FMI, no Banco Mundial ou na Organização Mundial do Comércio que puxa para seu lado.

– Se entendi bem, o Brasil é um tanque furado? Produz, produz, produz... mas não prospera, porque o sistema capitaliza nosso trabalho noutras bandas.

– Olha. Estou sendo excessivo por razões didáticas. Os economistas que me perdoem a caricatura. Mas, por mais simplista, minha colocação não está errada, pois ela aponta para uma dimensão real da mecânica. – Ou seja... no fundo, é isso que acontece por trás do espelho.

– Exato. As mazelas condensadas no conceito de subdesenvolvimento plantam raiz numa perversa divisão da renda internacional. Mas, não querendo aceitar essa razão, rico diz que a culpa é dos pobres que se reproduzem demais.

**Você precisa entender que é um sistema em que cada parte puxa a outra: começa com LGBTismo... vai para o feminismo... o antipatriarcalismo... antinatalismo... negrismo... indigenismo... transgenerismo... ambientalismo... sanitário... veganismo... climatismo...**

- *Então, têm que parar de fazer filhos?*
- *Especialmente nos países em desenvolvimento. É até recomendável manejar a natalidade no Primeiro Mundo. Mas prole numerosa na França ou nos Estados Unidos não é visto tão mal.*
- *Então, o problema está nos periféricos?*
- *Essencialmente, Joana. Há resquícios de eugenia no fundo desse pensamento.*
- *Eles pensam que tem gente melhor e gente pior?*
- *Sim. É um sentimento que move as políticas antinatalistas de Washington ou Bruxelas para as nações em desenvolvimento: procriar é mais problemático aqui do que lá.*
- *Uau! Isso, não sabia...*
- *Só para você ter ideia, eu fiz tudo errado. Porque me multipliquei cinco vezes. Mas, no Brasil! Em vez de fazer filhos na Bélgica – onde estaria meio perdoado – saí da minha terra natal para vir fazê-los aqui, como quem não tá nem aí!*
- *Kkk...*
- *Mas se continuarem enchendo minha paciência, vou fazer mais cinco. De pirraça. E na Etiópia, por cima.*
- *Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk...*
- *A isso se soma o medo de faltar matéria prima. Você já ouviu falar de Henry Kissinger, imagino.*
- *Sim. Ele dominou a diplomacia americana durante décadas. Correto?*
- *Isso mesmo. Ele publicou um relatório sobre essa questão em 1974.*
- *E?*
- *O que o texto fala é que você, Joana, não devia ter nascido. Mas já que aconteceu, é para aquietar e não insistir em ter filho. Maneira de limitar o estrago. Porque, do contrário, não vai haver recursos naturais para os outros.*
- *Mas isso é conversa antiga.*
- *Sim. Mas tem novidade. Você também tem que frear o desenvolvimento. Porque, se a população crescer e se todos começam a consumir que nem californiano, não vai sobrar para todo mundo.*
- *Tipo... se todos passam a queimar gasolina como eles, as reservas de petróleo acabam em três anos?*
- *Por aí. Então, não é só a taxa de natalidade que incomoda. Ainda é preciso conter o desenvolvimento periférico em níveis compatíveis com as necessidades do centro.*

– Ah! Essa é a ideia!

– Exato. Logo – citando um exemplo a esmo – é para delimitar territórios indígenas e reservas ambientais que restringem o uso, porque alguém lá fora vai precisar algum dia.

– Humm! Então, não é para triscar nessas áreas?

– Não. A floresta não é mais um bem econômico. É um jardim botânico... ou um zoológico, quando muito. Mas é para deixar quieto. Inclusive, limitando a presença do Estado... da polícia... e até do exército, porque quando gato de casa se ausenta, rato de fora faz a festa e prepara o confisco.

– É aí que entram as ONGs e tudo aquilo?

– Justamente. Mas não é só isso, porque **a Nova Ordem Mundial comporta uma dimensão espiritual. Tem ambição bem além da matéria. Não visa somente redesenhar o mapa intelectual e afetivo. Pretende, ainda, repensar o panorama religioso.**

– Então, eles querem a mente, o coração e a consciência? É uma reforma antropológica geral?

– Isso. Quem dera se tratasse tão só de política. Porque a briga diria respeito a coisas passageiras. Mas o globalismo está de olho em coisa eterna, pois trava uma impiedosa batalha pelas almas.

– Logo, a engenharia cultural em curso é também uma doutrinação espiritual?

– Sem dúvida. A cristandade mergulhou numa guerra de religião que está perdendo, porque não percebeu que está em guerra.

– Humm!

– Um dia lhe conto mais sobre isso. É outro assunto. E meio comprido. Mas você precisa entender que há, por trás disso, um sistema de crenças que diviniza a Terra.

– Ah!

– Como lhe disse, é matéria para outra reflexão. Infelizmente, não consigo contar tudo numa só conversa. Logo, essa parte vai ficar para outro dia. Mas, só para armar a intriga: a Terra transformou-se numa entidade dotada de direitos e de personalidade jurídica... apenas para virar deusa, ao final.

– Então, a Terra é divina?

– Naquele imaginário, sim. Ela é um ser senciente e cognoscente... ou seja, que sente e que conhece... mas com estatuto de divindade.

– Caramba!

– É. Caramba! Como você fala. O que está vindo por aí é uma nova proposta civilizatória.

– E completa!

– Completíssima. Na fé deles, inclusive, o Planeta padece em silêncio ou se vinga em revides cataclísmicos a exemplo das divindades gregas ou dos ídolos babilônicos.

– Entra em colapso ou dá o troco com vulcão, furacão, epidemia e coisas desse tipo?

– Exato. De qualquer forma, a humanidade se lasca. Uma psicose de fim de mundo convenientemente explorada para o controle social. Entende?

– Sim. O medo tende a normalizar a perda de liberdade em troca de proteção e segurança.

– E induz sentimentos... e comportamentos. Só para você ter noção, já tem gente assimilando o parto a um vandalismo ambiental.

– É mesmo?!?

– Sem mentira. Porque o crescimento demográfico mata o Planeta. É uma conversa que corre solta no meio acadêmico.

– Quanto mais diplomas, mais babacas!

– Ou mais intoxicados, talvez. E olha que essa sensibilidade não é tão marginal assim. Escreve “Is having a Baby in 2021 Pure Environmental Vandalism” na Internet para ver. Vai lhe aparecer um artigo da famosa revista Vogue que insinua exatamente isso.

– Vê se pode!

– E é só um exemplo para provar que não estou mentindo. Porque tem muito disso. É um caldo de cultura em preparação. Se a gente bobear, dar à luz vai virar crime!!

– E como a tendência é divinizar a Terra, pode bem virar pecado!

– É o que vai acontecer, se doido continuar mandando. Para aborto virar ato de civismo ecológico ou virtude, é só um passo. Do manicômio para o inferno, a distância é curta. De maneira que é para você ficar atenta às manobras do Supremo, Joana. Porque é bem onde funciona a oficina do diabo.

– É. Eu vi. É a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental -ADPF 442. Não é mesmo?

– Entre outras coisas. E se deixar correr solto, eles vão descriminalizar todo tipo de aborto. Essa ação é apenas o primeiro passo de uma caminhada que outros lá fora vêm percorrendo há décadas. Então, não é para ficar só nisso. Porque é até dois meses... depois, até três... cinco... nove... e, finalmente, até o dia do parto.

– O dedo, a mão, o braço...

– Exatamente isso. Tempos atrás, a deputada da Virgínia, Kathy Tran, sugeriu uma coisa que bem se poderia chamar de aborto pós-parto.

– Uau!

– A proposta permitiria matar a criança no nascimento. É o que ela explica, tentando vender o peixe no legislativo. Veja “Kathy Tran Presents Virginia Third Trimester Abortion Bill in Committee” no Google para convencer-se disso.

– É um retorno à barbárie. São 2.000 anos de avanços para o lixo em 50 anos de delírio!

– Sim. E a ADPF 442 é o gatilho. É o STF abrindo as portas à Nova Ordem Mundial para forjar um Brasil à própria imagem em questão de tempo.

– Agora... por mais que se queira livrar a mulher de responsabilidade, a cegueira ideológica impressiona. Porque há obviamente alguém que morre na estória. Mas não ouvimos nem um pio sobre isso!

– Essa proeza, Joana, o sistema deve aos Rockefellers.

– Humm!

– Exatamente. São eles que estão por trás do antinatalismo e que fabricaram o discurso abortista ora ecoado de pasto universitário em curral mediático e – pior! – do Ministério Público até o Supremo.

– Mas você me deixou entender que essa cultura tem paternidade múltipla. Parece brotar de causas diversas. Não?

– Sim. Você tem razão. Mas a arte de esconder o crime é deles.

– Pode explicar?

– Bem. Em 1952, criaram uma entidade chamada de Conselho Populacional para promover o controle demográfico... eufemisticamente convertido em planejamento familiar, porque planejar soa melhor que controlar.

– Humm! O controle é autoritário, enquanto o planejamento é voluntário. Correto?

– Exato. E entenderam que controle de natalidade baseado em meios químicos ou mecânicos não funciona a longo prazo... e que o verdadeiro laboratório está na cabeça e nos fetos da mulher.

– Ah! Daí, toda essa engenharia cultural feminista dos últimos tempos!

– Isso mesmo, Joana. Perceberam que era preciso desvalorizar e inibir o sentimento materno para tornejar um modelo feminino avesso à procriação.

**A Nova Ordem Mundial comporta uma dimensão espiritual. Tem ambição bem além da matéria. Não visa somente redesenhar o mapa intelectual e afetivo. Pretende, ainda, repensar o panorama religioso.**

– *Eis onde entra o antipatriarcalismo, a ideologia de gênero e toda essa cultura antifamília, de certo.*

– *Certinho. Porque mulher que não quer saber de marido, de casamento e de família é exatamente o que se precisa para frear o crescimento populacional.*

– *Funcionou beleza, hein!*

– *Como não! Fez a mulher enxergar filho como peso, a maternidade como castigo, o homem como inimigo, a família como escravidão, a libertinagem como conquista e o assassinato de bebês como direito.*

– *Perfeito, pois!*

– *Quase. Porque ainda tem aqueles que se obstinam a passar pelas malhas da rede... e que querem nascer de qualquer jeito. E não são poucos, haja visto que os Estados Unidos registram 70 milhões de abortos desde a legalização em 1973. Dados oficiais. Logo, é preciso legitimar o genocídio.*

– *Pior que é!*

– *E para tanto, o Conselho Populacional inaugurou e propagou uma forma de pensar que haveria de revolucionar a arte da guerra. Então, presta atenção...*

– *Ouvindo...*

– *Ok. Em síntese, a engenharia linguística em questão direcionou o olhar público para ver a mulher e deixar a criança no escuro. Falou de direitos da mulher sem mencionar os direitos da criança.*

– *Humm!*

– ***Direito da mulher, direito da mulher e mais direito da mulher. Beleza! Mas... e a pobre criatura que morre na estória? Ah, mas... não! A retórica não menciona. Simplesmente, retira a vítima da equação. O truque é remover a criança do discurso para tirá-la das mentes e apagá-la nas consciências.***

– *Nada mais sinistro!*

– *E a partir daí, nem se fala mais do mais fundamental de todos os direitos humanos. Não se menciona mais o direito à vida. Porque ninguém morre nessa narrativa.*

– *Genial! A figura central evaporou numa pirueta sofismática!*

– *Precisamente. Assim, não há mais infanticídio. Você pode pegar uma biblioteca inteira sobre o tema. Tem centenas de obras que tratam dos Direitos Sexuais e Reprodutivos. Mas você não vai encontrar uma vírgula sequer sobre a criança.*

– *Em suma, Rockefeller higienizou o terreno.*

– *Sim. Estourou o ferrolho moral para abrir caminho à carnificina. Fez do aborto alguma coisa como uma extração de dente. Com maior complexidade técnica. Porém, sem diferença de natureza ética.*

– *No total, os prazeres da cama geram consequências, mas nada que resista a um bisturi com uma legislação permissiva.*

– *Eis o carnaval de insanidades a tomar conta, Joana. Com o STF de porta-bandeira...*

# LIBERDADE E IGUALDADE: QUAL O PONTO DE EQUILÍBRIO?

BIA KICIS

*“Nada é mais nefasto para a sociedade do que um tirano;  
em primeiro lugar, aí as leis não são comuns a todos,  
um só senhor é senhor da lei, e diante dele não há mais igualdade.  
Sendo as leis escritas, o pobre e o rico têm direito igual.  
Aos mais pobres é permitido se pronunciar quando injuriados;  
e o menor vence o poderoso se sustentar uma causa justa.  
A liberdade é isto: ‘Quem quer propor algo útil para a comunidade?’  
E, então, aquele que quer falar brilha,  
e o que não quer, fica em silêncio.  
Que maior igualdade pode haver para uma cidade?”*

(Eurípides. As Suplicantes)

**A** LIBERDADE é um valor tão importante e imorredouro que, ao longo dos séculos ou milênios, desafiou definições dos maiores sábios de cada época.

O filósofo franco-suíço Benjamin Constant de Rebecque (1767-1830), numa palestra de 1819 perante o Ateneu parisiense, distinguiu a liberdade dos “antigos” da liberdade dos “modernos”.

**A liberdade dos “antigos”** foi traduzida no exercício da cidadania na *polis* de todos os homens adultos, livres, cujas famílias eram originárias da respectiva cidade, mediante a votação das leis.

**A liberdade dos “modernos”** foi caracterizada como ausência de coerção externa sobre os indivíduos, que podem assim escolher os rumos que lhes pareçam melhores para as suas vidas privadas, delegando a outras pessoas a tomada de decisões coletivas segundo algum mecanismo de representação.

Mais tarde, o pensador leto-britânico Isaiah Berlin (1909-1997) trabalhou essa distinção a seu modo, apontando a diferença entre liberdade “negativa” e liberdade “positiva”.

A liberdade “negativa” seriam os direitos civis, como o de ir e vir, escolher e exercer uma profissão, professar uma religião – ou mesmo nenhuma –, associar-se a outros para fins diversos, desde que legais, e assim por diante).

A liberdade “positiva” seriam os direitos políticos de votar e ser votado etc.

A liberal-democracia é o regime que definitivamente harmonizou a limitação do poder do Estado sobre os indivíduos com a regra da maioria, sob o império da Lei, perante a qual todos são iguais.

Os valores da igualdade e da liberdade são, ao mesmo tempo, indispensáveis para a dignidade humana, porém incomensuráveis no sentido de que **quanto mais tivermos de um, menos teremos do outro**. Assim, quando o Estado tributa o cidadão, menor renda caberá a este para dela dispor livremente, segundo as suas preferências (veja-se a próxima seção deste ensaio).

Do mesmo modo, a liberdade individual absoluta sobre essa renda impede o governo legitimamente eleito de promover aquele mínimo de ‘igualdade de oportunidades’ indispensável à coesão social: segurança pública, educação e saúde básicas.

Nas palavras de Berlin, liberdade absoluta seria a “liberdade do lobo para devorar os cordeiros” enquanto igualdade absoluta – que seria a igualdade de resultados, em vez da igualdade de oportunidades – implica um nivelamento geral impossível de alcançar dadas as diferenças naturais de talentos dos seres humanos.

Essa igualdade absoluta para acontecer, teria que ser imposta por um regime de força, o que, em si, acaba sendo a própria negação de qualquer igualdade, porque exercido por uma minoria onipotente contra a maioria impotente. Seria como um regime no qual “uns são mais iguais que os outros”, como na fábula distópica “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell (1903-1950).

## Liberdade e propriedade

A liberdade econômica, traduzida no direito à propriedade privada, é uma poderosa salvaguarda contra a tirania. **Os regimes intervencionistas que suprimem a propriedade ou lhe impõem severas restrições são, todos eles, ditaduras — não importa se de Esquerda ou de Direita.** A propriedade privada garante a independência e a autonomia do cidadão

ante o Estado; nesse sentido, ela é um dos principais alicerces das liberdades civis e políticas (ao lado da religião, das tradições e dos costumes).

A pretexto de zelar por uma obscura, ambígua, indefinida e tendenciosa ‘função social da propriedade’, políticos e governos autodeclarados progressistas interferem cada vez mais nesse direito, quer apelando para ‘ancestralidades históricas’ de difícil ou impossível comprovação – a exemplo das recentes ameaças ao “marco temporal” da demarcação das terras indígenas, estabelecido pela Constituição de 1988 –, quer recorrendo à má e velha tradição fiscalista do Estado brasileiro (que insiste em aumentar impostos, em vez de cortar desperdícios), que é uma tendência fortemente agravada sempre que o lulopetismo exerce o poder...

**Vale repetir: quanto mais dinheiro o governo retira do bolso do cidadão, menos livre este é para usá-lo como queira.**

## A concepção conservadora da liberdade

Contudo, isso não significa que nós, conservadores, idolatramos a riqueza material como a um ‘bezerro de ouro’. Tampouco encaramos os indivíduos como átomos isolados a vagar no espaço. O ser humano é uma pessoa criada à imagem e semelhança de Deus e embebida numa rede de instituições e tradições.

**Os regimes intervencionistas que suprimem a propriedade ou lhe impõem severas restrições são, todos eles, ditaduras – não importa se de Esquerda ou de Direita.**

As instituições são grupos intermediários, a começar pela família (nosso ambiente natural primordial) e desdobram-se nas comunidades locais, nas igrejas, nas associações voluntárias, nas organizações profissionais etc. As instituições servem como anteparos entre os indivíduos e o Estado ou o mercado pessoal e aquisitivista.

Sem esses grupos intermediários, o ser humano se torna impotente ante as forças cegas e amorais da pulverização social e da centralização burocrática.

As tradições, sejam elas religiosas, culturais, locais etc., nos capacitam a participar do que Edmund Burke, o pai do Conservadorismo moderno (1729-1797), chamou de o verdadeiro “pacto social”: uma aliança entre os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer.

**Eis a liberdade como nós, conservadores, concebemos, veneramos e defendemos: liberdade ordenada pela lei e pelo costume.**

Liberdade que independe da definição dada por quem ocasionalmente detém o poder.

Liberdade para buscar o bem comum, fundamentada em padrões morais permanentes, materializados nas normas da vida social.

## Conclusão

Discussões filosóficas à parte, pode ser difícil definir com precisão o que seja a liberdade, mas é dolorosamente fácil saber quando ela nos é suprimida por autoridades que desconhecem os limites constitucionais impostos pela separação dos poderes, defendida pelo magnífico filósofo liberal-conservador que foi Montesquieu (1689-1755), em sua obra imortal “O Espírito das Leis”, como requisito essencial ao convívio respeitoso e profícuo entre os cidadãos.

Ou, melhor ainda é lembrar as palavras de Cecília Meireles no seu livro *Romanceiro da Inconfidência*:

*“Liberdade – essa palavra que o sonho humano alimenta:  
que não há ninguém que explique  
e ninguém que não entenda!”*

# A PROTEÇÃO DA INFÂNCIA SOB A PERSPECTIVA CONSERVADORA

DAMARES ALVES

A Constituição Federal de 1988 estabelece como dever prioritário do Estado, da sociedade e da família a garantia dos direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes. Esse compromisso é expresso no artigo 227, que assegura proteção integral a esse público em condição peculiar de desenvolvimento. Nessa perspectiva, a promoção, defesa e proteção dos direitos humanos das crianças e adolescentes deve prevalecer sobre outros interesses sociais e políticos. O **princípio da prioridade absoluta** é, portanto, uma obrigação jurídica que influencia diretamente as políticas públicas no Brasil.

**Essa obrigação decorre, por sua vez, de um sistema de ideias conservador baseado em crenças e valores cristãos, que preza pela proteção da infância e adolescência e defende que seu desenvolvimento está profundamente relacionado ao fortalecimento do núcleo familiar, considerado a célula central da sociedade.** Sob essa ótica, a família natural é vista como a principal responsável pela formação moral e pelo desenvolvimento emocional e social dos indivíduos, notadamente nos primeiros anos de vida. Na perspectiva conservadora, os valores, princípios e virtudes necessários para a construção de uma sociedade sólida e moralmente ordenada são transmitidos de geração em geração, sendo a família o meio mais eficaz para garantir essa transmissão.

A partir dessa compreensão, a intervenção estatal nas relações familiares deve ser limitada, ou seja, **o Estado não deve substituir ou suprimir a função educativa e moral da família.** Em vez disso, sua função é criar as condições para que as famílias eduquem suas crianças e adolescentes conforme suas crenças e valores, e tenham a liberdade de escolher o tipo de ensino escolar que é mais apropriado para eles. Esse ensino deve concentrar-se nos conteúdos disciplinares e na transmissão do conhecimento científico, **deixando a responsabilidade pela formação moral e ética dos filhos para a própria família.**

Dessa forma, **as políticas públicas conservadoras são projetadas para fortalecer a estrutura familiar,** promovendo condições que asse-

gurem um ambiente favorável ao crescimento das crianças em harmonia com os valores morais e os valores culturais locais. Isso inclui medidas que garantam liberdades, como a liberdade de expressão, de crença, de educar, de empreender e de enriquecer, além de ambientes escolares que respeitem a educação recebida pelas crianças e adolescentes por seus pais e responsáveis legais.

Adicionalmente, sob a ótica conservadora, cabe ao Estado a proteção das famílias e, no seu seio, a proteção das crianças e adolescentes contra toda forma de violência.

O conservador reconhece os desafios contemporâneos relacionados à proteção da infância, como o aumento da violência doméstica, do abuso sexual e da exposição precoce a conteúdos inadequados. Por isso, defende que o Estado implemente políticas públicas focadas na prevenção dessas situações e no fortalecimento dos vínculos familiares, atuando para a redução de riscos e de casos de violações de direitos das crianças e adolescentes.

Além disso, o Estado deve assegurar a punição adequada dos agressores e promover campanhas de conscientização sobre a importância do ambiente familiar seguro para o desenvolvimento infantil. Assim, ao proteger as famílias, o Estado promove uma sociedade mais segura, coesa e moralmente responsável.

## **As raízes judaico-cristãs para a proteção da infância e suas influências na Constituição Federal de 1988**

As raízes judaico-cristãs desempenharam um papel fundamental na formação do pensamento social ocidental, especialmente na maneira como a sociedade compreende a infância, a família e a educação moral. Essas tradições religiosas estabeleceram princípios éticos que moldaram a legislação moderna, influenciando diretamente conceitos e normas de proteção à infância.

### ***A infância como território sagrado: o conceito de “infância inocente” na tradição judaico-cristã***

A tradição judaico-cristã sempre considerou a infância como uma fase da vida marcada pela pureza, pela dependência e pela necessidade de proteção. **O conceito de “infância inocente” está profundamente enraizado nas Escrituras e em séculos de reflexão moral e religiosa, sustentando a ideia de que a criança deve ser preservada de influências negativas até que esteja suficientemente madura para discernir o bem do mal.**

Esse entendimento moldou não apenas a cultura ocidental, mas também a estruturação de leis e políticas públicas voltadas à proteção dos mais jovens.

No contexto bíblico, diversas passagens destacam a importância da infância como etapa formativa e espiritualmente sensível. Jesus Cristo, ao afirmar que “*se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no Reino dos Céus*” (Mateus 18:3), eleva a criança à condição de exemplo de pureza e humildade, digna de ser protegida e valorizada. Essa referência não apenas enaltece a criança, mas estabelece um parâmetro espiritual e moral: a infância é símbolo de integridade, simplicidade e abertura ao bem.

A tradição judaica, por sua vez, reforça essa noção ao atribuir aos pais a responsabilidade pela transmissão diligente dos ensinamentos divinos. Como está escrito: “*Ensinarás diligentemente a teus filhos e delas falarás... ao deitar-te e ao levantar-te*” (Deuteronômio 6:7). A ideia de inocência infantil está associada à responsabilidade dos adultos de preservar essa condição até que a criança possa, de forma consciente, assumir seus próprios valores e compromissos morais.

Sob a ótica conservadora, esse conceito de “infância inocente” é um pilar para a elaboração de políticas públicas e para o desenho de marcos legais que limitem o acesso precoce a conteúdos considerados inapropriados para crianças. A preservação da inocência é vista como um dever da família, da sociedade e do Estado, tendo em vista que a perda prematura dessa condição pode comprometer seriamente o desenvolvimento emocional, moral e espiritual dos pequenos.

Infelizmente, a cultura contemporânea tem progressivamente relativizado esse conceito, promovendo uma erotização precoce das crianças, a exposição descontrolada à violência midiática, à linguagem vulgar e a temas complexos que ultrapassam a maturidade infantil. A indústria do entretenimento, a publicidade e até mesmo setores da educação têm introduzido mensagens e práticas que desafiam frontalmente o direito das crianças à inocência. Essa invasão precoce em seus universos compromete a sua saúde mental e distorce sua percepção da realidade e dos próprios limites morais.

Dados recentes do *European Child Protection Observatory* (2023) revelam que a exposição precoce a conteúdos de natureza sexual e ideológica tem gerado um aumento significativo de distúrbios emocionais em crianças, incluindo ansiedade, depressão e problemas de comportamento. Políticas implementadas em países como Hungria e Polônia – que restringem a veiculação desses conteúdos em ambientes escolares – têm demonstrado

resultados positivos na saúde emocional infantil, reforçando a importância de preservar a infância como uma etapa livre de pressões indevidas.

O pensamento conservador defende, portanto, que a infância deve ser compreendida como um território moralmente protegido, no qual a formação ética e espiritual deve ocorrer com delicadeza e respeito à maturidade da criança. Esse posicionamento não é apenas ideológico, mas ético e humanitário. **Crianças não são adultos em miniatura, e tratá-las como tal – seja através da exposição precoce à erotização, seja pela responsabilização moral antecipada – é uma forma de violência simbólica que atenta contra sua dignidade e integridade.**

Proteger a infância significa, portanto, proteger a própria base da sociedade. A inocência não é ignorância: é pureza, é abertura ao bem, é sensibilidade espiritual. Preservar essa fase da vida é preservar as condições necessárias para o florescimento de adultos equilibrados, éticos e comprometidos com o bem comum. **O Conservadorismo, ao reafirmar o valor da infância inocente, assume uma postura de resistência cultural diante das forças que pretendem dissolver os referenciais morais herdados da tradição. E, ao fazer isso, não apenas protege as crianças – protege também o futuro da civilização.**

### ***As influências da concepção judaico-cristã de infância para a legislação brasileira***

Essa visão judaico-cristã de infância moldou o surgimento das primeiras leis protetivas no mundo. Durante o Iluminismo, essas bases morais foram reinterpretadas e inseridas no debate jurídico, culminando em legislações mais abrangentes sobre os direitos das crianças, tais como a Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989. No Brasil, a influência direta dessas tradições pode ser percebida claramente na Constituição de 1988. O artigo 227 é resultado de uma visão que combina princípios modernos de direitos humanos com valores tradicionais da proteção da infância, atribuindo à família, à sociedade e ao Estado um papel compartilhado na garantia dos direitos das crianças.

A Constituição Federal não apenas estabelece que a família é a base da sociedade, mas também destaca a importância do ambiente familiar no desenvolvimento infantil. Isso se reflete em políticas públicas que promovem o fortalecimento dos vínculos familiares, especialmente em contextos de vulnerabilidade. A ênfase na convivência familiar e comunitária, prevista no

artigo 227, está em sintonia com a tradição judaico-cristã, que compreende a família como o primeiro e mais importante espaço de educação moral.

Outro ponto de destaque é a influência das normas cristãs sobre a solidariedade e a caridade, que também encontram eco na Constituição. **Programas de assistência social, proteção contra a exploração infantil e iniciativas de acolhimento têm suas raízes em princípios religiosos que defendem o cuidado com os mais vulneráveis.** Exemplos disso podem ser observados em programas brasileiros como o Criança Feliz, voltado ao acompanhamento integral do desenvolvimento infantil, especialmente em famílias de baixa renda.

Portanto, a herança das tradições judaico-cristãs não é apenas um aspecto histórico, mas uma influência viva nas políticas e diretrizes constitucionais brasileiras. Compreender essa herança é fundamental para entender a centralidade da família e o papel primordial que ela desempenha na formação de indivíduos capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e harmoniosa.

## **O Conservadorismo como principal expressão dessas influências na sociedade brasileira**

O Conservadorismo, como uma corrente ideológica que preza pela continuidade dos valores tradicionais e pela preservação das instituições sociais, encontrou nas raízes judaico-cristãs uma base sólida para seu desenvolvimento. Sua influência é observada em diversas sociedades ao redor do mundo, onde tem desempenhado um papel relevante na defesa da família, da moralidade e da soberania cultural.

Nos Estados Unidos, o Conservadorismo é fortemente associado à defesa dos valores religiosos, ao fortalecimento da unidade familiar e à promoção da liberdade individual. Políticas públicas de incentivo à educação domiciliar e à liberdade religiosa refletem a crença conservadora de que as famílias devem ter autonomia na formação moral de seus filhos. Nos Estados Unidos, por exemplo, leis estaduais garantem aos pais o direito de educar os filhos em casa, com flexibilidade curricular baseada em suas convicções religiosas e morais. Além disso, programas como o “School Choice” permitem que as famílias escolham escolas que compartilhem de seus valores, reforçando a liberdade de educação e crença. No Reino Unido, o Conservadorismo foi historicamente ligado à defesa das tradições culturais e da ordem social, promovendo reformas que buscavam conciliar modernização econômica com a preservação dos valores familiares.

Em países como a Polônia e a Hungria, o Conservadorismo moderno assumiu um papel central na formulação de políticas públicas que reforçam os laços familiares e a moralidade cristã. Programas de incentivo à natalidade e medidas para proteger os valores culturais locais demonstram como essa corrente pode moldar políticas estatais com base na herança religiosa.

No Brasil, o Conservadorismo apresenta uma particularidade interessante: sua evolução foi diretamente influenciada pelas raízes judaico-cristãs e pelo contexto social diversificado do país. Desde o período colonial, quando a Igreja Católica desempenhava um papel central na organização social, até os dias atuais, o pensamento conservador no Brasil tem se estruturado em torno da valorização da família, da fé e da ordem moral.

**A Constituição de 1988, embora resultado de um processo democrático e plural, preserva muitos elementos que dialogam com os valores conservadores.** O artigo 226, por exemplo, estabelece que a família é a base da sociedade e merece especial proteção do Estado. Essa visão está alinhada ao princípio conservador de que a estrutura familiar é essencial para a estabilidade social.

O Conservadorismo brasileiro defende a limitação da intervenção estatal na vida familiar, priorizando a liberdade dos pais na educação dos filhos e no desenvolvimento de suas crenças e valores. **A ideia de que o Estado deve assumir um papel subsidiário é central para essa corrente, garantindo que as políticas públicas atuem como suporte, e não como substituto das funções familiares.**

Além disso, o Conservadorismo tem se manifestado na promoção de políticas públicas que valorizam a convivência familiar e comunitária. Programas de apoio às famílias em situação de vulnerabilidade, como o Auxílio Brasil durante a gestão do Presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), beneficiou mais de 21 milhões de famílias por ano. Já o Programa Criança Feliz, implementado a partir de 2016, atendeu mais de 1 milhão de famílias no período, oferecendo visitas domiciliares com orientações sobre o desenvolvimento infantil e fortalecendo o vínculo afetivo entre pais e filhos.

## **O papel central da família natural e de políticas para seu fortalecimento**

A família natural, composta tradicionalmente pelos pais biológicos e seus filhos, tem sido historicamente considerada a célula básica da sociedade em diversas culturas e religiões. No pensamento conservador, essa

configuração familiar não é apenas um arranjo social, mas uma instituição fundamental para a formação moral, emocional e social dos indivíduos. A preservação dessa estrutura é vista como essencial para garantir a estabilidade e a continuidade dos valores culturais e morais de uma sociedade.

A Bíblia, por exemplo, estabelece a importância da família na formação do caráter e no ensino das próximas gerações, como evidenciado na instrução de “*ensinarás diligentemente aos teus filhos*” (Deuteronômio 6:7). Essa visão foi incorporada ao pensamento conservador, que defende que a família é a principal responsável pelo desenvolvimento saudável das crianças e pela formação de cidadãos capazes de contribuir para o bem comum.

Essa perspectiva também reconhece o papel emocional e psicológico da família no desenvolvimento infantil.

Pesquisas apontam que crianças que crescem em famílias estáveis e estruturadas tendem a apresentar melhor desempenho acadêmico, maior estabilidade emocional e menores índices de envolvimento em comportamentos de risco. Para os conservadores, essa correlação reforça a necessidade de políticas públicas que priorizem o fortalecimento dos laços familiares.

A família natural, segundo o Conservadorismo, não deve ser apenas protegida, mas também incentivada por meio de políticas públicas que promovam sua estabilidade e preservação. Isso inclui medidas como benefícios fiscais para famílias numerosas, programas de apoio psicológico e social, e iniciativas de educação parental. Em muitos países, como a Hungria e a Polônia, políticas conservadoras de incentivo à natalidade foram implementadas com o objetivo de reforçar a estrutura familiar e enfrentar os desafios demográficos.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 reflete essa visão ao afirmar, no artigo 226, que “*a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado*”. Essa proteção envolve não apenas a criação de um ambiente seguro para o desenvolvimento infantil, mas também o reconhecimento da importância dos valores transmitidos dentro do núcleo familiar. O Conservadorismo brasileiro defende que o papel do Estado deve ser subsidiário, oferecendo suporte quando necessário, mas sem interferir na autonomia das famílias em relação à educação e aos valores que desejam transmitir aos seus filhos.

Estudos internacionais apontam que países que investem em políticas de fortalecimento familiar obtêm melhores resultados em indicadores como: desenvolvimento infantil, redução da criminalidade e maior estabilidade emocional das crianças. Pesquisas conduzidas pelo Instituto de Pesquisa em

Políticas Familiares dos Estados Unidos e pelo Instituto de Estudos de População e Desenvolvimento da Europa destacam que a promoção da estrutura familiar estável contribui significativamente para o bem-estar das crianças.

Países como Polônia e Hungria implementaram programas eficazes de incentivo à natalidade e apoio às famílias, incluindo incentivos fiscais, licença parental prolongada e suporte à educação domiciliar.

Na Hungria, desde 2010, o governo adotou uma política de Estado voltada para o fortalecimento da família natural, baseada na promoção da natalidade e no resgate dos valores tradicionais. O chamado “Pacto de Proteção da Família”, instituído em 2011, oferece benefícios fiscais crescentes conforme o número de filhos, além de subsídios para moradia e acesso facilitado à educação domiciliar. Esses esforços resultaram em um aumento significativo nas taxas de natalidade e em uma queda considerável no número de divórcios, além da ampliação da estabilidade familiar – fatores diretamente ligados à melhoria dos indicadores de saúde mental infantil e desempenho escolar. Segundo o Ministério da Capacidade Humana da Hungria, entre 2011 e 2020, o número de casamentos aumentou 89% e os nascimentos por casal subiram 24%.

**O Estado não deve substituir ou suprimir a função educativa e moral da família.**

O governo polonês, por sua vez, tem promovido campanhas de valorização da maternidade e paternidade responsáveis, associadas à identidade nacional e à preservação dos valores cristãos. Como resultado, o país tem visto uma redução no número de crianças institucionalizadas e uma melhora significativa em indicadores de bem-estar familiar, segundo o Ministério da Educação e Ciência da Polônia.

Nos Estados Unidos, estudos apontam que crianças criadas em lares estáveis têm 30% menos chances de se envolver em comportamentos de risco na adolescência (Pew Research Center, 2019). Na Suécia, políticas de fortalecimento dos laços conjugais reduziram os índices de divórcio em 15% nos últimos 10 anos (Swedish National Board of Health and Welfare, 2020).

O fortalecimento familiar, respaldado por estudos científicos e experiências bem-sucedidas de outros países, é uma estratégia comprovada para garantir um ambiente seguro, estável e moralmente sólido para as crianças. O Conservadorismo, ao preservar esses valores, assegura a proteção efetiva da infância e o desenvolvimento saudável das futuras gerações.

Além disso, o Conservadorismo destaca a necessidade de proteger a família natural contra ameaças externas, como ideologias que possam enfra-

quecer suas funções tradicionais. Isso envolve garantir a liberdade religiosa e a liberdade de educar os filhos de acordo com as convicções dos pais. No contexto brasileiro, essa defesa se materializa em debates políticos sobre a educação moral nas escolas e o papel da família na formação ética das crianças.

## Educação subsidiária: o papel limitado do Estado

A visão conservadora sobre a educação associa a educação moral dos pais na formação dos filhos, com o ensino multidisciplinar, de conteúdos científicos sobre diferentes áreas de conhecimento, como as artes e as ciências. Essa visão tem suas raízes em princípios bíblicos que orientam os pais a assumirem a responsabilidade central pelo ensino de seus filhos.

Em passagens como Deuteronômio 6:6-7, a Bíblia instrui: *“E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás aos teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te.”* Esse ensinamento fundamenta a ideia de que a educação não é apenas uma transmissão de conhecimento técnico, mas um processo integral de formação moral, espiritual e ética.

Nessa perspectiva, o ensino escolar deve complementar a educação familiar, assumindo, portanto, um papel de “educação subsidiária” na formação intelectual da criança e do adolescente. Disso decorre que o papel do Estado na educação deve limitar-se à garantia das famílias de escolher a educação que as crianças e adolescentes terão, nunca substituindo a autoridade dos pais na transmissão de valores e princípios.

A **visão subsidiária** defende que o Estado deve garantir as condições adequadas para o acesso à educação formal, de modo a que as crianças e adolescentes adquiram conhecimentos acadêmicos e técnicos. No entanto, a formação moral e ética é entendida como um direito e um dever inalienável dos pais. Esse conceito, profundamente arraigado nas tradições judaico-cristãs, sustenta que as famílias são as principais guardiãs dos valores que moldam o caráter das futuras gerações.

Na prática, a **educação subsidiária** implica que o sistema escolar deve focar no ensino de disciplinas acadêmicas, como matemática, ciências, história e literatura, enquanto os pais mantêm a autonomia para ensinar seus filhos sobre questões éticas, morais e espirituais.

Nesse contexto, a **educação domiciliar** surge como uma modalidade legítima e essencial em uma Nação conservadora, permitindo que as famílias assumam o papel principal na formação dos filhos. A educação domiciliar

oferece flexibilidade curricular e permite a personalização do processo de ensino, respeitando as crenças e valores das famílias, enquanto ainda garante o aprendizado dos conteúdos formais exigidos. Esse equilíbrio visa respeitar a diversidade cultural e religiosa, garantindo que a educação estatal não interfira nas crenças individuais das famílias.

Em muitos países conservadores, como a Polônia e a Hungria, políticas educacionais foram implementadas para reforçar o papel subsidiário do Estado.

Na Polônia, uma das iniciativas de maior destaque é a limitação da exposição de menores a conteúdos sexuais e ideológicos nas escolas, por meio de legislação específica que reserva aos pais o direito de decidir sobre a formação moral dos filhos. Além disso, programas de incentivo à educação domiciliar e de apoio às escolas confessionais receberam amplo financiamento público.

Por sua vez, na Hungria, o governo tem adotado medidas legais para proteger as crianças de conteúdos considerados inapropriados em ambientes escolares, com ênfase na preservação da inocência infantil. Esses esforços resultaram em melhoria dos indicadores de saúde mental infantil e desempenho escolar das crianças e adolescentes no país.

**Nos Estados Unidos, a ampla aceitação da educação domiciliar — que hoje atende mais de 3 milhões de crianças — e os programas de “school choice” (escolha escolar) são reflexos da visão de que a família deve ter autonomia sobre a formação moral e acadêmica de seus filhos.** A legislação norte-americana garante que famílias possam optar por escolas privadas, religiosas ou currículos personalizados, com apoio financeiro do Estado em alguns estados. Como decorrência, a educação domiciliar é amplamente praticada, com mais de 3 milhões de estudantes educados em casa, segundo estimativas recentes. **Esse modelo tem sido associado a altos níveis de desempenho acadêmico e flexibilidade para adaptar o currículo às necessidades e crenças das famílias.**

No Reino Unido, embora em menor escala, a educação domiciliar também é uma prática consolidada e regulamentada, garantindo às famílias o direito de ensinar seus filhos em casa sob supervisão adequada. Isso inclui a promoção de escolas confessionais, o incentivo à educação domiciliar e a criação de programas de *vouchers* escolares, permitindo que os pais escolham instituições de ensino alinhadas aos seus valores.

Estudos acadêmicos têm destacado os benefícios da educação domiciliar em diferentes Nações. Pesquisas realizadas nos Estados Unidos pelo Na-

*tional Home Education Research Institute* (NHERI) mostram que **estudantes educados em casa apresentam, em média, desempenho 25% superior à média nacional, em avaliações de leitura, escrita e matemática. Além disso, estudos indicam que esses alunos têm níveis elevados de engajamento social**, contrariando o argumento de que a educação domiciliar poderia limitar a interação social.

## Considerações finais

A proteção da infância ocupa um lugar central no Conservadorismo, uma vez que, sob essa ótica, **as crianças são o elo essencial para a continuidade dos valores, da identidade cultural e da coesão social de uma nação**. A abordagem conservadora entende que uma sociedade forte depende diretamente do cuidado e da formação moral e ética das futuras gerações. Assim, políticas conservadoras de proteção da infância devem buscar não apenas a preservação dos direitos básicos das crianças, mas também o fortalecimento do núcleo familiar como ambiente primário de desenvolvimento. Sob essa ótica, a proteção da infância deve garantir a estabilidade emocional, a segurança física e o acesso a uma educação que respeite os valores familiares e culturais.

No Brasil, as políticas de proteção à infância foram influenciadas diretamente pelos princípios constitucionais estabelecidos no artigo 227 da Constituição Federal de 1988, que estabelece a prioridade absoluta na formulação de políticas públicas. No entanto, o pensamento conservador busca uma aplicação mais rigorosa e orientada para o fortalecimento das famílias como pilares dessas políticas. Movimentos conservadores defendem, por exemplo, a ampliação do papel das famílias nas decisões educacionais, especialmente no que diz respeito à educação moral e à prevenção da exposição precoce a conteúdos considerados inadequados.

Outro ponto central da proteção à infância sob a perspectiva conservadora é o combate às diversas formas de violência que afetam crianças e adolescentes. Estudos revelam que políticas que combinam apoio social às famílias e medidas punitivas severas para agressores apresentam resultados positivos na redução de abusos infantis. Assim, o Conservadorismo defende um equilíbrio entre prevenção e punição, promovendo um ambiente seguro para o desenvolvimento infantil.

**Portanto, a proteção da infância nas políticas conservadoras não se limita à garantia dos direitos básicos, mas envolve a criação de**

condições para que as futuras gerações cresçam em lares estáveis, com valores sólidos e uma educação adequada e alinhada às crenças e às convicções morais de sua família.

## Referências

- BÍBLIA. **Antigo e Novo Testamento**. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, [ano da edição consultada].
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- ESTADOS UNIDOS, School Choice Programs. **Relatório de implementação de programas de escolha escolar**. Washington: U.S. Department of Education, 2022.
- EU MENTAL HEALTH AND WELLBEING REPORT. **The Impact of Early Exposure to Inappropriate Content on Children’s Mental Health**. Bruxelas, Bélgica, 2023.
- EUROPEAN CHILD PROTECTION OBSERVATORY. **Legislation and Child Safety in Eastern Europe**. Bruxelas, Bélgica, 2023.
- HARVARD GRADUATE SCHOOL OF EDUCATION. **The Academic Outcomes of Home-Schooled Students**. Cambridge, EUA, 2021.
- HUNGRIA, Ministry of Human Capacities. **Relatórios sobre políticas públicas de incentivo à natalidade e à educação domiciliar**. Budapeste, Hungria, 2020.
- HUNGRIA, Ministry of Human Capacities. **Relatórios sobre políticas públicas de incentivo à natalidade**. Budapeste, 2020.
- NATIONAL HOME EDUCATION RESEARCH INSTITUTE. **Trends in Home Education in the United States**. Salem, EUA, 2022.
- PEW RESEARCH CENTER. **Family Stability and Child Development**. Washington, D.C, 2019.
- POLÔNIA, Ministério da Educação e Ciência. **Dados sobre o incentivo ao homeschooling e suporte às escolas confessionais**. Varsóvia, 2021.
- RAY, Brian D. **Research Facts on Homeschooling**. National Home Education Research Institute (NHERI), 2021. Disponível em: <<https://www.nheri.org>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2025.
- SWEDISH NATIONAL BOARD OF HEALTH AND WELFARE. **Marriage and Family Stability Trends in Sweden**. Estocolmo, Suécia, 2020.
- UNITED KINGDOM, Department for Education. **Homeschooling Guidelines and Statistics**. Londres, Reino Unido, 2022.
- UNITED STATES. **Family First Prevention Services Act (FFPSA)**. Washington, D.C.: U.S. Congress, 2018.

# VIDA, FAMÍLIA E LIBERDADE: PRINCÍPIOS PARA UMA EDUCAÇÃO E UMA NAÇÃO LIVRES

Gustavo Gayer

A defesa da vida é um dos princípios centrais do pensamento conservador. Diferente de ideologias progressistas que relativizam valores morais fundamentais, o Conservadorismo sustenta que a vida humana possui um valor intrínseco e inalienável desde a concepção até a morte natural. Essa convicção orienta políticas públicas e posturas sociais que buscam proteger os mais vulneráveis, incluindo os nascituros, os idosos e os doentes terminais.

Edmund Burke, um dos principais teóricos do Conservadorismo, defendia que a sociedade deve preservar tradições e princípios morais que sustentam a civilização. **Para ele, a dignidade da vida humana está entre esses princípios fundamentais e não pode ser submetida a caprichos ideológicos ou mudanças arbitrárias.** Burke argumentava que a destruição desses valores poderia levar ao caos e à degradação da ordem social.

Russell Kirk, outro importante pensador conservador, enfatizava a importância da ordem moral e da responsabilidade individual. Segundo ele, uma sociedade que não protege a vida desde sua origem está fadada ao declínio moral. Kirk criticava a tendência do relativismo moderno, que enfraquece a noção de direitos naturais e incentiva a banalização da vida humana.

Frederic Bastiat, por sua vez, defendia que a vida é um direito inalienável concedido pela natureza e reforçado pela Constituição americana. Em sua obra “A Lei”, Bastiat argumenta que os direitos naturais, incluindo o direito à vida, precedem o Estado e devem ser protegidos contra interferências governamentais arbitrárias. Ele via a violação desse direito como um atentado à própria estrutura da sociedade livre, alertando contra políticas que relativizam a dignidade humana sob pretextos políticos ou ideológicos.

**No contexto político contemporâneo, a defesa da vida se manifesta em pautas como a oposição ao aborto, à eutanásia e à experimentação científica antiética.** A tradição conservadora considera que o direito à vida não pode ser definido por conveniências políticas ou interes-

ses econômicos. A legalização do aborto, por exemplo, é de fato um atentado contra os direitos naturais e a dignidade humana, uma vez que nega a proteção ao ser humano em seu estágio mais vulnerável.

Autores como Roger Scruton também reforçam essa perspectiva ao argumentar que a dignidade da vida é um elemento central para a coesão social. Para Scruton, sociedades que desvalorizam a vida humana tendem a criar ambientes de instabilidade moral e jurídica, onde o indivíduo passa a ser tratado como mero objeto descartável.

A defesa da vida não é apenas um princípio religioso ou moral, mas um fundamento essencial para a estabilidade social e a justiça. O Conservadorismo, ao reconhecer a sacralidade da vida, propõe políticas que garantam a proteção do indivíduo desde a concepção, assegurando que nenhuma conveniência momentânea possa suplantiar esse direito inalienável. É por meio da preservação desse valor que se pode garantir uma sociedade mais justa, ordenada e humanamente digna.

## A família e a preservação da vida

A família é a instituição fundamental para a preservação da vida e da ordem social. Ao longo da história, os grandes pensadores conservadores ressaltaram que a família é o alicerce da sociedade, garantindo a transmissão de valores, cultura e moralidade. Já citado, Edmund Burke, por exemplo, argumentava que **a sociedade é um pacto intergeracional, pelo qual a tradição e os valores familiares devem ser preservados para se manter a coesão social.**

A importância da família pode ser observada desde as civilizações antigas. Aristóteles, na obra “Política”, já afirmava que a célula básica do Estado é a família, pois é dentro dela que os indivíduos aprendem sobre ética, virtude e responsabilidade. Com a modernidade, pensadores como Alexis de Tocqueville destacaram que sociedades democráticas bem-sucedidas eram aquelas que possuíam famílias estruturadas, pois a estabilidade familiar reflete diretamente na estabilidade social.

O enfraquecimento da família tem impactos severos na educação de crianças e jovens. Estudos mostram que crianças criadas em lares desestruturados possuem maior propensão ao fracasso escolar, envolvimento com drogas e criminalidade. Pesquisas realizadas pelo National Institute of Justice dos Estados Unidos indicam que a ausência paterna está diretamente ligada a comportamentos delinquentes na juventude.

Roger Scruton enfatizava que a banalização da família leva a uma sociedade mais instável, na qual o individualismo extremo e a falta de pertencimento geram alienação e desordem. Quando os laços familiares são enfraquecidos, as crianças e jovens perdem referências fundamentais para o desenvolvimento de uma moral sólida e de um caráter responsável.

Um estudo conduzido pelo professor Bradford Wilcox, da Universidade da Virgínia, mostrou que a desintegração familiar está fortemente associada ao aumento das taxas de criminalidade e de depressão em jovens. Outro estudo do Instituto Brookings apontou que jovens que crescem sem a presença paterna têm mais dificuldades em obter sucesso acadêmico e profissional, além de apresentarem taxas mais elevadas de pobreza na vida adulta. Segundo essa pesquisa, a estrutura familiar influencia diretamente a mobilidade social, reforçando a importância de um ambiente estável para o desenvolvimento infantil.

Dados do U.S. Census Bureau também corroboram essa perspectiva, revelando que cerca de 85% dos jovens encarcerados em instituições juvenis nos Estados Unidos cresceram em lares sem a presença paterna. Esse dado reforça a correlação entre a desestruturação familiar e o aumento da criminalidade.

**Dessa forma, proteger e fortalecer a família não é apenas uma questão de valores conservadores, mas um imperativo para garantir uma sociedade mais segura, justa e próspera.**

O Conservadorismo reconhece que a família é a principal guardiã da vida e da civilização, sendo a base de uma sociedade ordenada e moralmente saudável. A destruição da estrutura familiar não apenas afeta indivíduos diretamente, mas também desestabiliza comunidades inteiras, gerando ciclos de pobreza, violência e desordem social. Não é à toa que a extrema-esquerda busca, de tantas formas, a destruição desta que é a primeira e mais importante instituição de uma sociedade.

## **Os pais são autoridade e a escola deve ser uma parceira**

A educação dos filhos é uma responsabilidade primária dos pais, sendo a escola um complemento e não a instância máxima na formação moral das crianças. A presença ativa dos pais no processo educacional é essencial para o desenvolvimento saudável dos filhos e para a prevenção de um dos maiores perigos existentes, hoje, em salas de aula do mundo todo: a doutrinação ideológica. Esta que, na maioria das vezes, ocorre quando a família se afasta da função de educar.

Diversos estudos indicam que o envolvimento dos pais na educação das crianças melhora significativamente o desempenho acadêmico e emocional. **Segundo um relatório do National Education Association (NEA), crianças cujos pais acompanham de perto sua educação têm melhores notas, maior autoestima e menor probabilidade de desenvolver comportamentos de risco.** O estudo demonstra que alunos cujos pais participam ativamente da rotina escolar apresentam uma taxa de reprovação 30% menor do que aqueles cujos pais são ausentes.

Ademais, um relatório da Harvard Family Research Project destaca que o envolvimento parental reduz problemas comportamentais e melhora a disciplina. **Essa pesquisa mostra que estudantes com forte apoio familiar têm 40% menos chances de se envolverem com delinquência juvenil, pois possuem referências morais mais sólidas.**

Quando os pais negligenciam sua autoridade e transferem totalmente a responsabilidade da educação para a escola, há um risco real de doutrinação ideológica. Sem o acompanhamento familiar, crianças e adolescentes tornam-se mais suscetíveis a narrativas de cunho esquerdista.

A pesquisadora Mary Eberstadt, em seu livro “Primal Screams: How the Sexual Revolution Created Identity Politics”, demonstra como a dissolução dos laços familiares contribuiu para o aumento da influência ideológica na formação de jovens. Isso mostra, à luz de dados empíricos, o que tristemente vemos nos lares de tantas famílias brasileiras.

Estudos como os da National Bureau of Economic Research mostram que escolas com menor envolvimento parental tendem a apresentar maior incidência de doutrinação ideológica, pois a ausência dos pais no acompanhamento pedagógico permite que professores e diretores imponham suas convicções de mundo sem contestação, por meio da audiência cativa dos alunos.

Jordan Peterson, renomado psicólogo e autor do livro “12 Regras para a Vida”, destaca a importância de permitir que as crianças enfrentem desafios para que possam desenvolver resiliência. Em uma de suas palestras mais famosas, ele aconselha os pais a “não atrapalhem seus filhos quando eles andam de skate”. Esse conceito pode ser aplicado à educação: a presença dos pais não significa superproteção, mas orientação firme e acompanhamento ativo. **Isso significa que os pais devem se envolver no ensino de seus filhos, não transferindo essa responsabilidade para terceiros sem a devida supervisão.**

A conclusão mais lógica a que se pode chegar é a de que a escola deve ser uma parceira no processo educacional, mas nunca substituir a au-

toridade dos pais. A ausência parental abre espaço para influências externas que podem destruir valores fundamentais e comprometer o desenvolvimento moral das crianças. Assim, é importantíssimo que os pais exerçam seu papel com responsabilidade, garantindo que a educação de seus filhos esteja alinhada com os princípios que desejam transmitir.

Eu vivenciei na minha própria casa os efeitos dessa tentativa de doutrinação. Meu filho mais velho já foi ofendido por se posicionar contra o que um militante travestido de professor impunha numa determinada aula. Ele foi xingado.

Graças a Deus, desde muito cedo eu ensinei meus filhos a se defenderem desse mal e eles nunca foram afetados – diferente de mim, que embora tendo tido uma mãe rígida, acabei caindo no conto da sereia e, sob a

**Proteger e fortalecer a família não é apenas uma questão de valores conservadores, mas um imperativo para garantir uma sociedade mais segura, justa e próspera.**

influência de um professor, tive minha mente e coração sequestrados, durante minha adolescência, pela Esquerda. Fiz um compromisso comigo mesmo de preparar meus filhos para pensarem por conta própria, preservando os valores de Deus e da família, ensinados em casa.

Meus filhos, Gabriel e Maria Fernanda – a quem dedico essa missão de ter como principal batalha, como comunicador e parlamentar, expor o mal que é a doutrinação ideológica e como a Esquerda se vale de artimanhas perversas para destruir as famílias através desta – hoje, adultos responsáveis, foram blindados contra essa influência maligna porque tiveram pais que se importaram e gastaram tempo cuidando, observando o material que recebiam, conversando, ensinando. Mas quantas crianças e jovens em nosso país não têm tido essa sorte?

**Faça aqui um apelo aos pais de tiverem acesso a este livro: antes de quererem salvar o Brasil, cuidem de suas casas!**

## **A doutrinação ideológica destrói**

No Brasil e em diversas partes do mundo, escolas e universidades têm sido utilizadas como alvo de despejo de doutrinação ideológica, não apenas comprometendo o desenvolvimento intelectual de crianças e jovens – e afetando diretamente as suas famílias –, mas sequestrando a personalidade e a individualidade desses alunos que, antes de serem estudantes, são filhos

de alguém. Esse fenômeno não apenas desvirtua o verdadeiro propósito da educação, como também gera consequências sociais e políticas profundas.

O Escola Sem Partido, fundado pelo jurista Miguel Nagib, foi um dos precursores nessa batalha. O movimento surgiu como uma resposta ao crescente uso das salas de aula para fins políticos e ideológicos por correntes de Esquerda. Não cabem generalizações, mas, acontece de professores, que deveriam se limitar ao ensino de conteúdos objetivos, muitas vezes utilizam sua posição para impor narrativas ideológicas, afastando-se da neutralidade que deveria ser a base da educação.

Há profissionais exímios nas escolas e faculdades do nosso país, entretanto, infelizmente, muitos também são vítimas desse sistema perverso que não apenas doutrina nossos filhos, mas pune professores que ousam não rezar a cartilha da Esquerda.

**A doutrinação ideológica é uma violação clara da liberdade de consciência dos alunos e fere o direito dos pais de educarem seus filhos conforme seus valores.** Diversos relatos mostram que estudantes são penalizados por expressarem opiniões contrárias às de alguns de seus professores, criando um ambiente de hostilidade para aqueles que divergem do pensamento apresentado.

**A doutrinação ideológica compromete a formação intelectual dos alunos ao substituir o pensamento crítico pela aceitação passiva de dogmas políticos.** Estudos do Instituto Millenium demonstram que alunos expostos a um ensino altamente ideológico tendem a apresentar menor capacidade de argumentação, uma vez que são treinados para repetir discursos em vez de analisar criticamente diferentes perspectivas.

A influência da doutrinação também afeta as relações familiares. Muitas famílias relatam dificuldades em dialogar com seus filhos, que, após anos de exposição a conteúdos ideológicos, passam a rejeitar os valores familiares e a enxergar seus próprios pais como “opressores”. O psicólogo e professor Jordan Peterson discute esse fenômeno em seu livro “Doze regras para a vida”, alertando para o perigo de uma educação que visa moldar indivíduos segundo uma só perspectiva política. Segundo ele, o verdadeiro ensino deve desafiar os alunos a pensar e não apenas a aceitar ideias predefinidas.

Essa doutrinação ideológica em escolas e universidades não é um fenômeno espontâneo, mas uma estratégia política amplamente utilizada pela Esquerda. Marxistas, como Antonio Gramsci, defendiam que o controle das instituições culturais e educacionais era essencial para a consolidação do poder político. O objetivo é claro: formar gerações que aceitem sem ques-

tionamento determinadas agendas e que estejam dispostas a apoiar políticas progressistas sem a devida reflexão.

No Brasil, essa estratégia é evidente na forma como certos temas são abordados de maneira unilateral no ambiente escolar. Questões políticas, sociais e até históricas são ensinadas sob um viés ideológico, sem espaço para o contraditório. Pesquisas do Instituto de Formação de Líderes (IFL) mostram que cerca de 70% dos professores universitários brasileiros se identificam com a Esquerda, o que reforça a predominância de uma visão política única dentro das instituições de ensino.

Para além de comprometer a formação cognitiva de um indivíduo, a doutrinação ideológica é corrosiva. Ela semeia a inversão de valores na mente e no coração das crianças e dos jovens. O combate a essa prática passa pela conscientização de pais, professores e pela valorização de um ensino verdadeiramente neutro e crítico. É crucial levar esse debate para o Congresso Nacional buscando garantir que a educação no Brasil seja pautada pela imparcialidade e pelo respeito à diversidade de pensamento.

## **A Importância da conscientização sobre a doutrinação ideológica no ensino**

A educação é um dos pilares fundamentais para a formação de cidadãos críticos e preparados para a vida em sociedade. No entanto, quando a educação deixa de ser um campo de transmissão de conhecimentos para se tornar um meio de propagação ideológica, surge um problema grave: a doutrinação ideológica. É essencial que a sociedade esteja atenta a esse fenômeno, pois ele compromete a pluralidade de ideias e o livre pensamento nas instituições de ensino.

- O que é doutrinação ideológica?

**A doutrinação ideológica ocorre quando um determinado viés político, filosófico ou social é imposto como verdade absoluta dentro do ambiente escolar ou universitário.** Professores e materiais didáticos, ao invés de oferecerem um debate amplo e neutro, passam a influenciar estudantes a aderirem a uma visão de mundo específica, sem abertura para o contraditório.

**Isso não significa que o debate político ou ideológico deva ser banido da sala de aula, mas sim que ele deve ocorrer de forma equilibrada, permitindo que os alunos tenham contato com diferentes**

**perspectivas e desenvolvam senso crítico para formular suas próprias opiniões.** Infelizmente – sabemos – isso quase não ocorre.

- Quais os perigos da doutrinação ideológica?

A presença da doutrinação ideológica no ensino pode gerar diversos problemas:

- Supressão do pensamento crítico – Quando apenas uma visão de mundo é apresentada, os estudantes deixam de ser incentivados a questionar e refletir criticamente.
- Intolerância ao contraditório – Ambientes acadêmicos devem fomentar o debate plural, mas a doutrinação pode levar à perseguição e marginalização de ideias discordantes.
- Desrespeito à diversidade de opiniões – O ensino deve ser um espaço que respeita a pluralidade, permitindo que diferentes correntes de pensamento coexistam.
- Impacto na formação profissional e social – Alunos expostos a uma educação enviesada podem sair despreparados para lidar com diferentes visões no mercado de trabalho e na sociedade.

## A ideologização na Conae

No início do ano de 2024, a Conferência Nacional de Educação (Conae) foi palco de debates intensos sobre os rumos da educação brasileira. A Conae promoveu momentos claros de doutrinação ideológica, com o objetivo de influenciar políticas educacionais com viés político-partidário totalmente de Esquerda.

Enviei a Brasília, à época, duas assessoras para acompanharem de perto o segundo dia do evento. Elas registraram coisas absurdas como: bótons de apoio ao grupo terrorista Hamas, livros com relativização da pedofilia, materiais comunistas com linguagem infantil para crianças, artigos de vestuário do terrorista Tche Guevara, de Lula, do Comunismo, entre outros. Elas também captaram falas de “professores” sobre o ensino da “matemática trans”, linguagem neutra, da problemática de “uma sociedade impregnada de dogmas religiosos”, tudo isso está registrado e ganhou projeção nacional. E não vamos nos esquecer das bebidas alcoólicas lá presentes!

Essa foi a Conferência de Educação que apresentou o texto base orientador do ensino no Brasil pelos próximos 10 anos.

Em fevereiro do mesmo ano, como presidente da Frente Parlamentar Mista em Defesa da Educação Sem Doutrinação Ideológica, emiti uma nota de repúdio à Conae 2024. Na nota caracterizamos a conferência como um “evento político partidário da Esquerda” e denunciemos a presença desses materiais impróprios.

Também criticamos a falta de espaço para o diálogo com perspectivas divergentes, sugerindo uma condução unilateral dos debates.

Após a Conae, que serviu exatamente para elaborar a minuta do Plano Nacional de Educação (PNE), o governo encaminhou esse texto ao Congresso, em junho de 2024.

Ideologia de gênero nas escolas? Com certeza! Aplicação de projetos que visam o devido acompanhamento de alunos que necessitam de cuidados especiais? Passou longe! Busca por melhoria nos péssimos índices da educação no país? Tampouco.

Essa não é uma mera crítica e sim um chamamento. A Conae foi a prova do que muitos não acreditavam ou se recusavam a enxergar. **A doutrinação, ou violência ideológica, é real e a Esquerda não brinca ao utilizar o que for preciso para propagá-la.** O compromisso dessa gente é com a destruição da família. É o governo e todo o seu aparato estatal agindo para a formação de militantes políticos. E, infelizmente, esses futuros militantes podem ser da nossa própria casa, se não nos atentarmos.

Audiências públicas também foram realizadas para discutir o caráter ideológico da Conae. Em uma dessas audiências, intitulada “CONAE: Educação ou Doutrinação?”, foram abordados temas como a influência de organismos internacionais na descristianização da educação e os impactos negativos das diretrizes da Conae na formação moral e ética de crianças e adolescentes. Esses debates ressaltaram preocupações sobre a possível imposição de agendas ideológicas que poderiam conflitar com valores familiares e culturais tradicionais.

A Conae foi o que podemos chamar de “um mal necessário”, porque muitas pessoas despertaram para a realidade do ensino no Brasil. E os debates que surgiram após a exposição das aberrações presentes nela serviram para gerar uma preocupação significativa com a realidade da doutrinação ideológica no sistema educacional brasileiro.

A promoção de determinadas agendas políticas e sociais, sem espaço para o contraditório, compromete totalmente a pluralidade de ideias e o desenvolvimento do pensamento crítico entre os estudantes. É essencial que as políticas educacionais sejam elaboradas de maneira inclusiva, contemplando

diversas perspectivas e respeitando a diversidade de opiniões presentes na sociedade brasileira, incluindo as escolas confessionais, famílias que praticam o ensino domiciliar, entre outros.

## Relatos de quem viveu na pele

A essa altura, caro leitor, você talvez já tenha se lembrado de algum episódio no qual sutilmente um tema lhe foi apresentado com claro viés ideológico, ou de algo similar que tenha acontecido a um amigo, conhecido ou familiar. Como já narrado neste capítulo, esse mal atingiu a mim e tentou infectar meus filhos.

Quero compartilhar, brevemente sobre uma mãe e sua filha que tiveram sua família devastada como fruto da doutrinação que uma jovem estudante sofreu numa sala de aula do Brasil.

Alessandra era uma esposa dedicada e mãe amorosa. Sua família era como a de qualquer um de nós. Levavam uma vida simples até o dia em que sua filha, Maria Paula, por meio da influência de uma militante política travestida de professora, foi colocada em contato com a ideologia esquerdista. De família unida eles se tornaram sobreviventes. A mãe conta que a filha era presente nas atividades da casa, mas que se transformou numa militante de um movimento terrorista estudantil. De filha amável se converteu à violência. São tantos detalhes inacreditáveis, que seriam necessárias páginas e páginas, todavia, as lágrimas que ela derrama ao lembrar dessa história estão eternizadas em vídeo no Youtube, sob o nome “Perdemos nossa filha para o comunismo”, o qual ainda pode ser acessado <https://www.youtube.com/watch?v=qZCLnzPoq5g&t=1672s>.

É tão chocante e triste que fica difícil de acreditar. Porém os relatos de Alessandra ganham ainda mais peso quando Maria Paula, em outro vídeo também disponível na plataforma <https://www.youtube.com/watch?v=X5BLIY4gpFs&t=8s>, conta sua versão dos fatos com ainda maior riqueza de detalhes. A jovem, hoje completamente liberta da lavagem cerebral política de Esquerda da qual foi vítima, conta que comeu lixo acreditando que aquilo iria “salvar o planeta”.

Costumo dizer que essa ideologia pode lhe levar para o topo de um prédio e, lhe fazer acreditar que a gravidade é relativa, pode até lhe con-

**A doutrinação ideológica é uma violação clara da liberdade de consciência dos alunos e fere o direito dos pais de educarem seus filhos conforme seus valores.**

vencer a pular. As consequências dessa queda nós conhecemos. Elas são inevitáveis.

Conheça a história dessa família. Alessandra e Maria Paula tiveram um final feliz! Há esperança, mas temos muito trabalho a fazer!

## Conscientizar é essencial

Um dos principais focos do meu trabalho na Câmara dos Deputados tem sido exatamente apresentar iniciativas contra a doutrinação ideológica, mas, antes, conscientizar os pais da existência dela. Tenho a necessidade de uma educação neutra e de qualidade, livre de influências partidárias. Eu mesmo já fui vítima disso durante minha adolescência.

Em meu primeiro ano de mandato, promovi o 1º Seminário sobre Doutrinação Ideológica no Ensino, realizado no Auditório Nereu Ramos da Câmara dos Deputados. O evento contou com a participação de diversas autoridades e teve como objetivo conscientizar pais, alunos e professores sobre os riscos da ideologização nas salas de aula.

**A doutrinação, ou violência ideológica, é real e a Esquerda não brinca ao utilizar o que for preciso para propagá-la.**

Também propus a criação do Dia Nacional de Conscientização sobre Doutrinação nas Escolas, reforçando a necessidade de compromisso com o combate a práticas que possam influenciar indevidamente a formação dos nossos filhos.

O Seminário ganhou projeção nacional e foi inspiração para uma segunda edição, em 2024, além de ter sido tema de audiências públicas em diversos estados brasileiros.

A seguir, então, apresento um relatório detalhado das principais iniciativas do meu gabinete, a fim de conscientizar as famílias brasileiras sobre a existência da doutrinação ideológica e suas consequências:

### 1. Criação da Frente Parlamentar em Defesa da Educação sem Doutrinação Ideológica

Em 10 de outubro de 2023, lançamos, juntamente com outros parlamentares, a Frente Parlamentar em Defesa da Educação sem Doutrinação Ideológica. Esta frente tem como objetivos conscientizar pais, educadores, alunos e a sociedade civil sobre a ocorrência de doutrinação ideológica nas escolas; monitorar e fiscalizar programas e políticas educacionais; combater e prevenir a doutrinação político-ideológica; e promover debates para

fortalecer a família. O grupo é presidido por mim e pelo deputado Nikolas Ferreira (PL-MG), com a coordenação do deputado Luciano Zucco (Republicanos-RS).

## 2. Seminários sobre Doutrinação Ideológica no Ensino

Organizei dois seminários na Câmara dos Deputados para discutir a doutrinação ideológica no sistema educacional:

- 1º Seminário: Realizado em março de 2023, contou com a participação de parlamentares como Nikolas Ferreira e Chris Tonietto (PL-RJ), além de especialistas como os professores Weverton Guimarães e Ten. Cel. Clécio Teles. O objetivo foi conscientizar pais, alunos e professores sobre a doutrinação “esquerdo-marxista” presente no ensino brasileiro.
- 2º Seminário: Ocorrido em 11 de junho de 2024, focou na Conferência Nacional de Educação (Conae) e no Plano Nacional de Educação (PNE). Critiquei materiais da Conae, que promovem ideologias contrárias aos valores tradicionais.

## 3. Plataforma “Instituto Nossos Filhos”

Em agosto de 2023, lancei a plataforma “Instituto Nossos Filhos”, destinada a auxiliar pais preocupados com casos de doutrinação ideológica nas escolas. O site permite o envio de denúncias, incluindo imagens e vídeos que evidenciem desvios na conduta de professores ou instituições de ensino. A iniciativa gerou debates, com algumas entidades me acusando de perseguir educadores, enquanto outros pais relataram interferências na transmissão de valores familiares e também manifestações político-partidárias no ambiente escolar.

## 4. Proposta do Dia Nacional de Conscientização sobre a Doutrinação nas Escolas

Em 31 de agosto de 2023, a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados debateu a criação do Dia Nacional de Conscientização sobre a Doutrinação nas Escolas, proposta por mim. Argumentei que a instituição de uma data alusiva seria fundamental para garantir o respeito aos estudantes e suas famílias, além de capacitá-los para enfrentar a doutrinação.

## 5. Análise Crítica da Doutrinação nas Escolas

Também participei de debates e entrevistas nas quais analisei criticamente a presença de doutrinação ideológica nas instituições de ensino. Em

uma dessas ocasiões, discuti as invasões de terra do MST e relatei tais movimentos a influências ideológicas disseminadas nas escolas.

Essas iniciativas refletem o compromisso que fiz em abordar e combater a doutrinação ideológica no sistema educacional brasileiro, buscando promover um ambiente de ensino que respeite a diversidade de pensamentos e os valores familiares.

## **Sem liberdade de expressão não há conscientização**

Para que a conscientização sobre a doutrinação ideológica ocorra, a liberdade de expressão deve permanecer como um direito fundamental. **Sem a possibilidade de debater abertamente sobre o que está acontecendo nas escolas e universidades, cria-se um ambiente de censura que favorece a manipulação e o controle ideológico.**

A história demonstra como regimes totalitários utilizaram a censura na educação para controlar as massas:

- França sob a Revolução Francesa (1789-1799): O Comitê de Salvação Pública utilizou o ensino como ferramenta para impor a doutrina jacobina e eliminar pensamentos dissidentes.
- Rússia sob a Revolução Russa (1917): O regime soviético instaurou um sistema educacional baseado na propaganda comunista, no qual qualquer discordância era duramente reprimida.
- Alemanha sob o Nazismo (1933-1945): O governo de Adolf Hitler controlava rigidamente o currículo escolar para doutrinar crianças e jovens conforme os ideais nazistas.
- Itália sob o Fascismo (1922-1943): Benito Mussolini fez da educação um instrumento de exaltação do Estado e do partido fascista.
- Brasil sob Getúlio Vargas (1937-1945): Durante o Estado Novo, houve forte censura e controle do ensino, eliminando oposição política e ideológica.

Infelizmente, o Brasil tem caminhado em uma direção contrária à liberdade de expressão, com tentativas de censura disfarçadas de regulação de discurso.

A educação deve servir à formação de indivíduos autônomos e livres para pensar por si mesmos, e não como um instrumento de manipulação ideológica. Conscientizar a sociedade sobre esse problema é essencial para garantir um ensino equilibrado e respeitoso com a pluralidade de ideias.

**Somente com a defesa intransigente da liberdade de expressão poderemos evitar que o Brasil siga o caminho dos regimes totalitários do passado.**

Atualmente, no Brasil, sabemos que a liberdade de expressão tem sido colocada em xeque e temos ciência também de que, sem ela – além de todos os efeitos negativos de se viver sob um regime censor – não há possibilidade de levar luz ao povo sobre o mar de escuridão que é ideologização no ensino.

E este também é um dos motivos pelos quais temos denunciado, ao mundo, a censura em solo brasileiro. **Nosso trabalho de levar a verdade acerca do regime persecutório, censor e ditatorial que tem se instalado em nosso país é fundamental para que o povo seja livre para pensar e para o básico: falar.**

Existe um grupo de parlamentares corajosos, do qual honrosamente tenho feito parte, que não se amedronta diante do avanço da censura. Vamos defender nossas liberdades, nossas famílias, nossos filhos e nossa voz, custe o que custar. Junto do presidente Jair Bolsonaro, da nossa primeira-dama Michelle Bolsonaro e tantos outros guerreiros, vamos continuar lutando.

Há pouquíssimo tempo, falar em doutrinação ideológica soava absurdo – como se estivéssemos sendo influenciados por uma teoria da conspiração. Hoje, temos o fato escancarado.

Diziam que não existia mais censura no Brasil, hoje, temos que pedir socorro a parlamentares de Direita, nos Estados Unidos e na Europa, como fizemos.

**Esse é o trabalho de nossas vidas: proteger nossos filhos e nossa terra. Lembrando que, antes de salvar o mundo, precisamos salvar nossas casas.**

## Referências

- Amanda Caixeta – Instagram. Registros da Conae 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/s/aGlnaGxpZ2h0OjE4MDQ3MDU3NjYyNjA4MjI4?igsh=MzB4dTFIMWY0bjN5> (Acessado em: 28/02/2025)
- Arendt, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- Aristóteles. “Política”. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/> (Acessado em: 28/02/2025)

- Assembleia Paraná. “Conae 2024 pautou os novos rumos da educação brasileira com doutrinação ideológica”. Disponível em: [https://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/audiencia-publica-conae-educacao-ou-doutrinacao-debate-os-rumos-da-educacao-nacional?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/audiencia-publica-conae-educacao-ou-doutrinacao-debate-os-rumos-da-educacao-nacional?utm_source=chatgpt.com) (Acessado em: 28/02/2025)
- Bastiat, Frederic. “A Lei”. Disponível em: <https://mises.org/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Burke, Edmund. “Reflexões sobre a Revolução na França”. Disponível em: <https://oll.libertyfund.org/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Brasil Paralelo. “Plano Nacional da Educação regulado por pautas militantes pelos próximos 10 anos: de defesa do Hamas ao marxismo e gênero na escola”. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=conae+brasil+paralelo&toq=conae+brasil+pa&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUqBggBEEUYOzIGCAAQRrg5MgYIARBFgDsyBggCEEUYPNIBCDU5MjIqMG0oQAIAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=conae+brasil+paralelo&toq=conae+brasil+pa&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBggBEEUYOzIGCAAQRrg5MgYIARBFgDsyBggCEEUYPNIBCDU5MjIqMG0oQAIAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8) (Acessado em: 28/02/2025)
- Câmara dos Deputados. “Comissão debate criação do Dia Nacional de Conscientização sobre a Doutrinação nas Escolas”. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/noticias/991349-comissao-debate-criacao-do-dia-nacional-de-conscientizacao-sobre-a-doutrinacao-nas-escolas/?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.camara.leg.br/noticias/991349-comissao-debate-criacao-do-dia-nacional-de-conscientizacao-sobre-a-doutrinacao-nas-escolas/?utm_source=chatgpt.com) (Acessado em: 28/02/2025)
- Câmara dos Deputados. “Gustavo Gayer (PL/GO) – Projeto combate abuso ideológico em sala de aula”. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/1000715-gustavo-gayer-pl-go-projeto-combate-abuso-ideologico-em-sala-de-aula/>
- Câmara dos Deputados – Youtube. “1º Seminário sobre Doutrinação Ideológica no Ensino”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X5BLIY4gpFs&t=8s> (Acessado em: 28/02/2025)
- Carta Capital. “Bolsonaristas reclamam de ‘viés ideológico’ na Conferência Nacional de Educação e pedem adiamento”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaristas-reclamam-de-vies-ideologico-na-conferencia-nacional-de-educacao-e-pedem-adiamento/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Censura e Educação no Estado Novo de Getúlio Vargas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edu/a/Np68LqCYqWbMxptjWhNwLJ/?lang=pt> (Acessado em: 28/02/2025)
- Clipping Vitae. “Frente contra doutrinação ideológica nas escolas repudia Conae 2024”. Disponível em: <https://obsvitae.wixsite.com/clippingvitae/post/frente-contra-doutrina%C3%A7%C3%A3o-ideol%C3%B3gica-nas-escolas-repudia-conae-2024> (Acessado em: 28/02/2025)
- Contee. “A Conferência Nacional de Educação e a acusação ‘político-ideológica’”. Disponível em: <https://contee.org.br/a-conferencia-nacional-de-educacao-e-a-acusacao-politico-ideologica/> (Acessado em: 28/02/2025)

- Courtois, Stéphane et al. *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- Crusoé. “Deputados bolsonaristas promovem seminário sobre “doutrinação ideológica” na Câmara”. Disponível em: [https://crusoec.com.br/diario/deputados-bolsonaristas-promovem-seminario-sobre-doutrinacao-ideologica-na-camara/?utm\\_source=chatgpt.com](https://crusoec.com.br/diario/deputados-bolsonaristas-promovem-seminario-sobre-doutrinacao-ideologica-na-camara/?utm_source=chatgpt.com) (Acessado em: 28/02/2025)
- Diário do Poder. “Provocados por Gayer, pais denunciam “doutrinação” nas escolas”. Disponível em: [https://diariodopoder.com.br/brasil-e-regioes/lsf-brasil/provocados-por-gayer-pais-denunciam-doutrinacao-nas-escolas?utm\\_source=chatgpt.com](https://diariodopoder.com.br/brasil-e-regioes/lsf-brasil/provocados-por-gayer-pais-denunciam-doutrinacao-nas-escolas?utm_source=chatgpt.com) (Acessado em: 28/02/2025)
- Doutrinação na Alemanha Nazista. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/education-in-nazi-germany> (Acessado em: 28/02/2025)
- Eberstadt, Mary. “Primal Screams: How the Sexual Revolution Created Identity Politics”. Simon & Schuster, 2019.
- Educação na Revolução Russa. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1918/oct/02.htm> (Acessado em: 28/02/2025)
- Fascismo e Educação na Itália de Mussolini. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/260592> (Acessado em: 28/02/2025)
- Harvard Family Research Project. “Family Involvement in Education: How Important Is It?”. Disponível em: <https://www.hfrp.org/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Gazeta do Povo. “Gayer promove evento contra doutrinação nas escolas”. Disponível em: [https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/entrelinhas/gayer-promove-evento-contradoutrinacao-na-camara/?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/entrelinhas/gayer-promove-evento-contradoutrinacao-na-camara/?utm_source=chatgpt.com) (Acessado em: 28/02/2025)
- Instituto Brookings. “The Impact of Family Structure on Social Mobility”. Disponível em: <https://www.brookings.edu/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Instituto de Formação de Líderes (IFL). “Panorama Político nas Universidades Brasileiras”. Disponível em: <https://www.ifl.org.br/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Instituto Millenium. “Impactos da Doutrinação Ideológica na Educação Brasileira”. Disponível em: <https://www.institutomillenium.org.br/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Jornal da Fronteira. “‘CONAE: Educação ou Doutrinação?’ debate os rumos da educação nacional”. Disponível em: <https://jornaldafrenteira.com.br/conae-educacao-ou-doutrinacao-debate-os-rumos-da-educacao-nacional/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Jornal do Oeste. “Audiência pública “CONAE: Educação ou Doutrinação?” debate os rumos da educação nacional”. Disponível em: <https://www.jornaldooeste.com.br/audiencia-publica-conae-educacao-ou-doutrinacao-debate-os-rumos-da-educacao-nacional/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Jornal Opção. “Liderada por Gustavo Gayer, Frente Parlamentar emite nota de repúdio ao Conae 2024”. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/educacao/>

- liderada-por-gustavo-gayer-frente-parlamentar-emite-nota-de-repudio-ao-conae-2024-576122/?utm\_source=chatgpt.com (Acessado em: 28/02/2025)
- Kirk, Russell. "The Conservative Mind". Disponível em: <https://isi.org/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Ministério da Educação. "Conae 2024". Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conferencias/conae-2024> (Acessado em: 28/02/2025)
- Nagib, Miguel. "Escola Sem Partido: A luta contra a doutrinação ideológica". Disponível em: <https://www.escolasempartido.org/> (Acessado em: 28/02/2025)
- NAIM, Moisés. *O Fim do Poder*. São Paulo: Editora LeYa, 2013.
- National Bureau of Economic Research. "The Role of Parents in Preventing Ideological Indoctrination". Disponível em: <https://www.nber.org/> (Acessado em: 28/02/2025)
- National Education Association (NEA). "Parent Involvement and Student Success". Disponível em: <https://www.nea.org/> (Acessado em: 28/02/2025)
- National Institute of Justice. "Effects of Father Absence on Youth Crime". Disponível em: <https://nij.ojp.gov/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Paim, Antonio. *História das Ideias Filosóficas no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- Pânico na Jovem Pan – Youtube. "Gayer analisa doutrinação nas escolas: 'inversão de valores'". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C8XzEfgkoIw> (Acessado em: 28/02/2025)
- Peterson, Jordan. "12 Rules for Life: An Antidote to Chaos". Random House Canada, 2018.
- Peterson, Jordan. "12 Regras para a Vida: Um antídoto para o caos". Random House Canada, 2018.
- Portal Anápolis. "Frente Parlamentar emite nota de repúdio à Conferência Nacional de Educação 2024". Disponível em: <https://portalanapolis.com/frente-parlamentar-emite-nota-de-repudio-a-conferencia-nacional-de-educacao-2024/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Portal Anápolis. "Gustavo Gayer atrai grande público em seminário sobre doutrinação nas escolas na Câmara dos Deputados". Disponível em: <https://portalanapolis.com/gustavo-gayer-atrai-grande-publico-em-seminario-sobre-doutrinacao-nas-escolas-na-camara-dos-deputados/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Reis Filho, Daniel Aarão. *Revolução Russa: A Construção do Socialismo na URSS*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- Revolução Francesa e o controle educacional. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/French-Revolution> (Acessado em: 28/02/2025)
- Rodrigo Mocelin – Youtube. "Nossos filhos correm perigo". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PLLzp6gGaiw> (Acessado em: 28/02/2025)

- Scruton, Roger. “Como Ser um Conservador”. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/> (Acessado em: 28/02/2025)
- 7 Minutos. “Frente Parlamentar emite nota de repúdio à Conferência Nacional de Educação 2024”. Disponível em: <https://7minutos.com.br/educacao/frente-parlamentar-emite-nota-de-repudio-a-conferencia-nacional-de-educacao-2024/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Tocqueville, Alexis de. “A Democracia na América”. Disponível em: <https://www.loc.gov/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Universal Notícias. “Conae 2024 pautou os novos rumos da educação brasileira com doutrinação ideológica”. Disponível em: [https://www.universal.org/noticias/post/conae-2024-pautou-os-novos-rumos-da-educacao-brasileira-com-doutrinacao-ideologica/?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.universal.org/noticias/post/conae-2024-pautou-os-novos-rumos-da-educacao-brasileira-com-doutrinacao-ideologica/?utm_source=chatgpt.com) (Acessado em: 28/02/2025)
- Wilcox, Bradford. “The Importance of Fathers in Family Structure”. Universidade da Virgínia. Disponível em: <https://ifsstudies.org/> (Acessado em: 28/02/2025)
- U.S. Census Bureau. “Youth Incarceration and Family Background”. Disponível em: <https://www.census.gov/> (Acessado em: 28/02/2025)
- Zé Sapateiro – Youtube. “Perdemos nossa filha para o comunismo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qZCLnzPoq5g&t=1672s> (Acessado em: 28/02/2025)
- Zimmerman, John C. *Nazi Germany and the Holocaust*. Lanham: University Press of America, 2003.

# POLÍTICA COM ALMA FEMININA – ACOLHER, CUIDAR E TRANSFORMAR REALIDADES

CELINA LEÃO

## Por Elas, Com Alma

*Ela é mulher de chão firme e olhar adiante  
Não chegou por acaso, chegou por legado  
Veio das que votaram primeiro, das que governaram sozinhas  
Das que construíram estrada, escola, coragem.*

*A mulher brasileira lidera com alma e com verdade  
Não se curva ao ruído, não se cala diante do peso  
Ela levanta quando o país precisa, permanece quando a pátria hesita  
Serve não por glória, mas por missão.*

*Onde faltam pontes, ela estende a mão  
Onde há rachaduras, ela planta raiz  
Onde negaram espaço, ela ergueu presença  
Porque sabe que reconstruir o Brasil é também papel da mulher.*

Celina Leão

**D**urante séculos, a sociedade restringiu o papel da mulher ao espaço doméstico, ao silêncio de funções invisíveis, à responsabilidade de cuidar dos outros sem espaço para cuidar de si. Esse modelo tradicional excluiu o feminino da vida pública, como se sensibilidade, empatia e intuição fossem incompatíveis com liderança e poder. Mas a história, silenciosa e firme como são muitas mulheres, provou o contrário.

**As qualidades associadas à alma feminina, como escuta atenta, sensibilidade para o detalhe humano, coragem emocional e capacidade de conciliação, são hoje virtudes indispensáveis para uma política mais ética, mais conectada com as pessoas e mais comprometida com o bem comum.** Mas esses também são valores que têm sido negligencia-

dos por uma cultura política ainda marcada pela imposição, pela lógica do conflito e pela vaidade pessoal.

A política, quando vivida com alma feminina, é mais do que disputa de cargos e narrativas. É um exercício diário de responsabilidade com a vida dos outros. É, sobretudo, uma forma de serviço. A mulher que lidera sem abrir mão de sua natureza, que governa com coragem e compaixão, que escuta antes de decidir, representa a possibilidade de resgatar o sentido mais nobre da política, que é servir com ética, equilíbrio e verdade.

Essa consciência tem raízes em trajetórias que marcaram a história do Brasil. Em 1927, Celina Guimarães Vianna, no Rio Grande do Norte, foi a primeira mulher a se alistar como eleitora do país, logo após a legislação local reconhecer o direito ao voto feminino. Seu gesto, corajoso e pioneiro, antecipou uma transformação que mudaria para sempre a democracia brasileira. A coragem de Celina abriu espaço para que outras mulheres não apenas votassem, mas também pudessem ser votadas, governar e legislar.

Este capítulo é um convite à reflexão e à esperança. À reflexão sobre o quanto a presença feminina já transformou, mesmo diante de tantos obstáculos, a política brasileira. E à esperança de que, com mais mulheres dispostas a liderar com alma, possamos construir um país mais justo, mais humano e mais coerente com os valores que sustentam a sociedade: responsabilidade, ordem, liberdade, família, soberania e ética.

## **A natureza do cuidar feminino**

A essência do cuidar feminino vai muito além da sensibilidade emocional. Ela representa uma disposição concreta para agir em favor do outro, transformando a empatia em responsabilidade e olhos e ouvidos atentos em decisão. No universo político, essa natureza se manifesta como uma habilidade estratégica para compreender as necessidades da sociedade e formular políticas públicas que respeitem a dignidade de cada cidadão.

O cuidar, no feminino, é ativo, planejado e atento às consequências a longo prazo. **A alma feminina conhece e reconhece as urgências.**

Trata-se de perceber as demandas silenciosas que nem sempre se expressam em manifestações públicas, mas que são profundamente sentidas no cotidiano das famílias, das comunidades e dos grupos mais vulneráveis. Essa percepção exige do líder político um olhar que não apenas observa, mas que se compromete com a melhoria real das condições de vida das pessoas.

Diferente de uma gestão baseada apenas na lógica da eficiência técnica, a prática do cuidado leva em consideração o impacto humano de cada decisão. Um orçamento público, por exemplo, não é apenas um conjunto de números. É um instrumento que define quem terá acesso à saúde, quem poderá estudar, quem encontrará apoio em momentos de vulnerabilidade. O olhar feminino do cuidar entende que cada política pública é, na essência por origem, um compromisso com a vida.

Essa abordagem, cultivada historicamente pelas mulheres, desenvolve também a capacidade de articular diferentes interesses de forma pacífica e construtiva. **Na vida prática, cuidar é equilibrar, mediar, prevenir conflitos antes que eles se agravem. Na política, essa habilidade se traduz na construção de consensos, na busca de soluções integradoras e na disposição para ouvir sem perder de vista os objetivos estratégicos.**

Em meus mandatos como deputada distrital, deputada federal e, agora, como vice-governadora do Distrito Federal, sempre compreendi que o cuidado não enfraquece a autoridade. Ao contrário, ele a legitima. Cuidar com responsabilidade é, antes de tudo, reconhecer que o outro também é prioridade da vida pública. É nesse reconhecimento que nasce a política que transforma com raízes profundas no amor ao próximo e com propósito.

## **Desafios e obstáculos enfrentados por mulheres na política**

Ingressar na política com uma proposta humanizada, sensível e ética ainda é um desafio imenso para qualquer mulher. O ambiente político, historicamente dominado por estruturas masculinas e práticas agressivas de poder, resiste a uma forma de liderança que não se baseia na imposição, mas no diálogo. A mulher que chega aos espaços de decisão com esse novo olhar precisa enfrentar não apenas as barreiras institucionais, mas também os preconceitos silenciosos que atravessam cada etapa de sua jornada.

Uma das maiores dificuldades é a necessidade constante de provar competência. A mulher política é, frequentemente, julgada com mais rigor, exposta a ataques desproporcionais e sujeita a deslegitimações pessoais que não atingem seus colegas homens. Isso não é acaso. É reflexo de uma cultura que, ainda hoje, associa autoridade à rigidez e não reconhece a força da firmeza serena, da escuta qualificada, da liderança emocionalmente inteligente.

Além do preconceito, há o isolamento. Muitas mulheres que defendem um estilo de liderança mais sensível se veem excluídas em ambientes de decisão dominados por estratégias insensíveis e frias. Propor que a políti-

ca pense no impacto humano, que escute a sociedade e que promova o bem comum é, muitas vezes, nadar contra a corrente. Requer coragem, paciência e resiliência.

O assédio, seja moral, institucional ou mesmo sexual, também é uma realidade grave e ainda naturalizada. Muitas mulheres enfrentam tentativas constantes de desmoralização e silenciamento. Essa violência simbólica busca afastá-las dos espaços de poder, minando a confiança e testando seus limites. Resistir a isso exige não apenas coragem pessoal, mas o apoio de uma rede sólida e a convicção de um propósito claro.

A maioria das mulheres que ingressa na política precisa conciliar a vida pública com responsabilidades familiares e pessoais. Essa sobrecarga que, para as mulheres, é uma realidade cotidiana, quase nunca é vista como um obstáculo para os homens. A sociedade naturaliza o fato de homens se dedicarem exclusivamente à vida pública, enquanto exige que as mulheres provejam o tempo todo que conseguem dar conta de tudo. Essa diferença injusta pesa sobre a trajetória feminina, mas muitas vezes é ignorada na avaliação de sua capacidade de liderança.

Apesar de tudo isso, acredito firmemente que cada obstáculo pode ser convertido em força. **A mulher que se prepara com seriedade, que constrói uma trajetória coerente, que age com ética e que se apoia em valores sólidos consegue não apenas ocupar espaço, mas transformar o próprio conceito de poder. Ela inspira.** E essa inspiração se espalha como um chamado silencioso para que outras também avancem, resistam e renovem a política brasileira com alma e propósito.

## A força da liderança com alma

Liderar com alma não significa liderar com hesitação. Significa liderar com consciência. Ter clareza de que decisões públicas impactam vidas reais. Significa saber que cada escolha política afeta não apenas índices e estatísticas, mas histórias, famílias, sonhos. Essa liderança exige mais do que coragem. Exige valores.

Ao longo dos meus mandatos, compreendi que escutar não é falta de firmeza ou ausência de posicionamento. Pelo contrário, escutar, e com humildade e atenção, é um ato político profundo. É por meio da escuta que

**A presença feminina, nesse novo ciclo da política brasileira, será determinante. Porque a alma feminina, quando atua na política, carrega consigo uma força que transcende o cargo.**

se identificam as urgências reais, que se constroem soluções sólidas e que se criam políticas públicas que fazem sentido no cotidiano da população.

**As mulheres não estão aqui para ocupar espaços por concessão. Estão aqui para exercer vocações.**

O líder que não escuta, com o tempo perde o contato com a sociedade. E, quando isso acontece, governa apenas para si.

A liderança com alma sabe dizer não com responsabilidade. Sabe recuar quando o bem comum exige. Sabe também ser firme, sem arrogância. Combina autoridade com empatia, técnica com ética, resultado com respeito. Essa liderança é mais difícil.

Porque ela não se apoia na força bruta, mas na integridade. Mas também é mais duradoura. Porque é confiável. Porque inspira.

É possível, sim, governar com coragem e sensibilidade. Defender a ordem e a liberdade sem abrir mão da escuta e do cuidado. Proteger a família e o bem-estar coletivo ao mesmo tempo. Trabalhar por uma sociedade segura e equilibrada, sem ceder à indiferença ou ao desespero ideológico. A liderança com alma é a síntese disso. Ela é firme, mas humana. Clara, mas sensível. Justa, mas comprometida com a vida.

**A política não precisa mais ser palco de egos. Ela pode, e deve, ser espaço de soluções. E para isso, precisa da presença de lideranças que entendam que servir é muito mais nobre do que dominar.** E que cuidar é, acima de tudo, um ato de coragem.

## Compromisso com o futuro da política brasileira

O Brasil vive tempos complexos. Desafios econômicos, sociais, institucionais e morais se acumulam e pressionam a sociedade por respostas urgentes. Diante disso, cresce a descrença, a desesperança, o cansaço com as promessas e o afastamento das pessoas da política. Mas é justamente nesse momento que precisamos reafirmar o valor da boa política, da política que transforma, que serve, que constrói.

A reconstrução da política brasileira exige um reencontro com fundamentos permanentes, muitas vezes esquecidos em meio à efemeridade das disputas. Falo de princípios como responsabilidade, ordem, liberdade, família, soberania e ética. Esses não são apenas lemas partidários. São compromissos civilizatórios. São os pilares sobre os quais podemos reconstruir a confiança pública e retomar o rumo da grandeza nacional.

É preciso resgatar a credibilidade das instituições e dos seus representantes. E isso não se faz com retórica, nem com discursos inflamados. Faz-se com prática. Com exemplo. Com coerência entre o que se diz e o que se entrega. A confiança do povo se reconquista com escuta atenta, com presença e com responsabilidade na tomada de decisões.

**A presença feminina, nesse novo ciclo da política brasileira, será determinante. Porque a alma feminina, quando atua na política, carrega consigo uma força que transcende o cargo.** Traz uma perspectiva de cuidado, de ligação verdadeira com as pessoas, de coragem ética para decidir com base na vida. Mulheres preparadas, serenas e firmes serão protagonistas da transformação que o Brasil precisa.

Eu tenho fé. Fé de que a política volte a ser espaço de propósito. De que as meninas cresçam acreditando que podem ser líderes sem precisar silenciar sua sensibilidade. De que o debate público volte a ser respeitoso, firme, mas produtivo. De que os valores que estruturam uma sociedade saudável voltem a ocupar o centro das decisões públicas.

Essa é a política que acredito. A política que me move. A política que coloco em prática todos os dias, com dedicação, responsabilidade e muita fé no futuro do nosso país.

**A mulher que se prepara com seriedade, que constrói uma trajetória coerente, que age com ética e que se apoia em valores sólidos consegue não apenas ocupar espaço, mas transformar o próprio conceito de poder. Ela inspira.**

## A política sem alma e seus riscos

Uma política sem alma é uma política vazia de propósito. É aquela que se distancia do povo e se aproxima apenas do poder. Uma política que se alimenta da vaidade, da disputa de narrativas, do controle de imagem, mas que se esquece do principal, que é a vida real das pessoas. Quando a política perde sua conexão com o humano, ela deixa de ser instrumento de justiça e passa a ser máquina de conveniência.

Ao longo dos anos, temos assistido ao crescimento de uma lógica pública que valoriza mais a performance do que a verdade. A política se transformou, em muitos casos, em um palco, onde discursos substituem ações e estratégias de marketing tomam o lugar do compromisso real com o bem comum. Nesse cenário, o servidor do povo, o político nesse caso, se transforma em personagem e o cidadão vira público-alvo.

Os efeitos dessa desconexão são profundos: o aumento da polarização, a erosão da confiança nas instituições, a banalização da mentira, o cinismo político, o desalento das novas gerações. Uma política sem alma gera uma sociedade desencantada. E uma sociedade desencantada abre espaço para o autoritarismo, para o radicalismo, para os falsos salvadores da pátria.

A ausência de alma na vida pública também contamina as decisões. Quando não há empatia, as decisões se tornam técnicas, frias, desumanizadas. Um hospital deixa de ser um espaço de cuidado e vira apenas uma planilha de custos. Uma escola deixa de ser um espaço de formação e passa a ser medida por índices que não traduzem realidades. A violência deixa de comover e passa a ser estatística.

É nesse cenário que a presença da mulher, e da alma feminina, se torna ainda mais urgente. Porque onde há sensibilidade, há empatia. Onde há empatia, há doação. Onde há doação, há compromisso com a verdade, com o outro e com o futuro. A alma feminina resgata a política do automatismo e da indiferença. E a reconduz ao seu lugar original que é o serviço ao bem comum.

**Não se trata de defender uma política emocional, volátil ou subjetiva. Trata-se de reconhecer que, sem valores, sem princípios, sem humanidade, a política se transforma em um exercício de poder pelo poder. E isso é perigoso demais para qualquer democracia.**

É preciso reumanizar a política. Trazer de volta o olhar, o gesto, os ouvidos bem abertos e atentos, o respeito. E isso começa por quem está disposto a liderar não por ambição, mas por vocação, por missão. Por quem entende que o cargo não é um fim, mas um meio. Um meio de transformar, de proteger, de construir.

## **Missão e vocação pública**

Nem toda liderança nasce de um plano de poder. Algumas nascem de um chamado. A política, quando exercida com alma, é mais do que uma carreira. É uma missão. É uma vocação que exige entrega, renúncia, coragem e um senso profundo de responsabilidade com o destino coletivo. E como toda vocação, ela não é movida pela busca de aplausos, mas pela consciência do dever.

Servir ao público não é o mesmo que ser público. Quem serve entende que o que se faz entre gabinetes e ruas molda a vida de milhões. **Cada ato de governo é uma semente lançada no solo da história. Algumas**

**germinam imediatamente. Outras levam décadas para florescer. Mas todas carregam o peso de afetar destinos.**

A vocação pública verdadeira resiste à sedução da autopromoção. Ela prefere o bastidor silencioso à manchete vazia. Ela compreende que o mais importante nem sempre é o que se vê, mas o que se sustenta. E por isso, prioriza raízes em vez de ruídos, de barulhos em palanques.

Essa vocação nasce, muitas vezes, da dor. Da dor que vemos nos outros. Da indignação que sentimos ao testemunhar injustiças. Da esperança que se recusa a morrer. É ela que alimenta quem acorda muito cedo todos os dias sabendo que tem uma missão maior do que si mesmo. Que não está no cargo apenas por mérito, mas por propósito.

A fé tem papel fundamental nesse caminho. Porque é ela que dá sentido ao invisível, que fortalece no cansaço, que ilumina quando a política se torna obscura. A fé lembra que o poder é transitório, mas que a dignidade é permanente. Que mandatos passam, que mas valores ficam.

Sempre acreditei que a política deve ser uma extensão daquilo que se é. Não se trata de criar uma personagem para agradar o público. Trata-se de alinhar o que se faz ao que se crê. De agir com coerência. De dormir em paz com a própria consciência. Essa é, talvez, a maior liberdade que se pode ter na vida pública, a de permanecer fiel a si mesma, mesmo sob pressão.

Missão e vocação são irmãs da responsabilidade. Elas não aceitam atalhos, nem justificam erros com conveniência. Exigem preparo, constância, discernimento e, sobretudo, humildade. A humildade de ouvir, de reconhecer limites, de servir mesmo quando não há holofotes.

Na vida pública, muitos entram por ambição. Poucos permanecem por vocação. E são esses poucos que mudam o curso da história.

Porque não fazem por si. Fazem pelos outros. E é isso que dá sentido à política com alma.

**A política não precisa mais ser palco de egos. Ela pode, e deve, ser espaço de soluções. E para isso, precisa da presença de lideranças que entendam que servir é muito mais nobre do que dominar.**

## **A alma feminina na reconstrução do Brasil**

○ Brasil tem pressa. Pressa de justiça, de segurança, de dignidade. Mas não é qualquer pressa. É uma urgência com fome de profundidade. **A sociedade não quer mais discursos prontos e vazios. Ela quer compromisso**

**real. Não deseja líderes perfeitos. Ela deseja líderes humanos. E é nesse tempo de reconstrução que a alma feminina se revela fundamental.**

**A reconstrução de um país não começa nos cofres. Começa nos vínculos.** Começa quando o governante enxerga o povo não como massa, mas como pessoas. Quando uma política pública é desenhada não para impressionar estatísticas, mas para transformar vidas e realidades. Quando o cuidado volta a ser princípio de Estado, e não apenas prática ocasional. É nesse ponto que o feminino mostra sua força.

A mulher que lidera sem negar sua essência traz para a política um novo vocabulário. Na alma feminina, as palavras que gritam são acolhimento, empatia, coragem, responsabilidade afetiva, força serena. E esse vocabulário precisa entrar nas salas de decisão, nos debates sobre o orçamento, nas escolhas sobre o futuro. Porque onde há sensibilidade, há presença. Onde há presença, há propósito. E onde há propósito, há reconstrução de verdade.

Não se trata de fazer da política um campo de emoções, mas de devolver-lhe a dignidade das relações humanas. Um país não se levanta apenas com estruturas. Ele se ergue com confiança, com vínculos, com valores partilhados. E é exatamente isso que a liderança com alma oferece: pontes. Pontes entre o poder e o povo. Entre a ordem e a sensibilidade. Entre a justiça e a compaixão.

**A reconstrução do Brasil passa por um novo pacto de responsabilidade. E o feminino é peça-chave nesse processo. Porque a mulher que lidera com consciência constrói em vez de derrubar.** Cria em vez de competir. Escuta em vez de gritar. E, acima de tudo, serve em vez de se exhibir. **Ela compreende que a força de uma nação está na força de seus lares, de suas mães, de suas professoras, de suas servidoras, de suas jovens que não querem mais ser invisíveis.**

Por isso, acredito que o Brasil reencontrará sua grandeza quando a política for novamente instrumento de bem comum. Quando o exercício do poder voltar a ter um rosto humano. E quando o feminino for reconhecido não como exceção, mas como parte fundamental da democracia.

**As mulheres não estão, aqui, para ocupar espaços por concessão. Estão aqui para exercer vocações.** E quando fazem isso com preparo, com firmeza e com alma, deixam um legado que nenhuma eleição apaga, que é o legado da reconstrução pela dignidade.

## Nota pessoal

Concluir este capítulo é, para mim, mais do que uma oportunidade de reflexão. É um ato de gratidão. Gratidão por todas as mulheres que vieram antes de mim, que abriram portas com firmeza e generosidade. Gratidão por cada pessoa que, ao longo da minha jornada, confiou em mim para exercer o serviço público com responsabilidade e alma. E gratidão por estar viva neste momento em que as mulheres não apenas ocupam espaços, mas ressignificam o próprio sentido de liderar.

Acredito que a política não precisa ser apenas eficiente. Ela precisa ser humana. Precisa ser ética. Precisa ter propósito. E é isso que me move. Não se trata de gênero, mas de essência. Não se trata de marcar presença, mas de deixar legado. De fazer com que cada passo nosso pavimente o caminho para que outras também avancem.

A história tem mostrado que a força da mulher na política brasileira não está apenas em ocupar cargos. Está em transformar realidades. Em proteger sem hesitar. Em ouvir com responsabilidade. Em decidir com coragem.

**A todas as mulheres que desejam servir ao país com alma, minha mensagem é clara: há espaço para vocês. O Brasil precisa de vocês.** A política não será completa enquanto não refletir a pluralidade, a inteligência e o coração de sua gente.

Se este capítulo tocar ao menos uma jovem mulher a acreditar que pode liderar sem deixar de ser quem é, então ele já terá cumprido sua missão.

Que a coragem das que vieram antes nos inspire. Que o compromisso das que aqui estão nos guie. E que a esperança das que ainda virão continue abrindo caminhos para um país mais justo, mais forte e mais humano.

# A VERDADE QUE LIBERTA: UM CHAMADO À CORAGEM

TASSOS LYCURGO

A manipulação da linguagem é uma ferramenta poderosa muito utilizada em nosso cotidiano, especialmente em um mundo em que narrativas progressistas e comunistas buscam desconstruir valores conservadores e valores cristãos.

A linguagem é um dom precioso dado por Deus para comunicar a verdade, não para manipular ou enganar.

## Precedentes históricos da manipulação linguística

A manipulação da linguagem não é algo novo. Desde os primórdios da civilização, de uma forma ou de outra, aqueles que desejavam controlar as pessoas e impor suas ideias entenderam que as palavras são ferramentas poderosas.

Mais recentemente, como desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem, em especial os feitos pela Escola de Frankfurt e outros baseados na obra de Wittgenstein, chegar-se-ia a uma perigosíssima conclusão: **quem controla as palavras, controla as ideias; e quem controla as ideias, inevitavelmente controla as ações.**

Por isso, se quisermos entender as armadilhas que enfrentamos hoje, especialmente vindas de ideologias progressistas e comunistas, precisamos olhar para o passado e aprender com os precedentes históricos. **O objetivo dessas ideologias sempre foi o mesmo: relativizar a verdade, confundir os valores e, ao final, reestruturar a sociedade de acordo com suas agendas ideológicas.**

Um exemplo clássico de como essa manipulação funciona está no livro “1984”, de George Orwell. Se você ainda não leu, recomendo fortemente que o leia. Orwell descreve um regime totalitário que cria uma nova língua, chamada “Novilíngua”, projetada para limitar o pensamento das pessoas. Como? Simples: eles eliminariam palavras que poderiam permitir questionamentos ou oposição ao sistema. **Sem palavras, as ideias morrem.**

Agora reflita: isso não parece familiar? Hoje, conceitos como “família”, “casamento”, “democracia” e até “verdade” estão sendo desconstruídos. Dizer que casamento é a união entre um homem e uma mulher – algo que sempre foi entendido assim – agora é considerado retrógrado, ofensivo ou até mesmo “discurso de ódio”. Essa mudança no significado das palavras não é acidental. É uma estratégia clara para mudar os valores que sustentam nossa sociedade.

Outro ponto que Orwell destaca no livro “1984” é a manipulação da história. O governo apagava fatos, inventava outros e reescrevia o passado para que a versão oficial servisse aos interesses do Partido. Isso também acontece hoje. **Pense em como figuras históricas que ajudaram a construir a civilização ocidental estão sendo atacadas, enquanto ideologias comunistas, que trouxeram destruição, são exaltadas.** Por exemplo, líderes comunistas, como Che Guevara, são romantizados como heróis, enquanto grandes estadistas ou religiosos que defenderam valores cristãos são retratados como opressores. Essa reescrita da história não é apenas uma questão acadêmica. É uma tentativa de moldar o futuro ao distorcer o passado.

Se formos analisar outros fatos da história, encontraremos exemplos ainda mais claros. Pense no regime nazista de Adolf Hitler. Seu ministro da propaganda, Joseph Goebbels, era um verdadeiro mestre em manipular as palavras. Ele sabia que, se você repetir uma mentira mil vezes, ela acaba sendo aceita como verdade. Goebbels simplificava problemas complexos e jogava a culpa em grupos específicos, como os judeus, enquanto apresentava o regime nazista como a solução para todos os problemas da Alemanha. É a velha tática de criar um “inimigo comum” para unir as pessoas em torno de uma causa, mesmo que essa causa seja absurda.

**Hoje, movimentos progressistas fazem algo semelhante. Conservadores são rotulados de “retrógrados”, “fascistas” ou “intolerantes” simplesmente por defenderem valores tradicionais.** Não é curioso que quem prega “tolerância” é o primeiro a demonizar quem pensa diferente?

Outro exemplo que não podemos ignorar é o de Vladimir Lênin, líder da Revolução Russa. Lênin era um gênio em manipular as massas com palavras bonitas. Ele falava de “justiça social” e “igualdade” – conceitos que soam maravilhosos, mas que, na prática, serviram para justificar perseguições,

**Quem controla as palavras, controla as ideias; e quem controla as ideias, inevitavelmente controla as ações.**

prisões e até assassinatos. Ele sabia como usar o apelo emocional para mobilizar as pessoas, criando um senso de urgência: “Se não fizermos isso agora, tudo estará perdido!”. Não soa familiar?

Movimentos comunistas e progressistas usam essa mesma estratégia até hoje. No Brasil, por exemplo, é comum vermos discursos inflamados que apelam para o emocional, enquanto escondem intenções que buscam enfraquecer a família, a religião e a liberdade individual.

Deixe-me falar agora de Antonio Gramsci – um dos teóricos marxistas mais influentes, embora ainda por muitos desconhecido. **Gramsci percebeu que não bastava tomar o poder pela força; era preciso conquistar a cultura. Ele defendia o uso da linguagem, da educação e das artes como ferramentas para moldar a mentalidade da sociedade.** É por isso que vemos hoje uma tentativa constante de empobrecer a arte, trazendo-lhe elementos que constantemente atacam “família” e “verdade”. **A ideia de Gramsci era simples: se você muda a cultura, muda a sociedade. E isso não acontece da noite para o dia. É um processo lento, quase imperceptível, mas devastador. Pense em como, em poucos anos, a ideia de que “tudo é relativo” se tornou dominante. Nada mais é considerado sagrado ou absoluto.** Isso não aconteceu por acaso; foi planejado.

Esses exemplos históricos deixam claro que a manipulação da linguagem é uma estratégia poderosa e perigosa. Seja por meio da repetição de slogans, da simplificação distorcida de ideias complexas ou do apelo emocional, líderes e ideologias ao longo da história usaram as palavras para “moldar” a realidade e controlar as pessoas. E o mais preocupante é que essas táticas continuam sendo usadas hoje, especialmente por movimentos progressistas que buscam desconstruir os pilares da sociedade ocidental.

**Eles falam em “inclusão”, “diversidade” e “justiça social”, mas, na prática, promovem uma agenda que ataca a liberdade de expressão, relativiza a moral e tenta calar qualquer voz dissidente.**

Então, o que podemos fazer? Primeiro, precisamos estar atentos. Quando vemos mudanças no significado de palavras ou discursos que apelam mais para a emoção do que para a razão, precisamos questionar. Por exemplo, quando alguém diz que “liberdade de expressão” não inclui opiniões conservadoras porque são “ofensivas”, isso deve acender um alerta.

Os conservadores têm o dever de proteger a clareza e a honestidade na comunicação. A Bíblia ensina que a verdade liberta (João 8:32). E essa verdade começa na forma como usamos e preservamos as palavras. **Defender**

**a integridade da linguagem não é apenas uma questão cultural, mas também espiritual.** É uma batalha pela liberdade de pensar, falar e viver de acordo com os valores que realmente importam: Deus, família, liberdade e verdade.

Portanto, não seja passivo. Questione, analise e, acima de tudo, defenda a verdade. Porque, como vimos ao longo da história, **quando a linguagem é manipulada, a liberdade é a primeira a desaparecer. E sem liberdade, não há espaço para a fé, a família ou a dignidade humana. A luta pela verdade é, em última análise, uma luta pela alma da sociedade.** E essa luta começa com cada um de nós.

## **A manipulação da linguagem**

A manipulação da linguagem é, sem dúvida, uma das armas mais eficazes para moldar opiniões, distorcer a verdade e influenciar o comportamento das pessoas. E, ao contrário do que acontecia em regimes totalitários do passado, onde a propaganda era explícita e descarada, hoje essa manipulação se tornou mais sutil, mais sofisticada.

A manipulação se esconde atrás de palavras bonitas, eufemismos e expressões carregadas de emoção que, muitas vezes, passam despercebidas. Mas a intenção é a mesma: quem controla a linguagem, controla o pensamento; e quem controla o pensamento, inevitavelmente controla a sociedade. É por isso que precisamos aprender a identificar essas táticas e desmascará-las, especialmente porque estão sendo usadas com força total por ideologias progressistas e comunistas que tentam desconstruir os valores cristãos e os conservadores.

**Um dos truques mais comuns usados na manipulação da linguagem é o “eufemismo”, que nada mais é do que trocar um termo direto por outro mais “suave”, para esconder ou minimizar o impacto da realidade.** Um exemplo clássico disso é o uso do termo “justiça social”. À primeira vista, parece algo positivo e nobre, mas, na prática, frequentemente serve como eufemismo para políticas que promovem controle estatal excessivo, divisões sociais e ataques à liberdade individual. A expressão “justiça social” suaviza as reais implicações dessas agendas, escondendo sua natureza ideológica nociva.

Progressistas são mestres em usar eufemismos para promover suas agendas. Veja o caso do aborto. Eles nunca vão dizer que se trata de “assassinar um bebê no ventre”, porque isso chocaria a maioria das pessoas. Em vez disso, usam termos como “pró-escolha” ou mesmo “direitos reprodutivos”, quando não é direito e nem muito menos reprodutivo. Veja que essas expressões soam nobres, mas escondem a dura realidade: a interrupção de uma vida inocente. Para piorar, aqueles que são contra o aborto são rotulados de “anti-escolha” ou de “opressores”. É uma tentativa clara de inverter os papéis e marginalizar quem defende a vida.

Outro exemplo muito comum de manipulação linguística é o uso de palavras emocionalmente carregadas, aquelas que não só descrevem algo, mas que também trazem um julgamento embutido. Isso acontece o tempo todo na mídia e nos debates públicos. **Compare os termos “imigrante ilegal” e “trabalhador indocumentado”. Ambos descrevem a mesma situação, mas o primeiro destaca a ilegalidade do ato, enquanto o segundo suaviza a questão, quase sugerindo que se trata apenas de um problema burocrático.** Essa escolha de palavras não é inocente; ela é feita para gerar empatia e desviar a atenção do fato de que houve uma violação da lei.

E isso não para por aí. Se você, como cristão ou conservador, ousa se posicionar contra certas ideologias, pode ser facilmente rotulado de “extremista”, “intolerante” ou até mesmo “fascista”. Em outras palavras, esses rótulos não têm o objetivo de promover um debate honesto, mas de desmoralizar e silenciar quem pensa diferente.

Devo ainda lhe lembrar: **não pense que essa manipulação está restrita aos discursos políticos. Ela está presente no nosso dia a dia, especialmente nas redes sociais.** Palavras como “radical”, “discurso de ódio” ou “opressor” são usadas para calar opiniões contrárias. Por exemplo, se você defende que o casamento é a união entre um homem e uma mulher – algo que sempre foi entendido dessa forma ao longo da história – você pode ser acusado de “propagar ódio” ou mesmo de “homofóbico”, conceito que agrega inclusive uma palavra de uso psiquiátrico: fobia. Essa é uma estratégia muito eficaz para evitar o diálogo e impor uma narrativa única. E, infelizmente, muitas pessoas caem nessa armadilha.

A mídia moderna é talvez o maior campo de batalha dessa guerra linguística. Jornais, programas de TV e influenciadores digitais escolhem cuidadosamente palavras para moldar a percepção das pessoas. Essas palavras

formam expressões que não são neutras; mas carregam uma mensagem subliminar que favorece um lado do debate. Nas redes sociais, por exemplo, isso é ainda mais evidente. Frases como “quem não apoia, é cúmplice” viralizam porque apelam ao emocional, deixando de lado qualquer análise racional. É como se a lógica fosse descartada, e tudo o que importasse fosse a sensação imediata que a mensagem provoca.

No campo político, o uso estratégico da linguagem é ainda mais evidente. **Muitos políticos de Esquerda utilizam táticas discursivas que apelam às emoções para criar identificação com o público e reforçar suas ideias políticas.** Eles frequentemente recorrem à narrativa de superação pessoal, destacando, por exemplo, uma origem humilde com frases como “Eu saí do sertão nordestino, passei fome e cheguei à Presidência”.

Também polarizam temas ao contrapor “ricos” e “pobres”, “braços” e “negros”, dizendo, por exemplo, “os ricos nunca aceitaram ver um operário no poder” e “o pobre tem que estar no orçamento”. Além disso, fazem apelos à solidariedade e à chamada “justiça social” com expressões como: “ninguém pode dormir tranquilo enquanto houver uma criança passando fome”, enquanto isso, criticam adversários políticos com frases como: “eles não cuidaram do povo” e “governaram só para os banqueiros”, gerando indignação. Por fim, empregam metáforas e ditados populares,

como: “a gente não pode deixar a raposa tomar conta do galinheiro”, para simplificar temas complexos, aproximando-se do povo e consolidando sua imagem de líder popular.

**Retomemos ao termo “justiça social”, para que fique claro. Parece algo bom, certo? Afinal, quem seria contra a justiça? Mas, na prática, essa expressão tem sido usada para justificar políticas que atacam a liberdade individual, promovem divisões raciais e sexuais e colocam o Estado como o grande árbitro do que é “justo”. É uma linguagem que apela à emoção, mas que esconde intenções perigosas. E o mais preocupante é que muitas pessoas, por falta de discernimento, acabam sendo seduzidos por essas palavras bonitas, sem perceber o que realmente está por trás delas.**

**Quando a linguagem é manipulada, a liberdade é a primeira a desaparecer. E sem liberdade, não há espaço para a fé, a família ou a dignidade humana. A luta pela verdade é, em última análise, uma luta pela alma da sociedade.**

Então, como podemos resistir a essa manipulação? O primeiro passo é desenvolver um senso crítico em relação à linguagem. Sempre que ouvirmos termos como: “direitos reprodutivos”, “discurso de ódio” ou “justiça social”, devemos nos perguntar: o que realmente está sendo dito aqui? Qual é a realidade por trás dessas palavras?

Além disso, precisamos ensinar nossos filhos e comunidades a reconhecer e questionar eufemismos e palavras emocionalmente carregadas. Não podemos aceitar passivamente tudo o que nos é apresentado.

Devemos defender a verdade, mesmo quando isso nos coloca em oposição à cultura dominante. Não podemos nos calar diante da manipulação das palavras, porque isso compromete a capacidade de as pessoas discernirem o certo do errado. Precisamos falar a verdade com clareza e amor, sem medo de sermos rotulados ou atacados.

A linguagem é um dom precioso que Deus nos deu para comunicar a verdade e construir relacionamentos. Quando ela é usada para manipular e enganar, ela se torna uma ferramenta de destruição. Ao resistirmos a essas táticas, estamos defendendo não apenas a clareza e a honestidade, mas também a liberdade de pensamento e a dignidade humana.

Essa é uma batalha que vale a pena lutar, porque, ao final das contas, a verdade sempre prevalece. Que possamos, com coragem e sabedoria, ser defensores da verdade em um mundo que tenta, a todo custo, distorcê-la.

## Dissonância cognitiva e conformidade

Imagine, por exemplo, um cenário cotidiano: você está em um ambiente onde todos ao seu redor expressam entusiasmo por uma ideia que vai contra seus valores ou crenças. Você sente o desconforto interno, sabe que algo está errado, mas, mesmo assim, acaba cedendo, seja por medo de ser excluído, seja para evitar o confronto. **Esse sentimento de conflito interno entre suas ações e suas convicções é a essência da dissonância cognitiva.** E, quando combinada com a pressão social para se conformar – que estamos chamando aqui de pressão para conformidade – torna-se uma ferramenta poderosa para manipular atitudes e comportamentos.

No mundo contemporâneo, em que narrativas progressistas e ideologias coletivistas tentam se estabelecer como verdades absolutas, compreender como esses mecanismos funcionam é crucial. A dissonância cognitiva e a pressão para conformidade não apenas nos fazem aceitar ideias que

contradizem nossos valores, mas também nos levam a racionalizá-las, criando justificativas que nos fazem sentir menos culpados. Ao entender essas dinâmicas, podemos aprender a resistir e a manter nossa integridade intelectual e espiritual.

Para que fique ainda mais claro, podemos dizer que **a dissonância cognitiva é um processo psicológico que ocorre quando nossas ações ou pensamentos entram em conflito com nossas crenças**. Para aliviar esse desconforto, o cérebro busca uma forma de resolver a contradição, seja ajustando as crenças, seja justificando as ações.

Um exemplo clássico é o caso de alguém que sabe que fumar faz mal à saúde, mas continua fumando. Para lidar com a contradição, essa pessoa pode justificar o hábito dizendo: “Todo mundo vai morrer mesmo, então, por que me preocupar?”. Ou pode minimizar o problema, afirmando: “Conheço pessoas que fumaram a vida inteira e nunca tiveram nada.” Essa racionalização não resolve o problema real, mas alivia o desconforto momentâneo.

No campo das ideias e crenças, o processo funciona de forma semelhante. Muitas pessoas que defendem políticas progressistas, como o aborto ou a ideologia de gênero, sentem, no fundo, que algo está errado. No entanto, em vez de confrontarem essa sensação, elas optam por racionalizar suas posições. Dizem coisas como: “É uma questão de direitos” ou “a ciência já provou isso.” **Essa aceitação superficial das narrativas dominantes é exatamente o que os manipuladores desejam: pessoas que, para evitar o desconforto de questionar, se conformam e aderem às ideias impostas.**

A pressão para conformidade, como temos visto, é outro elemento fundamental nesse processo. Desde cedo, somos condicionados a buscar aceitação social e a evitar comportamentos que nos façam parecer “diferentes” ou “contrários à norma”. Embora isso seja natural até certo ponto, essa necessidade de pertencimento pode ser explorada para manipular nossas escolhas e opiniões.

Um experimento emblemático realizado pelo psicólogo Solomon Asch nos anos 1950 ilustra bem esse ponto. Em sua pesquisa, participantes foram colocados em grupos onde todos, exceto o indivíduo em teste, eram côm-

**Muitos políticos de Esquerda utilizam táticas discursivas que apelam às emoções para criar identificação com o público e reforçar suas ideias políticas.**

plices do pesquisador. Quando os cúmplices davam respostas claramente erradas sobre uma tarefa simples, muitos dos participantes reais acabavam concordando com o grupo, mesmo sabendo que estavam errados. A razão? O medo de parecer “diferente” ou “errado” era maior do que a vontade de dizer a verdade.

Esse experimento demonstra como a pressão para conformidade pode nos levar a abrir mão de nossas convicções, mesmo quando sabemos que estamos certos. No contexto atual, essa dinâmica é amplamente explorada por movimentos políticos e sociais. **As redes sociais, as universidades e até os ambientes de trabalho se tornaram espaços onde a conformidade é incentivada e a dissidência é punida.** Quem ousa questionar ideias como a ideologia de gênero, o aborto ou políticas progressistas é rapidamente atacado, rotulado como “intolerante”, “reacionário” ou “extremista”. Essa rotulação não tem o objetivo de promover o diálogo, mas de silenciar vozes discordantes e reforçar a uniformidade de pensamento.

**Muitos políticos de Esquerda utilizam táticas discursivas que apelam às emoções para criar identificação com o público e reforçar suas ideias políticas.**

A combinação de dissonância cognitiva e pressão para conformidade é uma ferramenta poderosa para manipular a sociedade. Narrativas emocionais, repetição de mensagens e isolamento de dissidentes são estratégias comuns utilizadas para moldar opiniões e comportamentos.

Já vimos anteriormente que termos como “justiça social” e “direitos reprodutivos”, entre outros, são cuidadosamente escolhidos para evocar empatia e desviar a atenção das implicações reais dessas ideias. Por exemplo, quem se posiciona contra o aborto é frequentemente acusado de “não se importar com as mulheres”, desviando o foco do debate sobre o direito à vida para uma acusação emocional que coloca o opositor na defensiva.

**Além disso, a repetição de mensagens na mídia e nas redes sociais cria a ilusão de consenso. Frases como: “o aborto é um direito humano” ou “a ciência prova que gênero é uma construção social”, são repetidas tantas vezes que se tornam verdades incontestáveis para muitos, mesmo sem uma análise crítica ou evidências sólidas que as sustentem.** Quem ousa questionar essas narrativas geralmente é isolado socialmente, seja por censura direta nas plataformas digitais, seja por boicotes e retaliações em ambientes acadêmicos e profissionais.

Para resistir a essa manipulação, é essencial fortalecer nossas convicções e desenvolver pensamento crítico. Temos a responsabilidade de buscar a verdade. Isso significa questionar as narrativas dominantes, investigar suas bases e estar disposto a desafiar o *status quo*, mesmo diante de oposição. Também é fundamental buscar fontes de informação confiáveis e construir uma comunidade de apoio que compartilhe nossos valores e nos encoraje a permanecer firmes.

A coragem para se posicionar é outro elemento crucial. A verdade não depende de aprovação ou maioria. Se sabemos que algo está errado, devemos ter a coragem de dizer isso, mesmo que estejamos sozinhos. Como diziam as mães de antigamente: “você não é todo mundo”.

Além disso, **encontrar apoio em grupos que compartilhem nossos princípios nos dá a força necessária para resistir à pressão externa.** É preciso entender que estamos em uma missão que inclui a necessidade de coragem para resistir às narrativas enganosas que tentam nos afastar da verdade. Ao fazermos isso, não apenas protegemos nossa integridade, mas também inspiramos outros a fazerem o mesmo, promovendo uma sociedade mais livre e ancorada em princípios sólidos.

## A Influência da Mídia na Opinião Pública

Analisemos agora a influência da mídia. De fato, a mídia exerce um papel central na formação da opinião pública, influenciando como interpretamos e reagimos aos acontecimentos ao nosso redor. Imagine, por exemplo, assistir a uma reportagem sobre um protesto em sua cidade. Geralmente, o foco da cobertura é colocado apenas numa confusão causada por um pequeno grupo de manifestantes, sem qualquer menção às reivindicações legítimas ou à maioria pacífica. Ao final, a impressão que fica é a de que o evento foi apenas desordem, e não uma manifestação sobre causas relevantes.

Esse é um exemplo claro de como a mídia, seja ela tradicional ou digital, molda nossas percepções de maneira muitas vezes sutil e imperceptível. No entanto, a questão que se impõe é: essa influência é neutra? A resposta é: não.

**A mídia, especialmente quando guiada por visões progressistas ou agendas específicas, frequentemente utiliza seu alcance para distorcer fatos, manipular emoções e promover narrativas que atendem a interesses particulares.** Os veículos tradicionais, como jornais, rádio e televisão, há muito tempo desempenham um papel estratégico na construção

**Essa aceitação superficial das narrativas dominantes é exatamente o que os manipuladores desejam: pessoas que, para evitar o desconforto de questionar, se conformam e aderem às ideias impostas.**

de narrativas. Apesar de alegarem seguir princípios éticos, muitas vezes recorrem a técnicas de manipulação, como o enquadramento, que consiste em apresentar os fatos sob uma perspectiva que induza o público a uma interpretação específica. **Por exemplo, uma operação policial pode ser descrita como um “uso excessivo de força”, levando à percepção de abuso, ou, como uma “ação contra o crime”, destacando sua legitimidade.** O fato em si permanece o mesmo, mas o enquadramento altera completamente a forma como o público o interpreta. Além disso, o uso de linguagem emocional e eufemismos também é uma prática comum nesses veículos de comunicação.

A seleção e a hierarquização das notícias são outras ferramentas poderosas utilizadas pela mídia para controlar o que o público considera relevante. Ao destacar certos temas e ignorar outros, os veículos de comunicação direcionam a atenção do público para questões alinhadas a suas agendas. Crimes cometidos por grupos que a Esquerda quer manipular, por exemplo, podem ser minimizados ou omitidos, enquanto histórias que reforçam narrativas progressistas recebem ampla cobertura. Essa prática não apenas molda a percepção pública, mas também influencia o debate político e social.

Se a mídia tradicional já apresenta desafios significativos, **as redes sociais, além de compartilhar desses desafios, também trazem uma questão particular: criam bolhas de filtro e câmaras de eco, em que os usuários, por meio dos algoritmos, são expostos apenas a conteúdos que reforçam suas crenças pré-existentes.** Isso limita o contato com opiniões divergentes, polariza o debate público e dificulta o diálogo entre diferentes grupos.

Outro aspecto preocupante das redes sociais é o uso de publicidade direcionada para manipular comportamentos. Campanhas políticas e empresas utilizam dados pessoais para criar mensagens adaptadas a vulnerabilidades específicas, explorando medos, desejos e preconceitos. Essa prática levanta sérias questões éticas, pois muitas vezes o público não tem consciência de que está sendo manipulado.

Além disso, grande parte da mídia e das plataformas digitais está alinhada a uma visão progressista, esquerdista, promovendo narrativas que

desconstróem valores tradicionais e relativizam princípios morais. Opiniões conservadoras, por outro lado, frequentemente são ridicularizadas, censuradas ou rotuladas como ultrapassadas, criando um ambiente hostil ao debate plural e democrático.

Diante desse cenário, é essencial adotar uma postura crítica e ativa em relação à informação que consumimos. É fundamental cultivar o pensamento crítico, questionando a origem, as intenções e as evidências por trás de cada notícia. Diversificar as fontes de informação também é crucial para evitar vieses e obter uma visão mais equilibrada dos fatos. Buscar perspectivas alternativas, incluindo veículos independentes, pode ajudar a escapar da manipulação midiática. Além disso, é importante evitar cair em bolhas ideológicas, fazendo um esforço consciente para ouvir opiniões diferentes e fortalecer suas próprias convicções por meio do confronto de ideias.

Apoiar o jornalismo independente, que não depende de grandes corporações ou governos, também é uma forma de promover uma mídia mais responsável e plural. Paralelamente, é necessário investir na alfabetização midiática, ensinando as pessoas a identificar vieses, propaganda e técnicas de manipulação. Em um mundo cada vez mais digital, saber navegar nesse mar de informações é tão importante quanto aprender habilidades básicas como leitura e escrita.

A mídia, tanto a tradicional quanto a digital, possui um imenso poder de influência sobre nossas mentes e corações. Quando usada de forma irresponsável, ela pode nos afastar da verdade e nos empurrar para agendas que promovem divisões e enfraquecem os valores fundamentais da sociedade. No entanto, como cidadãos conscientes, temos o dever de resistir a essa manipulação, buscando a verdade e defendendo princípios éticos e morais.

**Não somos chamados a ser apenas espectadores passivos, mas agentes de transformação.** Ao cultivar pensamento crítico, diversificar nossas fontes de informação e apoiar o jornalismo responsável, podemos ajudar a construir uma sociedade mais justa e alinhada aos valores universais.

Que possamos ser luz em meio à escuridão da manipulação midiática, promovendo a verdade e a justiça em todas as esferas da vida.

## Comunicação eficaz em defesa da verdade

**Se a linguagem, a mídia e até mesmo nosso espaço psicológico podem ser manipulados, como podemos ter a esperança de informar**

**a verdade?** A resposta passa pela busca da habilidade de se comunicar eficazmente. De fato, a comunicação eficaz é essencial em um mundo em que narrativas enganosas frequentemente dominam o discurso público.

Imagine uma conversa sobre temas polêmicos, como aborto ou liberdade de expressão, em que alguém apresenta um argumento emocional, mas desprovido de lógica, conquistando a concordância geral. Apesar de perceber a falha no raciocínio, você pode se sentir incapaz de articular uma resposta clara e convincente. Esse cenário destaca a importância de dominar estratégias de comunicação que não apenas identifiquem manipulações, mas também apresentem a verdade de forma firme, respeitosa e persuasiva. Em um contexto em que narrativas progressistas tentam moldar o pensamento coletivo, saber se comunicar é mais do que uma habilidade; é uma necessidade.

A comunicação eficaz vai além de vencer debates ou provar um ponto. Trata-se de defender a verdade com amor, influenciando positivamente aqueles ao nosso redor. A verdade, ao contrário do que muitos pregam, não é relativa, mas absoluta, e carregamos a responsabilidade de proclamá-la mesmo diante de resistência. Contudo, para que nossa mensagem seja ouvida, precisamos de estratégia. Não basta ter razão; é necessário transmitir nossos argumentos de forma que toquem tanto o coração quanto a mente das pessoas, sem jamais relativizar a verdade. Isso requer equilíbrio entre lógica e empatia, entre firmeza e humildade.

Um dos primeiros passos para uma comunicação eficaz é conhecer o público com quem se está falando. Antes de apresentar argumentos, é essencial entender a perspectiva e os valores do interlocutor. Gostaria de enfatizar, com bastante força, que nada disso significa comprometer suas convicções, mas adaptar sua abordagem para que a mensagem seja compreensível e relevante. Por exemplo, ao debater o aborto com alguém que não acredita na Bíblia, basear todo o argumento em versículos bíblicos pode ser ineficaz. Nesse caso, podem ser mais persuasivos argumentos científicos, como o início da vida na concepção, ou éticos, como o direito universal à vida. Essa sensibilidade ajuda a construir pontes em vez de muros, exigindo empatia e discernimento.

Além de conhecer o público, é crucial estruturar os argumentos de maneira clara e lógica. Um bom argumento segue uma sequência organizada, começando com a apresentação da tese, seguida por evidências sólidas, reconhecimento de contra-argumentos e uma conclusão impactante. Por

exemplo, ao defender a liberdade de expressão, você pode começar afirmando sua importância para uma sociedade saudável, apoiando-se em evidências históricas sobre os perigos da censura e abordando objeções comuns, como o discurso de ódio, antes de reafirmar sua posição. Essa abordagem demonstra preparo e aumenta a credibilidade do comunicador.

Outro aspecto vital é o uso ético e eficaz de evidências. Nós precisamos ser honestos, o que inclui evitar exageros ou distorções para fortalecer nossos argumentos. Verificar fontes, apresentar dados confiáveis e equilibrar lógica com emoção são práticas que reforçam a credibilidade. Por exemplo, ao discutir a ideologia de gênero, é possível combinar estudos científicos, sobre os impactos negativos de tratamentos hormonais em crianças, com relatos de pessoas que se arrependeram dessas decisões. Essa combinação de razão e emoção torna o argumento mais robusto e acessível.

Responder a críticas com graça e firmeza é outra habilidade indispensável. Críticas fazem parte do processo, especialmente ao defender valores conservadores em um ambiente hostil. Em vez de reagir com raiva ou defensividade excessiva, é importante ouvir atentamente, reconhecer pontos válidos, corrigir mal-entendidos e manter o foco na verdade. Por exemplo, se alguém acusa sua posição contra o aborto de desrespeitar as mulheres, você pode responder explicando que proteger a vida do bebê também é uma forma de valorizar a dignidade humana como um todo, mesmo porque aproximadamente cinquenta por cento dos bebês no ventre são mulheres. Essa abordagem demonstra respeito e mantém o diálogo construtivo.

Por fim, a empatia e o amor são elementos indispensáveis na comunicação. Mesmo com argumentos sólidos, o impacto de uma abordagem empática e amorosa é incomparável. Empatia não significa concordar com o erro, mas mostrar que você se importa com a pessoa, mesmo discordando de suas ideias. Por exemplo, ao conversar com alguém que defende a ideologia de gênero por ter um amigo transgênero, não ataque a pessoa ou seu amigo. Em vez disso, demonstre compreensão por sua preocupação e explique por que acredita que a verdade sobre identidade e biologia é essencial para o bem-estar de todos, em especial do amigo “transgênero” de seu interlocutor.

**A comunicação eficaz é, portanto, uma responsabilidade para aqueles que desejam defender a verdade em um mundo repleto de**

**Não somos chamados a ser apenas espectadores passivos, mas agentes de transformação.**

**narrativas enganosas.** Isso exige conhecer o público, estruturar argumentos de forma lógica, usar evidências de maneira ética, responder a críticas com graça e demonstrar empatia em todas as interações.

## A Igreja e a transformação da sociedade

A Igreja tem um papel fundamental na vida pública, especialmente em tempos como os nossos, em que ideologias progressistas e comunistas tentam apagar valores cristãos e desestruturar a sociedade. Imagine um bairro tomado pela violência, pela pobreza e pela desesperança. Agora, imagine que uma igreja local decide agir: oferece cursos profissionalizantes e organiza eventos comunitários. Aos poucos, aquele lugar começa a mudar. Não é mágica, é o impacto de uma Igreja que entende sua missão de transformar vidas. Enquanto o Comunismo promete igualdade e entrega opressão, a Igreja promove justiça, compaixão e verdade, valores que moldaram civilizações inteiras ao longo da história.

**Muitos questionam se a Igreja deve se envolver na política, alegando que ela deveria se limitar às questões espirituais. Mas será que faz sentido separar fé e vida pública?** A Bíblia nos mostra que a mensagem cristã sempre teve implicações sociais e políticas. Jesus falou sobre justiça, amor e compaixão, valores que influenciam diretamente a organização da sociedade. **Quando a Igreja se omite, ela abre espaço para que ideologias contrárias, como o Comunismo ou o Progressismo, avancem. Essas ideologias sempre atacam a família, a vida e a liberdade religiosa, pilares que a Igreja tem o dever de defender.**

Vamos mais uma vez aqui trazer como exemplo o aborto. Imagine que uma lei esteja sendo discutida para legalizar o aborto em todas as fases da gravidez. A Igreja pode simplesmente ficar neutra? Claro que não! Defender a vida é fidelidade aos princípios cristãos. Ademais, defender a verdade com coragem é essencial, mesmo que isso signifique enfrentar oposição. A Igreja deve promover políticas que respeitem a dignidade humana, como iniciativas de apoio às mães solteiras ou programas para fortalecer o casamento. **Diferente do Comunismo, que destrói a estrutura familiar em nome do coletivo, a Igreja busca restaurar a dignidade de cada pessoa.** Além disso, dialogar sem abrir mão dos princípios é fundamental. Estar disposto a conversar com quem pensa diferente não significa ceder à mentira.

Os valores da Igreja – justiça, compaixão e verdade – são inegociáveis. A justiça exige que a Igreja seja a voz dos que não têm voz, a exemplo dos nascituros. Além disso, muitas igrejas, por exemplo, oferecem abrigos para moradores de rua ou ajudam na recuperação de dependentes químicos. Isso mostra que a justiça não é apenas um conceito abstrato, mas algo que se vive no dia a dia. A compaixão cristã vai além de uma caridade momentânea. **Enquanto o Progressismo prega uma falsa compaixão que destrói a moralidade, como no caso da ideologia de gênero, a Igreja oferece uma compaixão verdadeira, que acolhe e restaura.** Por exemplo, em vez de incentivar adolescentes a “escolherem seu gênero”, a Igreja pode oferecer apoio emocional e espiritual para ajudá-los a encontrar sua verdadeira identidade em Cristo.

A verdade também é um compromisso inegociável. **Em um mundo onde a mentira e a desinformação correm soltas, a Igreja tem o dever de ser um farol. Isso inclui denunciar as falácias do Comunismo, que promete igualdade mas entrega opressão, que prega liberdade mas aprisiona as pessoas em suas paixões desordenadas.** A história nos mostra que o Comunismo é a antítese dos valores cristãos, de maneira que não tenho dúvida em afirmar que o Comunismo é uma ideologia do satanás. **Regimes como os de Stalin, Mao e Pol Pot perseguiram igrejas, destruíram famílias e causaram milhões de mortes.** Enquanto o comunismo tenta apagar Deus da sociedade, a Igreja continua a crescer, mesmo em lugares onde é perseguida, como na China.

Não nos esqueçamos de que, na era digital, a Igreja tem uma oportunidade única de comunicar seus valores de forma clara e eficaz. As redes sociais permitem que uma mensagem alcance milhões em segundos, mas isso exige sabedoria. A mensagem deve ser firme, mas acolhedora. Usar exemplos práticos ajuda a mostrar como os valores cristãos impactam a vida real. Por exemplo, uma igreja pode criar vídeos curtos explicando por que a defesa da vida é importante, contando histórias reais de mães que decidiram não abortar e encontraram apoio na comunidade cristã. Estratégia é essencial para alcançar públicos diferentes e combater as narrativas progressistas que tentam desmoralizar a fé cristã.

É bem verdade que um grande desafio interno da Igreja é a divisão entre os próprios cristãos. Enquanto brigamos sobre questões secundárias, o mundo avança com agendas que vão contra tudo o que acreditamos. A unidade é essencial para que a Igreja tenha uma voz forte na sociedade. Isso não significa concordar em tudo, mas focar no que é essencial: a defesa

da vida, da família, da liberdade e da verdade. Igrejas de diferentes denominações podem se unir em campanhas pró-vida ou contra a legalização das drogas, mostrando que, apesar das diferenças, há um compromisso comum com os valores cristãos.

**Fato é que a Igreja não foi chamada para agradecer o mundo, mas para transformá-lo. Isso significa que, muitas vezes, ela será atacada, ridicularizada e até perseguida. Mas não podemos recuar.** Nosso papel é ser luz em meio às trevas, mesmo quando isso incomoda. Por exemplo, quando uma escola pública tenta implementar materiais que promovem a ideologia de gênero, a Igreja pode mobilizar pais e educadores para questionar essas políticas e propor alternativas baseadas na verdade.

O papel da Igreja na vida pública é vital. Não podemos nos dar ao luxo de ficar em silêncio enquanto o Comunismo tenta destruir os alicerces da sociedade. Nossa missão é clara: defender a justiça, a compaixão e a verdade, enquanto proclamamos o Evangelho de Cristo. Isso exige coragem, estratégia e fé. O Comunismo pode tentar apagar a luz, mas a Igreja sempre será o farol que ilumina e transforma a sociedade.

## Discernindo a Verdade em tempos de engano

Sabemos que vivemos tempos difíceis e confusos. Basta ligar a televisão, abrir as redes sociais ou conversar com alguém na rua para perceber que todo mundo parece ter uma “verdade” para defender. Mas será que todas essas “verdades” são realmente verdadeiras? A resposta é clara: não. Muitas vezes, o que vemos são meias-verdades ou até mentiras completas, disfarçadas com palavras bonitas e boas intenções. E aqui está o ponto: isso não é apenas fruto de manipulações humanas. É parte de algo muito maior – uma verdadeira guerra espiritual que está acontecendo ao nosso redor, mesmo que a gente não perceba.

A verdadeira batalha não é apenas contra pessoas ou ideias, mas contra forças invisíveis que usam pessoas e ideologias como ferramentas. E essas forças têm um objetivo claro: espalhar confusão, medo e mentiras, afastando as pessoas da verdade e de Deus. É por isso que o discernimento é essencial. Não se trata apenas de ser inteligente ou bom em debates, mas de enxergar além da superfície.

Vamos ser francos: o mundo progressista e ideologias como o Comunismo têm uma habilidade impressionante de distorcer a realidade. Já vimos

aqui que eles usam termos como “justiça social”, “inclusão” e “direitos humanos” como uma espécie de isca, mas muitas vezes essas palavras escondem intenções que vão diretamente contra os valores tradicionais e cristãos. Também já vimos que um exemplo claro disso é o discurso sobre o “direito ao aborto”. A palavra “direito” é usada para mascarar o que realmente está em jogo: a vida de um bebê. É uma tentativa de transformar algo moralmente errado em algo aceitável. Precisamos estar atentos para identificar essas armadilhas e reconhecer onde está a verdade.

Agora, vamos trazer isso para o nosso dia a dia. Somos bombardeados por informações o tempo todo: notícias, postagens, vídeos, etc. E nem tudo o que consumimos é confiável. Muitas vezes, há agendas ocultas por trás das mensagens que recebemos. Já vimos, por exemplo, que a mídia frequentemente promove a desconstrução da família tradicional, apresentando-a como algo antiquado ou até opressor. Mas isso não é por acaso. Há uma tentativa deliberada de enfraquecer a base da sociedade.

Um exemplo prático disso é a redefinição do conceito de “família”. Já vimos que, antigamente, todos sabiam o que era uma família: pai, mãe e filhos. Hoje, esse conceito foi diluído para incluir qualquer tipo de arranjo. O que gostaria que você reparasse agora é que tal artimanha não é apenas uma mudança de definição; é uma tentativa de destruir a estrutura criada como base para a sociedade.

É importante deixar claro que discernimento não é apenas sobre identificar o erro. É também sobre saber como responder a ele. E aqui está a chave: nossa resposta deve ser baseada na verdade e no amor.

**É importante deixar claro que discernimento não é apenas sobre identificar o erro. É também sobre saber como responder a ele. E aqui está a chave: nossa resposta deve ser baseada na verdade e no amor.**

## **Um chamado à ação: construindo uma cultura de verdade**

Chegamos a um ponto decisivo na nossa conversa. Até aqui, falamos sobre como a manipulação da linguagem tem sido usada para distorcer a realidade e como isso faz parte de uma guerra invisível maior. Também discutimos como o Progressismo e ideologias como o Comunismo têm trabalhado para confundir, redefinir valores e minar os pilares da sociedade. Mas agora é hora de irmos além da análise e partirmos para a ação. Não

basta entender o problema; precisamos nos levantar e fazer algo a respeito. Construir uma cultura de verdade não é apenas uma tarefa desejável: é uma missão urgente, especialmente para nós, os cristãos e os conservadores, que acreditamos no poder transformador da integridade e da honestidade.

E sabe por onde isso começa? Com cada um de nós. Não adianta reclamar do mundo lá fora se não estivermos dispostos a olhar para dentro e ajustar nossas próprias vidas. É muito fácil apontar o dedo para as mentiras do Progressismo ou para as narrativas enganosas da mídia, mas será que estamos sendo completamente honestos em nossas ações diárias? É preciso ter responsabilidade, embora deva dizer que construir uma cultura de verdade vai além da responsabilidade individual: é, na realidade, um esforço coletivo. E esse esforço começa em casa, com a nossa família. Precisamos ensinar nossos filhos a valorizarem a honestidade e a pensarem criticamente.

Hoje, mais do que nunca, o sistema educacional está impregnado de ideologias progressistas que não buscam formar pensadores críticos, mas seguidores de agendas políticas. Por isso, como pais e líderes comunitários, temos a responsabilidade de preencher essas lacunas. É em casa que as crianças devem aprender a questionar o que ouvem na escola ou na internet e a buscar a verdade.

Um exemplo prático? Pense na forma como a ideologia de gênero é apresentada nas escolas. Muitas vezes, as crianças são expostas a conteúdos, que contradizem os valores, sob o pretexto de “inclusão” e “diversidade”. Não podemos aceitar isso passivamente. Precisamos estar presentes em reuniões escolares, questionar os currículos e, se necessário, buscar alternativas educacionais que estejam alinhadas com nossos princípios. Isso não é intolância; é proteger nossos filhos de uma doutrinação que busca, no fundo, desconstruir a família e os valores tradicionais. Lembre-se: é uma questão de vida ou morte.

Não podemos esquecer da educação. **O Progressismo entende muito bem o poder da educação para moldar a sociedade e, por isso, tem investido pesado nesse campo. Se queremos construir uma cultura de verdade, precisamos lutar por uma reforma educacional que valorize o pensamento crítico e a alfabetização.** Isso significa ensinar nossos jovens a discernir entre fato e opinião, a questionar narrativas e a buscar fontes confiáveis. Devemos nos envolver em conselhos escolares, apoiar iniciativas educacionais alinhadas com nossos valores e investir tempo na formação das próximas gerações.

Além disso, precisamos ocupar espaços na esfera pública. **Não podemos nos esconder enquanto o mundo é inundado de mentiras e narrativas distorcidas. Precisamos participar de debates, escrever artigos, gravar vídeos e até mesmo nos candidatar a cargos públicos.** Sim, política também é um campo de batalha, e precisamos de pessoas corajosas dispostas a lutar pelos valores que honram a Deus. Por exemplo, quando a mídia tenta desconstruir a família tradicional, não podemos ficar calados. Podemos gravar vídeos explicando nossa posição, organizar eventos comunitários ou até mesmo escrever cartas ao editor de jornais. O silêncio, nesses casos, só fortalece aqueles que desejam impor sua visão de mundo.

Por fim, construir uma cultura de verdade é um trabalho de longo prazo. Não veremos resultados imediatos, e haverá momentos de desânimo. Mas cada pequena ação conta. **Cada conversa honesta, cada ato de coragem, cada desafio às mentiras contribui para a construção de uma sociedade mais justa e verdadeira. E, no final, sabemos que a verdade prevalecerá, porque ela pertence a Deus.**

Por tudo isso, aqui está o meu convite: levante-se. Seja um agente da verdade onde quer que você esteja. No trabalho, na família, na igreja, na comunidade. Enfrente as mentiras com coragem, mas faça isso com humildade e amor.

**E nunca se esqueça: nossa missão não é apenas corrigir erros, mas apontar para a verdade que liberta.**

# DE DIREITA, FELIZ E LIVRE: A MULHER QUE O FEMINISMO NÃO ENTENDE

PRISCILA COSTA

Existe uma mulher que o feminismo não entende. Uma mulher que não se sente oprimida por ser mãe, que tem alegria na criação dos filhos, que não enxerga o lar como prisão, que dá valor ao suor do trabalho, que não considera o homem um inimigo, que não tem vergonha da fé. Para ela o feminismo olha com desconfiança, por não se encaixar nos rótulos predeterminados de quem jura defender.

Essa mulher pode ser, ao mesmo tempo, firme e afetuosa, decidida e submissa a Deus, curiosa e informada, ativa na sociedade – e em todos os lugares que desejar. Ela é profundamente comprometida com a casa, com a família, com a sua comunidade e com o seu propósito de vida. Essa mulher existe e não crê que precisa romper com a tradição para ser livre – pelo contrário, é nas raízes que encontra a liberdade que tanto lhe custou. Ela não busca protagonismo à custa da maternidade, nem deseja desconstruir a identidade feminina para competir com homens em qualquer arena. Essa mulher tem suas lutas e suas vitórias. E não é na política ou em movimentos sociais que está sua esperança.

**O feminismo não a entende porque não a representa.** Não a escuta, não a vê, não fala por ela, não se interessa – a não ser que seja para criticá-la. Essa mulher não quer ser empoderada pelo Estado ou por ideologias: ela quer ser fortalecida pela família e pela fé. Ela quer ter uma vida reta e em paz, com seus valores que não fazem mal a ninguém.

Ser de Direita, para mim, não é uma escolha ideológica – é um compromisso com princípios eternos: afirmar que a vida tem valor desde a concepção até o último suspiro. É acreditar que a família é a base da sociedade, que a fé não deve ser escondida e que o Estado existe para servir à verdade, e não para tentar moldá-la conforme interesses passageiros e partidários.

**Quando me declaro uma mulher de Direita e conservadora, estou dizendo que acredito na responsabilidade pessoal e no dever de proteger os vulneráveis, convicta de que há uma ordem natural,**

**moral e espiritual que sustenta a liberdade e a justiça.** Ser de Direita, na minha jornada, tem sido resistir a um mundo que banaliza o sagrado e relativiza o essencial. Não me considero de Direita por conveniência política, mas sim porque essa é a linha que mais se aproxima da minha fé e da minha consciência.

Na verdade, vivemos em um país de maioria cristã e conservadora onde os valores da população são essencialmente de Direita: fé, família, liberdade, trabalho, respeito à autoridade. O povo brasileiro, em sua essência, segue acreditando naquilo que a Direita defende, que é o direito de criar seus filhos, na individualidade de cada um, na liberdade de expressão e de consciência, na dignidade do esforço.

Ainda assim, estamos órfãos de instituições que representem esse posicionamento de forma estruturada. Temos pouquíssimas faculdades de Direita, e nenhuma dentre as universidades públicas. Nossos partidos de Direita são jovens e a coesão ainda precisa ser amadurecida enquanto experiência política. Não temos nenhuma emissora nacional ou veículos da grande mídia que defendam com clareza os valores conservadores. E por mais que a imprensa, de uma forma geral, se posicione como “apartidária e jornalisticamente objetiva”, no dia a dia sabemos que não é bem essa a realidade.

A Direita compreende qual é o papel do Estado – e, mais importante, qual não é. Ela entende que há limites para a atuação do político, e que eles começam na porta da nossa casa. Como mãe de quatro crianças, criar e educar meus filhos é meu direito e dever. De forma que acredito que nenhuma ideologia deve ser empurrada goela abaixo em nome do que quer que seja. Ser de Direita é defender valores individuais e inegociáveis.

A Direita política tem sido demonizada, especialmente por aqueles que a reduzem a caricaturas de intolerância. O que me move não é uma aversão ao outro lado, mas a certeza de que o progresso sem valores é apenas uma ilusão perigosa, porque a cultura dominante insiste em desconstruir o feminino, o matrimônio, o lar e a maternidade. **Os movimentos feministas, com forte apoio acadêmico, midiático e institucional, têm promovido uma visão de mulher desvinculada de sua biologia, de sua espiritualidade e de seu papel relacional. O resultado disso não é emancipação – é desorientação.**

Assumir-se de Direita e conservadora em um país tão polarizado não é tarefa fácil. Já fui desacreditada, ridicularizada, censurada. Mas, permaneço firme porque sei que represento muitas outras mulheres que, assim como eu, querem viver sua fé sem pedir licença, querem defender seus filhos sem

pedir desculpas, e querem ocupar espaços de poder com graça, autoridade e serviço, sem achar que deve algo ao movimento feminista.

Ser de Direita, feliz e livre, é real. Tenho vivido isso em cada passo da minha trajetória, da tribuna à intimidade do lar. E é com essa convicção que escrevo este capítulo como um testemunho. Porque aprendi que a verdadeira força feminina não está em negar nossa natureza, mas em vivê-la em plenitude em todas as esferas da sociedade. **Assumir a defesa da vida, da maternidade e da família tornou-se um ato de coragem e de fé.** E o faço como parlamentar que atua na política, como cristã que acredita no valor da vida desde a concepção, como mãe que gerou filhos no ventre enquanto batalhava no plenário da Câmara de Vereadores de Fortaleza e no Congresso Nacional. Meu corpo não foi um entrave para a política, mas prova daquilo que acredito: a vida vale a pena – e vale a luta que continuo travando.

A mulher conservadora, que enxerga valor em sua feminilidade, é frequentemente tratada como alienada ou submissa. Mas o que está em jogo aqui não é ignorância, e sim convicção. Neste capítulo, conto como o feminismo criou falsas rivalidades, como tentou deturpar a alegria da maternidade e como busca usurpar a nossa identidade. Escrevo à luz de uma cosmovisão cristã conservadora, baseada na experiência como parlamentar que narro no meu livro *Uma mulher no Congresso, outra no ventre*<sup>1</sup> e nas análises firmes e embasadas de outras mulheres que também têm se colocado nessa trincheira.

Mais que uma crítica ao movimento feminista, este texto é uma convocação para que voltemos a reconhecer a sacralidade da vida, o valor da mulher (que não pode ser reduzido a mera ideologia humana) e a urgência de preservar aquilo que nos sustenta como povo e nação: a família.

## A armadilha da rivalidade

O feminismo contemporâneo prometeu união, mas semeou divisão. Em vez de celebrar a complementaridade entre homens e mulheres, criou uma narrativa de antagonismo, colocando-os como oponentes. Como observou a filósofa católica Alice von Hildebrand, “*ao exigirem igualdade com os homens, as feministas inconscientemente admitiram a superioridade do*

---

<sup>1</sup> COSTA, Priscila. *Uma Mulher no Congresso e Outra no Ventre: Em Defesa da Família e da Vida*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.

*sexo masculino*.<sup>2</sup> A frase é provocativa, mas levanta um ponto fundamental: **quando o feminino precisa se masculinizar para ser considerado válido, isso não é elevação – é descaracterização**. A glória da mulher está justamente em ser mulher: em sua inteligência afetiva, em sua força espiritual, em sua habilidade de gerar vida, tanto no ventre quanto no mundo ao redor.

○ feminismo, ao tentar nivelar tudo, acaba por desprezar aquilo que deveria exaltar. Ignora, por exemplo, que a história da mulher não pode ser reduzida a uma sequência ininterrupta de opressões. A realidade é mais complexa do que os discursos vitimistas fazem parecer. Estudos antropológicos conduzidos por George Peter Murdock reunidos no *Ethnographic Atlas* (1967) – fonte para muitos estudos na Universidade de Cambridge e outras instituições – analisaram 1.267 sociedades humanas e revelaram que, em 86% delas, as mulheres exerciam papéis decisórios na família, bem como controle sobre recursos agrícolas<sup>3</sup>.

Na Europa medieval – outro exemplo frequentemente distorcido –, as mulheres exerciam mais funções do que se imagina. Documentos de guildas – associações de ofícios – registram mulheres como mestres cervejeiras, tecelãs, copistas, ferreiras e comerciantes. O feminismo moderno, ao ignorar essas nuances, pinta um retrato incompleto da participação feminina na história. Esse viés seletivo nega a sabedoria das mulheres que viveram antes de nós. Muitas delas foram fortes, criativas, influentes – e profundamente femininas, ainda que tenham existido as que foram caladas e maltratadas em seus tempos.

○ feminismo moderno promoveu a ilusão de que, para alcançar igualdade, seria necessário transformar homens e mulheres em competidores. Essa ideia, embora pareça empoderadora, quebra qualquer possibilidade de

**Os movimentos feministas, com forte apoio acadêmico, midiático e institucional, têm promovido uma visão de mulher desvinculada de sua biologia, de sua espiritualidade e de seu papel relacional. O resultado disso não é emancipação – é desorientação.**

2 HILDEBRAND, Alice von. *O privilégio de ser mulher*. 2. ed. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2014. 124 p.

3 Esses dados, amplamente referenciados em estudos comparativos de gênero e organização social, indicam que a participação feminina em decisões familiares e no manejo de recursos produtivos é uma constante histórica em diversas culturas, sobretudo em sociedades com estrutura agrícola ou de subsistência. Análises derivadas do *Ethnographic Atlas*, como as de Carol R. Ember, Melvin Ember e David Levinson, demonstram que o grau de autoridade das mulheres está positivamente correlacionado à sua contribuição econômica, especialmente em contextos onde o trabalho feminino é central para a sobrevivência do grupo.

cooperação. **Ao invés de encorajar a admiração mútua entre os sexos, muitas correntes feministas insistiram numa narrativa segundo a qual o homem é sempre opressor e a mulher, vítima** – criando feridas em algumas das relações mais essenciais da vida humana: o casamento, a paternidade, a fraternidade e a amizade.

**O feminismo contemporâneo despreza o que chama de “papéis tradicionais”, mas o que ele não entende é que para muitas mulheres esses papéis não são fardos — são escolhas, vocações, fontes de realização.** A mulher cristã, em especial, não precisa se rebelar contra sua natureza para se afirmar, pois, ela entende que submissão a Deus não é sinônimo de servidão ao homem, mas sim a expressão mais profunda de sua liberdade espiritual. Em um mundo que valoriza a autossuficiência egoísta, ela escolhe o caminho da interdependência amorosa – com Deus, com seu cônjuge, com sua família e comunidade.

Enquanto o feminismo grita por igualdade a qualquer custo, a mulher conservadora entende que há beleza na diferença. Como disse Edith Stein, filósofa e mártir cristã, a alma feminina é moldada para abranger o outro, para acolher e proteger a vida. Essa disposição para o cuidado, para a escuta, para o serviço não é sinal de fraqueza, mas de um poder que transforma lares, igrejas e nações.<sup>4</sup>

Sem falar que essa ideia ignora o papel da mulher cristã: ser apoiadora; não como uma submissão irracional, mas por meio de uma manifestação do caráter divino. A palavra usada em Gênesis 2:18, vem do hebraico *ezer* – e adivinha? – é a mesma para se referir ao próprio Deus: aquele que socorre, que salva, que levanta. Ser *ezer* é ser alguém que reflete, com o próprio corpo e com o coração, o cuidado ativo de Deus.

Mas a Bíblia não para aí. Ela afirma que a mulher será uma “auxiliadora idônea”. Quando voltamos ao texto original, encontramos a raiz hebraica de “idônea”, a qual carrega o sentido de “correspondente”, “complementar”. É como se dissesse: a mulher será como a outra metade do homem. Isso não diminui nenhum dos dois – ao contrário, revela o projeto divino de unidade, no qual cada um fortalece a fraqueza do outro e potencializa o que o individual têm de melhor.

---

4 A reflexão de Edith Stein, também conhecida como Santa Teresa Benedita da Cruz, expressa uma visão antropológica cristã da mulher, que reconhece no feminino uma vocação natural à empatia, à maternidade espiritual e ao serviço ao próximo. Suas obras, especialmente *A Essência da Mulher* e *A Mulher – Sua Tarefa Segundo a Natureza e a Graça*, abordam como essas características não diminuem, mas elevam a dignidade e a missão da mulher na família, na Igreja e na sociedade.

**Homem e mulher são iguais em valor e dignidade, embora distintos em função e papel. E é justamente essa diferença — e não a tentativa de anulá-la — que permite a comunhão verdadeira.** É claro que existem homens que maltratam mulheres e que são péssimos seres humanos, mas enaltecer a questão da rivalidade não resolve o problema, antes o amplia. Ao fomentar uma espécie de guerra simbólica entre os gêneros, o feminismo não resolveu os verdadeiros dilemas femininos – apenas deslocou feridas para outro lugar. As relações ficaram mais frágeis, os lares mais instáveis, e os vínculos de afeto e parceria foram substituídos por suspeita e resistência. **Quando a mulher vê no homem um adversário, perde-se a possibilidade da aliança que cura. Quando o homem se sente deslegitimado em sua masculinidade, tende a se afastar.**

Ao transformar todos do gênero masculino em culpados e todas do gênero feminino em vítimas, o feminismo esvazia a possibilidade de diálogo verdadeiro e perpetua a dor que a própria ideologia prometeu resolver. Essa visão distorcida impede muitas mulheres de enxergarem nos homens aliados naturais e afetivos. Desacreditar o masculino como vocação legítima – como força que protege, guia e ama – é perder de vista o dom da complementaridade. Em vez de unir, esse discurso separa. Em vez de curar, desconfia.

**Assumir a defesa da vida, da maternidade e da família tornou-se um ato de coragem e de fé.**

**A solução para essa cultura de rivalidade não está na uniformização dos sexos, mas no resgate da complementaridade.** Como demonstra a história, quando homens e mulheres trabalham juntos – cada um contribuindo com seus dons únicos – as sociedades florescem em criatividade, equilíbrio e justiça verdadeira.

A resposta à rivalidade não é o confronto, mas a comunhão. E o casamento, o lar e a comunidade são lugares onde aprendemos a amar e a nos deixar amar – com limites, diferenças e sacrifícios. Essa convivência, quando baseada no respeito e na fé, nos liberta da caricatura da guerra dos sexos. **O feminismo nos prometeu emancipação pela negação do outro; o Conservadorismo é uma forma de ver o mundo que nos oferece a possibilidade de perceber a plenitude que há no acolhimento do outro.** Quando compreendemos isso, redescobrimos a beleza da cooperação, da entrega e da confiança.

**A rivalidade imposta pelo feminismo vai além da guerra entre os sexos porque criou também divisões entre as próprias mulheres, que**

**se veem em constante disputa.** A cultura moderna menospreza a maternidade enquanto exalta a produtividade profissional, como se fossem escolhas mutuamente exclusivas e como se as mulheres que escolhem se posicionar de forma diferente se encontrassem numa arena uma contra a outra.

Mulheres que optam por dedicar-se integralmente à família são vistas como “retrógradas”, enquanto as que priorizam a carreira são frequentemente pressionadas a adiar ou abandonar o desejo da maternidade. Essa falsa dicotomia ignora, para além dos exemplos contemporâneos, os históricos como o da rainha Santa Isabel da Hungria, que no século XIII conciliava com maestria o governo, a caridade e a educação de seus três filhos. E ignora também a força da mulher brasileira, que muitas vezes é obrigada a chefiar seus lares diante de homens que fogem de suas responsabilidades.

**Então, o discurso da sororidade – tão exaltado pelo feminismo – esconde uma contradição dolorosa: a mulher conservadora, que escolhe viver sua fé, sua maternidade e seu papel tradicional com alegria, raramente é acolhida como irmã.** O que se vê, muitas vezes, é o cancelamento velado, o desprezo ou o silenciamento. A tal sororidade parece válida apenas para quem repete a cartilha ideológica. Assim, o que poderia ser união vira tribunal; o que poderia ser empatia vira julgamento moral.

Essa tensão se manifesta de forma ainda mais clara nas redes sociais, nos ambientes acadêmicos e nas pautas políticas. Mulheres progressistas frequentemente acusam as conservadoras de serem alienadas, submissas ou “inimigas de si mesmas”. Por outro lado, as conservadoras sentem que suas experiências, dores e escolhas são deslegitimadas pelo discurso feminista, como se o único modelo de mulher possível fosse o da militância da Esquerda. Esse impasse torna o diálogo entre os grupos quase impossível, criando trincheiras em vez de pontes.

A verdadeira fraternidade feminina não nasce da imposição de pensamento único, mas da escuta, da humildade e do respeito mútuo. **Precisamos resgatar a possibilidade de uma convivência em que escolhas diferentes possam coexistir com dignidade e verdade. Afinal, não há liberdade onde não há espaço para o dissenso.** Mulheres que optam por viver a maternidade merecem o mesmo respeito que reivindicam aquelas que fazem outra escolha. Se há uma batalha a ser travada, que seja contra o orgulho, a intolerância e a mentira – nunca entre nós.

Nas universidades, essa mentalidade de rivalidade é intensificada, porque o feminismo acadêmico cometeu o erro fatal de demonizar os homens, quando na verdade a civilização e a família precisam de ambos. Departamen-

tos de estudos de gênero frequentemente tratam a tradição judaico-cristã como “opressora”, ignorando figuras como Hildegarda de Bingen – abadessa, médica e compositora do século XII cujas obras influenciaram tanto a teologia quanto a Ciência<sup>5</sup>. A neurociência moderna, que comprova diferenças inatas entre os cérebros masculino e feminino, é muitas vezes ignorada em favor de ideologias que negam a biologia básica.

**A solução para essa cultura de rivalidade não está na uniformização dos sexos, mas no resgate da complementaridade.**

Os espaços acadêmicos que deveriam ser um lugar de debate plural – muitas vezes se tornam territórios hostis para mulheres conservadoras. **Em muitos cursos da área de ciências humanas, expressar uma visão cristã, pró-vida ou favorável à família tradicional pode significar ser marginalizada ou ridicularizada. A liberdade de pensamento, nesse contexto, é seletiva: só é bem-vinda a opinião que reforça a hegemonia ideológica da Esquerda.** Eu senti isso na pele quando me formei em Comunicação Social no Ceará.

A rivalidade entre mulheres de Esquerda e de Direita nos espaços universitários não é apenas ideológica – ela se torna existencial. Mulheres conservadoras relatam sentir vergonha de se expressar, medo de retaliação de professores ou colegas, e ausência total de empatia quando compartilham suas experiências de fé, a opção pela castidade ou o sonho de conciliar suas carreiras não abrindo mão da missão familiar. **Enquanto isso, a bandeira da “sororidade” é usada como escudo seletivo, que exclui justamente aquelas que querem apoio para se manter firmes em um ambiente que frequentemente despreza suas convicções.**

A promessa de união das mulheres falha justamente onde ela seria mais necessária: diante da diferença. Se o feminismo quer realmente dialogar, precisa começar por reconhecer que o feminino não é monopólio de uma ideologia. Enquanto as universidades não forem capazes de acolher com respeito tanto a jovem cristã que sonha em ser mãe, como a ativista que luta por mudanças sociais – sejam elas de Direita ou de Esquerda –, e a militante progressista que prega a revolução, a verdadeira sororidade continuará sendo uma ideia bonita e vazia.

<sup>5</sup> Hildegarda de Bingen (1098–1179) foi uma das mais proeminentes mulheres da Idade Média: fundadora de mosteiros, compositora de hinos litúrgicos, autora de tratados de medicina natural e visões teológicas que influenciaram intelectuais de sua época e posteriores. Seu legado desafia a ideia de que a tradição cristã teria sido monoliticamente excludente em relação à atuação intelectual e espiritual feminina.

A verdadeira fraternidade feminina não nasce da imposição de pensamento único, mas da escuta, da humildade e do respeito mútuo. Por isso, precisamos insistir na possibilidade de uma convivência na qual diferentes formas de ser mulher possam coexistir com dignidade, verdade e liberdade.

Acredito que ser mulher não é um problema a ser corrigido, mas uma bênção a ser celebrada. E entre todas as dádivas que revelam a beleza do feminino, há uma que sintetiza com perfeição essa identidade: a maternidade. Não como obrigação imposta, mas como um privilégio que transforma não só a mulher, mas toda a sociedade ao seu redor.

## A felicidade da maternidade

Uma das premissas mais repetidas pelas correntes feministas atuais é a de que a maternidade aprisiona. **Para muitas ideólogas, ser mãe é estar subjugada por uma construção patriarcal que limita a autonomia feminina.** Essa narrativa – reforçada por décadas de militância acadêmica e cultural – tenta transformar a maternidade, que acredito ser um dom sagrado, em sentença de fracasso, de fim da linha profissional e de dependência financeira. Mas quando dizem que a maternidade é constituída só de peso, estão nos roubando o direito e a felicidade de exercermos esse papel com alegria.

É claro que não podemos ignorar tudo o que envolve gerar, gestar, dar à luz e criar um filho. É trabalhoso, é desgastante e envolve muita entrega, muito investimento de tempo, de dinheiro e do próprio corpo. Mas, hora nenhuma podemos associar maternidade a prisão ou a infelicidade. É claro que existem mulheres que sofrem com a chegada dos filhos, que são abandonadas pelos maridos, que não têm rede de apoio, que perdem os empregos após o fim da licença-maternidade, que passam dificuldades, que veem os planos mudarem depois de um teste de gravidez positivo, que adoecem. Mas, não podemos responsabilizar a chegada de um filho pelos efeitos adversos que são provocados por uma parcela da sociedade adoecida que não valoriza a maternidade e a abandona as mães quando elas mais precisam.

O feminismo diz que a mulher precisa ser libertada do fardo da gestação, para que ela possa produzir e se realizar profissionalmente – como se só fosse possível alcançar o sucesso numa carreira sem ter de quem cuidar. No entanto, esta é uma armadilha sutil e egoísta que vende a ideia de que só existe poder ou realização onde há produção financeira. **A mulher que decide abrir mão do trabalho para priorizar o lar e ficar com os filhos, nem que seja temporariamente para acompanhar o crescimento de**

**bebês, é frequentemente ridicularizada como alguém sem ambição. Mas, e se a ambição dela for se doar no núcleo da sociedade onde ela é insubstituível, que é seu lar? Essa escolha não teria valor?**

Cresci compreendendo a maternidade como um dom, missão e bênção, e não como peso. Enquanto o feminismo tenta desconstruí-la, apontando apenas os desafios inerentes ao criar pessoas, destacando somente as partes mais difíceis da jornada, eu acredito que a maternidade é coroa. Penso também que em vez de somente criticar, o feminismo deveria defender que o exercício da maternidade seja mais leve para todas, para que nenhuma mulher sinta que precisa abrir mão dessa parte da identidade para se considerar livre, porque **a sociedade que marginaliza a mãe, na verdade, não liberta a mulher; ao contrário, a abandona.**

Mesmo em meio a tanta propaganda feminista, surge um dado interessante apresentado por um levantamento da *Gazeta do Povo*, em 2023, que mostrou que, após a pandemia, cresceu o número de mulheres que voltaram a desejar a expansão da família como projeto de vida – um sinal de que o vazio existencial causado por uma cultura utilitarista começa a ser percebido. Outros dados cruciais nos contam que no Brasil, 40% das mulheres entre 30-35 anos se arrependem de postergar a maternidade, segundo o Datafolha. Nos EUA, um estudo do *Journal of American Physicians* mostra que mulheres que abortaram têm três vezes mais chances de depressão. Infelizmente, as mentiras do feminismo têm sérias consequências.

Ao contrário do que prega a ideologia feminista, ser mãe não me aprisionou – me fortaleceu e me trouxe uma causa para lutar. E sei que apesar dos meus privilégios, não sou a única a se sentir assim. A minha história como vereadora e como deputada foi vivida gestando três dos meus quatro filhos. Cada movimento deles dentro de mim me recordava o que estava em jogo quando subíamos à tribuna: vidas reais, futuros possíveis, existências que merecem proteção.

Foi prestes a entrar de licença, poucas semanas antes da minha caçula nascer, que enfrentei uma dura oposição ao ser relatora do Estatuto do Nascituro. Orgulhosa da minha barriga, deixei claro com o meu corpo que a vida começa antes do parto e que eu lutaria para que essas pessoas em formação tivessem o direito de nascer, crescer e ter suas próprias histórias para contar. Ser mãe não me limitou – me expandiu. Enquanto escrevia projetos, discursava no plenário e votava temas importantes, meu corpo não me impediu de estar onde estava. Ele foi, simultaneamente, ferramenta política e sinal visível de esperança.

No livro escrito pela deputada de Santa Catarina, Ana Campagnolo, ela explica com precisão: “O feminismo moderno prega a libertação da mulher da maternidade como se isso fosse possível sem desumanizá-la. A maternidade é constitutiva do ser feminino; negá-la é um atentado à própria natureza da mulher.” O que está em jogo, portanto, não é a liberdade da mulher, mas sua identidade.

Porém, aqui faço um importante alerta: a maternidade não se restringe à biologia. Somos chamadas a gerar vida em outros sentidos que extrapolam os nossos ventres. Podemos matinar por meio da adoção de crianças e adolescentes que não têm um lar, por meio do cuidado de outras pessoas que precisam de acolhimento para além da família de origem, por meio do acolhimento e do discipulado de quem não tem com quem se aconselhar, por meio da educação de outros seres humanos que precisam de instrução

**A sociedade que marginaliza a mãe, na verdade, não liberta a mulher; ao contrário, a abandona.**

nos mais diversos níveis. Todas essas são formas elevadas de maternagem. Madre Teresa de Calcutá, por exemplo, foi “mãe” dos pobres sem ter filhos biológicos, e nos mostra esse caminho.

Sei que existem mulheres que militam ou rejeitam a maternidade por causa das histórias que viveram, das condições adversas e traumáticas que presenciaram. Afinal, nem todo lar é funcional e nem toda família é um berço só de acontecimentos felizes. Mas precisamos olhar para as realidades nas quais existe a possibilidade de mudança e de se fazer diferente do que foi aprendido.

A minha história com a maternidade e com o casamento confirma que é possível romper com os padrões de dor do passado para construir famílias saudáveis e funcionais.

Meu marido, por exemplo, precisou superar os traumas de uma infância marcada pela ausência paterna – ainda que o pai dele nunca tivesse se separado da mãe. A transformação só foi possível quando ele escolheu abraçar sem reservas a missão que a chegada dos nossos filhos lhe incumbiu. E foi a paternidade – e não a fuga dela – que o curou. Quando nossa primeira filha nasceu, ele me confessou com lágrimas: “Agora entendo o que meu pai perdeu”. A vida tem esse poder restaurador. A paternidade dele aliada à minha maternidade, tem criado pessoas com propósito. E tem deixado um rastro de esperança para quem cresceu sem boas referências.

Acredito que para que a maternidade floresça com leveza e alegria, é indispensável que os homens estejam ao lado das mulheres – não apenas

como pais presentes, mas como parceiros na rotina da casa, da educação dos filhos e da construção de um lar. O chamado à paternidade não é apenas biológico; é também espiritual, emocional e cotidiano. O homem que participa ativamente, que serve, que cuida da esposa e dos filhos, não apenas alivia a carga daquela com se casou, mas ensina a todos que o amor também se expressa no exercício da responsabilidade.

As crianças precisam de mães e pais. Precisam de referências. **Famílias felizes são aquelas que compreendem que o lar não é um campo de sacrifício unilateral, mas uma construção em parceria. Pouco individualismo e muita cooperação.** A mulher que sabe que pode contar com seu marido se sente fortalecida para exercer sua maternidade com liberdade. O homem que participa ativamente da criação das crianças não perde autoridade – ganha nobreza. E os filhos, ao verem seus pais juntos na missão de amar, crescem mais seguros, mais saudáveis e mais esperançosos, e chegam à sociedade como cidadãos melhores.

Portanto, ser mãe e ser pai não são tarefas que correm em linhas paralelas, mas vocações que se entrelaçam no propósito de formar vidas e deixar um legado. Assim, a maternidade não será exercida ou vivida como um peso, mas como parte de uma missão familiar compartilhada com quem escolhe amar ativamente. Quando há cooperação, a jornada de criar filhos se torna mais leve, mais humana, mais alegre – seja ela vivida em tempo integral ou dividida com o exercício profissional.

Assim, a alegria pela escolha por ter filhos não nos é roubada, mas é alimentada por aqueles que entendem a importância e o valor de uma família forte, para a formação de uma nação próspera e livre.

## A liberdade da identidade

**A ideologia da falsa liberdade e da revolução sexual prometeu às mulheres felicidade e entregou abandono.** E hoje, são muitas – de Esquerda e de Direita – que ainda estão buscando um lugar de paz, tentando preencher vazios que bandeira nenhuma é capaz de ocupar.

**Também prometeram a nós mulheres, em discursos inflamados, que o direito ao voto, ao divórcio, aos métodos contraceptivos, aos altos cargos, ao aborto, à independência, ao acesso às universidades e empresas, entregaria a realização total como mulheres.** E que então, ao termos acesso a todas essas promessas, seríamos completamente livres e felizes. E assim nos enganaram mais uma vez, porque hoje sabemos: nenhum

direito ou benefício adquirido, seja ele qual for, é capaz de entregar a plenitude a alguém. A nossa esperança e realização plena não está naquilo que a política pode nos oferecer.

Além disso, o feminismo radical propagou a ideia de que gênero é uma construção social, negando a realidade biológica e psicológica dos seres humanos. Mas a ciência contemporânea – ironicamente, aquela que muitos progressistas arrotam por aí – tem confirmado o que a sabedoria ancestral e as Escrituras sempre nos ensinaram: o corpo da mulher não tem nada dessa história de “neutro”, tampouco é acidental.

Estudos da Dra. Louann Brizendine, por exemplo, mostram que o cérebro feminino é estruturalmente distinto, com maior desenvolvimento em áreas relacionadas à empatia, comunicação e cuidado<sup>6</sup>. Além disso, em todas as civilizações – de tribos indígenas a reinos medievais – a mulher foi reconhecida por seu papel insubstituível na geração, proteção e sustentação da vida. É uma verdade antropológica que atravessa os séculos o fato de que há algo de sagrado no feminino que nenhuma ideologia consegue apagar.

**Portanto, meu corpo não é um campo de batalha ideológico, mas um templo sagrado capaz de gerar vida.** Dados do *Journal of Happiness Studies* (2022) revelam que mulheres que abraçam sua natureza biológica, incluindo a maternidade, apresentam menores taxas de depressão. Como ensina Alice von Hildebrand, a mulher é chamada a refletir o amor materno de Deus – missão gloriosa que encontramos plenamente realizada em Maria, mãe de Jesus, figura não de passividade, mas de fortaleza radical ao dizer “sim” ao desígnio divino.

Enquanto o feminismo promove o aborto e a “liberação” do corpo, mulheres em todo o mundo enfrentam o vazio existencial de ter adiado, renegado ou até mesmo destruído a maternidade. O estudo *The Paradox of Declining Female Happiness* (2023) mostra como a chamada “revolução sexual” deixou as mulheres mais solitárias<sup>7</sup>. E a quantidade de aplicativos de

---

<sup>6</sup> A Dra. Louann Brizendine, neuropsiquiatra da Universidade da Califórnia, defende que o cérebro feminino apresenta particularidades estruturais e hormonais que favorecem habilidades como empatia, comunicação emocional e comportamento protetivo. Segundo suas pesquisas, áreas como o córtex pré-frontal, a amígdala e o sistema límbico tendem a ser mais responsivos em mulheres, o que contribui para uma disposição natural ao cuidado e à conexão interpessoal. Cf. BRIZENDINE, Louann. *The Female Brain*. New York: Broadway Books, 2006.

<sup>7</sup> O estudo *The Paradox of Declining Female Happiness*, de Betsey Stevenson e Justin Wolfers (2009), analisando décadas de dados de bem-estar subjetivo, aponta que, apesar dos avanços sociais, educacionais e profissionais femininos desde a década de 1970, os níveis de felicidade reportados por mulheres declinaram de forma consistente – em contraste com a estabilidade ou ligeira melhora entre os homens. Tal fenômeno tem sido interpretado por alguns autores como reflexo das pressões

encontros que buscam livrá-las desse isolamento emocional é prova disso. Assim, aquelas que se dizem livres, estão presas à busca incansável, e sem fim, por uma nova emoção, uma nova relação, uma nova aventura para contar depois do “match”.

**A pressão para se moldar a um ideal de mulher que despreza a tradição, o lar, a maternidade e a espiritualidade é, na verdade, uma das mais perversas formas de opressão.** Em nome da liberdade, vemos o feminismo empurrar aquelas que jura defender, para uma corrida de performance, onde vale mais quem tem salários maiores, acumula títulos, cargos e conquistas – mesmo que isso custe a paz, a saúde e os vínculos mais profundos.

**A ideologia da falsa liberdade e da revolução sexual prometeu às mulheres felicidade e entregou abandono.**

Muitas jovens hoje buscam sentido em filosofias que as afastam da sua essência. Tentam redefinir o que são, esperando encontrar liberdade onde só há confusão. Mas, a identidade não se constrói por negação – se constrói por enraizamento, por convicção em verdades inabaláveis. Quando uma mulher se ancora na verdade sobre ela, nenhum discurso é capaz de confundir-la.

**A identidade feminina é dom, não fardo. É promessa, não prisão.** Nas palavras de Edith Stein, “a mulher é chamada a levar amor onde há ódio, e unidade onde há ruptura”. Essa identidade – sagrada, fecunda e corajosa – é nosso maior legado e nossa mais poderosa resistência.

Como mulher, mãe e política, minha vida se tornou testemunho vivo da verdade que defendo. Minha vivência de gestar três vezes no plenário foi meu maior ato político – resposta eloquente à narrativa de que gravidez seria obstáculo à carreira e comprometeria a minha identidade como mulher que não foge à luta. E ao olhar para aquelas com quem trabalho, com quem converso, por quem voto, vejo que somos muitas que sustentam a essência feminina, ainda que diante dos mais duros embates.

Ser mulher é motivo de celebração, não de disputa. **A verdadeira liberdade feminina é aquela que nos permite ser tudo o que fomos criadas para ser** – sem precisar apagar nossas raízes ou romper com as nossas tradições. Por isso, como conservadora, acredito que **não precisamos nos disfarçar de homens para sermos ouvidas e termos sucesso. Não precisamos pedir desculpas por nossa feminilidade ou temer**

---

contraditórias trazidas pela chamada revolução sexual e pela sobrecarga de papéis sociais, resultando em maior sensação de solidão, frustração e esgotamento emocional em parte significativa das mulheres.

**nossa fertilidade.** Uma mulher com um coração disposto pode transformar sua geração, amando com profundidade, defendendo o que é justo e bom. E fazendo tudo isso com a graça de quem sabe que sua força não está em negar sua essência – mas em vivê-la com coragem, propósito e fé.

## Conclusão

O feminismo tenta convencer a mulher de que ela será forte se romper com tudo o que a torna única, mas ao contrário disso, não precisamos negar nossa natureza para sermos livres, nem nos colocar contra os homens para provar nossa força, porque essas rupturas não trazem liberdade; mas sim o vazio da solidão. **E enquanto o feminismo insiste em nos dividir entre “oprimidas” e “libertadas”, nós, mulheres conservadoras, encontramos força justamente naquilo que ele tenta combater e apagar.**

Neste capítulo, mostrei que a liberdade feminina não está em romper com o passado, mas em reencontrar as raízes que sustentam o presente. Sustentei que ser livre não é repetir discursos prontos sobre um falso e mesquinho empoderamento, mas fazer escolhas, com consciência e responsabilidade, que nos permitam continuar firmes como sociedade. **Enquanto a cultura progressista celebra o prazer imediato, nós celebramos o que permanece.**

Não somos contra a mulher moderna, somos contra a mentira de que só existe um modelo de mulher aceitável. E esse modelo, quase sempre, é o da negação da essência. A mulher que o feminismo não entende é a mulher que ora, que serve, que tem amor à vida daqueles que nem nasceram, amor à verdade e às próximas gerações, que se posiciona com firmeza e doçura para que não percamos aquilo que muito nos custou. Essa mulher está nos lares, nos parlamentos, nos púlpitos, nas escolas, nas empresas, em todos os lugares, e não precisa de uma bandeira que tenta iludir com discursos de igualdade de quem, em verdade, não é igual.

**Essa é a mulher que assusta as ideologias da Esquerda: a que não nega sua natureza, mas a transforma em ferramenta de mudança.** Portanto, este capítulo não é um grito de guerra, mas um chamado ao ordinário. Sim, sou de Direita, sou conservadora, sou cristã, sou feliz e sou livre. Sou guiada por padrões que não são aqueles que prendem, dividem e desmoralizam.

**E como mãe, esposa e parlamentar, espero que nossa geração seja lembrada não por quantas bandeiras ergueu, mas por quantas**

**vidas protegeu.** Na arena pública, continuaremos defendendo a família, a infância, o ser humano desde a concepção, a liberdade religiosa e o direito de educar os filhos segundo os valores dos pais – e não do Estado.

Afinal, como aprendi nos corredores dos parlamentos por onde passei, no silêncio do meu quarto de gestante e puérpera, e na movimentada vida de mãe e trabalhadora, a verdadeira revolução não se faz contra a biologia, mas com ela. E nisso, nós mulheres, temos vantagem histórica.

# NEGRO DE DIREITA: PROTAGONISMO SEM VITIMISMO

HELIO LOPES

**S**er negro de Direita significa ser alvo de críticas e insultos. Somos chamados de “capitães do mato”, de “negros de estimação” ou de “alienados”. **O negro conservador, que acredita no mérito e na responsabilidade individual, é frequentemente rotulado como traidor de sua raça. Tudo isso porque não aceitamos a narrativa da Esquerda, que nos coloca como eternos oprimidos.** Mas não há nada mais poderoso do que um negro que se recusa a ser manipulado.

Todos sabem que fui criado no Morro do Tempero. Nasci em Queimados, um dos municípios mais violentos do Rio de Janeiro. Vi de perto o que é viver sem saneamento, sem infraestrutura e com pouquíssimas oportunidades. Na minha infância, pegava restos de comida na casa das pessoas para alimentar os porcos. A água encanada só chegou ao Morro no final de 2020 e o local ainda sofre com a falta de saneamento básico.

Estudei em escola pública. Minha mãe tem 94 anos e, quando pergunto a ela sobre parte da nossa história, ela me conta que meu sobrenome, Barbosa, veio dos nossos antepassados, que trabalhavam na Fazenda dos Barbosas, em Minas Gerais. Muitos, ao ouvirem minha história, diriam que eu sou um forte candidato ao vitimismo, que tenho todos os requisitos para viver no “mimimi”, que minha trajetória é prova viva da necessidade de cotas raciais, assistencialismo e reparos históricos. No entanto, eu discordo.

**A forma como encaramos nossa história determina nosso futuro: podemos nos colocar como vítimas ou como protagonistas.** E quando olhamos para a história do Brasil vemos muitos negros brasileiros protagonistas de sua própria história. Tivemos personalidades como Barão de Guaraciaba, um negro próspero que acumulou riqueza no Brasil Império, o engenheiro André Rebouças, que frequentava os salões da realeza. Tivemos Machado de Assis, fundador da Academia Brasileira de Letras. Outro exemplo é Rafael, conhecido como “Anjo Negro”, pessoa que Dom Pedro I conheceu durante a guerra da Cisplatina, no Rio Grande do Sul, e levou para cuidar de seu filho Dom Pedro II.

Esses nomes são apenas alguns exemplos de que os negros sempre foram capazes, de que há centenas de negros importantes, que estudaram, se desenvolveram e venceram. Exemplos que desmontam a tese da reparação histórica e, ainda, provam que a família real não era racista. **No entanto, a Esquerda distorce esses fatos e insiste em narrativas que nos aprisionam em um passado de dor.**

Para sustentar a narrativa de reparação histórica, criaram o Estatuto da Igualdade Racial, um verdadeiro absurdo! Dentro dele, está previsto, por exemplo, que a titularização de terras deve ser feita apenas para negros e que o sistema de saúde deve ter serviços exclusivos para negros. Imagine chegar a um hospital e ser informado de que não pode ser atendido porque não é negro. Essa covardia imposta pela Esquerda ao Brasil traz enormes consequências, enormes sequelas, uma verdadeira loucura.

Vivemos um tempo em que não se pode mais falar “lista negra”, “buraco negro” ou dizer que “a coisa está preta”, pois isso pode resultar em processo judicial. Mas, em novembro, temos o “Mês da Consciência Negra”. Que consciência é essa que não nos trata como iguais? **A incoerência da Esquerda não tem limites. Em 2012, foram criadas as cotas raciais, institucionalizando a covardia. Eu falo que nessa data foi criado o Marco Legal da Segregação no país, dividindo brancos e não brancos, negros e não negros. Uma estratégia clara de dividir para conquistar, segregar para manipular.**

Uma manipulação baseada em criação de narrativas, como aconteceu quando um jornalista da Globo chegou a sugerir que o fato de Bolsonaro beber leite era um sinal de supremacia branca. Isso é insano! O Bolsonaro estava apenas falando em uma live sobre os produtores de leite, elogiando o trabalho da ministra Tereza Cristina e felicitando os produtores de leite do Brasil. Olha a loucura! Como se Bolsonaro fosse supremacista branco por beber leite. Se beber leite faz de alguém um supremacista branco, então beber café me tornaria racista? Por que eu bebo café, eu não gosto de negro? Essa loucura não tem fim!

**Devemos reconhecer o passado, mas não podemos usá-lo como muleta para justificarmos fracassos ou nos vitimizar. A solução para a ascensão do negro não está no vitimismo, mas na educação, na disciplina e na liberdade de pensamento.**

Se falo sobre Bolsonaro, logo sou chamado de “capitão do mato”. Só porque ando com ele, dizem que sou “o cachorro preto de Hitler”. Isso tudo porque não entendem que vivemos em um país miscigenado, em um país livre, onde ele é meu amigo.

O problema é que o Judiciário, em sua grande maioria, também já foi contaminado por essa pauta. Quando reivindico na Justiça esses ataques, perco, porque a Esquerda impõe sua visão de mundo. Mas a Justiça não deveria ser imparcial? A justiça não pode ter lado, tem que seguir a lei. Infelizmente, quando se trata desse tema, a imparcialidade não se faz presente. Por quê? Porque sou amigo de Bolsonaro.

### **É por isso que eu reforço: não é pela causa, é pelo voto!**

Em 2018, fui o negro mais votado do Rio de Janeiro. O movimento negro e a Esquerda, filhos da mesma placenta, do mesmo útero, não deram uma única nota sobre minha vitória. Não que isso seja importante para a minha pessoa, pois a Esquerda e o movimento negro não me representam. Mas será que silenciaram porque não sou uma peça do jogo ideológico que eles controlam?

**Para sustentar a narrativa de reparação histórica, criaram o Estatuto da Igualdade Racial, um verdadeiro absurdo! Dentro dele, está previsto, por exemplo, que a titularização de terras deve ser feita apenas para negros e que o sistema de saúde deve ter serviços exclusivos para negros.**

Também não vejo esses movimentos protestando sobre a falta de representatividade na Bahia, onde mais da metade da população é negra. Se a representatividade fosse realmente uma preocupação, pelo menos 20 dos 39 parlamentares da Bahia deveriam ser negros. Na verdade, as pessoas votam conforme suas convicções e não, apenas, pela cor da pele.

A história é complexa e não pode ser lida com os olhos do presente. A escravidão foi uma prática em diversas civilizações e o próprio Brasil teve negros proprietários de escravos. **Devemos reconhecer o passado, mas não podemos usá-lo como muleta para justificarmos fracassos ou nos vitimizar. A solução para a ascensão do negro não está no vitimismo, mas na educação, na disciplina e na liberdade de pensamento.** A Esquerda tenta nos enquadrar em uma narrativa de oprimidos, mas não somos vítimas. Pelo contrário, somos protagonistas.

Negro, levante-se. Não aceite ser usado como massa de manobra. A vitimização nos enfraquece; a meritocracia nos fortalece. **O Brasil precisa de**

**negros que pensem por si mesmos, não de negros manipulados por ideologias que não nos representam. O nosso futuro está em nossas mãos e não nas mãos do Estado.**

Sejam donos da sua própria história. Pois, quando entendemos que não precisamos de cotas raciais para vencer, que podemos conquistar nosso espaço pelo esforço e competência, nos tornamos uma ameaça ao sistema que sobrevive da vitimização e, por isso, não podemos criar benefícios como a cota racial, que retiram o direito dos não negros. **Dessa forma, continuarei lutando no parlamento pela cota social, aquela que verdadeiramente leva em conta os mais vulneráveis, sejam eles brancos, pretos, pardos, indígenas, quilombolas.**

O Brasil é miscigenado e minha cor é o Brasil. Não percam a fé, não percam a esperança. Deus está no controle de tudo!

Seguiremos juntos na mudança desse Brasil.

## CONHECENDO INIMIGOS

NIDIA REGINA LIMEIRA

Considerando que atualmente vivemos uma ferrenha guerra cultural na qual o conhecimento é fundamental, esse texto tem o objetivo de trazer alguns conceitos básicos que possam colaborar para que mais e mais brasileiros se posicionem politicamente com clareza e firmeza.

É muito importante que os cidadãos entendam as principais ideias que direcionam para a Direita ou para a Esquerda, para terem patentes as implicações de posicionarem-se em um ou outro lado nas batalhas políticas. Os conceitos de Direita e de Esquerda precisam ser adequadamente compreendidos, bem como os conceitos de Liberalismo, Conservadorismo, Socialismo, Comunismo Progressismo e Globalismo, dentre outros. Vamos lá?

**Esquerda e Direita** são divisões imaginárias na área da política; essa divisão permite que os cidadãos se posicionem a partir da adesão a determinadas ideias e objetivos. De maneira geral, a Direita é mais democrática e conservadora, e a Esquerda é mais autoritária e progressista.

O uso político dessas caracterizações se originou na Revolução Francesa (1789), quando os membros da Assembleia Nacional que eram simpatizantes da monarquia e que queriam manter o regime social tal qual ele era, sentavam-se à direita no plenário, e, os membros da Assembleia que queriam mudar o sistema político apressadamente, por meio da revolução, sentavam-se à esquerda.

No tempo da chamada Guerra Fria (1947 a 1991), o mundo era bastante polarizado devido às diferenças políticas e ideológicas entre os Estados Unidos (que adotavam um modelo democrático capitalista) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS (que adotava um modelo autoritário comunista).

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi dissolvida em 1991, após a abertura política e econômica do governo do Presidente Gorbachev. A URSS foi composta pelos seguintes países: Rússia, Ucrânia, Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia/Belarus, Estônia, Geórgia, Cazaquistão, Quirguistão, Letônia, Lituânia, Moldávia, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão.

Atualmente, os países mais conhecidos que adotaram as ideias comunistas/socialistas são: China, Coreia do Norte, Cuba e Rússia – alguns

incluem a Venezuela nesse grupo, apesar de seus atuais líderes afirmarem que a Venezuela é uma democracia.

○ Brasil atualmente tem diversos partidos de Esquerda, tem partidos de Direita e também tem partidos que ora se posicionam à Direita e ora se posicionam à esquerda, a depender da temática e a depender do governo que está no poder. Os partidos de Esquerda têm inspiração socialista/comunista, progressista e autoritária. Já os partidos de Direita têm inspiração democrática, conservadora e liberal.

Para compreender melhor, então, vejamos o conceito de **Liberalismo**. Atualmente, dizer-se “liberal” pode ter conotações diferentes. ○ Liberalismo foi uma ideia político-filosófica lançada na Europa (séc. XVI), no período em que havia reis que exerciam poderes absolutos em seus espaços. ○ Liberalismo, então, foi uma ideia política surgida com a intenção de defender a liberdade e a autonomia humanas, visando libertar as pessoas das monarquias autoritárias. ○ Liberalismo também trouxe a ideia de que a pessoa humana tem livre arbítrio, por isso deve governar a si mesma, vivendo a sua liberdade com responsabilidade.

**A principal luta do Liberalismo foi a defesa da propriedade privada (a qual não era respeitada nas monarquias), no entanto, o Liberalismo amplia a visão considerando que a propriedade não é tão somente a casa, os bens ou o dinheiro, antes, a mais importante propriedade é a alma, na qual habitam as ideias, os objetivos e as motivações de uma pessoa.**

Quando as ideias liberais começaram a ser utilizadas no contexto político, não estavam associadas nem à Direita nem à Esquerda (e ainda hoje há partidos de Direita e também partidos de Esquerda que se dizem “liberais”, no sentido mais amplo).

Os liberais que são de Direita acreditam que a sociedade de mercado é o mais adequado sistema político que pode levar um país e as famílias à prosperidade econômica. Por isso, lutam contra a interferência do Estado na vida privada, na família, na religião, na economia etc. Essa luta é importante porque a propriedade privada é um grande empecilho à criação de um Estado totalitário, no qual a ditadura impera.

**Por incrível que pareça, ainda hoje é necessário defender as ideias liberais básicas, porque há correntes ideológicas que querem acabar com a liberdade pessoal, por privilegiar a coletividade. Há correntes esquerdistas que defendem a ideia de que é legítimo tirar a liberdade de “todos” para que “tudo” seja de “todos”.**

Você sabe a quais correntes ideológicas esquerdistas estou me referindo? Ao **Socialismo** e ao **Comunismo**.

Talvez você pergunte: a Esquerda atualmente defende o Socialismo ou o Comunismo? Respondo: Depende do grau de adesão às ideias básicas do Socialismo ou do Comunismo que se pode ver naquela sociedade em que o pensamento da Esquerda impera.

Há pessoas que se alinham apenas às “pautas de costumes” da Esquerda; por exemplo: defendem o aborto, a legalização das drogas, a ideologia de gênero, a liberdade sexual, mas, não gostam da ideia de um Estado controlador. Já outras, defendem todas as ideias que caracterizam o Comunismo, por exemplo: defendem que é necessário aumentar o poder do Estado e exercer controle sobre a sociedade – achando correto (porque “necessário”) que as pessoas não tenham liberdade de ir e vir, nem liberdade de expressão, nem liberdade religiosa, nem liberdade de empreender para ter dinheiro, etc.

Foi no início do século XIX que surgiu o **Comunismo**. O maior expoente tanto do Comunismo como do Socialismo foi Karl Marx, que escreveu a famosa obra “O Capital” com seu amigo Friedrich Engels, em 1848. Essa obra discorre sobre como é possível fortalecer o Estado ao ponto de ele controlar a tudo e a todos, visando a que tudo o que tem valor um dia venha a ser de todos.

**O Comunismo tem, como base, a ideia de que tudo deve ser comum a todos (vem dessa ideia a palavra “comunismo”). O conceito de Socialismo vem da ideia de que tudo que tem valor tem que ser socializado. Ou seja, os dois sistemas têm a mesma base: uma visão de “justiça social”.**

Aqueles indivíduos que, desavisadamente, colaboram para o estabelecimento do **Comunismo**, pensam que é legítimo que as pessoas não tenham liberdade porque somente dessa forma a coletividade virá a ter as mesmas coisas e os mesmos direitos, não mais havendo, assim, pobres e ricos. Esses acreditam que o Comunismo é uma perfeita expressão de justiça social, devido ao fato de que promete que, uma vez implantado, não mais haverá a luta de classes (o proletariado contra a burguesia).

É com base nessas ideias que, tanto nos sistemas políticos socialistas quanto nos comunistas, a escola, desde cedo, ensina as crianças pobres a se sentirem oprimidas pelos ricos e burgueses, e, a odiarem as classes empreendedoras (principalmente a classe média), dirigindo a elas o sentimento de estarem sendo injustiçadas. Essa base de raciocínio faz com que os cidadãos mais pobres se sintam vitimizados e nutram o desejo de que tudo venha a ser

repartido com todos: *Que tudo que é do outro seja dividido comigo, porque tudo o que o outro tem não deve ser dele nem meu; deve ser de todos.*

No **Comunismo**, os jovens não são estimulados a estudar, trabalhar, poupar, prosperar e criar uma família estável; são estimulados a estarem sempre acreditando que: *O outro tem a obrigação de dividir comigo o que ele pensa que é dele.* Com essa visão, se uma pessoa está progredindo financeiramente, é como se estivesse “roubando da coletividade”.

É por isso que alguns grupos de extrema-Esquerda defendem que as pessoas tenham apenas uma casa, pois, se têm mais de uma, *o Estado pode/deve tomá-la para dar a quem não tem*; ou, defendem que todos os salários devem ser regulados pelo Estado, independentemente de se o salário é destinado a um neurocirurgião ou a um motorista. Assim, o Estado torna-se comunista sorrateiramente – exercendo sua vocação de ser cada vez mais aumentado e poderoso – passando a controlar aspectos como: a quantidade de energia que uma família pode usar, a comida que a família tem direito a comprar, a quantidade de dinheiro que pode ter ou gastar, os serviços de saúde que podem usar, os livros que pode ler, a religião que pode seguir e aonde pode ir ou não...

Como os países chegam a esse ponto? Gradativamente, por meio do **Socialismo**, o qual defende o controle cada vez maior das áreas sociais, com a justificativa de que as políticas públicas cada vez mais abrangentes servem para “combater a desigualdade e promover a inclusão social”. Geralmente, o **Comunismo**, quando chega a ser disseminado na sociedade, começou como **Socialismo**, com sua defesa “inocente” de “justiça social e igualdade para todos”. É questão de tempo e aprofundamento, pois espera-se que todo o país socialista um dia será um país comunista.

○ Socialismo diz: *Regulemos a esfera social em nome da necessidade de todos terem o mínimo.* ○ Comunismo diz: *Não se pode permitir que todos tenham liberdade de escolha, porque essa é a única forma de todos terem o que necessitam.* Mas, quem determinam o que o povo necessita é a elite que governa o estado comunista.

**A principal luta do Liberalismo foi a defesa da propriedade privada (a qual não era respeitada nas monarquias), no entanto, o Liberalismo amplia a visão considerando que a propriedade não é tão somente a casa, os bens ou o dinheiro, antes, a mais importante propriedade é a alma, na qual habitam as ideias, os objetivos e as motivações de uma pessoa.**

No **Socialismo**, se ensina que a única forma de promover bons serviços para todos é dando acesso aos serviços públicos de forma igualitária para toda a população.

**No Socialismo se ampliam, mais e mais, a relação de direitos; assim, as pessoas aprendem que têm direito a tudo e que o Estado tem que prover tudo.** O Estado passa, então, a promover e ampliar as políticas sociais (principalmente as de distribuição de renda) para que se crie um exército de pessoas dependentes dele.

Debaixo dessa influência socialista, o Estado amplia a si próprio, aumentando as instituições e empresas federais, aumentando os concursos públicos, aumentando os impostos, ampliando e diversificando o sistema de cotas etc., visando a que mais e mais pessoas se tornem ou empregados do Estado ou dependentes dele.

A realidade escondida da maioria das pessoas que são simpatizantes do Socialismo é que chegará um dia em que todas as pessoas terão que abrir mão de suas propriedades em favor de todos, porque o Estado não mais aguentará sustentar ou empregar tanta gente. Como a maioria das pessoas não aceitará abrir mão de sua “segurança”, a única proposta do governo (nacional ou globalista) será: *Entregue-me sua liberdade e eu lhe darei a segurança que você precisa.*

**Socialistas e comunistas acreditam que a igualdade, a equidade e a inclusão só acontecem pela intervenção do Estado. O que não propalam é a certeza de que, quando o Socialismo se aprofunda e se chega ao Comunismo, tudo se perde para o Estado — até o controle de sua própria família, de seus bens e de seu destino...**

O Socialismo defende a igualdade, mas, no mundo real, a liberdade sempre gera a desigualdade, porque as pessoas são diferentes. Mesmo diante de oportunidades iguais, o resultado sempre será diferente – visto que as pessoas têm méritos diferentes, pois esforçam-se de forma diferente.

Os governos socialistas, uma vez constituídos, utilizam-se das minorias para fragmentar a sociedade colocando umas minorias, contra as outras, de modo a que a sociedade fique mais fraca e desunida: pretos contra brancos, heterossexuais contra homossexuais etc. Os estrategistas socialistas se utilizam das minorias para chegar ao poder, pois, uma sociedade fragmentada não oferece resistência.

Os socialistas “científicos” analisavam tudo tendo como base a luta de classes, a qual, segundo eles, transformaria a sociedade por meio de revoluções. Assim, até há poucos anos, diziam que a revolução do proletariado

era inevitável, mas, de fato, essa revolução do proletariado não ocorreu em parte alguma do mundo. **O Comunismo revolucionário não deu certo em lugar algum, pois, mesmo implantado em países como a China, a Coreia do Norte, Cuba e Rússia, o sistema político comunista só se sustenta na base da força e do confisco das liberdades.**

No entanto, por incrível que nos pareça, o Socialismo está ganhando muitos adeptos em diferentes lugares do mundo, inclusive no Brasil, agora que o Comunismo foi “reformatado” ao se afastar da perspectiva econômica e aproximar-se da perspectiva cultural.

O chamado “marxismo cultural” foi teorizado pelo italiano Antônio Gramsci, o qual defendeu a ideia de que, para conquistar e conservar o poder, o Estado deve usar não mais a força (como nas primeiras revoluções), mas, **a cultura** (literatura, filmes, teatro, música, novelas, moda, imprensa e artes em geral) e **a educação** (por isso as escolas e as universidades são tão importantes para a Esquerda). **O “marxismo cultural” atua na dimensão da mente, na dimensão das interpretações, levando ideias progressistas a se inserirem lentamente nos costumes da sociedade e no pensamento das pessoas, sem que a maioria perceba.**

Assim, visto que a cultura e a educação têm o poder de mudar e formatar percepções, são esses os campos centrais que os estrategistas sociais usam para promover o **Progressismo**, que é um movimento político de Esquerda que se baseia na ideia de que o “progresso” (leia-se: transformações sociais profundas anticonservadoras) é imprescindível para a evolução da humanidade. O Progressismo pretende ter influência em todas as áreas da sociedade, mas, além da educação e da cultura, colocam o foco na área da religião e na área da política.

Na perspectiva esquerdista, o caminho mais fácil para reformatar a sociedade é romper com tudo que é tradicional e enfraquecer o povo colocando grupos contra grupos. A Esquerda é revolucionária desde seu surgimento, por isso continua querendo empurrar a sociedade para transformações velozes.

As **pautas identitárias** têm sido uma forma eficiente para enfraquecer os Estados nacionais, pois, por meio delas, pretendem (re)configurar as identidades das pessoas e “obrigá-las” a se colocar politicamente ao lado da Esquerda e a implantar as pautas progressistas. Conseguem isso nas disputas políticas em que pessoas esquerdistas (sejam parlamentares, líderes religiosos, professores, pesquisadores, artistas, juristas, youtubers, dentre outros), tentam influenciar as leis e os costumes, de modo a que determinados grupos identitários tenham suas reivindicações atendidas e ganhem visibilidade social.

O Estado de inspiração socialista levanta a bandeira do Estado laico (o Estado separado da Igreja), mas, isto é uma narrativa com intenções bem definidas: **ao fim, o que quer é implementar o Estado antirreligioso, descredibilizando todas as religiões tradicionais, principalmente as de tradição judaico-cristã** – que é tão combatida pelo Progressismo.

Ao contrário, o Estado laico é, verdadeiramente, defendido pelo Liberalismo que luta pela liberdade de qualquer cidadão seguir qualquer religião, ou nenhuma. A laicidade também é defendida pelo Conservadorismo, o qual valoriza a separação entre Estado e Igreja.

**Infelizmente nossa nação, após tantos anos de governos de Esquerda, está sendo muito influenciada por visões socialistas e progressistas.** Por volta do início do século XXI, com transformações velozes e esbarredoras, ficou bem explícito que uma nova era havia entrado na história humana, no qual a razão (a ciência) e a moral passaram a ser moldadas pelo subjetivismo e pelo relativismo.

Por essa inspiração progressista, principalmente na área das Ciências Humanas, não se busca mais a verdade dos fatos, mas, a verdade de cada um, manifesta com base em interpretações, opiniões e percepções pessoais. A visão dessa verdade relativa se firma quando a escola ensina que cada pessoa tem a sua verdade e que a verdade não existe. Assim, os jovens, em nossos dias, “aprendem” que não há mais a moral – e sim a “moral própria” –, e são incentivados a não obedecerem a limites ou hierarquias.

Os governos socialistas, com seus professores “pós-modernos”, querem que as crianças e os jovens cada vez mais fortaleçam, dentro de si, o Humanismo (ideia de que o ser humano é o referencial absoluto de todas as coisas). Também pretendem ensinar que todas as relações hierárquicas são relações patriarcais e autoritárias – que por isso devem ser combatidas. Assim, semeiam conflitos geracionais, promovendo a rebeldia e a fragmentação da principal instituição social: a família.

Os mestres que adotam o subjetivismo, utilizam a área da educação para que as crianças e os jovens cresçam acreditando que não existem princípios, valores, nem verdades absolutas, e, que *o que importa é o que eu acho*. Isso empurra os jovens para a busca do prazer desenfreado, para as drogas, para os vícios, para a prática do aborto. A maioria dos jovens não percebe que são empurrados por forças políticas que os influenciam, utilizando, inclusive, políticas públicas que os incentivam a estarem longe de suas famílias o mais cedo possível – a fim de que, assim afastados do lar, fiquem mais vulneráveis.

Essa era trouxe um dilema: aquilo que é mais importante na vida (liberdade, justiça, espiritualidade, família, dignidade, patriotismo, honra, etc.) foi reduzido a nada mais que ficções. Assim, a moral vazia que inspira as pessoas capturadas pelo Progressismo pós-moderno, leva-as a não se importarem se tudo for desconstruído, porque, para elas, tudo perdeu o sentido e não têm certeza sobre nada – restando apenas um Humanismo pelo qual se põem – a si mesmas – no centro de tudo e de seus relacionamentos egoísticos.

Com base nessa visão de desencanto geral, as visões esquerdistas levam ao crescimento do Estado com o seu objetivo consequente de controlar as pessoas. **Então, quanto mais pessoas dependerem do Estado menos liberdade elas terão, porque quanto mais o Estado intervém, mais ele se expande, e quanto mais se expande mais se fortalece. Assim, fortalecido e poderoso, o Estado passa a mostrar que não é nada neutro, e passa a interferir fortemente na vida pessoal, na economia, na política, na religião, chegando ao ponto de tentar retirar o poder da família sobre as crianças e adolescentes** – como estamos vendo acontecer na obrigatoriedade da aplicação de vacinas contra a Covid, via escola, nos corpos de crianças, sem o consentimento dos pais.

Com tais objetivos – não abertamente confessados – de chegar a controlar a sociedade pela implantação do Estado comunista, a maneira mais estratégica e “boazinha” de conseguir obter o controle social tem sido por meio de benefícios, de bolsas, de cotas – porque isso cria dependência e “conforto”, ao mesmo tempo em que expande o Estado de maneira assustadora. Os governos de Esquerda lutam para que a única forma de obter acesso ao que a sociedade produz de bom seja alcançado apenas por meio dos serviços públicos, assim, valorizam enormemente a escola pública, a saúde pública, a televisão pública, a segurança pública, a renda universal etc. Isso fica ainda mais suspeito quando o Estado quer impedir a organização da sociedade civil (por exemplo: arranando meios legais para fechar escolas privadas) e não quer dar espaço para que existam instituições fora do Estado.

Na visão dos governos de Esquerda, é necessário trabalhar para que as crianças entrem na escola precocemente e fiquem mais e mais horas nela, para que adquiram a visão do Estado e não a visão de sua família. Por isso, o ensino passa a ser obrigatório cada vez mais cedo e todas as famílias são obrigadas a manterem seus filhos na “escola integral de tempo integral”.

**Não é à toa que em países com governos ditatoriais comunistas só existem a escola pública estatal, a TV estatal, as estradas estatais,**

## **os hospitais estatais, as igrejas estatais... e o trabalho gradativo para que tudo se torne propriedade do Estado — até as pessoas!**

É difícil entender como o Brasil está sendo empurrado para o Socialismo/Comunismo, pois ainda somos uma nação predominantemente cristã, e o povo brasileiro, em sua maioria, tem um pensamento conservador. Nós, conservadores e liberais, buscamos um Estado que crie as condições para o usufruto da liberdade que produz prosperidade, progresso, enriquecimento – e não uma nação na qual as pessoas são mantidas pobres para serem todas iguais na pobreza.

Então, precisamos conhecer mais de perto o que é o **Conservadorismo**, porque o Conservadorismo baseia-se na premissa de que uma ideia ou costume que se mantém há décadas só pode ser mudado com muita prudência, e não com revoluções apressadas. Entende que séculos de tentativa e erro trouxeram experiência e progresso, e isso não pode ser desprezado. A ideia básica do Conservadorismo é: se as coisas persistem ao longo dos séculos, é porque elas são boas. Exemplo: a liberdade é boa, o casamento é bom, a família tradicional é boa, a separação entre Igreja e Estado é boa, a proteção da vida é boa, a proteção da criança e dos adolescentes é boa, a segurança é boa, a não-liberação das drogas é boa, e assim, sucessivamente...

Fazendo uma comparação: o progressista é uma pessoa que quer desconstruir tudo que foi valorizado no passado para transformar completamente a sociedade o mais rápido possível – preferencialmente por meio da guerra cultural, visto que esta traz mais resultados; já **o conservador, por outro lado, é a pessoa que entende que os princípios e valores que devem ser conservados não são os seus próprios, mas aqueles que foram testados na sociedade por gerações e gerações.**

O conservador não quer impor ideias, mas, quer garantir que a sociedade tenha o direito de preservar os seus valores mais nobres. É alguém que quer impedir que os valores que a sociedade manteve no decurso do tempo sejam abruptamente transformados pela ação política de pequenos grupos com intenções duvidosas.

O conservador acredita que os valores que se mantêm no teste das gerações tendem a ser perpétuos, até porque, possivelmente, vêm de uma fonte perpétua (absoluta). **Inclusive, os conservadores cristãos, pensam que certos valores que tendem a ser permanentes (como o valor da vida humana) só podem ter sido originados de uma fonte perpétua que é Deus.**

Destaco alguns exemplos:

Os conservadores defendem o legítimo direito à defesa porque a sociedade sempre se organizou assim, e, acreditam que, se perdermos o direito de termos armas para nos defender, facilmente seremos presas fáceis para governantes totalitários pagarem fortunas aos seus exércitos de militantes a fim de controlarem a população visando instalarem ou manterem seus regimes ditatoriais.

Os conservadores não querem que se relativize o direito à liberdade de expressão, porque a democracia sempre precisou da liberdade para sobreviver.

Os conservadores não querem que o Estado determine como deve ser a educação das crianças (inclusive indiciando pais pelo simples fato de educarem seus filhos em casa), ou que determine como deve ser protegida a sua saúde (com a obrigatoriedade de serem inoculados por substâncias duvidosas), ou que façam exames compulsórios, ou que obrigatoriamente disponibilizem em sistemas computacionais os seus dados de saúde, ou coisas desse tipo.

Os conservadores não querem que a escola sirva como espaço de propagação da ideologia de gênero quando as crianças e adolescentes ficam entregues aos professores e longe dos olhos da família, pois essa ideologia além de agredir seus corpos, agride sua identidade, suas mentes e seu futuro.

○ Conservadorismo quer conservar o que há de bom desde o passado, reformar o que precisa ser reformado e produzir algo melhor a partir do que existe hoje, sem romper por completo com o que vinha dando certo.

○ Conservadorismo entende que, na vida privada a pessoa tem o livre arbítrio de viver como quiser: se quiser ser homossexual, é problema da pessoa; se quiser pensar que é um pássaro, é seu problema igualmente. Mas, o conservador acredita que o individualismo tem limites; por exemplo: o individualismo não pode matar a vida de um bebê no útero, porque esse bebê é uma pessoa que tem direito à vida. O individualismo não pode permitir que um jovem roube um celular para tomar uma cervejinha, ainda que essa contravenção seja propalada por um Presidente da República!

Por fim, para entender a política, você, leitor, precisa saber que a Humanidade está se deparando fortemente com o **Globalismo, que vem a ser um movimento de acordos entre pessoas poderosas, países poderosos**

**O "marxismo cultural" atua na dimensão da mente, na dimensão das interpretações, levando ideias progressistas a se inserirem lentamente nos costumes da sociedade e no pensamento das pessoas, sem que a maioria perceba.**

**e blocos poderosos que visam interferir nos destinos da Humanidade capturando a maior parcela possível de poder para aqueles que representam. O Globalismo** quer levar à chamada Nova Ordem Mundial, (ou “Grande Reset”, ou “Grande Reinício”) a qual pretende implementar o governo mundial único.

Para o estabelecimento da Nova Ordem Mundial é necessário que sejam desfeitas as fronteiras das nações para que os donos do poder financeiro e tecnocrático tenham controle sobre todos os bens e sobre todas as pessoas. **Para que o poder seja central e alcance todos os habitantes da Terra, é necessário: impedir a liberdade, oferecendo em troca, segurança e provisão (“Você não será dono de nada mas será feliz” — com a renda universal), enfraquecer a família tradicional para implementar uma nova sexualidade, restringir a fé cristã para implementar uma religião universal, impulsionar a inteligência artificial, substituir muito da força de trabalho humano por tecnologias, etc.**

Os globalistas estão trabalhando a todo vapor e muitos deles são conhecidos. Os globalistas mais influentes são líderes de grande poder econômico, ou de grande poder político ou de grande poder religioso.

Eles querem um governo mundial central sobre o planeta por diversos motivos, mas, todos os possíveis motivos têm a questão do poder como base. E como o poder se manifesta? Pela quantidade de dinheiro que os grupos acumulam? Não só! O dinheiro dá poder – com certeza – mas, há pessoas que têm tanto dinheiro que não precisariam de mais. Muitas dessas pessoas não precisam de mais dinheiro, mas, elas têm opiniões sobre o que é o melhor para a Humanidade! Então, atuam segundo suas visões, porque querem é o poder de influir nos destinos da Humanidade! Assim, espalham muito dinheiro para financiar mudanças de percepções e novas mentalidades, bem como para arregimentar militantes e formar novas elites econômicas. Esses poderosos também se reúnem para discutir questões sobre como manipular a humanidade de modo a que interfiram, até mesmo, na quantidade de filhos que cada família pode ter, sobre como obter o controle sobre a água e os alimentos, sobre como definir e padronizar os comportamentos de acordo com aquilo que mais favorece aos seus objetivos, enfim.

**São questões muito importantes que ameaçam a todos nós e são definidas por um pequeno grupo de “iluminados”.**

Uns desejam controlar o planeta por motivos econômicos, outros querem controlar a Humanidade por fatores políticos e outros querem controlar por motivos religiosos. Algumas pessoas que têm uma visão religiosa cristã,

chagam a identificar o governo da Nova Ordem Mundial como o “governo do Anticristo”, do qual falam as Escrituras Sagradas. O fato é que identificamos grupos que trabalham em função de uma ordem planetária dirigida por uma força central que será representada por uma espécie de Conselho de Nações. Já temos experimentado algo semelhante com a criação e a atuação da ONU e de suas agências. **Infelizmente, atualmente há muitos esquerdistas radicais e globalistas na ONU, por isso vemos a promoção de agendas que ferem de morte os valores fundamentais e que silenciam vozes da verdade, da justiça e da razão.**

As ideias que fazem as pessoas comuns considerarem a possibilidade de um governo mundial são diferentes. Alguns consideram benéfico um governo mundial porque acreditam que só assim haverá “paz e segurança” no mundo, e que só assim aquilo que a Terra produz poderá ser distribuído irremediavelmente. Esses pensam que um governo mundial trará felicidade e acabará com as violências. Alguns pensam no Globalismo como a ideologia de que as pessoas um dia serão capazes de juntas, resolverem seus problemas comuns. Já outros pensam no Globalismo por um viés religioso: uns acomodam-se à possibilidade de um governo mundial por acreditarem que isso é inevitável visto que a Bíblia traz profecias que apontam para um governo central anticristão, e outros porque querem instituir a sua religião como religião universal.

Esses líderes podem estar escondidos por trás de suas pilhas de barras de ouro financiando jovens brilhantes em universidades ou em polos de tecnologia e inovação, ou podem estar financiando conflitos e guerras; podem estar na presidência de países ou buscando exercer controle sobre quem está sentado na cadeira do governo.

**No entanto, é de se pensar o motivo pelo qual assistimos tantos multimilionários globalistas defendendo pautas socialistas/comunistas — o que parece incoerente. Em verdade, não existe incoerência, pois, o que interessa aos globalistas é o controle populacional, e o Socialismo, bem como o Comunismo, desembocam justamente no controle total da população.**

O que interessa a esses multimilionários travestidos de socialistas não são as pautas políticas para o fortalecimento local — o que lhes interessa é

**Infelizmente, atualmente há muitos esquerdistas radicais e globalistas na ONU, por isso vemos a promoção de agendas que ferem de morte os valores fundamentais e que silenciam vozes da verdade, da justiça e da razão.**

financiar pautas progressistas e articular ações que enfraqueçam a autonomia das nações e a unidade interna dos povos. Isso sem contar que, para ficarem ainda mais poderosos, querem estabelecer oligapólios, ou seja, um tipo de mercado em que poucas empresas dominem, limitando ou impedindo a concorrência.

Enfim, aqui, estão colocadas questões polêmicas, e não se sabe quais serão as consequências das próximas decisões no contexto internacional e nem mesmo no contexto de nossa nação. Não sabemos se as pessoas que estão no poder hoje, e as que virão, se movem pelos princípios da Justiça, da Liberdade e da Verdade. Sabemos, no entanto, que a Humanidade nunca esteve tão perto do Globalismo como hoje, principalmente com a integração internacional possibilitada pelas tecnologias da informação. Por isso, é tão importante estarmos identificando as bases e valores que caracterizam o pensamento de líderes políticos, bem como nos posicionando contra ou a favor, pelo bem de nossas famílias e de nossas futuras gerações.

Trago aqui, para finalizar, um quadro comparativo de algumas ideias básicas da Direita e da Esquerda:

<b>DIREITA/LIBERALISMO/ CONSERVADORISMO</b>	<b>ESQUERDA/SOCIALISMO/ COMUNISMO</b>
Todos os indivíduos têm poder de representatividade (democracia). Todos são iguais perante a lei.	Não há compromisso com a representatividade individual. A liderança deve ser, no mínimo, grupal ou comunitária.
O poder sempre será do povo (democracia).	O poder sempre desembocará numa liderança autoritária. (Nenhuma sociedade comunista é democrática).
Valoriza o CAPITALISMO — sistema econômico que visa a liberdade de as pessoas angariarem lucros com seu trabalho e manterem as propriedades que adquirirem para si e suas famílias.	Valoriza o SOCIALISMO e o COMUNISMO — sistemas políticos que visam fazer com que os meios de produção passem a ser propriedades sociais e que as propriedades privadas passem a pertencer ao Estado.
Justiça social é ter respeitada a propriedade privada, a liberdade individual e a igualdade de oportunidade para todos.	Justiça social é ter tudo em comum numa sociedade sem divisão de classes. Não considera o mérito e o esforço das pessoas, tomando as propriedades de quem trabalhou duro para obtê-las.

<b>DIREITA/LIBERALISMO/ CONSERVADORISMO</b>	<b>ESQUERDA/SOCIALISMO/ COMUNISMO</b>
Busca a prosperidade e a liberdade das pessoas e das nações.	Busca o controle social para chegar à justiça social e à igualdade.
O Estado não deve controlar as vidas privadas.	O Estado precisa controlar e interferir, invasivamente, nas vidas privadas.
A pessoa humana é autônoma e responsável.	A pessoa humana é produzida socialmente.
Convicção no poder do mérito individual.	Elimina o potencial do indivíduo, a pretexto de favorecer um determinado grupo de minorias
Preserva valores tradicionais e morais.	Desconstrói e relativiza valores tradicionais e morais.
É necessário enriquecer o país porque assim se diminuirá a pobreza.	É necessário haver grande investimento do Estado em questões sociais imediatas.
Contra a coletivização dos bens de produção e dos bens pessoais.	A favor da coletivização tanto dos bens de produção como dos bens pessoais.
O objetivo é que as pessoas ascendam socialmente, administrando aquilo que angariam com seu esforço pessoal (mérito).	O objetivo é que o Estado impulse a criação de uma sociedade sem classes, na qual não haja grandes diferenças entre pobres e ricos.
Defende a livre iniciativa no mercado, pois, sem lucro as pessoas não têm motivação para a ação, e, sem a propriedade privada não há liberdade.	Defende o controle estatal sobre a livre iniciativa no mercado, e que não haja propriedades privadas.
O lucro é recompensa.	O lucro é perverso.
A civilização é boa. Ricos e pobres não definem opressores e oprimidos necessariamente.	A civilização é má porque é dividida em classes e as classes definem opressores e oprimidos.
O mal está nos atos errados das pessoas e dos grupos.	O mal está na injustiça. A luta entre o bem e o mal, que aparece nas classes, acabará quando a igualdade prevalecer.
Contra o aborto e a favor da vida desde a concepção.	A favor da liberdade de abortar, negando, ao nascituro, o direito à vida.
Contra a liberação das drogas.	A favor da liberação das drogas.
Contra a ideologia de gênero, a qual diz que as pessoas não nascem homens ou mulheres, mas, decidem qual será a sua orientação sexual independentemente de sua biologia.	A favor da ideologia de gênero como temática central a ser abordada na educação e na cultura, a fim de que haja uma transformação revolucionária na sociedade, enfraquecendo as famílias.

<b>DIREITA/LIBERALISMO/ CONSERVADORISMO</b>	<b>ESQUERDA/SOCIALISMO/ COMUNISMO</b>
Não é a favor das operações de mudança de sexo nem apoia a filosofia de vidaLGBTQIAPN+.	É a favor da militância LGBTQIAPN+, de políticas diferenciadas para os homens que se sentem mulheres e para mulheres que se sentem homens e das políticas públicas para a mudança de sexo (inclusive de crianças “transgênero”).
Defende a liberdade de expressão.	Defende que a liberdade de expressão é relativa e que a censura é necessária.
Defende a liberdade individual e a liberdade das ideias.	Defende apenas os grupos de ideias e ideais semelhantes e persegue os opositores.
Defende a liberdade de escolha como um pilar da vida em sociedade.	Defende a ideia de que para haver liberdade de escolha é necessário que todos tenham as mesmas oportunidades no ponto de largada (igualdade em geral).
O Estado jamais pode ser totalitário e interferir nas escolhas das pessoas.	O Estado pode vir a ser totalitário caso seja necessário para haver igualdade e justiça social.
A liberdade pessoal jamais pode ser perdida e cada um é responsável pelas consequências de suas escolhas.	A liberdade pode ser perdida se for necessário para o bem da coletividade. As pessoas devem ser livres das consequências erradas de suas escolhas que forem influenciadas pelo meio.
Valoriza a família, a autoridade paterna e a hierarquia.	A autoridade paterna depois se manifestará em autoritarismo social.
A família é um ajuntamento natural e é a base da sociedade.	A família é uma construção social opressora que deve ser remodelada. A família perpetua a ética burguesa do machismo e do patriarcado.
Visa a educação individual e meritória.	Visa a educação social, integral e comunitária.
Deve haver liberdade religiosa.	O ideal é que a pessoa não sinta necessidade de religião.
Seguir preceitos religiosos é um direito humano e geralmente ajudam nas relações humanas.	Seguir preceitos religiosos produz preconceitos que vão contra os direitos humanos e atrapalham as relações sociais.
Valoriza o legítimo direito de defesa.	Não valoriza o direito de defesa.  É a favor do desencarceramento generalizado.

<b>DIREITA/LIBERALISMO/ CONSERVADORISMO</b>	<b>ESQUERDA/SOCIALISMO/ COMUNISMO</b>
Defende a diminuição da carga tributária e a redução da burocracia estatal.	Não se compromete com a redução dos tributos e da burocracia.
Valoriza a agroindústria.	Valoriza o meio ambiente, quando entende que a agroindústria agride o planeta.
Contra a vacinação obrigatória de crianças e adultos.	A favor da vacinação obrigatória, até de crianças.
Valoriza a qualidade da Educação, medida por seus resultados.	Valoriza a produção de intelectuais orgânicos treinados para transformarem a cultura em direção a ideais progressistas.
Não aceita que o Estado tire o poder de escolha das famílias sobre a educação de seus filhos.  Não aceita que a educação estatal seja obrigatória.  Valoriza a presença da sociedade civil na educação.	Defende o ensino obrigatório nas escolas o mais cedo possível e não aceita o poder da família como última palavra sobre a educação de seus filhos. Privilegia a educação pública.

Quando uma pessoa se decide por apoiar a Direita ou a Esquerda, mesmo sem entender a amplitude de sua escolha, está colaborando para influenciar o futuro da Humanidade.

É por meio da política que se legisla sobre como a sociedade deve se organizar, por isso são tantas – e tão importantes – as arenas e disputas políticas.

Todas as nações enfrentam desafios políticos, os desafios requerem decisões políticas, e, as decisões políticas se baseiam nas crenças, na ideologia e nos valores dos cidadãos que se tornarão políticos. Por isso, é imprescindível conhecer a ideologia, os valores e as crenças tanto dos que estão em posições de liderança política como dos candidatos, pois é o que eles têm dentro de si que direcionará o que eles defenderão e como eles atuarão na sua esfera de governo.

O Brasil precisa de mulheres e homens líderes que tenham no coração o sonho de edificar a nação e que acreditem que é possível mudar mentalidades e construir um futuro de liberdade e prosperidade para todos.

“*Deus deu a Terra aos filhos dos homens*” (Salmo 115:16), então, vamos nos preparar para governar a Terra com princípios, valores e posturas que demonstrem sintonia com o Deus que nos deu esse presente. A responsabilidade é nossa e a Verdade está a nosso favor.

# LUTA CONTRA AS DROGAS E PELA RECUPERAÇÃO: UM COMPROMISSO COM A VIDA

EROS BIONDINI

**T**odos os dias uma nova família brasileira perde um filho para as drogas. Seja pela overdose, pelo crime, pela marginalização ou por um acidente causado por alguém sob o efeito de substâncias. O que estamos fazendo para impedir esse ciclo destrutivo?

O problema das drogas no Brasil e no mundo é uma crise de proporções alarmantes. **Enquanto alguns setores políticos defendem a liberação das drogas, milhares de famílias sofrem diariamente com a perda de entes queridos para a dependência química.**

O consumo de drogas cresce de forma preocupante no mundo e no Brasil. Estima-se que, em 2022, cerca de 292 milhões de pessoas, no mundo, tenham usado drogas ilícitas – um aumento de 20% em relação à década anterior. **No Brasil, aproximadamente 8 milhões de pessoas apresentam dependência de substâncias ilícitas.** Além disso, cerca de 28 milhões de brasileiros convivem com algum familiar dependente químico.

A maconha, frequentemente defendida como uma droga “leve” ou medicinal, apresenta riscos graves, especialmente para adolescentes e jovens. A planta da cannabis contém mais de 500 compostos químicos, incluindo cerca de 100 canabinoides, entre eles o THC, principal responsável pelos efeitos psicoativos. Embora alguns de seus componentes sejam estudados para usos terapêuticos específicos, o consumo da planta envolve riscos significativos e potencialmente devastadores, como prejuízos à memória, à atenção, ao controle emocional e ao desenvolvimento cerebral, além de aumentar a vulnerabilidade ao consumo de outras drogas – sobretudo quando iniciado precocemente. Esses efeitos não podem ser ignorados. A legalização da maconha representa um desafio para a saúde pública e a segurança da população. Estudos indicam que o uso precoce da substância aumenta o risco de dependência de outras drogas. Muitos usuários de substâncias mais potentes começaram seu consumo ainda na adolescência.

O uso de drogas não é um problema isolado – é um efeito dominó que atinge todas as áreas da sociedade, desestabilizando famílias, comprometen-

do a segurança pública e sobrecarregando os sistemas de saúde e justiça. No Brasil, uma parcela significativa dos crimes está direta ou indiretamente ligada às drogas. **O tráfico de drogas é um dos principais motores da violência, impulsionando homicídios, assaltos e disputas territoriais.** Ele está entre os maiores responsáveis pelo aumento da criminalidade no país. Mas o impacto das drogas não para por aí – seus custos econômicos são estratosféricos, drenando recursos dos sistemas de justiça, segurança e saúde pública.

Nos hospitais e unidades de emergência, as cenas são sempre as mesmas: leitos ocupados por vítimas de acidentes de trânsito causados por motoristas sob efeito de substâncias, pacientes em crise devido a overdoses e casos de complicações severas decorrentes do uso prolongado de drogas. O consumo de substâncias está diretamente relacionado a uma parcela significativa das internações hospitalares por transtornos mentais e comportamentais ao redor do mundo. O sistema de saúde já opera no limite – e as drogas apenas agravam essa realidade.

O efeito destrutivo das drogas também chega às salas de aula. Estudantes usuários de substâncias apresentam maior número de faltas, queda no rendimento e maior risco de abandonar os estudos antes da conclusão da educação básica. Estudos científicos indicam que a evasão escolar está fortemente associada ao consumo de drogas, colocando milhares de jovens em um ciclo de vulnerabilidade e exclusão social. Sem oportunidades na educação, esses jovens ficam mais expostos ao crime, à dependência e à marginalização.

Nenhuma estatística traduz o sofrimento de uma mãe que vê seu filho se perder no uso destrutivo de drogas. **A dependência química desestrutura famílias, gera conflitos e impõe uma sobrecarga emocional e financeira avassaladora.** Pais que fazem uso de substâncias ilícitas colocam seus filhos em um ambiente instável, aumentando o risco de perpetuação do problema. Estudos mostram que crianças e adolescentes criados em lares com histórico de consumo de drogas apresentam maior vulnerabilidade a transtornos emocionais e comportamentais, além de terem mais chances de seguir pelo mesmo caminho.

A população em situação de rua é uma das faces mais visíveis da crise das drogas no Brasil. O país tem mais de 281 mil pessoas vivendo sem moradia, e quase metade delas faz uso regular de drogas. **O crack, a cocaína e o álcool figuram como os principais responsáveis pela destruição de vidas e famílias, criando um ciclo de degradação e sofrimento do qual poucos conseguem escapar.**

Os impactos do uso de drogas vão muito além da saúde e da segurança. Eles corroem a estrutura social, fragilizam as famílias e condenam

gerações inteiras à exclusão. Diante desse cenário, não há espaço para inércia ou discursos vazios. **É imprescindível a implementação de políticas públicas sérias e eficazes, que priorizem a prevenção, o tratamento e a reinserção social dos dependentes químicos. Além disso, é fundamental garantir suporte educacional e familiar para quebrar esse ciclo destrutivo e oferecer uma verdadeira oportunidade de recomeço.**

Nesse contexto, é imprescindível reconhecer e fortalecer alternativas já existentes e que vêm demonstrando resultados concretos na recuperação de dependentes químicos. **As comunidades terapêuticas são equipamentos fundamentais na rede de atenção a essas pessoas.** Apesar das críticas de alguns setores políticos ideológicos, essas instituições têm contribuído de forma significativa para a reinserção de indivíduos em situação de vulnerabilidade devido ao uso de substâncias. No Brasil, representam uma das principais alternativas de cuidado e tratamento. **O modelo adotado nas comunidades terapêuticas – ambiente residencial, de caráter transitório, propício à formação de vínculos, com a convivência entre os pares – tem proporcionado resultados positivos e transformado a realidade de milhares de famílias brasileiras.** Fortalecer e apoiar esses equipamentos é essencial para ampliar o acesso ao cuidado e garantir uma verdadeira política de acolhimento e reintegração social.

Nos Estados Unidos, estados como a Califórnia, que adotaram políticas de liberação das drogas, enfrentam hoje consequências graves. Relatórios indicam um aumento significativo na violência urbana e no número de moradores de rua desde a legalização da maconha em 2016. Além disso, no estado do Oregon, que descriminalizou todas as drogas em 2020, houve um aumento expressivo de overdoses e problemas de saúde pública, o que levou o próprio governo a reconsiderar a política adotada.

Esses dados servem como um alerta para o Brasil, onde a legalização das drogas poderia agravar ainda mais os desafios sociais e econômicos já existentes. **A experiência internacional mostra que a liberação das drogas não apenas falha em reduzir o consumo, mas também exacerba os problemas de violência, exclusão social e saúde pública.** A análise desses casos reforça a necessidade de cautela na formulação de políticas públicas sobre drogas, priorizando estratégias que combinem prevenção, tratamento e reinserção social em vez da simples legalização.

O Partido Liberal (PL) tem se posicionado firmemente contra a legalização das drogas e em favor da vida, da família e da recuperação dos jovens. Acreditamos que a luta contra as drogas deve ser uma prioridade nacional, com políticas públicas que promovam a prevenção, o tratamento e a rein-

serção social dos dependentes químicos e apoio às suas famílias.

Enquanto alguns defendem propostas que colocam em risco a saúde e a segurança da população, nós seguimos comprometidos com a valorização da vida, o fortalecimento dos laços familiares e a recuperação de jovens em situação de vulnerabilidade. Defendemos a vida desde a concepção até a morte natural e trabalhamos incansavelmente por uma sociedade mais próspera, segura e livre das drogas. A verdadeira resposta está na prevenção, no tratamento eficaz e na promoção da dignidade humana.

**A legalização não é o caminho – é um retrocesso. Não podemos permitir que o Brasil siga os passos de países que fracassaram ao legalizar as drogas.** O PL está na linha de frente dessa batalha, protegendo nossas famílias, nossos jovens e nosso futuro. O caminho é um só: combater as drogas, fortalecer nossas instituições e oferecer um verdadeiro recomeço para quem precisa. Esse é o nosso compromisso com o Brasil e com a vida.

**Enquanto alguns setores políticos defendem a liberação das drogas, milhares de famílias sofrem diariamente com a perda de entes queridos para a dependência química.**

## Referências

- UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). Relatório Mundial sobre Drogas 2024. Viena: UNODC, 2024. Disponível em: <https://www.unodc.org>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP). Segundo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD). São Paulo: UNIFESP, 2012. Disponível em: <https://www.unifesp.br>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- NATIONAL INSTITUTE ON DRUG ABUSE (NIDA). Is marijuana a gateway drug? Marijuana Research Report, 2020. Disponível em: <https://nida.nih.gov>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, FAMÍLIA E COMBATE À FOME. Censo da População em Situação de Rua 2022. Brasília: Governo Federal, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mds>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- OREGON HEALTH AUTHORITY. Measure 110 Impact and Outcomes Report – 2023. Oregon, EUA: OHA, 2023. Disponível em: <https://www.oregon.gov>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- CALIFORNIA DEPARTMENT OF PUBLIC HEALTH (CDPH). Marijuana Impact Report – 2022. Califórnia, EUA: CDPH, 2022. Disponível em: <https://www.cdph.ca.gov>. Acesso em: 20 mar. 2025.

## I DE MÃE PARA MÃE

ADRIANA MARRA

**S**e você, mãe, encontrasse uma lâmpada mágica e pudesse fazer três pedidos que fossem direcionados apenas para a vida dos seus filhos, o que você pediria? Poderia ser qualquer tipo de pedido, e ele se realizaria. Certamente, por amá-los, você pediria por saúde, que se tornassem homens e mulheres de bons princípios e valores, que tivessem um trabalho do qual gostassem, que fossem muito bem remunerados, que se casassem com boas pessoas e que fossem muito felizes. Coisas desse tipo, certo?

Tudo isso é possível de acontecer independentemente de lâmpadas mágicas, basta entendermos como as coisas funcionam, como pensam os homens do poder, que se utilizam da política, e o que eles pretendem verdadeiramente.

Talvez você pense: Ai, meu Deus, lá vem esse papo de política! Que chatice! Detesto esse assunto!!

Precisamos, no entanto, nos interessar e começar a entender a respeito de política, sim, porque tudo o que afeta as nossas vidas está relacionado com a política. Por exemplo: o valor que você paga nos produtos de supermercado, no valor das suas contas de água e luz, no valor do tênis que você compra pra sua filha, na qualidade da educação escolar do seu filho, no aumento dos números de assaltos ou do tráfico de drogas no seu bairro, no valor das prestações da casa própria que você sonha comprar, no buraco do passeio que lhe fez virar o pé e cair, no bom ou mal atendimento quando procura por um posto de saúde. Tudo em nossas vidas envolve política!!

Não se trata de saber mais ou menos sobre a política, especificamente, mas de autonomia, de autoproteção, de protegermos a nossa família, o nosso dinheiro e de planejarmos o nosso futuro.

Desde que o mundo é mundo, o dinheiro, o poder e o *status* social seduzem pessoas que não têm moral, princípios e valores nobres, as quais acabam cometendo muitos erros. Afastam-se do que é correto e se aprofundam, cada vez mais, em corrupções, crimes e outras coisas horríveis, para continuarem se beneficiando das supostas vantagens que o mundo material oferece. Essas pessoas ficam tão obcecadas por dinheiro e por poder que nunca mais querem perder esse “lugar”, então começam a elaborar planos e estratégias para que nunca mais saiam do poder.

Há séculos e séculos, os estudiosos da política entenderam que uma das formas mais eficientes de se manterem no poder é manipulando a estrutura familiar e a educação acadêmica das crianças e adolescentes, é enfraquecendo a fé e interferindo, por meio da cultura, nas formas de “ver” a vida.

Com o passar do tempo, esses métodos foram se aperfeiçoando tanto que, com muita sutileza, se misturaram aos conceitos basilares que temos na vida. Por exemplo, usam o discurso de que “todo amor é lindo”, para justificarem a homossexualidade, a transexualidade, a pedofilia, o incesto, a poligamia e outros. São narrativas muito bem elaboradas e que quase nos convencem de que há algo de certo naquilo; como no slogan: “meu corpo, minhas regras”! Sim, cada um de nós deve ser responsável e ter autonomia sobre o seu corpo, mas, desde que o nosso direito não agrida o de outra pessoa. Nesse caso, o que pretendem mesmo é a legalização do aborto, e, na sequência vêm as multiformas do suposto “amor”, a legalização das drogas e outras bandeiras ideológicas. O objetivo final é, no entanto, criar o caos social! Falaremos mais a respeito, à frente.

O discurso bem elaborado chega a nos passar despercebido, ou seja, chega até a nos parecer uma boa proposta, se não estivermos atentos à finalidade dele, e, aos poucos, estão alcançando o seguinte resultado: incapacitando intelectualmente o nosso povo e, principalmente, os nossos filhos.

As propostas ideológicas **impedem** que nossos filhos se desenvolvam integralmente, com autonomia e senso crítico, porque estão com a cabeça ocupada, pensando se são homens, mulheres, plantas ou algum bicho, porque estão sendo levados a pensar que o feto é apenas um “bolo” de carne e que as drogas, em uma “pequena” dosagem, não fazem mal, apenas libertam a imaginação. Essas ideias que saem do arsenal ideológico, **impedem** que nossos adolescentes e jovens se desenvolvam, sejam estimulados em sua curiosidade e consigam identificar e potencializar seus talentos. Essas ideias não os deixam perceber quais são os pontos nos quais precisam se dedicar para que se tornem adultos amadurecidos emocionalmente, esforçados, com habilidades e competências desenvolvidas para construir um bom futuro para si.

Tudo o que desejamos diante do gênio da lâmpada os nossos filhos têm condições de realizar, desde que sejam bem direcionados e se esforcem para isso. Assim diz o provérbio sagrado: *Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.* (Provérbios 22:6.)

O que as pessoas que querem permanecer eternamente no poder mais desejam, é garantir que as próximas gerações continuem votando sempre

nelas e, para isso, seguem uma metodologia. Podemos ver o que acontece em vários países onde esse sistema vigora: presidentes eleitos (pela primeira vez ou não) se organizam de modo a adestrar a população – por meio do medo ou por incentivarem a acreditar nas propostas mentirosas de melhorias – para que continuem votando neles a fim de que só “saiam da cadeia” quando morrerem. As suas estratégias são muitas, mas, uma das principais é: idiotizar as crianças, adolescentes e jovens para que se tornem uma massa de fácil convencimento e manipulação. Seu projeto de poder utiliza pessoas de boa-fé para alcançar seus objetivos e, para isso, essas pessoas estão dispostas a tudo!

Certas medidas tomadas por governantes aparentam ser bondosas – como as assistencialistas –, mas (atenção!), condicionam os benefícios sociais à proibição de a pessoa trabalhar e ter outra fonte de renda; isso faz com que o beneficiário se mantenha eternamente dependente dos benefícios. Ao proibirem os beneficiários de trabalhar para não perderem a “bolsa”, tal proibição estimula o ócio e a preguiça. Assim, a pessoa se acostuma a uma condição de vida social muito baixa, vivendo sempre na linha da pobreza e perdendo oportunidades de, com esforço e trabalho, alcançarem outros patamares de condição social.

Eu penso que quanto mais a família conquistar e usufruir de melhores condições materiais, mais aumenta o desejo de concretizar um **ciclo virtuoso**, e desperta para a necessidade de se desenvolver também em outras áreas da vida, como, por exemplo, conhecimento, finanças, saúde, beleza, planejamento familiar, autoconhecimento; isso também gera relacionamentos de maior qualidade, aumento do interesse pela espiritualidade e mais prosperidade em todos os âmbitos.

Esse **ciclo virtuoso** se intensifica, até que possam alcançar um patamar no qual elas mesmas decidam que não precisam mais do benefício social, passando, então, a sentir orgulho de si mesmos, por proporcionarem o sustento da família sem depender de ajuda governamental.

Entretanto, as pesquisas mostram que ninguém consegue atingir esse nível caso se mantenha em condições sociais de “sobrevivência”, ou seja, se forem satisfeitas apenas suas necessidades mais básicas e sem nenhuma dignidade.

Na década de 40, a teoria de Abraham Maslow, psicólogo americano, se tornou bem conhecida em todo o mundo porque ele estruturou a hierarquia das necessidades e motivações do ser humano, numa forma de pirâmide, em relação à possibilidade de ascensão social. A ideia é que apenas quando a pessoa superar as dificuldades de determinado nível é que ela adquire

maturidade para se projetar ao próximo nível, ou seja, só assim ela consegue “enxergar” o degrau seguinte. Por exemplo: uma pessoa que precisa se preocupar com o que vai comer diariamente, não consegue pensar em desenvolver um plano de vida ou de carreira – essa possibilidade sequer existe para ela.

Enquanto pessoas forem mantidas “mentalmente aprisionadas” em situação de pobreza devido a políticas públicas implementadas por governantes inescrupulosos que nunca permitirão que elas se tornem independentes, dificilmente conseguirão conquistar melhores condições financeiras, profissionais, sociais e pessoais. Essas pessoas “aprisoadas” estão fadadas a viver por toda a sua vida nas mesmas condições e – pior –, servirão de exemplos para os seus filhos, os quais darão continuidade a esse mesmo padrão.

E por mais incrível que pareça, políticos inescrupulosos aplicam estratégias baseadas em estudos como esses para que a condição de pais que sempre dependeram da “ajuda” do Estado para manterem a família, continuem sendo um modelo para as próximas gerações.

A maioria dessas pessoas são facilmente manipuladas: pensam que basta que o benefício melhore um pouquinho, ou que basta parcelar mais vezes algum empréstimo feito por banco “público”. E, para ajudar a manterem aprisionado o pensamento dessas pessoas vulneráveis, basta colocar artistas famosos para distraí-las... Pronto!! O eficiente “pão e circo” entra em ação e “adormece” aquela população por mais um bom tempo.

Nada acontece ao acaso, tudo está muito bem pensado e arquitetado.

Esse é o desenho da teoria desenvolvida por Maslow:



Essa situação, no entanto, pode ser, também, explicada com base na Neurociência. Veja:

Recebemos vários estímulos externos, sutis ou impactantes e temos reações previsíveis na maioria das vezes. (Os maus governantes também contam com esse conhecimento e o usam para que seus planos deem certo). Esses **estímulos** podem ser, por exemplo, a informação de que o preço do café passou para R\$ 100,00 (cem reais) o quilo, ou a conversa na qual seu filho lhe comunica que se identifica como sendo do sexo oposto, ou, ainda, quando a prefeitura lhe comunica que você sofrerá uma desapropriação, ou, a palestra que você assiste dizendo que os negros são vítimas da sociedade branca. Imagine cada uma dessas situações e preste atenção nas emoções que surgirão dentro de você. Ou seja, os estímulos são situações externas que impactam a nossa vida e na maioria das vezes as nossas reações são previsíveis por quem entende do assunto.

Vou explicar rapidamente como as situações que aparentemente não passam de meras conversas e ideias, são frutos de planos muito bem elaborados e se tornam realidade na vida prática, porque as pessoas de boa-fé acreditam no que ouvem; a partir dessa crença, começam a agir como se aquilo que ouviram fosse verdade, transformando, então, dentro de si, uma mentira como se fosse algo real.

Deixe-me exemplificar essa fala: o discurso da ideologia de gênero diz que o sexo não pode ser baseado apenas na biologia humana, ou seja, no corpo masculino ou feminino com seus órgãos internos e externos específicos, mas, que ser homem ou mulher depende do sentimento da pessoa; então, se a pessoa se identifica como homem, estando em um corpo de mulher (ou vice-versa), ou se a pessoa sente que se identifica com ambos os gêneros (ou com nenhum), está tudo bem, porque as pessoas devem felizes como elas quiserem ser.

Aparentemente, é um discurso que transmite empatia, chegando a ser até comovente, não é mesmo? Deixemos as pessoas serem livres para amarem da forma como quiserem – dizem eles. Mas, por que não funciona? Porque esse discurso é uma mentira!

A nossa genética define a nossa sexualidade – no entanto, o discurso da ideologia de gênero é muito poderoso, e se a pessoa for estimulada a acreditar nessa ideia (por meio de muita repetição e carga emocional) é possível que se torne uma verdade para aquela pessoa e que ela passe a agir, honestamente, como se de fato, ela estivesse em um corpo “errado”.

Já ouviu a frase “uma mentira contada mil vezes torna-se uma verdade”? Essa frase foi atribuída a Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda de Hitler, na época da Alemanha nazista.<sup>1</sup> Entretanto, como é uma mentira, é sustentável por pouco tempo e o vazio existencial aumenta cada vez mais e a pessoa se perde dentro de si mesma, porque já não reconhece a sua identidade. Esse drama leva a depressões profundas e, em alguns casos, até mesmo a tentativas de suicídio, devido à absoluta desconexão entre ela mesma e no que está acreditando. Um estudo sueco, que fez uma retrospectiva de 30 anos, demonstrou que a média de tempo em que as pessoas buscam a des-transição é de 7,4 anos e que a mortalidade da população transsexual é três vezes maior que a população em geral.<sup>2</sup>

Veja o que diz a principal disseminadora da ideologia de gênero, a feminista Judith Butler:

“Não há um ou dois sexos, mas tantos sexos quantos há de indivíduos. Contudo, a proliferação ilimitada dos sexos acarreta, logicamente, a negação do sexo como tal. Se o número de sexos corresponde ao número de indivíduos existentes, o sexo não teria mais, como termo, qualquer aplicação genérica.”<sup>3</sup>

A sexualidade é algo importantíssimo na constituição de quem somos, na nossa identidade pessoal e no nosso autoconhecimento, e, por consequência, no nosso posicionamento social frente às outras pessoas. Questionarmos a nossa sexualidade é criar um caos mental enorme, para nós mesmos e para a nossa família. Muitas pessoas nessa situação não conseguem suportar as pressões.

A proposta da ideologia de gênero é de uma maldade sem tamanho! Destrói a vida da pessoa e da sua família e, seus idealizadores sabem muito bem desse efeito que acontece na mente; sabem de todas as consequências e continuam difundindo essa “teoria” – porque é o que querem: causar o caos pessoal e social.

Você pode estar perguntando: por que fariam isso de propósito? O que ganhariam com isso? Porque essa é uma estratégia para tornar as pessoas confusas, inseguras, e assim dominar mais mentes, mais facilmente. **Com as pessoas fragilizadas, a dominação social e a implementação do projeto de permanência no poder se aproximam do êxito.**

1 lpe.df.gov.br

2 <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371%2Fjournal.pone.0016885>

3 BUTLER, Judith, Problemas de Gênero, p. 206.

Saindo da visão específica da ideologia de gênero e passando para uma visão mais ampla do contexto, percebemos que a mentira se aplica a tudo o que pode conduzir ao sucesso dos planos maquiavélicos de governantes inescrupulosos. Observe o pensamento de Vladimir Lenin – um líder revolucionário russo e primeiro líder comunista que assumiu o governo da União Soviética, em 1917, permanecendo até sua morte em 1924: *“Se para conservar o poder precisarmos inverter completamente a nossa orientação, o faremos”*.<sup>4</sup>

Lenin afirmava abertamente que tudo o que servisse aos propósitos dos planos deles era ético, e tudo o que os prejudicava era antiético. Veja: *“Tudo o que favorece ao partido é moral; tudo o que o prejudica é imoral”*.<sup>5</sup>

Trago outra citação de Lenin que demonstra, sem sombra de dúvidas, que a referência sobre o certo ou o errado, para ele, não tinha a ver com moralidade, princípios, valores e caráter, mas com o atendimento ou não aos seus projetos de poder:

*“Deve-se estar preparado a todos os sacrifícios e, se necessário, usar todos os estratagemas de astúcia, de métodos ilegais, estar decidido a calar-se, a ocultar a verdade, com o fim somente de infiltrar-se nos sindicatos, de ficar e realizar, por cima de tudo, a tarefa comunista”*.<sup>6</sup>

Transcrevo aqui um trecho de um artigo de um jornalista comunista canadense, chamado Gregory Clark, que tinha uma coluna no jornal *Toronto Star*. **O artigo foi escrito em 1959.** Leia com atenção e perceba as semelhanças com as situações que vivenciamos hoje no Brasil. Atente para os motivos e objetivos expressos no texto:

*“Se eu fosse um agente comunista na América com milhões de dólares para gastar anualmente, eu não os desperdiçaria subornando servidores públicos para obter segredos de Estados. Mas eu iria esbanjar e enco-rajar as relapsas bandas de garagem da região a produzir mais e mais uma “cultura” de lixo... Músicos desmiolados e obscuros seriam ajudados a se promover. Eu procuraria os editores mais questionáveis dos livros de bolso mais imundos e lhes daria algumas centenas de milhares para que montassem escritórios mais respeitáveis. Estenderia a mão a*

4 Cit. Em Cornelius Castoriadis, op. Cit., p. 48.

5 Retirado de Carlos Días, *Política y moral*. Madrid: Teorema, 1971, p. 97.

6 ITURRALDE, C. Rodrigo, A Escola de Frankfurt e o Início da Nova Esquerda, 1ª edição, julho e 2022, Vide Editorial, p. 41.

*qualquer tendência para a geração beat. **Qualquer coisa promovendo a rebeldia dos adolescentes, contribuindo para a confusão e exasperação dos pais seria prodigamente patrocinada. A intenção básica dos meus gastos seria quebrar a disciplina, estimular o afrouxamento da autoridade sobre qualquer criança, de modo a fazer crescer, em pouco tempo, uma geração de adultos que pudesse facilmente sair do controle.** A América, em desespero, buscaria por qualquer tipo de disciplina capaz de salvá-la, e então — belo feito uma pintura — seria o comunismo, a disciplina mais férrea desde Esparta. A vitória seria sem sangue, exceto, é claro, nos campos de concentração, tortura, prisões e coisas do tipo. Mas ninguém saberia, graças à censura da imprensa”.*<sup>7</sup> (grifamos e negritamos).

Quando você olha para a atual geração de crianças e adolescentes, o que vê? Uma geração bem-educada, responsável, que sabe lidar com as frustrações, que se esforça nos estudos e no trabalho? Ou uma geração “mimizenta”, preguiçosa, mal-educada, agressiva, indisciplinada e que se revolta com cada “não” recebido?

Será que se tornarão adultos que não terão autocontrole? Claro que sim!! Nem precisamos esperar para ver os adultos que se tornarão para percebermos essas características, não é mesmo? Basta observarmos o comportamento das crianças e adolescentes de hoje e já identificamos o direcionamento para birra e enfrentamentos.

Você acha que isso tem acontecido ao acaso? Ou acha que é uma mera questão de modismo da geração? Não mesmo!!! **O ecossistema que circunda a vida dos nossos filhos os direciona e influencia por meio do trabalho e dos discursos de influenciadores digitais, de redes sociais, de pseudomestres, de artistas e de amigadas com militantes de Esquerda.**

Por tudo isso, precisamos, além de ficar muito atentas e atuantes em relação à educação dos nossos filhos, acompanhar e entender a política, porque, como vimos, o planejamento das pessoas que só pensam em permanecer no poder atua também para estimular a rebeldia e a indisciplina dos nossos filhos.

Explicarei como esses impactos acontecem dentro do nosso cérebro.

---

<sup>7</sup> BEZMENOV, Y. Aleksandrovich, Subversão – teoria, aplicação e subversão de um método, Ed. AVDAX, Rio de Janeiro, 2020, p.186.

Em termos didáticos, nosso cérebro pode ser dividido em três áreas:

- **O cérebro reptiliano:** a parte do cérebro que reage aos instintos de sobrevivência, como: fome, sono, condições fisiológicas, frio, sede, instintos sexuais e medo;
- **O cérebro límbico:** que processa e reage às emoções, inclusive ao medo;
- **O neocórtex:** que é a parte que pensa, analisa, reflete, critica, planeja; ou seja, é onde elaboramos nossos raciocínios.

Veja a ilustração abaixo:

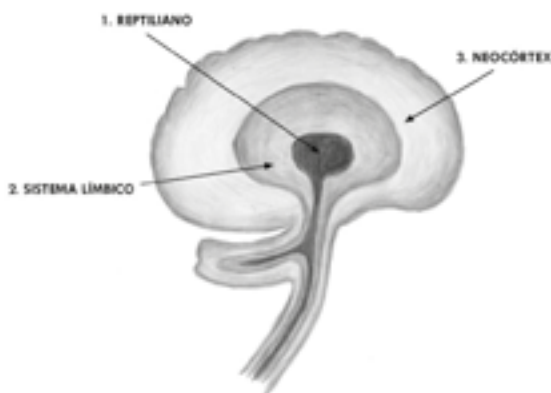


Imagem de autor desconhecido licenciada em CC BY-NC-ND.

O motivo pelo qual estou trazendo essa imagem e tema aparentemente complexos, é devido à sua importância para entendermos quais são os **gatilhos mentais** que os políticos – que fazem qualquer coisa para se manterem no poder – utilizam para manipular a nossa mente e implementar seus planos maquiavélicos.

Consideremos a intensidade das cores azul na ilustração como uma legenda das atividades do cérebro: quanto mais escuro o azul mais atividade automatizada, ou seja, mais “força” aquela região do cérebro tem em relação às outras áreas.

O cérebro reptiliano (azul mais escuro) concentra as atividades de sobrevivência, ou seja, são essenciais para nossa vida. A principal função do cérebro é nos manter vivos, então, qualquer coisa que gere sentimentos de medo e de insegurança ativa essa região.

Apenas para fins didáticos, pense no cérebro como se fosse um músculo que quanto mais se exercita mais fortalece a região. A área reptiliana é a mais utilizada, por isso, sempre que há conflito entre ela e as outras áreas

do cérebro (sistema límbico e neocórtex) o cérebro reptiliano ganha, ou seja, o cérebro concentra “suas forças” nas condições de sobrevivência que estão em risco e não considera as emoções que poderiam estar envolvidas, nem mesmo consegue raciocinar sobre o que está acontecendo. As reações são totalmente instintivas, automatizadas e irracionais. Essa estrutura cerebral foi identificada em todos os animais, a partir dos répteis, por isso o nome definidor foi: “cérebro reptiliano”.

A parte “intermediária”, o cérebro límbico, é mais ativado que o neocórtex e menos ativado que o cérebro reptiliano e o neocórtex (que é o menos ativado de todos), por isso o neocórtex tem redes neurais mais “fracas” que os anteriores.

Explico tudo isso para que você entenda que a estrutura cerebral reptiliana é considerada para o planejamento estratégico de permanência do poder. Vejamos, por exemplo: eles sabem que SEMPRE que uma pessoa estiver passando fome, sede, medo etc., ela não conseguirá pensar em como vai se organizar para se desenvolver profissionalmente, ou seja, o pensamento lógico/racional perderá a “competição” para o pensamento de que precisa matar a sua fome. Por isso, essas pessoas mal intencionadas, dão grande importância a manterem o povo nessa condição de não terem suas necessidades básicas resolvidas.

O cérebro não pensa em duas coisas ao mesmo tempo, dessa forma, a região que for a mais “fortalecida” pelas redes neurais automatizadas (pelas atividades cerebrais), “falará” mais alto do que a outra e não permitirá que percebamos os “gritos” das emoções do cérebro límbico ou dos raciocínios do neocórtex.

**As pessoas do mal que detêm o poder e nele querem permanecer sabem que a população é facilmente manipulável e aplicam conhecimentos científicos para alcançar os seus objetivos.**

Veja o que disse Stephen Hicks, um dos líderes da chamada “*nova esquerda*”, por volta dos anos 60:

... podemos esperar, realmente, que as massas aceitem a ideia de que somos todos irmãos e irmãs por baixo da pele?... **A capacidade intelectual das massas é muito limitada**, por isso, **mobilizá-las requer falar-lhes acerca** daquilo que lhes importa, e em um nível que possam entender. O que as massas podem compreender e o que as entusiasma é a sua **identidade sexual, racial, ética e religiosa...**<sup>8</sup> (negritamos).

8 Stephen Hicks, op. Cit., p. 138.

**Esse é o conceito que essas pessoas têm de nós: somos burras e para nos convencer do que querem, basta ajustar a sua narrativa a esses temas: identidade sexual, racial, ética e religiosa.**

É assim que trabalham, é assim que usam a mente das pessoas de boa-fé: para aliená-las dos problemas reais e as condicionarem a discutir sobre problemas que apenas servem para destilar discórdias e fragilizar a sociedade como um todo. Eles estimulam o conflito entre importantes agrupamentos sociais: negro contra brancos, homens contra mulheres, empregados contra empregadores, gays contra heteros, filhos contra pais, e outros mais; ao final temos uma sociedade toda “fatiada”, desunida e mais vulnerável, o que facilita as manipulações.

Perceba que o pensamento que a nossa Constituição Federal de 1988 orienta é a de que “somos todos iguais perante a lei”<sup>9</sup>. Esse é um norte que unifica e fortalece a sociedade, mas não é o que eles querem, porque a sociedade unida manter-se-á fortalecida, o que torna mais difícil a implementação dos planos de dominação social e a permanência no poder.

## **Psicologia social, a psicologia das massas**

Existe uma linha de estudos – a psicologia social –, que se originou da sociologia do conhecimento, a qual tem por objetivo analisar a construção do que a sociedade entende por realidade. Confuso?

Explico: a ideia original ao criarem essa área da psicologia, era a de que os especialistas analisassem e compreendessem os “movimentos” da sociedade, ou seja, **o que faz com que as pessoas ajam de uma ou de outra forma?** Tem algo que possa ser feito ou proporcionado por pessoas de fora de determinado contexto social, de forma a que consigam modificar o comportamento de determinado grupo de pessoas?

Inicialmente, o movimento da sociedade deveria ser apenas observado, analisado por esses profissionais. Entretanto, foi com o aprofundamento desses estudos, interrelacionando a sociologia com a psicologia, que essa linha de estudos foi criada. Ocorre que seus conhecimentos, nas mãos de pessoas maldosas, têm um grande potencial para promover um verdadeiro desastre social. Creio que isso já está acontecendo.

Esses cientistas descobriram uma forma de interferir no comportamento da sociedade e de manipular as pessoas, sem que elas percebam que

<sup>9</sup> Art. 5º da CF/88 e Declaração Universal dos Direitos Humanos.

estão sendo conduzidas a agir de uma maneira que não as interessa. Vale ressaltar que a raiz do conhecimento da psicologia social é marxista, e se desenvolveu a partir do principal líder do Comunismo (Karl Marx).

O livro “A construção social da realidade”, maior referência dessa linha de estudos, diz que a sociologia do conhecimento não herdou de Marx apenas a formulação do seu problema central, mas alguns de seus conceitos-chave. As definições que o livro traz, mesmo tendo sido escrito em 1966, ainda assombam nossos dias atuais:

**Com as pessoas fragilizadas, a dominação social e a implementação do projeto de permanência no poder se aproximam do êxito.**

*“Ideologia – ideias que servem de armas para interesses sociais; Falsa consciência – pensamento alienado do ser social real do pensador.”<sup>10</sup> (negritamos)*

Quantas ideologias discutimos hoje em dia? Ideologia de gênero, feminismo, fascismo, negacionismo etc.; e o que são mesmo as ideologias? Ideias que servem de armas para interesses sociais.

**Significa que essas ideias são verdadeiras? Não!! Significa que são usadas como “armas para interesses sociais”.**

Sabe qual é a ideia que essas pessoas têm sobre nós: cidadãos comuns?

*“O homem da rua habitualmente não se preocupa com o que é “real” para ele e com o que “conhece”, a não ser que esbarre com alguma espécie de problema”.*

Assim sendo, eles sabem muito bem que as pessoas comuns não se interessam pelas questões que não as impacta diretamente, em função de um tipo de problema que terão que, pessoalmente, resolver; então, eles já elaboram seus planos cientes de que não haverá questionamento a respeito de uma proposta, por mais absurda que seja, porque a maioria das pessoas, simplesmente, não se importam!

E, sabedores disso, as distraem com o tal “pão e circo”, com as migalhas dos benefícios sociais, sem permitir que os beneficiados trabalhem

<sup>10</sup> BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade, ed. Vozes, 6ª reimpressão, pg. 17.

e aumentem a sua renda, tornando-os refém do benefício e de distrações com artistas populares que ajudam a difundir ideias sobre identidade sexual, racial, ética e religiosa.

Assim, em vez de as pessoas se preocuparem e se manifestarem, por exemplo contra a legalização do aborto – por ser um assassinato no ventre da mãe –, elas ficam alienadas com as suas vidas difíceis, pensando no que darão para os seus filhos comerem à noite e sendo distraídas com as tele-novelas, shows, jornais da grande mídia e redes sociais.

Entendeu agora o que é o outro conceito de “FALSA CONSCIÊNCIA” mencionado acima?

É desenvolver no cidadão um pensamento alienado em relação à sua atuação para com a sociedade.

**Sem nem percebermos, seguimos nossas vidas achando que somos nós quem decidimos quando, na verdade, os estrategistas sociais do mal vão nos direcionando como querem, e fazemos exatamente o que eles pretendem: tornando realidade os planos dos maus e permanecendo cada vez mais dependentes deles.**

Enquanto eles trabalham nos bastidores, corrompendo os nossos filhos, instigando pensamentos perturbadores (como a ideologia de gênero) e causando graves danos à integridade mental e física deles, bem como de toda a família, **o “homem da rua” não percebe e nem se envolve porque esse problema ainda não chegou “na sua casa”**, então a sua preocupação se mantém em continuar pensando na própria sobrevivência.

Dessa forma, milhões de pessoas que poderiam, organizadamente, fazer frente e se opor a essas políticas públicas que só têm a intenção de criar o caos social, submetem-se a esses governantes que passam a ideia de que só o Estado é forte o suficiente para reestabelecer a ordem e a segurança.

As pessoas submetidas à sensação de insegurança psicológica, emocional, financeira e física passam a pensar que, para obterem segurança, precisam abrir mão de direitos e garantias fundamentais como: a liberdade, a propriedade, os valores e princípios, a estrutura familiar e a fé.

É o que fazem e como fazem, sem nenhum escrúpulo: atropelam a dignidade das pessoas para se manterem no poder.

Esses governantes do mal não têm compromisso com a verdade, pois a mentira é plenamente aceita e aprovada por eles, caso os aproximem dos seus objetivos. Eles enganam, prometem e não cumprem, criam problemas reais para alienar as pessoas, sem nenhum peso na consciência, pelo simples objetivo de alcançarem o poder.

**Por tudo o que foi dito, querida mãe, precisamos entender que os nossos filhos só têm a família — e principalmente as mães — para os protegerem.** Eles precisam da nossa atenção e discernimento para os direcionarmos sempre para o que é correto. Para isso, é importantíssimo compreendermos que a maioria das ideias que são lançadas pelos governos de viés esquerdista tentam relativizar o certo e o errado, para nos confundirem e para termos menos influência sobre os nossos filhos.

Nunca perca a orientação do que é o certo e o errado! Por mais que os nossos filhos, principalmente enquanto adolescentes nos questionem, rebelem-se, achem-nos chatas e outras coisas mais, mantenham-se firmes.

**Essa é a nossa missão: tornar os nossos filhos pessoas de bem, conscientes, esforçados e norteados por valores e princípios morais honrados, e, acima de tudo, cristãos. É uma tarefa fácil? Não, não e não.** Aliás, é muito difícil, porque estamos lutando contra muitas influências malignas, mas daremos conta porque Deus nos deu essa abençoada missão e Ele não dá aos seus filhos, um fardo mais pesado do que aquele que conseguimos carregar.

Portanto, respire fundo, reúna suas melhores energias, fortaleça sua fé e questione sempre as informações que lhe são passadas pela ONG de perto da sua casa, pelos artistas, pelo jornal da grande mídia, pelas redes sociais, e confie no seu discernimento, orientando-se pelo certo e pelo errado, sem relativizar o “certo”.

Que Deus continue nos fortalecendo e abençoando nessa linda missão que é a maternidade!



permite ao governante local a definição sobre como deve compor as políticas públicas de enfrentamento à criminalidade, pois os tipos de crimes praticados nos respectivos territórios podem necessitar de uma intervenção diferente da de estados vizinhos.

Por isso que, havendo a retirada dessa autonomia estadual, garantida pelo modelo atual de segurança, pode vir a ser criado um ambiente anárquico, pois a liderança nacional – que não tem conhecimento amplo das realidades locais – tenderá a produzir políticas públicas inadequadas para essas realidades locais, principalmente quando já se mostrou que a motivação dessa intervenção é meramente política.

Um exemplo concreto desse tipo de tentativa inadequada de modificação do sistema de segurança pública brasileiro é a famigerada Proposta de Emenda à Constituição, também conhecida como “PEC da Segurança Pública”, ou seja: trata-se, por ora, de um anteprojeto de modificação da Constituição Federal, proposta essa que foi desenhada, unilateralmente, pelo atual Ministério da Justiça e Segurança Pública, o qual pretende mudar a organização dos órgãos de segurança elencados no art. 144 da Constituição Federal.

**A mera publicização dessa proposta por parte do Governo Federal fez surgir a resistência da maioria dos segmentos da sociedade civil organizada, dos governadores, dos prefeitos e das próprias corporações policiais.** Muito porque esse tipo de ação revolucionária irrefletida obedece antes a um “princípio de preguiça”: a preguiça de quem é incapaz de pacientemente estudar e reformar a comunidade real, optando antes por “atalhos” e pelas “facilidades falaciosas” da destruição e da recriação totais.<sup>2</sup> Uma das medidas mais controvertidas é a de transformar a Polícia Rodoviária Federal (PRF) em uma polícia nacional da União (Polícia Viária Federal), inclusive não a limitando mais ao patrulhamento das rodovias federais. Percebe-se uma tentativa de substituição da “Força Nacional”, a qual historicamente se alimentou da cessão de policiais locais, o que garantiu, por décadas, um certo equilíbrio no efetivo emprego dela. Até porque, se mal empregados, os policiais cedidos podiam ser trazidos de volta ao seu estado de origem (“desmobilizados”). Agora, ao revés, o material humano dessa nova Polícia será todo da União, o que lhe permitirá agir, se conveniente, com quase nenhum respeito ao pacto federativo, ou seja, sem

---

2 COUTINHO, João Pereira. *As Ideias Conservadoras – Explicadas a Revolucionários e Reacionários*. São Paulo: Três Estrelas, 2014, p. 98-99.

respeitar as liberdades, autonomia e competências das unidades da nossa República Federativa.

Nesse caso, o país teria não só uma corporação policial com múltiplas possibilidades de atuação, mas essa também teria a possibilidade de intervir e confrontar as polícias estaduais (geridas pelos Governadores), inclusive sob o falso pretexto de estar a defender bens, serviços e instalações federais. Isso porque, além de poder atuar nas rodovias, hidrovias e ferrovias, desde que chancelada pela autoridade da União à qual está subordinada, a referida Proposta de Emenda Constitucional prevê também que a polícia ostensiva federal poderá, conforme se dispuser em lei: I – exercer o policiamento ostensivo na proteção de bens, serviços e instalações federais; e II – prestar auxílio, emergencial e temporário, às forças de segurança estaduais ou distritais, quando requerido por seus governadores.

A Polícia Rodoviária Federal (PRF) tem hoje cerca de 12.356 profissionais<sup>3</sup>. Fato é que essa quantidade parece insuficiente para a atual missão dela (patrulhar rodovias federais), pois muito do que de ilícito entra no Brasil ocorre pelas nossas vias terrestres. Mas, em vez de se investir no fortalecimento da referida corporação, para que possa desempenhar sua importante função constitucional, está-se a propor que tais policiais sejam descolados de suas missões originais e transportados para as novas tarefas que a União apontar.

**O grande perigo é que a PRF poderá ser transformada em um tipo de exército particular, porque passará a ter atribuições direcionáveis aos interesses políticos da União.**

Uma indagação precisa ser feita pelos leitores: caso a PRF seja chamada para realizar essas outras atribuições, quem vai ocupar as lacunas que surgirão no sistema de segurança pública? Lembre-se de que tudo está conectado em uma grande engrenagem e que a falha de uma delas promove o colapso das outras. **Os Governadores pagarão a conta (com o dinheiro dos contribuintes, é claro).**

Ainda que o trabalho de ostensividade nas rodovias brasileiras pese (e muito) nos ombros das polícias militares, pois a esmagadora parte das rodovias já está sob a responsabilidade fiscalizatória das polícias estaduais, a retirada da PRF de sua função original onerará os governadores, pois existirão novas rodovias (as federais que cruzam o respectivo estado) e que

---

<sup>3</sup> Acessado em 06 jun. 2022: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/prf-e-pf-ganham--mais-1-250-policiais-e-passam-a-ter-maior-efetivo-da-historia>.

carecerão de policiais estaduais para a protegerem. Ressalto que o Brasil possui, ao todo, 1.563,6 mil quilômetros de malha rodoviária, sendo 94,7% rodovias estaduais e municipais, e, apenas, 5,3% são federais (76,5 mil quilômetros) 24.

Nessa situação, para tentar corrigir essa falha no patrulhamento das rodovias federais, ainda que com recursos orçamentários geralmente escassos, os Governadores terão que adotar algumas medidas, dentre elas: 1) – tirar policiais militares do patrulhamento das cidades e colocá-los nas rodovias federais que estejam em seu território; ou 2) – aumentar os tributos para contratar mais policiais para dar conta dessa função adicional, onerando ainda mais os cofres do estado; 3) – drenar recursos de políticas públicas sociais, as quais poderiam beneficiar a população local, para custear os novos custos operacionais.

**A quem interessaria uma Polícia Federal atordoada (pelo volume absurdo de novos crimes que precisará investigar) e sem capacidade de investigar corrupção política?**

No sentido acima, julga-se que tal proposta, além de violar a autonomia organizacional mínima dos outros entes, também onera, direta e indireta, os cofres estaduais. **Por isso, citamos que, de alguma forma, a proposta também afronta indiretamente o disposto no artigo 167, § 7º, da Constituição Federal, o qual não permite que a União crie encargos aos demais entes federados, sem previsão de fonte orçamentária ou financeira para tanto.**

Ademais, nessa proposta a União não prometeu repassar recursos para custear o aumento dos gastos fixos a que os estados serão praticamente obrigados a arcar, mas somente indicou que haverá um Fundo Nacional de Segurança Pública e Política Penitenciária, com o objetivo de garantir recursos para apoiar projetos, atividades e ações em conformidade com a política nacional de segurança pública e defesa social.

**Ou seja, esse fundo será um tipo de “moeda-de-troca” que só beneficiará àqueles que concordarem em se submeter à política nacional de segurança, o que será mais uma forma de limitar a autonomia dos governadores. Novamente, percebe-se uma vontade da união em centralizar poder.**

Em resumo, seja pela falta de repasse aos estados, seja pela crise orçamentária a que todos os governantes estão submetidos, as rodovias nacionais brasileiras, pela falta de proteção mínima, escancarar-se-ão ainda mais para a circulação de drogas e armas, facilitando o fortalecimento das

organizações criminosas no território brasileiro. E, se quiserem minimizar isso, os governadores vão ter que pagar a conta exclusivamente com os eus orçamentos.

Exposto o referido problema, outros não de ser debatidos. **O tal anteprojeto de PEC da Segurança Pública traz uma medida ainda mais perigosa do que a anterior. É o sufocamento da Polícia Federal com um volume absurdo de investigação de crimes, os quais, hoje, são apurados pelas Polícias Civis.**

A referida proposta diz que caberá à Polícia Federal apurar infrações penais “cuja prática tenha repercussão interestadual ou internacional e exija repressão uniforme, **como as cometidas por organizações criminosas e milícias privadas**, segundo se dispuser em lei”.

Essa redação transparece que todo o crime praticado por organização criminosa – que tenha algum alcance interestadual ou internacional – deverá ser investigado pela Polícia Federal. E, sejamos sinceros, não há feudos de atuação no Brasil. O crime e os criminosos não encontram mais fronteiras estaduais. Toda organização criminosa possui conexões em outros estados e, até mesmo, outros países.

**Essa PEC despropositada acabará por promover, portanto, um severo esvaziamento constitucional das atribuições das 27 Polícias Civis, sem falar que imporá um volume de trabalho no mínimo 27 vezes maior à Polícia Federal, a qual não possui capacidade instalada para absorver essa nova demanda.**

Só para exemplificar, todos aqueles estelionatos praticados por organizações criminosas, em que os golpistas estão em um estado e as várias vítimas em outros, deverão ser investigados pela Polícia Federal. Afinal, estará tratando com uma organização criminosa interestadual que exige repressão uniforme.

Para perceber o impacto disso, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, foram mais de 1,9 milhões de golpes virtuais praticados no ano de 2023. Isso para os já abarrotados 13.854 mil profissionais da Polícia Federal<sup>4</sup>.

**A nosso ver, o tal plano é tão desastroso que sugere duas possíveis interpretações: ou é um plano somente mal discutido e desenhado por um Governo que deseja vender o rótulo de inovador; ou pode ser uma estratégia maquiavélica.**

---

4 Acessado em 06 jun. 2022: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/prf-e-pf-ganham--mais-1-250-policiais-e-passam-a-ter-maior-efetivo-da-historia>.

É que existem duas formas de se destruir as corporações policiais: esvaziar as suas funções constitucionais ou sobrecarregá-la com funções adicionais indeglutíveis. E, nessa PEC, com um tacada só, atingem-se os dois objetivos, seja esvaziando as 27 polícias civis estaduais, seja assoberbando a Polícia Federal com uma demanda insuperável.

**A quem interessaria uma Polícia Federal atordoadada (pelo volume absurdo de novos crimes que precisará investigar) e sem capacidade de investigar corrupção política?**

Ademais, quem fomentaria uma remodelada Polícia Rodoviária Federal com atribuições fluidas e podendo atuar em todo o território nacional, inclusive contra as polícias locais?

**Difícil dizer que o povo vai se beneficiar disso tudo.**

Os questionamentos são vários, mas todos apontam para a completa inadequação e para a precipitação de tal proposta. É, na verdade, uma proposta muito desrespeitosa para a história das corporações brasileiras de segurança.

Parafraseando Isaac Newton (1976), “se vi mais longe foi por estar sobre ombros de gigantes”. **Não dá para inventar a roda e esquecer que há uma trajetória em franca evolução das corporações policiais e que precisa ser respeitada.**

**A nosso ver, o tal plano é tão desastroso que sugere duas possíveis interpretações: ou é um plano somente mal discutido e desenhado por um Governo que deseja vender o rótulo de inovador; ou pode ser uma estratégia maquiavélica.**

# DA ILHA AO PARLAMENTO: UMA JORNADA PELA LIBERDADE

ZOE MARTÍNEZ<sup>1</sup>

**A** liberdade é um direito essencial, mas sua vivência muda muito de acordo com o país. Em alguns lugares, ela é protegida; em outros, é restringida por governos autoritários que controlam a vida das pessoas. Entre esses extremos, há sociedades que avançam e retrocedem, tornando a defesa da liberdade uma luta constante. Cuba e Brasil são exemplos opostos dessa realidade, mostrando diferentes formas de lidar com a liberdade política, econômica e individual.

Minha própria história, de Cuba ao Brasil, reflete bem essas diferenças. Nasci em um país onde o governo tem controle absoluto sobre a vida dos cidadãos, limitando a expressão e a participação política. Aos 12 anos, quando imigrei para o Brasil, descobri uma democracia cheia de desafios, mas também de oportunidades, onde a liberdade pode ser exercida e defendida.

Hoje, como vereadora em São Paulo, minha missão é lutar pela proteção e ampliação das liberdades individuais, garantindo que o Brasil não siga o mesmo caminho de repressão política e econômica que marcou Cuba. A liberdade não é apenas uma ideia, é um direito que precisa ser vivido, protegido e fortalecido todos os dias para não ser perdido para o autoritarismo ou a negligência.

Neste artigo, vou explorar como a liberdade é vivida em diferentes contextos, comparando as experiências cubana e brasileira. A partir da minha trajetória e da realidade política atual, quero mostrar que a liberdade nunca pode ser vista como garantida, ela precisa ser conquistada e defendida a cada dia.

## O Conceito e a Importância da liberdade

A liberdade é um dos pilares fundamentais da civilização e tem sido debatida ao longo da história por filósofos, juristas e líderes políticos. Em-

---

<sup>1</sup> Vereadora da cidade de São Paulo, formada em Direito pelo Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), em Brasília, e atualmente cursando o Master em Políticas Públicas e Governo no IBMEC.

bora sua definição possa variar conforme o contexto, a liberdade sempre esteve ligada à ideia de autonomia, autodeterminação e ausência de coerção injusta.

No campo filosófico, a liberdade tem sido discutida desde a Grécia Antiga. Para Aristóteles, o ser humano só poderia ser verdadeiramente livre se vivesse em uma sociedade justa e ordenada. Já para Immanuel Kant, a liberdade está diretamente ligada à autonomia moral: um indivíduo livre é aquele que age de acordo com sua própria razão, sem imposições externas. Essas ideias mostram que a liberdade não é só ausência de restrições, mas também a capacidade de fazer escolhas responsáveis. Em Cuba, o controle estatal limita essas escolhas. No Brasil, apesar dos desafios, há espaço para que cada pessoa construa seu próprio caminho, participe da política e reivindique seus direitos.

No aspecto jurídico, a liberdade é protegida por constituições e tratados internacionais. No Brasil, a Constituição de 1988 estabelece a liberdade como um direito fundamental, garantindo a livre expressão, a liberdade de associação e o direito de ir e vir. Em regimes autoritários, como o de Cuba, esses direitos são limitados, dificultando a participação cidadã e a manifestação de opiniões contrárias ao governo. Como vereadora, vejo diariamente a importância de leis que protejam a liberdade e garantam que ninguém seja silenciado por suas ideias ou crenças. A segurança jurídica é essencial para que a democracia funcione e para que os cidadãos possam exercer plenamente seus direitos.

A liberdade política é a base de qualquer sociedade democrática. Ela inclui o direito de votar, de ser votado e de participar das decisões coletivas. Em regimes totalitários, esse direito é suprimido ou manipulado, tornando impossível uma verdadeira representação popular. Minha chegada ao Parlamento simboliza essa liberdade em ação. No Brasil, cidadãos comuns podem se tornar representantes do povo, propor leis e lutar por mudanças. Essa realidade contrasta fortemente com a cubana, na qual apenas membros do Partido Comunista de Cuba podem ocupar cargos políticos, eliminando a alternância de poder e a participação democrática.

Liberdade não é um luxo, mas uma necessidade para o progresso e a justiça social. Sociedades livres incentivam a inovação, permitem o cresci-

**Sei, por experiência própria, que viver sem liberdade é viver sob limitações impostas por um Estado que decide por nós. Por isso, minha missão é defender esse valor inegociável, para que nenhuma pessoa precise passar pelo que eu e minha família passamos.**

mento econômico e garantem que os cidadãos possam se expressar sem medo. Quando a liberdade é cerceada, a sociedade perde sua capacidade de evoluir e de se adaptar às mudanças. No Brasil, ainda há muito a ser feito para que a liberdade seja plenamente exercida por todos. Desafios como censura velada, restrições econômicas e violência política mostram que a luta pela liberdade nunca está concluída. Meu trabalho como vereadora é contribuir para esse avanço, garantindo que cada cidadão tenha a oportunidade de viver com dignidade e autonomia.

Para mim, a liberdade sempre foi um dos valores mais essenciais da existência humana. Ela é indispensável para o desenvolvimento individual e coletivo, permitindo que cada pessoa tenha a possibilidade de escolha, expressão e autodeterminação. No entanto, ao longo da minha vida, percebi que a liberdade não é uma realidade universal. Sua presença ou falta depende profundamente do contexto político e histórico de cada país.

No Brasil, onde meus pais e eu escolhemos construir nossas vidas, apesar dos desafios democráticos, as instituições garantem direitos fundamentais, como o voto, a liberdade de expressão e a possibilidade de mudança política por meio da participação cidadã. Já em Cuba, onde nasci, vi de perto a outra face dessa realidade. **O regime comunista controla a informação, reprime dissidências e impede o pluralismo político. Cresci ouvindo relatos de pessoas perseguidas por expressarem suas opiniões, e minha própria família viveu essa realidade.**

A decisão de emigrar não foi fácil, mas foi necessária. Ao chegar ao Brasil aos 12 anos, me deparei com um mundo novo, onde a liberdade não era apenas um conceito distante, mas sim uma vivência cotidiana. Essa diferença moldou a pessoa que sou hoje e fortaleceu minha convicção na defesa da democracia e dos valores conservadores. Minha trajetória até o parlamento paulistano é a prova de que a liberdade pode transformar vidas e permitir que cada indivíduo alcance seu potencial.

O contraste entre Brasil e Cuba é algo que sempre me acompanhou e me fez refletir sobre o real impacto da liberdade. **Sei, por experiência própria, que viver sem liberdade é viver sob limitações impostas por um Estado que decide por nós. Por isso, minha missão é defender esse valor inegociável, para que nenhuma pessoa precise passar pelo que eu e minha família passamos.** A liberdade política é muito mais do que um princípio abstrato; é a base da dignidade humana e da realização dos direitos fundamentais.

## Contexto histórico e político de Cuba em relação à liberdade

Cuba é minha terra natal, mas não a reconheço como um lugar de liberdade. Desde pequena, aprendi que o significado de liberdade era diferente para quem vivia sob um regime totalitário. **Minha família, como tantas outras, sofreu as consequências de um governo que se dizia libertador, mas que na verdade nos aprisionava. A liberdade de pensar, de falar, de escolher o próprio destino – tudo nos era negado.**

A independência de Cuba da Espanha, conquistada em 1898, deveria ter sido um marco de liberdade. No entanto, a ilha logo caiu sob forte influência dos Estados Unidos, e só em 1934 começou a exercer maior autonomia política. Mas essa autonomia nunca se traduziu em verdadeira liberdade para o povo cubano. A instabilidade política, a corrupção e os constantes golpes de Estado fizeram com que os cubanos nunca tivessem um governo verdadeiramente comprometido com seu bem-estar.

Então veio a Revolução de 1959, vendida como a grande promessa de justiça e igualdade. Mas a realidade foi muito diferente. **O que recebemos foi um regime que sufocava qualquer pensamento diferente, que controlava nossas vidas e nos impunha o medo como forma de controle. A liberdade de expressão foi substituída pela censura, e a esperança de um país mais justo foi afogada na perseguição política.**

Sob Fidel Castro e depois seu irmão Raúl, o governo tomou para si tudo: a economia, os meios de comunicação, até nossos sonhos. **Não podíamos falar abertamente, não podíamos criticar, não podíamos aspirar a nada além do que o Partido permitisse. A vigilância era constante, e a delação se tornava uma ferramenta de controle. Vi amigos e familiares sendo perseguidos, vi vizinhos desaparecerem por ousarem discordar.** Muitos foram presos por crimes de pensamento, condenados por simplesmente expressar um desejo diferente para Cuba. Para muitos, a única saída foi fugir. Minha própria jornada até o Brasil foi marcada pelo desespero de meus pais para encontrar um lugar onde pudéssemos viver sem medo.

Nos anos 1990, com o colapso da União Soviética, a situação em Cuba se tornou ainda mais insustentável. A fome, a miséria e o desespero tomaram conta da população, enquanto o governo continuava a oprimir qualquer tentativa de resistência. O racionamento de comida se tornou severo, as prateleiras dos mercados ficaram vazias, e o povo cubano foi forçado a viver em condições desumanas. Durante minha infância ouvi inúmeros re-

latos de pessoas arriscando suas vidas em balsas improvisadas, enfrentando o oceano em busca de um futuro incerto, porque a certeza de permanecer era pior. O regime chamava esses fugitivos de traidores, mas a verdade é que eles eram prisioneiros tentando escapar de suas celas.

Ainda hoje, Cuba continua sendo um país onde a liberdade é um privilégio para poucos. As manifestações são brutalmente reprimidas, e o regime se mantém por meio do medo e da censura. A internet, quando disponível, é monitorada, e qualquer tentativa de organizar a resistência é rapidamente esmagada. Mas a chama da liberdade nunca se apaga. Vejo cubanos arriscando suas vidas para lutar por um futuro diferente, enfrentando a repressão armados apenas com suas vozes e sua coragem.

Quando falo sobre isso, não é apenas como política ou imigrante, mas como alguém que carrega as marcas dessa opressão na alma. Sei o preço da liberdade porque vivi sua ausência. Sei o que significa lutar para ser livre, e é essa luta que me trouxe até aqui. Meu compromisso é seguir denunciando essa realidade e buscando um mundo onde ninguém precise fugir para encontrar dignidade. **Meu desejo é que um dia Cuba possa se libertar verdadeiramente, não apenas das correntes físicas, mas também das correntes ideológicas que por tanto tempo a mantiveram refém.**

## Contexto histórico e político do Brasil em relação à liberdade

Desde que cheguei ao Brasil, ainda criança, fui recebida por um povo acolhedor e por uma nação que, apesar dos desafios, respirava liberdade. Cresci admirando os valores que tornaram este país uma referência democrática em meio a tantos regimes opressores pelo mundo. Mas, com o tempo, percebi que essa liberdade, que deveria ser sagrada e inegociável, vinha sendo constantemente ameaçada por forças que, sob o pretexto de proteger a democracia, acabam por corroê-la.

**O Brasil sempre foi marcado por ciclos políticos que testaram seus alicerces democráticos.** Passamos por períodos de intervenção militar, governos populistas e, mais recentemente, um ativismo judicial que avança sobre as prerrogativas do Legislativo e do Executivo. Essa inversão de papéis coloca em xeque não apenas a independência e a harmonia entre os Poderes, mas também a própria vontade popular expressa nas urnas.

Nos últimos anos, o Judiciário assumiu um protagonismo perigoso por meio da politização da Justiça. Decisões monocráticas, muitas vezes pautadas por interpretações subjetivas da lei, determinam os rumos da nação sem

qualquer prestação de contas. Esse fenômeno, conhecido como **judicialização da política**, não fortalece a democracia – ao contrário, enfraquece-a, ao minar a autonomia dos representantes eleitos e ao submeter os cidadãos ao arbítrio de uma elite togada, muitas vezes desconectada da realidade do povo brasileiro.

A liberdade de expressão, um dos pilares fundamentais de qualquer democracia, tem sido sistematicamente cerceada por decisões judiciais que criminalizam opiniões divergentes. **O medo da censura se alastra como uma sombra sobre jornalistas, parlamentares e cidadãos comuns. O que antes se resolvia no campo das ideias e do debate político agora se tornou matéria de tribunais, com penas que ferem a essência da própria liberdade.** Além disso, assistimos a uma perigosa seletividade nas investigações e punições, na qual determinados grupos políticos são perseguidos enquanto outros gozam de total impunidade.

É preciso lembrar que a função do Judiciário não é legislar nem governar, mas interpretar e aplicar as leis conforme foram estabelecidas pelo poder soberano do povo, por meio de seus representantes eleitos. Quando juízes passam a definir direções políticas, quebram o equilíbrio institucional que sustenta uma República. A Constituição não pode ser um mero instrumento maleável ao gosto de quem a interpreta, mas um compromisso inegociável com os princípios da liberdade, da separação de poderes e do respeito à vontade popular.

**Não podemos permitir que a sociedade brasileira se acostume com essa nova forma de autoritarismo disfarçado de legalidade.** A defesa da liberdade não pode ser seletiva nem oportunista. Se quisermos um Brasil realmente livre, precisamos resgatar o equilíbrio entre os Poderes, restaurar o respeito à Constituição e garantir que a voz do povo nunca seja silenciada.

Eu luto por essa liberdade. Porque sei o que significa viver sob um regime que a nega. **Sei o preço que se paga quando o Estado se torna senhor da verdade e os cidadãos, meros súditos de sua vontade.** E sei que, sem liberdade, o Brasil deixará de ser aquilo que um dia me fez chamá-lo de lar. Nossa luta precisa ser firme e constante, pois a liberdade não se

**Não podíamos falar abertamente, não podíamos criticar, não podíamos aspirar a nada além do que o Partido permitisse. A vigilância era constante, e a delação se tornava uma ferramenta de controle. Vi amigos e familiares sendo perseguidos, vi vizinhos desaparecerem por ousarem discordar.**

ganha de uma vez por todas – ela precisa ser defendida, dia após dia, contra qualquer tentativa de controle e opressão.

## **Minha jornada e a de minha família: da saída da ilha à chegada ao parlamento**

Minha história com o Brasil começou ainda na infância, marcada por separações, saudade e esperança. Em 2005, meu pai deixou Cuba em busca de liberdade e de um futuro melhor para nossa família. Na época, eu tinha apenas seis anos, e minha mãe estava grávida da minha irmã do meio. Ficamos as três na ilha, enquanto ele tentava reconstruir a vida em um país desconhecido, mas promissor.

Quatro anos depois, em 2009, foi a vez da minha mãe partir. Ela veio se juntar ao meu pai no Brasil, deixando para trás não só sua terra natal, mas também a mim, com nove anos, e minha irmã, com quatro. Ficamos sob os cuidados dos nossos avós maternos, e especialmente sob o olhar carinhoso e protetor da minha bisavó e da minha tataravó – duas mulheres fortes que marcaram profundamente minha infância com seu amor, seus ensinamentos e sua resiliência.

Nesse mesmo ano, ao reencontrar meu pai no Brasil, minha mãe engravidou novamente. Foi assim que veio ao mundo a nossa caçula – a “filha da saudade”, como costumamos chamá-la. Ela simboliza não apenas o reencontro dos meus pais, mas também a esperança de que, em breve, estaríamos todos juntos novamente.

Esse dia finalmente chegou em 2011. Com onze anos, desembarquei no Brasil com minha irmã do meio, e pela primeira vez, toda a nossa família estava reunida: pai, mãe e as três meninas. Conhecer minha irmã caçula foi um momento inesquecível. Ela era o elo que faltava nessa corrente de amor que resistiu ao tempo, à distância e à dor da separação.

Chegar ao Brasil foi como respirar pela primeira vez. O impacto cultural foi imenso. A cidade era grande, barulhenta, cheia de luzes e cores desconhecidas. Eu me esforçava para entender as palavras ao meu redor, e muitas vezes me sentia perdida entre os sons e gestos de um país que ainda me era estranho. Mas cada desafio era um lembrete do porquê de estarmos ali. Meus pais, com uma coragem inabalável, trabalharam incansavelmente para reconstruir nossas vidas e garantir que nunca nos faltasse o essencial. Mesmo exaustos, nunca reclamavam. Para eles, o trabalho duro era um preço pequeno a pagar pela segurança e pela liberdade.

Na escola, eu me dedicava ao máximo para aprender o português. Havia momentos de frustração, em que as palavras fugiam e a saudade de casa apertava. Mas também houve momentos de superação. Com o tempo, comecei a fazer amigos, a compreender melhor o novo lar que me acolheu. Descobri na leitura um refúgio e uma ferramenta poderosa para expandir meu conhecimento. Cada livro que lia me aproximava mais do Brasil e de sua história, e foi através dessa jornada de leituras que comecei a perceber a importância da liberdade política e individual.

O tempo passou, e minha compreensão sobre o que significa ser livre só se aprofundou. Vi, no Brasil, um país onde as pessoas podiam expressar suas opiniões, empreender, construir seus sonhos sem medo da repressão. Mas também percebi que a liberdade é algo frágil, que pode ser ameaçada se não for defendida com firmeza. Cresci ouvindo histórias de outros imigrantes, de pessoas que, assim como minha família, haviam fugido da opressão e encontraram no Brasil uma nova esperança. Cada uma dessas histórias fortalecia minha convicção de que a liberdade não é um privilégio, mas um direito que precisa ser protegido.

Outro marco importante na minha trajetória veio em 2016, já imersa no ativismo e na luta pela liberdade. Foi quando conheci, nos gramados do Congresso Nacional, a então ativista Bia Kicis – uma mulher corajosa, firme em seus princípios e com uma visão clara de Brasil. Nosso encontro transformou a minha vida. Posteriormente, já como deputada, ela me convidou para ser sua assessora, e foi ali que comecei a aprender sobre os bastidores da política, os desafios e a responsabilidade de servir ao povo. Bia se tornou mais do que uma líder – é minha mentora e madrinha política. Uma inspiração constante.

Foi essa percepção que me levou à política. Eu não queria apenas aproveitar a liberdade que encontrei aqui; queria lutar por ela, garanti-la para as futuras gerações. Cada passo da minha trajetória foi guiado por esse compromisso. Entrei para a vida pública motivada pelo desejo de retribuir ao país que me acolheu. A paixão pelo Brasil cresce junto com minha determinação. **Eu sei que é minha obrigação proteger a liberdade que meus pais tanto se sacrificaram para me dar.**

Quando fui eleita vereadora por São Paulo, senti que estava dando um passo decisivo para cumprir essa missão. Cada sessão legislativa, cada projeto defendido, cada batalha travada dentro do Parlamento é mais do que

**Sei o preço que se paga quando o Estado se torna senhor da verdade e os cidadãos, meros súditos de sua vontade.**

um dever político, é um tributo à minha história, à história de minha família e de todos aqueles que fugiram da tirania em busca de um futuro melhor.

Estar no Parlamento é mais do que um cargo: é um compromisso com a história da minha família e com todos aqueles que buscam no Brasil um refúgio e uma chance de recomeçar. Minha jornada, assim como a de tantos outros imigrantes, é uma história de luta, resiliência e esperança. E, enquanto houver fôlego, continuarei defendendo aquilo que me trouxe até aqui: a liberdade.

Esses capítulos da minha história moldaram quem sou hoje: uma mulher que não se curva diante das dificuldades, que honra suas raízes e que luta todos os dias pela liberdade.

## Conclusão

Ao olhar para trás e refletir sobre minha trajetória, percebo que minha história não é apenas sobre mim, mas sobre todos aqueles que acreditam na liberdade como o mais precioso dos valores. **Minha jornada, da ilha onde nasci até o Parlamento que hoje ocupo, não foi apenas uma busca pessoal, mas uma missão: lutar para que o Brasil jamais caia nas armadilhas do autoritarismo e do coletivismo que sufocam o indivíduo.**

A liberdade não é um conceito abstrato ou um privilégio concedido por governantes; ela é um direito inalienável, conquistado com sacrifício e defendido com coragem. Precisamos compreender que nenhuma sociedade pode prosperar verdadeiramente quando o Estado se coloca acima dos cidadãos, ditando como devem viver, pensar e agir. **A história nos ensina que toda vez que a liberdade foi comprometida em nome de um suposto bem comum, os resultados foram devastadores: economia destruída, repressão política, censura, miséria e a anulação do indivíduo diante de um poder absoluto.**

Sei bem o que significa viver sob um regime que sufoca o pensamento e nega a autonomia do cidadão. O medo, a opressão e a falta de perspectivas são realidades brutais para aqueles que nascem em países onde o Estado arroga-se o direito de ser dono da vida das pessoas. Essa realidade me moldou, me fortaleceu e me deu a clareza necessária para compreender o valor inegociável da liberdade. Cada passo da minha jornada foi guiado por essa convicção, e é ela que me impulsiona diariamente na luta contra qualquer tentativa de cerceamento das liberdades individuais no Brasil.

Como parlamentar, carrego comigo essa responsabilidade, representando todos aqueles que não aceitam as imposições de uma Esquerda que insiste em trocar a liberdade pela submissão ao Estado. Cada projeto que apoio, cada discurso que faço e cada luta que travo têm um único objetivo: garantir que o Brasil permaneça um país onde o indivíduo tem o direito de escolher seu próprio caminho, de empreender, de se expressar e de viver sem a interferência de um governo paternalista. **A liberdade de expressão, o direito à propriedade, o respeito à autonomia individual e o livre mercado são pilares de uma nação forte e próspera.** Qualquer ataque a esses princípios deve ser combatido com firmeza e determinação.

Mas essa luta não é só minha. A liberdade exige vigilância, coragem e ação de todos nós. Ela não pode ser apenas um discurso vazio ou um ideal distante. Ela precisa ser vivida, defendida e fortalecida todos os dias, contando com cada um que acredita em um país melhor. Não podemos ser passivos diante das investidas contra nossos direitos. **A omissão e o conformismo são os maiores aliados do autoritarismo.** Por isso, convido você, leitor, a se juntar a essa causa, a valorizar a liberdade em seu dia a dia e a defender, com firmeza e convicção, aquilo que nos torna verdadeiramente humanos: o direito de sermos donos de nossas próprias vidas.

A liberdade não é negociável. Sem ela, não há progresso, não há dignidade, não há futuro. Que nunca nos falte a coragem para lutar pelo que é certo. Porque sem liberdade, nada mais importa.

# ENTRE VIOLINOS E REVOLUÇÕES: A BATALHA PELO ESPÍRITO CONSERVADOR NA BOLÍVIA

ANELIN SUAREZ

Entre violinos e o esplendor da arquitetura barroca, mergulhamos na magia de uma das experiências mais singulares e emblemáticas da colonização espanhola: as Missões Jesuíticas de Chiquitos, na região dos indígenas Chiquitanos, no departamento de Santa Cruz, Bolívia. Fundadas pela Companhia de Jesus entre os séculos XVI e XVII, essas missões tinham como propósito evangelizar e converter tribos locais sob o lema latino “Ad Majorem Dei Gloriam” – “Para a maior glória de Deus”.

Esse esforço missionário resultou na criação de seis “reduções” jesuíticas: San Francisco Javier, La Inmaculada Concepción, Santa Ana de Velasco, San Miguel de Velasco, San Rafael de Velasco e San José de Chiquitos. Todas localizadas nas chamadas “terras baixas” bolivianas; essas comunidades mantêm, até hoje, viva a cultura e os vestígios das missões – a tal ponto que, em 1990, foram reconhecidas pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade.<sup>(1)</sup>

É fundamental compreender que, por trás do pano de fundo de tantas colonizações sangrentas e opressoras nas Américas – marcadas por violência, medo, escravidão e desumanidade – houve, ao menos em Chiquitos, uma exceção marcada pela caridade, pelo serviço e pela nobre intenção de evangelizar. Ali, a colonização assumiu contornos de respeito mútuo e intercâmbio cultural, transformando-se numa experiência singular de aproximação espiritual e cultural entre os missionários e os povos originários<sup>(2)</sup>. Os indígenas, ao longo de décadas, abraçaram a música renascentista, trocaram as flechas pelos violinos e se tornaram mestres na arte barroca do entalhe, construindo templos jesuíticos que ainda hoje permanecem como testemunho vivo de uma semente plantada em nome da fé.

Mas por que trazer à tona esta análise cultural, que parece tão distante da realidade contemporânea de muitos leitores? Porque é exatamente nesse cenário que podemos compreender a nova forma de colonização – agora ideológica – que se impôs sobre as sociedades latino-americanas após a

queda do Muro de Berlim, no fim dos anos 1980. Com o esgotamento do modelo comunista tradicional, um novo plano de poder foi concebido, desta vez com métodos mais sutis e eficazes.

○ objetivo: dismantelar os pilares do Conservadorismo, especialmente a família. Para isso, foi necessário um instrumento simbólico e estratégico, planejado em Cuba e consolidado no Foro de São Paulo. **A ideia era infiltrar discursos, narrativas e estruturas sociais que corroessem os valores tradicionais a partir de dentro, apoiando-se em estatísticas demográficas, líderes fabricados e ações coordenadas que minassem as resistências conservadoras.**

**Na Bolívia, o indigenismo foi apropriado como bandeira política. O que antes era uma luta legítima por reconhecimento se transformou em arma ideológica.** Aproveitando-se das feridas históricas e das meias-verdades sobre os 500 anos de colonização, setores progressistas apoiados por ONG internacionais de Esquerda passaram a ocupar os rincões mais esquecidos do país. Ali, prepararam a base para uma desestabilização social que viria por meio de “movimentos sociais”, discursos de ódio e polarização.

○ objetivo dessas revoluções era dar à luz a marionete previamente designada pelo sistema. A urgência em regenerar e renovar a Esquerda exigia uma nova roupagem – e, com ela, a necessidade de inocular nos cidadãos a era do Socialismo. Para isso, recorreram a uma estratégia cínica: convencer o povo humilde de que ser socialista era sinônimo de ser sociável e “boa gente”. Aproveitaram, de forma explícita, a ausência de governos conservadores sólidos e o desgaste provocado por uma classe política corrompida, cuja crise de legitimidade havia levado o povo à exaustão.

Esse amálgama de frustrações, lacunas, ausências e exaustões forneceu a chave que abriu caminho ao obscurantismo do chamado Socialismo do Século XXI – expressão lançada publicamente pelo ditador Hugo Chávez em seus primeiros discursos à frente do governo venezuelano. De forma transversal e estratégica, essa nova ideologia conseguiu infiltrar-se nas emoções individuais, explorando a confusão e o desalento dos que se mantinham à margem da política. Ao longo de anos, promoveu a disseminação sistemática do ódio entre camponeses e indígenas, até blindar seu projeto internacional com um verniz boliviano sob o rótulo do “Indigenismo”. Não por acaso, marchas e mobilizações tornaram-se cada vez mais frequentes, gerando um solo instável – sinal inequívoco, para qualquer serviço de inteligência estatal, de que profundas alterações sociais estavam em curso.

O ápice dessa estratégia ocorreu com a ascensão de Evo Morales, então líder da Federação da Folha de Coca – figura que, embora se apresentasse como indígena e camponês, foi escolhida para ser o rosto de um projeto cuidadosamente arquitetado. Apoiado por interesses internacionais e promovido por parte da imprensa global, Evo simbolizou o “novo modelo socialista indígena” boliviano. Sua ascensão foi precedida por uma revolta popular que, em 2003, culminou na renúncia do então presidente Gonzalo Sánchez de Lozada, abrindo caminho para a chegada do MAS-IPSP (Movimento ao Socialismo – Instrumento Político pela Soberania dos Povos).<sup>(3)</sup>

Uma vez no poder, o projeto avançou rapidamente. Com o apoio de uma oposição funcional, o governo convocou uma Assembleia Constituinte que alterou profundamente a Constituição boliviana. A nova Carta Magna selou uma ruptura institucional que colocou em risco as liberdades individuais dos cidadãos.

**A religião foi retirada da Constituição, e a Bolívia passou a ser oficialmente um Estado laico. Em seu lugar, foi imposta uma cosmovisão indígena como referência superior. O currículo escolar foi reformulado, colocando o Estado acima da autoridade dos pais.** E, talvez mais simbolicamente, a folha de coca foi constitucionalizada, num processo que camuflou a liberação de drogas sob o pretexto de resgate cultural. Esse novo costume foi propagado como expressão da identidade nacional, promovendo uma ideia de liberdade que, na prática, conduzia a um Progressismo libertário e desestruturante.

**Hoje, o Conservadorismo se encontra sob constante ameaça. Os planos de seus opositores incluem sua exclusão sistemática de escolas e universidades, justamente para impedir o surgimento de novas gerações com formação e consciência crítica. A aposta é clara: ganhar tempo até que os “velhos conservadores” desapareçam, sem que haja substitutos preparados para enfrentá-los.**

Na Bolívia, o despertar para essa realidade demorou 137 anos desde o último governo conservador. E, mesmo assim, ainda engatinhamos em nossa reação a essa guerra ideológica, silenciosa e persistente.

Onde erramos? Por que não percebemos antes esse processo de desconstrução sistemática dos valores fundamentais que sustentam a civilização? Por que aceitamos leis que ferem nossos princípios mais elementares? A política deve ou não fazer parte da vida de todos? Será que nos permitimos ser enganados por ignorância ou omissão?

Essas perguntas ecoam no íntimo de muitos que, por anos, estiveram afastados do debate político, muitas vezes desencorajados por um ambiente

tóxico e pela fragmentação interna dos próprios conservadores. O silêncio foi – e continua sendo – um dos nossos maiores erros. Silêncio que permitiu a ascensão de líderes que roubaram esperanças, mentiram, manipularam, promoveram drogas e esvaziaram a fé, tudo em nome de uma liberdade ilusória.

Contudo, há sinais de resistência. Nos últimos anos, surgiu uma nova esperança, movida por um sentimento renovado de fé e propósito. Nesse contexto, emerge como símbolo de inspiração o nome de Jair Messias Bolsonaro – figura central no ressurgimento do Conservadorismo mundial e defensor declarado da luta contra o Comunismo.

As igrejas, nesse processo, ocupam papel fundamental. Assim como os missionários jesuítas de outrora, cabe a elas reacender a luz da fé e da ordem social, ensinando que o Evangelho é mais que dogma: é ação. Jesus é verbo – e verbo se conjuga em atos de doação, partilha, exemplo e comunhão. É nesse modelo de espiritualidade encarnada que se constrói a ponte entre o Céu e a Terra, entre o ideal e o possível.

Chegou a hora de despertar. De nutrir e cultivar as sementes do bem que ainda resistem em nosso solo. De enfrentar, sem medo, um sistema decidido a destruir tudo – inclusive nossa fé.

**Os agentes do mal estão soltos. E sua tática é simples: vencer pela inocência ou pela ignorância alheia. Não podemos subestimar o desconhecido — e, se o conhecemos, nossa missão é nos unir. Só com união entre conservadores, com foco e organização, será possível reconstruir as bases de uma sociedade livre e justa.**

Não haverá fronteiras para um plano divino que defende, acima de tudo, Deus, Pátria, Família e Liberdade.

Que a sabedoria dos nossos antepassados nos inspire.

Que a fusão entre o antigo e o novo mundo gere o antídoto contra os delírios do Socialismo.

E que as forças do Céu estejam conosco.

“Os maus só avançam até onde os bons permitem.”

## Referências

- (1) UNESCO. (1990). Missões Jesuítas de Chiquitos. Centro do Patrimônio Mundial da UNESCO. <https://whc.unesco.org/es/lis>
- (2) Estado Plurinacional da Bolívia. (2009). Constituição Política do Estado (Art. 3). Diário Oficial do Estado Plurinacional da Bolívia. <https://www.gacetaoficialdebolivia.gob.bo>
- (3) Wikipédia. (2024, 19 de abril). Guerra do Gás (Bolívia). Wikipédia. [https://es.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_del\\_Gas](https://es.wikipedia.org/wiki/Guerra_del_Gas) (Bolívia)

## I A GERAÇÃO QUE VAI GOVERNAR

ALESSANDRO PAIVA

**E**ra meados de agosto de 2018 quando surgiu a candidatura de um homem em meio a um caos moral, cívico e institucional no Brasil. Em seu discurso, ele proclamava: “Deus, pátria, família e liberdade!” A cada passo que dava pelas ruas, um povo ferido e sem esperança começava a reviver sua fé em um país melhor. Uma voz surgia no Brasil, e uma liderança se estabelecia para combater aqueles que feriam a Constituição, o Estado Democrático de Direito, a liberdade religiosa, a vida desde a concepção, a família como alicerce da sociedade, o direito à propriedade privada, a segurança jurídica e a busca por um Estado mais enxuto e livre da corrupção.

Lembro-me das ruas tomadas por famílias vestindo verde e amarelo, lotando aeroportos e cantando o hino nacional. Também me recordo de milhões de jovens correndo para as ruas, ocupando praças e proclamando em liberdade que o Brasil estava entrando em um novo tempo. O mais incrível foi ver bisavós, avós, pais, filhos e netos caminhando juntos por um só propósito: a liberdade do Brasil. Ali nascia a geração que enfrentaria um sistema profundamente enraizado no país e que promovia ideologias contrárias aos valores da maioria dos brasileiros. Eu a chamo de “**geração do enfrentamento**”.

Não existe mudança sem posicionamento. Não há transformação sem enfrentamento. Não surge o novo se o velho não sair de cena. **Se queremos construir o Brasil dos nossos sonhos, precisamos abrir mão do Brasil que suportamos.** Quando Jair Messias Bolsonaro decidiu enfrentar o Brasil que os brasileiros não suportavam mais, seu lema foi: “*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*” (João 8:32). Uma verdadeira mudança começou, e com ela, a geração que combateria a ilegalidade e tudo o que impedia o Brasil de romper para uma era de prosperidade e paz.

Essa geração travou embates difíceis, pois o sistema corrupto e corrompido estava institucionalizado, mantendo o Brasil fora da rota da legalidade. Um desses embates quase custou a vida do então candidato Jair Messias Bolsonaro, atingido por uma facada num comício. Essa tentativa de homicídio mostrou o quão conturbado era o país em que vivíamos. Contudo, em atitude corajosa, sem temer ameaças e investidas da Esquerda, a Direita

brasileira se manteve firme, lutou e se posicionou, elegendo assim o único presidente que teve coragem de enfrentar de frente o sistema que por anos prejudicou o Brasil.

Essa “geração do enfrentamento” fez algo inédito: reduziu impostos, enxugou a máquina pública, instituiu um regime severo de legalidade e transparência, criou políticas públicas para retirar ideologias das escolas – ideologias que vinham desconstruindo a identidade dos filhos que os pais haviam educado – e investiu nas escolas cívico-militares, ensinando aos jovens brasileiros disciplina, caráter e honra. Também deu novos rumos à saúde, à segurança pública, à infraestrutura, à distribuição de renda e aos programas sociais, restaurando a autoestima do povo brasileiro.

Criou novas políticas de proteção à criança e ao adolescente, amparou aqueles com doenças raras e síndromes, deu voz aos surdos, abraçou os mais pobres dando dignidade por meio de emprego e renda e gerou milhões de empregos. Mostrou ao mundo um Brasil próspero, rico em reservas minerais, protetor de florestas e biomas, e que investiu em pesquisas. Além disso, enfrentou uma das maiores pandemias da história, sendo pioneiro na vacinação em massa.

Isso é apenas parte da guerra que temos travado nos últimos anos. **Precisamos continuar focados no objetivo principal: o Brasil que queremos. Para que isso ocorra de forma mais veloz e sustentável, precisamos agora levantar, treinar, moldar e investir na “geração que vai governar”** – aqueles que darão continuidade à luta e ao propósito de construir o Brasil dos nossos sonhos.

Como dizia Olavo de Carvalho: *“Se você não tem sequer a coragem de enxergar a realidade, como pode ter a pretensão de mudá-la?”*

Diante dessa reflexão, como poderemos continuar mudando e lutando pelo Brasil que desejamos?

## Não podemos nos calar

Calar-se é fazer cessar qualquer manifestação, reprimir ou abafar. Quem se cala guarda algo precioso para si, deixando de transformar o ambiente em que vive. Quando o silêncio é usado como estratégia, pode ser poderoso; porém, quando é imposto, se transforma em roubo da liberdade de expressão e do direito de manifestar crenças.

Quando nos posicionamos sobre o que acreditamos, criamos um ambiente de coragem para que outros também se manifestem. Vimos isso

quando Jair Messias Bolsonaro declarou publicamente sua luta por um Brasil livre e justo: automaticamente, vozes de todos os estados brasileiros surgiram. Jovens como Nikolas Ferreira inspiraram milhões a se posicionarem nas escolas, universidades e na política, muitos como candidatos a cargos eletivos e outros como apoiadores.

Da mesma forma, vimos a Primeira-Dama Michelle Bolsonaro percorrendo o Brasil, incentivando e encorajando mulheres a ingressarem na política. Milhares se posicionaram como uma voz, muitas se lançaram como candidatas a cargos eletivos e outras usaram as redes sociais para se manifestar.

Quando não nos calamos, solidificamos aquilo em que acreditamos. Dessa forma, abrimos oportunidades para aqueles que, por algum motivo, estão em silêncio. Isso encoraja e engaja ainda mais pessoas. Na Bíblia Sagrada, em Provérbios 29:2, está escrito: *“Quando os justos governam, o povo se alegra, mas quando o ímpio domina, o povo geme.”*

## Sair da zona de conforto

Muitas vezes, é mais cômodo esperar que os outros façam o que podemos fazer nós mesmos. Essa é uma das mentalidades que atrasa o processo de mudança no Brasil. Não podemos nos acomodar achando que nossa opinião e posicionamento são pequenos ou irrelevantes. Grandes mudanças ocorrem por meio do somatório de pequenas ações.

Imagine que você acredite em um candidato, mas aparentemente ele não tenha chance de vencer. O primeiro pensamento que pode surgir é: “Ele é bom, mas não vai ganhar”. No entanto, a atitude correta seria: “Além de meu voto, vou apresentar suas qualidades e habilidades para minha família e amigos”. Essa mudança de mentalidade é sair da zona de conforto e usar sua influência para promover a transformação que você acredita.

O conforto é sempre fruto de uma luta contra o desconforto. Recebemos das gerações passadas o mundo que temos hoje. A pergunta é: Que mundo deixaremos para as próximas gerações?

Há uma frase atribuída a Platão: *“O castigo dos bons que não fazem política é serem governados pelos maus.”* O que era um pensamento de milhares de anos passados se tornou realidade hoje. Por quê? Porque muitos escolhem a zona de conforto.

É hora de nos levantarmos e nos posicionarmos sobre aquilo em que acreditamos. **Não se trata mais do nosso conforto pessoal, mas do desconforto gerado pela omissão, desinformação e pessimismo. O resul-**

**tado disso é estarmos correndo o maior risco de todos os tempos: perder nossa liberdade e direitos.**

Por isso, saia da zona de conforto e junte-se àqueles que lutam diariamente para construir um Brasil transformado para as gerações presentes e futuras.

## **Acredite: essa é a maior atitude de mudança**

Acreditar é libertar-se da incredulidade. É o início de algo grande e transformador. Não é apenas uma oportunidade; é a mudança convertendo-se em ação, tornando real o que antes era apenas um sonho. Não podemos nos contentar com o Brasil que sonhamos; precisamos tornar esse sonho palpável, e isso só acontece quando acreditamos.

Observe o Brasil antes de 2017 – um país sujeito a uma alternância de poder entre governantes que governavam da mesma forma –, e compare com o Brasil de 2018 a 2022 – um país cami-

nhando em direção à sustentabilidade, à redução de gastos supérfluos, à estabilidade e à transparência. Um país que viu as taxas de juros caírem e a renda aumentar, que ganhou protagonismo internacional em recordes de produção, e que encontrou a rota da legalidade e da boa governança. Tantos avanços só aconteceram porque o povo brasileiro acreditou na mudança.

Não foi fácil chegar até aqui. Muitos se sacrificaram, perderam suas vidas, foram presos, perseguidos ou caluniados por acreditarem que podiam fazer parte da mudança. Mas eles permaneceram firmes. Agora é a hora de fortalecermos ainda mais esse movimento, de aprofundarmos as mudanças. **Chegou a sua hora de acreditar e de se envolver. Você é muito importante nesse processo de transformação.**

**Se queremos construir o Brasil dos nossos sonhos, precisamos abrir mão do Brasil que suportamos.**

## **A juventude que vai governar**

Gostaria de me dirigir agora aos jovens conservadores do nosso país, que têm uma missão relevante de mudança e transformação, tornando-se a geração que o Brasil precisa e dando continuidade ao progresso que temos visto nos últimos anos.

Estima-se que cerca de 23% da população brasileira esteja na faixa etária da juventude, o que representa aproximadamente 40 milhões de jovens.

Esses jovens carregam sonhos e objetivos que buscam a cada dia concretizar. Porém, para que esses sonhos se tornem realidade, precisamos tomar atitudes claras, eficazes e alinhadas aos nossos valores.

Milhões de jovens enfrentam, diariamente, um Estado omissivo, que não cumpre o dever previsto no Estatuto da Juventude (Lei 12.852), o qual prevê direitos específicos.

Segundo dados recentes, cerca de 27% dos jovens brasileiros estão sem emprego e sem estudar. Se considerarmos somente os que estão sem emprego, esse percentual ultrapassa 50%. Diante disso, como os jovens conservadores podem combater tanta desigualdade e, ao mesmo tempo, construir um legado seguro para esta e para as futuras gerações?

Existem **posturas e ações necessárias para que a mudança ocorra nos diferentes setores da sociedade**, a fim de estabelecer o Conservadorismo como um caminho sólido e combater a juventude de Esquerda, a cultura *woke* e o Progressismo em nossa nação:

### 1 – Participar na política

O engajamento político é crucial para o avanço da Direita conservadora no Brasil. É no campo político que travamos os maiores embates. Precisamos de jovens conservadores comprometidos, ocupando espaços nos poderes Legislativo e Executivo, para construir um país que defenda a liberdade de expressão, a vida desde a concepção, a família tradicional como célula básica da sociedade e que combata a corrupção.

### 2 – Estabelecer o contraponto nas escolas e universidades

O envolvimento em movimentos estudantis e universitários é essencial para garantir uma educação livre de doutrinação ideológica. Devemos defender um ensino que forme cidadãos éticos e morais, respeitando a laicidade do Estado, mas focado na formação de pessoas livres de ideologias prejudiciais, ao mesmo tempo em que respeitamos os princípios constitucionais e familiares.

### 3 – Defender pautas morais e religiosas

É necessário apoiar o resgate da educação clássica, o homeschooling e as escolas cívico-militares, a liberdade de culto e a liberdade religiosa. Também é importante a oposição ao aborto, a luta pela preservação da família tradicional e combater as políticas relacionadas à desconstrução dos valores cristãos.

#### 4 – Valorizar o mercado de trabalho

Obteremos mudanças significativas quando a sociedade valorizar a meritocracia, o empreendedorismo, a inovação e a competitividade. Para tal, é importante incentivar a criação de negócios, reduzir impostos, investir em escolas técnicas e profissionalizantes e propor um sistema tributário justo.

#### 5 – Atuar na cultura e na comunicação

É imprescindível utilizar as redes sociais resistindo e denunciando pautas que ferem valores éticos, morais e familiares, bem como fiscalizar o uso do dinheiro público em filmes e produções que promovam a erotização das crianças ou ideologias contrárias à família tradicional.

As redes sociais são um espaço fundamental para o debate de ideias. Precisamos usá-las para defender a liberdade de expressão, denunciar práticas que deturpem os valores familiares e compartilhar conteúdo alinhado ao Conservadorismo.

#### 6 – Combater a ideologia de gênero e o ativismo LGBTQIA+

Precisamos combater a centralização e a imposição de temas de diversidade e sexualidade nas escolas, bem como defender o direito à manifestação de crenças religiosas e opiniões conservadoras em todos os contextos.

**Somos uma voz, não um eco! Quando entendemos nossa força, descobrimos o poder transformador que carregamos.**

Não é por acaso que vivemos nesta geração: fomos escolhidos para este tempo.

Chegou a hora de mudarmos o Brasil; de sermos essa voz de mudança e esperança para nossa nação e nosso povo.

Chegou o momento de os maus entenderem que os bons se posicionaram, de mostrarmos nossa força.

**Lembremo-nos: o mal só tem voz onde o bem se cala.**

Por isso, proclamamos ao Brasil: nunca lhe faltará a proteção de Deus! Você sempre será nossa Pátria amada! As famílias que você abriga estarão sempre protegidas e a liberdade jamais lhe faltará!

Deus abençoe o Brasil e seu povo!

Chegou a hora de os conservadores assumirem os lugares mais altos desta nação.

**Juntos somos uma voz, não um eco!**

# I OUSE GOVERNAR

DIRCE CARVALHO

**E**xiste algo poderoso acontecendo quando uma pessoa se levanta com a consciência de que nasceu para governar.

Não falo de tronos, coroas ou poderes institucionais. Falo do tipo de governo que nasce do interior, que se expressa nas pequenas e grandes decisões diárias, que constrói legados invisíveis e eternos. Falo sobre ousar governar sua própria vida, sua atmosfera, seu chamado, sua geografia – e transformar o mundo a partir disso.

Se estamos prestes a embarcar em uma jornada de governo, precisamos ter algo em mente: o governo é algo pessoal.

Cada um de nós tem uma atmosfera própria, um povo a influenciar, uma geografia específica para administrar. Governamos sobre o que nos foi confiado – seja nossa família, nosso círculo social, nossa carreira, nosso chamado ministerial ou nossos negócios. Sempre há um território que nos foi destinado para desenvolvermos nosso papel de governantes.

Mas, afinal, o que é governar? Governo é uma ação, processo ou efeito de governar(-se); é a capacidade ou possibilidade de exercer controle. **Em sua essência, os seres humanos foram criados para assumir um papel de governo.** Nós temos o poder de governar sobre as nossas vidas, sobre a dor, sobre a escassez, sobre a perda e sobre os relacionamentos quebrados.

## O primeiro passo: A descoberta pessoal

O governo começa com uma descoberta pessoal.

Não se trata apenas de exercer autoridade sobre outros, mas, antes de tudo, de entender sua missão no mundo. **Você veio para resolver problemas, para sanar dores e trazer soluções que só você pode oferecer. Mas, para isso, precisa primeiro identificar suas habilidades, dons e talentos — e então entender qual é o povo que precisa daquilo que você tem a oferecer.**

Mike Murdock dizia: *“Aquilo que você ama fazer é uma pista do que você nasceu para fazer”*, ou seja, nossos talentos e inclinações naturais in-

dicam nossa vocação. Aquilo que fazemos com facilidade, aquilo que nos dá prazer e nos impulsiona, aponta para nossa verdadeira área de governo.

**Você já parou para perceber o que flui naturalmente de você? O que você faz com facilidade, com alegria, com energia renovada? O que te indigna? O que te impulsiona? As respostas a essas perguntas revelam os problemas que você foi chamado para resolver.** Esse é o seu flow. Esse é o seu início de governo.

T.D. Jakes ensina que cada um tem um denominador comum – algo que permeia todas as áreas da sua vida. Isso significa que, mesmo que você atue em áreas diferentes, há algo que conecta tudo o que você faz. Para Jakes, era a comunicação. Para você, pode ser a cura, a criatividade, a liderança, o ensino, a maternidade, a arte, a intercessão.

Qual é o seu denominador? Quando você o descobre, você descobre o seu governo.

Descobrir o seu denominador é o primeiro passo para encontrar o seu governo. Pense nos grandes governantes da história. José e Daniel foram conselheiros de reis. Samuel foi profeta. Davi foi rei. Moisés, um libertador. Ester foi chamada para governar a partir do palácio. Abraão, um patriarca que abençoou todas as famílias da terra. Algumas mulheres são como Débora, que julgava e liderava exércitos.

Cada um deles descobriu seu denominador e exerceu seu governo com autoridade.

**O seu governo é único — e precisa ser descoberto. Descobrir o próprio governo traz clareza e força. A vida resiste menos àqueles que têm plena consciência de sua missão.**

Quando conhecemos a nós mesmos e nos tornamos autênticos, ganhamos uma força inabalável.

Uma pessoa que se conhece governa com mais autoridade. Porque quando você se descobre, você se torna mais forte. Quando você aceita quem é e para o que veio, a vida lhe resiste menos, as batalhas fazem mais sentido e a força interna se multiplica.

Você já sentiu aquela energia incontrolável ao falar de um assunto específico? Aquela indignação diante de uma injustiça? Aquela alegria ao ensinar, cuidar, liderar, construir, organizar, criar? Isso é uma pista do seu governo.

Como descobrir isso?

**O seu governo é único — e precisa ser descoberto. Descobrir o próprio governo traz clareza e força. A vida resiste menos àqueles que têm plena consciência de sua missão.**

Converse com você mesmo. Relembre sua trajetória. Pergunte aos seus amigos e familiares: *“Em que área você me vê florescer?”* O seu governo é uma jornada de autoconhecimento.

## O segundo passo: A preparação

**Todos nós nascemos com a semente do governo dentro de nós, mas, uma semente precisa ser cultivada.**

**Você precisa de preparação. Precisa se cercar de pessoas que carregam o mesmo denominador que você.**

A vida não foi feita para ser vivida sozinha. Você precisa encontrar a sua Isabel. Aquela amiga que vai celebrar sua gravidez mesmo quando ainda não há barriga visível. Ou, precisa encontrar o seu Elias. Aquele mentor que vai lhe desafiar a crescer. Aquele líder que vai lhe inspirar a não desistir.

O tempo de preparação pode parecer árduo, mas é essencial. Davi foi ungido rei e ainda assim passou anos sendo treinado nas cavernas. A caverna de Adulão foi sua escola de governo. Mesmo sem trono, ele treinava sua liderança, formava sua equipe, cuidava de corações.

**Descobrir seu governo é apenas o começo. Para exercê-lo plenamente, é necessário preparação.**

Como nos preparamos?

- Investindo em conhecimento – Cursos, treinamentos e mentorias são essenciais.
- Escolhendo as pessoas certas para com elas caminhar – A vida é pesada demais para ser vivida sozinha. Encontrar amigos e mentores é crucial.
- Buscando referências – É um ato de inteligência e humildade modelar-se a pessoas que já trilharam caminhos semelhantes ao seu.

Além disso, governar também exige sabedoria para escolher suas batalhas.

**Uma pessoa que governa com sabedoria sabe escolher as guerras certas. O que mais rouba nossa energia é batalhar em guerras que não são nossas.** Quando você entende seu chamado, você para de responder a todos os apelos e começa a discernir o que realmente importa.

**Nem toda causa merece a sua luta. Nem toda crítica merece a sua resposta. Nem toda urgência é prioridade.**

Muitos desperdiçam energia lutando batalhas que não foram chamados para enfrentar. Pergunte-se: essa guerra leva o meu nome? Se não, não entre nela.

Você tem pensamentos que geram frequências, que geram atmosferas, que fazem com que o potencial futuro se torne uma realidade.

Como você pode materializar o invisível?

Fazendo com que o seu cérebro siga aquilo que a sua mente está pensando. O futuro é um potencial, mas se você tem um plano de ação para a sua mente, ela o venderá para o seu cérebro, e ele buscará essa realidade futura. **Os pensamentos que você reforçar, seja de escassez, seja de abundância, são os que irão nortear o seu futuro.**

Quando tudo ao redor parece um caos, você escolhe se posicionar acima das tempestades. Em um mundo VUCA – volátil, incerto, complexo e ambíguo –, a qualidade da sua mentalidade define o seu território de governo.

**A mentalidade perseguidora** é aquela que está sempre concentrada na escassez, no que está faltando, no que não está bom o suficiente. Ela superestima o que não tem. É a mentalidade que é limitante, que, em vez de se preocupar com as soluções, preocupa-se com os defeitos. Já **a mentalidade elástica** é aquela que se concentra em encontrar soluções, que valoriza o que é bom mesmo em meio ao caos, que procura ferramentas e estratégias para resolver problemas e desafios. A mentalidade elástica é dotada do conceito antifrágil, ou seja, quando submetida a grandes pressões, pode desenvolver novas ideias e soluções sem levar a pessoa a se deformar ou a se quebrar.

**Os pensamentos que você reforçar, seja de escassez, seja de abundância, são os que irão nortear o seu futuro.**

Esse é um conceito poderoso!

A escassez, de fato, é uma oportunidade para o milagre. E ser abundante não é ter bilhões em sua conta bancária, mas ser a resposta que soluciona os problemas de bilhões de pessoas.

Não é fazer um bolo e ganhar bilhões de dólares com ele, mas ensinar a um bilhão de pessoas como fazer aquele bolo.

**Não queira governar impérios sem antes desenvolver a habilidade de potencializar o tesouro que está nas pessoas ao seu lado.** Você nasceu para empoderar pessoas, estados e nações.

Acredite nas pessoas mais do que elas. Qualquer um pode ver a sujeira, seja aquele que vê o ouro.

Chame a natureza das pessoas para fora!

**O bom gerenciamento do que você tem nas mãos, hoje e agora, vai ser a fundação de um governo verdadeiramente eficaz.**

## **Estratégias de governo**

Ousar governar exige estratégias. Exige intencionalidade.

Você governa o que vê. O que o seu cérebro está enxergando? Que futuro você tem chamado à existência?

O seu cérebro precisa experimentar novas vivências para reconhecer novos territórios.

Oferecer experiências a outras pessoas também é uma forma de governo. Você lidera quando provoca emoção, quando ativa fé, quando gera transformação.

Governar é escutar a voz que sussurra coragem quando o medo grita. Governar é caminhar com o coração acelerado e as mãos trêmulas, mas sem recuar, porque algo dentro de você arde mais forte do que o temor. **Você governa quando se levanta e dá o primeiro passo, mesmo sem ver o caminho inteiro – quando transforma ideias em ação e silêncios em direção.**

Governar é ser chama no meio do caos, é acender luz com palavras, gestos e orações.

**Governar é ter a ousadia de entrar na arena, onde poucos vão, onde errar ainda é mais nobre do que nunca tentar. Porque ali, onde o chão treme e os olhos se voltam, é onde nascem os que verdadeiramente governam.**

Governar é florescer na própria essência, é abraçar a singularidade como força e deixar que ela se derrame no mundo com beleza e propósito. É encontrar sentido na conexão, é servir com olhos atentos e coração aberto. É saber que toda mudança começa em nós, e que ao mudar, tocamos tudo ao redor.

## **Chaves essenciais para o governo**

Se você me perguntar quais são as chaves essenciais para o governo, eu diria que a **autoconsciência** é a melhor força para se governar, a **esperança** é a maior estratégia e a **ousadia** é o primeiro passo para sair do lugar. Tenha coragem para ser o que você foi chamado para ser e espalhe para o mundo a esperança que está em seu interior. Todos nós temos uma parcela especial

de esperança para espalhar para todos em alguma área específica.

Pare um pouco e reflita: em qual área de sua vida você está munido de esperança para o mundo?

Quando você descobre a sua força, você é imparável. E, por meio disso, realiza a missão que veio para cumprir. Você chegou a esse mundo com uma missão embrulhada; precisa desembulhá-la. As melhores estratégias para descobrir a sua missão é encontrar a sua força, a sua esperança e ousar.

Qual é a sua missão? Qual é a assinatura única que você veio imprimir na sua geração?

O filósofo Sócrates dizia *“Conhece-te a ti mesmo”*, para, então, começar a refletir o que já existe dentro de você. O que está fora precisa vir de dentro.

**As pessoas que não encontram uma missão têm a inclinação de viver de fora para dentro, e não de dentro para fora.** O exterior é quem as controla por meio de pensamentos negativos, medo do futuro, medo do que as pessoas pensam – essas são algumas das causas que destroem a nossa identidade pessoal.

**Não queira criar um impacto duradouro no mundo sem antes arrumar a sua casa. Não entre na estrada da hipocrisia. Sua primeira missão é você, depois, a sua família e, por último, o mundo.** Trocar a ordem dessas coisas vai gerar caos e frustração na sua vida, e, pior ainda, vai torná-lo um transformador vazio.

Não se desespere, cuide de você e daqueles que lhe foram confiados, e eu garanto a você que o tipo de impacto que nasceu para fazer vai se solidificar na sua mente e no seu coração e você não será mais o mesmo.

Você encontra o seu lugar de operação, a sua frequência, o seu dom natural, com aquilo que você é bom para fazer na vida, e nisso há uma mensagem que está dentro de você para o mundo.

Quando nós estamos cumprindo a nossa missão, estamos governando o mundo.

Quando você cumprir a sua missão, descobrindo a sua força natural, você estará governando!

Ninguém veio ao mundo para ser expectador, mas para ser um gerador de vida e um modelo para as gerações.

**Se nós viemos nessa geração é porque temos uma colheita e uma entrega para agora.**

**Não queira governar impérios sem antes desenvolver a habilidade de potencializar o tesouro que está nas pessoas ao seu lado.**

A vida não tem a ver com a escassez ao seu redor, mas, sim, com a abundância que está dentro de você! Onde existe escassez, Deus vê oportunidade!

## A ousadia

Arriscar-se é intrínseco à ousadia. Você não pode ser corajoso com a sua vida, se não colocar a cara a tapa para ir aonde ninguém foi. Porém, o risco sempre traz a possibilidade da derrota e isso não pode pará-lo. A história de todos os grandes inovadores do mundo está marcada por ideias que não deram certo, experimentos desastrosos e respostas negativas. Prepare-se para isso, abrace o erro, construa em cima disso.

**Uma pessoa que nunca fracassou é uma pessoa que nunca ousou.**

O que o motiva: mudar o mundo ou manter a sua reputação?

Hoje, o que as pessoas mais querem é se conectar e se relacionar por meio da **confiança**, a qual só será conquistada por meio da **presença**. Quando você se faz presente em uma conversa, conquista a atenção dessa pessoa. Quando você tem acesso à verdadeira e genuína presença de alguém, tem acesso a ela. Isso fará com que você feche bons negócios, relacione-se e seja bem-sucedido, porque, quando você se faz presente, possibilita que outros estejam presentes.

Ser confiável conecta mais do que ser competente.

Ao se conectar com alguém, de forma presencial e intencional, surgem algumas consequências: você começa a enxergar as outras pessoas como seus semelhantes – e até como aliados –, elas podem confiar em você, informações úteis são adquiridas, você desenvolve soluções que outras pessoas se mostram dispostas a aceitar e, até mesmo, a adotar, porque, quando as pessoas se sentem ouvidas, elas ficam mais dispostas a ouvir e a investir tempo e energia em atividades comuns.

## A empatia

A empatia é o melhor antídoto contra os vilões da vergonha e do medo, pois eles roubam o nosso presente. A empatia está no meio dos vínculos que estabelecemos.

Ser empático é ser e estar presente.

É ver, ouvir e sentir o mundo singular de outra pessoa e ser capaz de ver o que os outros não veem – mas isso exige esforço.

**Você precisa se envolver, comprometer-se, não emitir juízos de valor, entender os sentimentos dos outros e comunicar essa compreensão. Mais do que palavras, empatia é um envolvimento completo com o outro, é o desejo de compreendê-lo!**

O pré-requisito da verdadeira empatia é a compaixão. A empatia quebra a vergonha quando você tem compaixão de si mesmo e do outro; assim como quebra a vergonha quando tem coragem para dizer a verdade, assumir os seus erros e ser misericordioso.

Ser empático é ter coragem, compaixão e conexão. Construa empatia por meio das conexões.

A empatia gera conexões com as pessoas e as levam ao futuro.

Para governar com empatia é preciso se dispor. Quando há disposição para servir, há legitimidade. Você se torna legítimo para governar no momento em que faz uma estrada para servir à missão de alguém. Existe uma recompensa para quem serve!

Quando você se conecta, você governa. A vida é feita de oportunidades, inclusive durante o caos e a dor, porque um dos melhores lugares para se ter criatividade é onde há escassez. É na falta que existe um potencial para surgir uma nova solução. **Estar em lugares ou ser empático com pessoas desafiadoras provoca a criatividade em você, porque quanto mais nós insistimos em sermos produtivos em um lugar cujas circunstâncias não estão favoráveis, mais somos inovadores!**

Não tenha medo das coisas contrárias, dos relacionamentos quebrados ou das coisas que estão fora do lugar, porque você está posicionado para governar essa situação. Governe sobre todas as circunstâncias que estão ao seu redor com empatia!

## **A mulher e o poder da empatia**

No livro “Os humanos subestimados”, Geoff Colvin fala sobre um estudo que analisa o QI de um grupo corporativo. **A flagrante conclusão sobre esse trabalho é que as mulheres tornam o grupo mais inteligente.** Os pesquisadores não estavam buscando provar ou refutar qualquer coisa a respeito de sexo, mas não puderam deixar de notar o que os dados

**Governar é ter a ousadia de entrar na arena, onde poucos vão, onde errar ainda é mais nobre do que nunca tentar. Porque ali, onde o chão treme e os olhos se voltam, é onde nascem os que verdadeiramente governam.**

revelavam. A constatação da pesquisa mostrou que quanto mais mulheres em um grupo, mais inteligente ele é – pura e simplesmente. O resultado inesperado surpreendeu os pesquisadores, o qual, mais tarde, foi confirmado por outro estudo. Os pesquisadores nunca suspeitaram que a maior sensibilidade social das mulheres pudesse ser tão importante quanto se mostrou.

A mulher possui uma maneira especial de governar. O homem governa de forma sistematizada, regido por leis, regras e procedimentos. A mulher governa estrategicamente, influenciando políticos, autoridades e pessoas de negócios com criatividade e empatia. **Como a pesquisa acima mostrou, as mulheres possuem uma enorme sensibilidade social que as torna diferentes e únicas nos meios em que se encontram.**

**Quem governa não é quem manda, é quem traz soluções, quem pode estancar uma matança ou parar uma guerra.**

**A mulher tem esse poder de empatia e pode exercê-lo em sua melhor forma para governar estrategicamente.** As mulheres revelam em seu corpo algo maternal do coração de Deus, pois foram feitas de forma intencional para gerar e nutrir. Elas são como Débora: governam e influenciam homens.

Nós, mulheres, devemos encorajá-los e dizer a eles que devem lutar certas guerras, batalhar e conquistar certos territórios. Muitas vezes, os homens precisam apenas que nós acreditemos neles. Não se trata de instruir, mas de encorajar.

**É a força da mulher que vai governar esse tempo.** Acredito que o governo, nos tempos atuais, depende mais de relacionamentos, conexões e influências do que do racional. **Há uma atmosfera sobre esse tempo e cada vez mais o poder dos relacionamentos serão celebrados, e a mulher é essa parte relacional, das conexões.**

A inteligência puramente analítica é falha, e o componente relacional precisa entrar em jogo.

**Quando falo que existe uma energia disponível nas mulheres, para governar esse tempo, é por causa disso: do que elas trazem para a mesa.**

Agregando à inteligência, que já é intrínseca às mulheres, elas se tornam ferramentas fundamentais junto aos homens para um governo eficaz.

Nesse contexto, não deveria haver competição entre homens e mulheres. Cada um possui suas habilidades para governar e influenciar de diferentes maneiras, ambos possuem peculiaridades.

Existem problemas que necessitam do governo masculino, outros, do governo feminino.

Precisamos ter inteligência e sensibilidade para sabermos identificar em que momento ou lugar é necessário recorrer ao governo feminino ou masculino, considerando não o gênero, mas as habilidades que forem exigidas em determinadas situações.

Acredito que juntos somos mais fortes, assim como acredito no papel fundamental do homem e da mulher. Como cristã, sinto-me amparada pela Bíblia para acreditar nisso.

Mulheres podem transformar garotos em homens produtivos, trabalhadores e diligentes. Homens tornam-se criaturas melhores por causa das mulheres, porque elas criam, modelam e sustentam a cultura humana.<sup>9</sup>

Elas são mais abertas ao transcendente e mais capazes de se alinhar às frequências do mundo espiritual. **Um provérbio chinês diz que cem homens podem formar um acampamento, mas é preciso uma mulher para fazer um lar.**

Deus colocou a mulher sujeita ao homem não por ela ser frágil, mas por ser extremamente poderosa. Somente uma força potente assim, faria do mundo um lugar muito diferente.

As mulheres são poderosas e, já há algum tempo, descobrimos que chegou o momento delas. O momento de serem completamente redimidas. **A completa restauração de todas as coisas exige que as mulheres sejam colocadas de volta ao seu lugar, nem atrás e nem abaixo dos homens, mas ao lado. Essa é a hora de reposicionar as mulheres no mundo.**

## Governando com estratégia

Uma das formas de ousar governar é por meio de estratégias. Você não governa apenas com a sua voz de comando. É preciso ter estratégia. Tenho lido que a maior riqueza dessa época são as informações, mas eu acredito que a maior herança desta época, tão interconectada, são os relacionamentos.

**Aquele que criou o universo, os quasares e as supernovas é o seu parceiro nesta jornada chamada futuro!**

Você precisa ter amigos com os quais possa contar, abrir o seu coração e os levar em lugares em que você queira estar.

O estrategista mais consciente sabe que, com a colaboração de alguém, pode fazer algo muito maior. Isso é sinergia: aquilo que eu e você podemos fazer de forma exponencial. Eu posso conquistar e você pode conquistar, mas juntos nós podemos muito mais. No xadrez existem várias formas de se ganhar uma partida. Isso é estratégia: quando há várias formas diferentes de se alcançar um objetivo. Cabe a você testar e descobrir o que funciona com você. Vai exigir pesquisa, vulnerabilidade para tentar e coragem para se arriscar.

Se eu pudesse ensinar a você apenas uma coisa sobre estratégia, seria isso: não se compare, se descubra. **Existe algo que você sabe fazer melhor do que ninguém, então, procure e identifique aquilo que o torna único!**

## Governar resolvendo problemas

Uma das maiores formas de governo é chamar a si a responsabilidade para resolver problemas. **Quem governa não é quem manda, é quem traz soluções, quem pode estancar uma matança ou parar uma guerra.**

Nós temos a responsabilidade de sermos solucionadores de problemas. Não apenas a de irmos atrás dos problemas que estão ligados à alma e ao espírito das pessoas, mas também aos problemas que estão ligados à economia, à mobilidade, à educação, à saúde ou à política da cidade. Tudo aquilo que você fizer para melhorar o mundo é divino.

Governar é trazer respostas para as pessoas.  
O ponto é: quando você é consciente do que tem que fazer na Terra, e quando você tem a intenção, ao invés de ser atingido pela atmosfera dos outros, você atinge os outros com a sua.

Você pode estar se perguntando, mas como eu posso ser consciente? **Ser consciente é entender e decidir qual é o seu papel aqui na Terra.**

Se existe algo que está desarrumado ao seu redor, quebrado, faltando ou que se pareça com um ambiente de caos e de escassez, você é a voz para essa situação e a solução para esse lugar. Liberar palavras libera atmosferas.

**Um provérbio chinês diz que cem homens podem formar um acampamento, mas é preciso uma mulher para fazer um lar.**

Seja intencional no seu casamento, nos seus negócios, no seu ministério. Tudo na vida muda quando você coloca intencionalidade.

**As pessoas que irão mudar a história terão cicatrizes e dores. Os desafios e as dores o estão preparando para as cadeiras de governo. Uma revolução que leva seu nome**

Existe uma revolução que leva o seu nome e você precisa implantá-la nesse planeta. É um desperdício ter toda a experiência de vida com lutas, batalhas, fracassos e vitórias e enterrar isso.

**Todas as adversidades que você superou estão lhe preparando para a sua missão, absolutamente tudo! Nada é desprezado, nem os erros, nem os acertos. Se você aprendeu com os seus erros, eles já não são algo negativo, são uma escola.**

A vida é a escola que mais cobra caro, mas é a que mais entrega resultados, porque quando você supera a rejeição, o esquecimento, a traição e a dor, torna-se uma pessoa digna para governar sobre aquilo.

Vale a pena superar.

Superação tem a ver com treinamento.

Tudo o que você viveu até aqui se transformou em combustível para a sua próxima fase. Eu não sei se, hoje, você está servindo à missão de alguém, mas esse é um tempo de preparo que irá colocá-lo em sua missão.

○ que você está fazendo ou vivendo hoje, talvez não tenha nada a ver com o seu futuro, e não tem conexão com o ponto aonde quer chegar ou não faz nenhum sentido para a sua vida. Mas, até aquilo que não está a seu favor, será usado em seu benefício.

Quanto mais nós subimos a montanha, mais o ar é rarefeito. Isso significa que estamos subindo para lugares mais altos.

## Ousando governar

○ crescimento vem com a experiência, tudo o que vivemos até aqui é válido e será de grande utilidade para o que formos governar no futuro. Não

**Seu propósito foi desenhado desde antes da sua existência. O caminho se revelará à medida em que você der seus passos. As pessoas, os recursos e as oportunidades surgirão conforme você avança.**

pare, siga em frente e permaneça na trilha até que não haja mais uma. Então, desembainhe sua espada e comece a criar novos caminhos. As gerações futuras contam com você.

Como viver ousando governar? É simples: olhe para o final da sua vida.

Isso mesmo, você não leu errado: olhe para o final!

Quem você terá se tornando?

Alguém que se arrependeu por ter vivido uma vida que outros esperavam? Alguém para quem o maior desafio foi fazer algo ousado na vida? Se você não tivesse medo, limites, escassez ou circunstâncias, o que faria?

**Quando você ousa governar, você olha para o final e vê o progresso que fez.**

Ousar é uma das principais formas de governar. Portanto, olhe para o seu final com coragem.

Não olhe para as limitações, você pode ir além! **Aquele que criou o universo, os quasares e as supernovas é o seu parceiro nesta jornada chamada futuro!** Você tem as ferramentas para fazer a diferença. Cada um de nós tem uma porção reservada para esse tempo que nos foi confiado. Este é um chamado para ousar governar a nossa própria porção.

Tudo o que podemos controlar, é a nossa missão, é o nosso desígnio.

Não estamos atrás do mundo inteiro! Queremos governar o nosso mundo, as nossas esferas. Quando nós possuímos a porção que Deus tem para cada um de nós, nos tornamos íntegros, realizados e cheios de paz. A instrução para governar nessa era é seguir em frente, avançar!

Se você se esquecer de tudo o que leu até aqui, guarde isto: existe algo a mais para você, siga em frente, avance, vá além.

O mapa do seu governo já está dentro de você. **Seu propósito foi desenhado desde antes da sua existência. O caminho se revelará à medida em que você der seus passos. As pessoas, os recursos e as oportunidades surgirão conforme você avança.**

Eu o convido a ousar e governar além do seu mundo e além de você mesmo. Ir além é uma chamada universal.

Não tenha medo do futuro, tenha expectativa e trabalhe para construí-lo. Tenha coragem e aceite o desafio. Vá além do que você foi até hoje.

Ouse descobrir.

Ouse preparar-se.

E quando chegar a hora, ouse liderar com autoridade.

**O mundo precisa do governo que você veio para exercer.**

Deixe a sua assinatura no universo, a sua digital, a sua verdadeira identidade.

Escolha o plano final de Deus. Escolha poder ver o final da sua jornada e dizer que valeu a pena.

**Siga em frente em direção ao final que você já está vendo.**

Ouse avançar.

Ouse ir além.

**Ouse governar!**

# PARTIDO LIBERAL: UMA HISTÓRIA DE LIBERDADE, LIDERANÇA E COMPROMISSO COM O BRASIL

ROGÉRIO MARINHO

Fundado em 1985, o Partido Liberal (PL) participou da transição democrática e teve atuação relevante na Constituinte de 1988. Desde então, o partido tem buscado articular a defesa das liberdades individuais, da responsabilidade fiscal e da valorização da iniciativa privada. Ao longo dos anos, passou por reestruturações estratégicas para consolidar uma atuação nacional e adaptou-se às mudanças no cenário político brasileiro.

Sob a presidência de Valdemar Costa Neto, o PL adotou uma política de fortalecimento institucional com foco em disciplina interna, expansão territorial e captação de lideranças locais. Isso permitiu uma atuação mais orgânica em diversos estados e municípios, preparando o partido para uma nova etapa de crescimento político.

## A chegada do Presidente Bolsonaro: um novo capítulo na história do Partido Liberal

A filiação do presidente Jair Bolsonaro ao Partido Liberal, em novembro de 2021, marcou uma reconfiguração da sigla. A partir dessa aliança, o PL tornou-se a principal força da direita institucionalizada no país.

Essa nova fase refletiu um alinhamento programático entre o partido e as bandeiras do governo Bolsonaro: defesa da vida, da família, das liberdades individual e de expressão, da propriedade privada, da ordem e da livre iniciativa. O partido fortaleceu sua base por meio de mobilização social, engajamento digital e articulação entre parlamentares, ampliando sua influência no Congresso Nacional.

Nosso presidente de honra trouxe consigo um legado de firmeza, coerência e lealdade ao povo brasileiro. Com ele, o Partido Liberal tornou-se a maior bancada da Câmara dos Deputados nas eleições de 2022, com 99

deputados federais eleitos, além de 12 senadores, 130 deputados estaduais, 2 governadores, 511 prefeitos e 4.961 vereadores.

## **Movimentos do Partido Liberal: uma base forte, ativa e transformadora**

Um partido político se sustenta por sua estrutura, mas cresce verdadeiramente quando essa estrutura se transforma em movimento. No Partido Liberal, os movimentos internos não são apenas braços administrativos – são corações pulsantes que levam a mensagem, os valores e os projetos do partido aos quatro cantos do Brasil.

**O PL MULHER**, presidido por Michelle Bolsonaro, é um dos primeiros movimentos de mulheres estruturados dentro de um partido político no Brasil, abrindo espaço e dando voz à participação feminina muito antes de isso vir a ser pauta nacional, tornando-se um pilar estratégico da construção de um Brasil conservador, cristão, livre e justo. Iniciaram-se frequentes ações de capacitação, encontros regionais e incentivo à candidatura de mulheres alinhadas com os princípios conservadores e cristãos do partido, ampliando sua presença entre eleitoras e formando lideranças engajadas em pautas como família, infância e proteção social.

**O PL JOVEM**, presidido pelo deputado estadual Carmelo Neto, do Ceará, cumpre um papel estratégico na formação de novas lideranças. Com energia, linguagem moderna e conexão direta com as novas gerações, o PL Jovem leva a juventude a se interessar por política com consciência, responsabilidade e paixão pelo Brasil. O movimento atua em universidades, redes sociais, encontros regionais e formações ideológicas, sempre pautado pelos princípios do Conservadorismo e do Liberalismo.

**O PL 60+**, coordenado pelo deputado federal Lincoln Portela, representa um compromisso de respeito e valorização daqueles que tanto contribuíram para o país. É uma ponte entre a experiência e a renovação, trazendo os mais experientes para o centro do debate político, reconhecendo suas contribuições e os incluindo ativamente nas decisões e ações do partido.

**O PL Mulher, o PL Jovem e o PL 60+ formam uma estrutura sólida, diversa e dinâmica, que fortalece as bases do Partido Liberal e garante a sua presença em todas as faixas etárias, em todos os estados, em todos os segmentos da sociedade.**

Esses três movimentos formam uma estrutura sólida, diversa e dinâmica, que fortalece as bases do Partido Liberal e garante a sua presença em todas as faixas etárias, em todos os estados, em todos os segmentos da sociedade.

## **Organização estratégica para um novo ciclo**

### **a) Secretaria-Geral: articulação, unidade e inteligência para o futuro**

Com o crescimento expressivo do Partido Liberal nas eleições de 2022 e o protagonismo nacional alcançado com a liderança do presidente Jair Bolsonaro, surgiu a necessidade de fortalecer e organizar a base partidária com ainda mais estratégia, visão e articulação nacional.

Assim nasceu a Secretaria-Geral do Partido Liberal, com a missão de consolidar a unidade de discurso e de ação do partido em todo o território nacional, ancorando-se nos princípios do Conservadorismo e do Liberalismo econômico.

A Secretaria-Geral tem como meta conectar todos os filiados, simpatizantes e lideranças regionais, de forma que estejam bem informados, capacitados e aptos a interagir com a conjuntura nacional em tempo real. Para tanto, projetos foram elaborados com base em diagnósticos específicos e estruturados para respeitar as características regionais e reconhecer o papel das lideranças locais.

A missão é unificar o pensamento da Direita conservadora, oferecendo instrumentos que fortaleçam a ação política do PL em todos os níveis, promovendo coerência, estratégia e protagonismo.

### **b) Secretaria Nacional de Comunicação: presença, estratégia e mobilização digital**

Como desdobramento natural dessa nova organização interna, a comunicação institucional do partido passou a demandar uma estrutura à altura dos novos desafios. Por isso, foi criada a Secretaria Nacional de Comunicação, com a missão de centralizar, organizar e profissionalizar a comunicação do PL em todo o país.

A Secretaria Nacional de Comunicação atua em parceria com os diretórios estaduais e municipais, agregando os milhares de militantes, simpatizantes, influenciadores e blogueiros alinhados aos valores do partido.

Como primeira grande ação, foi realizado em Brasília o 1º Seminário Nacional de Comunicação do PL, reunindo quase dois mil influenciadores e comunicadores conservadores de todo o país. Nesse evento histórico, foram apresentadas diretrizes, estratégias e canais diretos entre a base digital e a estrutura oficial do partido. A partir de agora, essa rede será articulada de forma integrada, orgânica e estratégica.

## Os projetos em curso: a força do PL em ação

Os movimentos internos do Partido Liberal não são os únicos responsáveis pela força crescente da legenda. O PL também tem investido em projetos estratégicos que ampliam sua presença em todo o Brasil e ajudam a fortalecer suas pautas ideológicas, preparando o partido para as próximas grandes batalhas políticas, especialmente em 2026. Três projetos merecem destaque: Rota 22, Academia da Direita e Seminários de Comunicação.

### **a) Rota 22: Na estrada com Bolsonaro – A Conexão Direta com o Povo Brasileiro**

O Rota 22 é um dos projetos mais emblemáticos do Partido Liberal, com foco na aproximação direta do partido com a sociedade. O projeto tem como objetivo percorrer as regiões do Brasil, especialmente o Nordeste, para ouvir o povo, identificar suas demandas e levar a mensagem do PL diretamente a quem mais precisa: o cidadão comum.

Entre suas ações estão visitas, oficinas, seminários e eventos itinerantes, que não só disseminam os valores do Conservadorismo e do Liberalismo, mas também atuam de forma prática e eficaz, formando novas lideranças políticas e conscientizando a população sobre a importância da liberdade econômica, da valorização do agronegócio e da defesa da democracia. O Rota 22 tem sido um grande sucesso, ampliando a presença do PL e reforçando seu compromisso com as causas do povo brasileiro.

Entre os principais objetivos do Rota 22 estão:

- Promover o diálogo direto com a sociedade, ouvindo suas demandas e apresentando as ações do PL;
- Identificar e capacitar novas lideranças políticas nas regiões visitadas, criando uma rede de representantes comprometidos com os valores do partido;

- Reforçar os compromissos do partido com o trabalho, a união, a liberdade e o desenvolvimento nacional;
- Combater narrativas comunistas e socialistas, defendendo princípios como a liberdade econômica, a valorização do agronegócio e a liberdade de expressão;
- Construir propostas concretas para o desenvolvimento regional, respeitando as particularidades de cada estado e município.

## **b) Academia Brasileira de Política Conservadora – Formando Novas Lideranças**

A Academia Brasileira de Política Conservadora é outro projeto de grande importância para o Partido Liberal. Criada para capacitar novas lideranças e formar cidadãos conscientes, a academia oferece uma ampla gama de cursos gratuitos sobre política, economia, valores conservadores e liberdades fundamentais. Ela visa aprofundar o entendimento sobre a importância da liberdade individual, da propriedade privada, da democracia e do livre mercado.

Com parcerias estratégicas com organizações como Brasil Paralelo e Estúdio 5º Elemento, a Academia se tornou um centro de disseminação do pensamento conservador, proporcionando conteúdos de qualidade e formando pessoas dispostas a lutar por um país mais justo e livre. A academia também desempenha um papel importante no fortalecimento do PL Jovem e na capacitação de novas gerações de líderes conservadores.

A Academia da Direita, como é carinhosamente chamada, é, sem dúvida, uma das ferramentas mais poderosas que o partido tem para cultivar a próxima geração de políticos, militantes e cidadãos engajados na construção de um Brasil mais próspero, com uma base ideológica sólida e bem fundamentada.

## **c) Seminários de Comunicação – Alinhamento e Capacitação Digital**

A comunicação tem se mostrado uma das maiores ferramentas de transformação política na era digital, e o Partido Liberal está ciente da importância de utilizar as plataformas digitais de forma estratégica. Para isso, os Seminários de Comunicação Nacional do partido têm sido essenciais para capacitar a base do PL em técnicas de comunicação eficazes e alinhadas com a realidade digital contemporânea.

Os seminários são eventos de integração e alinhamento das estratégias de comunicação do partido, com o objetivo de potencializar a presença digital do PL e fortalecer a mensagem do partido nas redes sociais, plataformas digitais e meios de comunicação. O evento reúne líderes políticos, comunicadores, e especialistas da área digital, proporcionando um espaço de troca de experiências, capacitação técnica e apresentação de cases de sucesso.

Os principais objetivos dos Seminários de Comunicação incluem:

- Integração e alinhamento das estratégias de comunicação do PL;
- Troca de experiências e boas práticas entre os participantes, ampliando as ferramentas de comunicação para os membros do partido;
- Lançamento da Academia Brasileira de Política Conservadora como um centro de capacitação e disseminação do pensamento conservador;
- Apresentação da nova Secretaria Nacional de Comunicação, com foco na melhoria da comunicação institucional;
- Capacitação técnica da base do partido sobre o uso estratégico das plataformas digitais, com workshops e palestras de especialistas.

**O ano eleitoral que se aproxima não é apenas uma oportunidade para reafirmar o compromisso do PL com os valores que guiam a sua trajetória e consolidar sua presença como o maior partido de Direita do Brasil, mas também para salvar o país do desastre que se tornou com o atual governo, que leva o país a passos largos para o caos econômico.**

Com a criação dessa nova Secretaria de Comunicação, o partido está não apenas modernizando sua estratégia de comunicação, mas também criando um canal direto e eficiente entre suas lideranças, a base e o público. A presença digital do PL está se tornando uma das mais influentes do cenário político nacional.

## O Partido Liberal rumo a 2026

Com a estrutura do Partido Liberal cada vez mais sólida e seus projetos em plena execução, o foco está, agora, em um objetivo maior: as eleições

de 2026. O ano eleitoral que se aproxima não é apenas uma oportunidade para reafirmar o compromisso do PL com os valores que guiam a sua trajetória e consolidar sua presença como o maior partido de Direita do Brasil, mas também para salvar o país do desastre que se tornou com o atual governo, que leva o país a passos largos para o caos econômico.

**O PL, portanto, não se prepara apenas para as urnas, mas para liderar o futuro do Brasil com a força e a coragem de quem tem um propósito claro e profundo compromisso com o povo brasileiro.**

Desde a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência, o PL tem vivido uma transformação significativa. O partido é agora não apenas uma legenda com forte representação no Congresso, mas também um movimento com propósitos claros e ações concretas para a defesa da liberdade, da democracia e dos princípios conservadores. A presença de Bolsonaro continua sendo uma enorme força de atração e uma alavanca para o fortalecimento da base do partido. Sua liderança e visão seguem norteando os passos do PL, como um partido de resistência ao autoritarismo e um defensor dos direitos do povo brasileiro.

O Partido Liberal está se preparando de maneira estratégica para 2026, com a construção de uma estrutura sólida de apoio e de governança, não apenas para enfrentar o processo eleitoral, mas para liderar o Brasil em um novo ciclo de prosperidade e liberdade. Para isso, a ação conjunta de seus dirigentes, senadores, deputados federais, lideranças estaduais e municipais tem sido um diferencial.

O foco do PL em 2026 não está apenas em vencer uma eleição, mas em construir um Brasil que represente os anseios da maioria da população. É um projeto de nação que passa pela valorização da liberdade, pela redução de impostos, pela defesa da vida e da família, pela liberdade religiosa, pelo respeito à Constituição e pela promoção do desenvolvimento econômico por meio de um modelo liberal e conservador. O PL, portanto, não se prepara apenas para as urnas, mas para liderar o futuro do Brasil com a força e a coragem de quem tem um propósito claro e profundo compromisso com o povo brasileiro.

Com iniciativas como o Rota 22, a Academia Brasileira de Política Conservadora e os Seminários Nacionais de Comunicação, o PL se prepara para as eleições de 2026, demonstrando uma abordagem estratégica, bem articulada e focada na expansão da liberdade, da democracia e do desenvolvimento econômico.

É assim que o Partido Liberal segue em frente, com organização, visão e um compromisso inegociável com a democracia e a liberdade. O trabalho para 2026 já começou, e cada um dos seus membros tem se preparado com dedicação para cumprir a missão de fazer do Brasil um país mais justo, livre e próspero.

A cada passo, o PL confirma sua importância para a política nacional, se fortalecendo não apenas como um partido de Direita, mas como um movimento que trabalha pelo futuro de um Brasil comprometido com os valores fundamentais que garantem a dignidade de cada cidadão.

O caminho para 2026 está traçado. E com o compromisso e a dedicação de cada militante e apoiador, o Partido Liberal seguirá firme e forte, avançando com a garra das suas ideias e a coragem de seus líderes.

## I POSFÁCIO

**JAIR BOLSONARO**

**U**m dos textos da Bíblia que eu costumo citar é aquele em que Deus, por meio do profeta Oséias, diz: “MEU POVO PERECE POR FALTA DE CONHECIMENTO” (4:6). Entendo que quando um povo não tem condições de interpretar os acontecimentos do seu tempo com clareza e sob o crivo de valores, ele acaba perecendo, porque é devido à falta de conhecimento da verdade que as pessoas são facilmente enganadas e manipuladas.

Foi pensando nisso que, quando eu comecei a minha campanha para a eleição ao cargo de Presidente da República, escolhi um mote bíblico: “E CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ” (João 8:32). Esse texto sagrado traz uma verdade profunda: a verdade liberta as pessoas! Ora, se a verdade liberta as pessoas dos cativeiros (cativeiro da pobreza, cativeiro dos vícios, cativeiro da maldade e outros) e se o conhecimento pode tirar o povo da morte, da corrupção, da miséria, dos perigos, então, precisamos levar às pessoas mais e mais CONHECIMENTO e VERDADE.

Esse livro tratou de BASES e VALORES, por isso eu quero destacar a VERDADE e o CONHECIMENTO como valores que não podem ser excluídos da nossa rota de vida – na vida pessoal, na família, na política ou em qualquer área.

Eu sempre quis caminhar na VERDADE. Eu nunca tratei o povo brasileiro escondendo alguma coisa, antes, procurei sempre ser transparente. Aprendi muito com a experiência de conduzir um país: cresci como pessoa, como marido, como pai, como cidadão e como líder político. Mesmo sendo um homem como qualquer um, tenho a consciência de que valorizei a transparência, caminhei na VERDADE e falei a VERDADE. Nunca desejei enriquecer ilicitamente, mesmo tendo a oportunidade de ter nas mãos (ou na minha Bic) tanto poder; jamais aceitei qualquer tipo de corrupção – e isso falo com VERDADE.

Também sempre busquei dar CONHECIMENTO ao povo, dar satisfação dos meus atos e decisões. Eu ajudei o povo a conhecer como é

que as coisas funcionavam; eu abri os olhos de muita gente. Eu escancarrei a parcialidade da imprensa e falei sobre a parcialidade de alguns integrantes do Executivo, do Legislativo e até do Judiciário – pois essa agride a VERDADE.

Para que o CONHECIMENTO tivesse destaque no meu governo, eu escolhi uma equipe técnica de ministros e dei liberdade para que eles agissem tecnicamente, sem terem que tomar decisões para favorecer a qualquer pessoa ou, para se manter nos cargos. Também lutei como pude para que a área da Educação tivesse compromisso com o CONHECIMENTO e não com ideologias de Esquerda.

Eu creio que esse livro colaborará para trazer mais CONHECIMENTO para o nosso povo.

Os temas abordados no livro passaram por uma grande variedade de assuntos muito importantes para quem quer se posicionar com conhecimento de causa. A nossa Primeira-Dama Michelle abriu o livro falando das mudanças que ocorreram na política com a participação das mulheres e ressaltou as características femininas (e não feministas) que contribuíram para que as mulheres possam usar seus poderes e capacidades para trazerem um olhar mais sensível às lides políticas. Ela também discutiu o aspecto da laicidade do Estado, bem como, da influência da religiosidade no contexto pessoal e também no contexto político.

Em seguida, tivemos o nosso amigo jornalista Alexandre Garcia, mostrando, com seu senso crítico aguçado, o que é a verdadeira democracia. Ele abordou os riscos que o país corre quando o povo se acomoda na alienação e na passividade.

As deputadas Caroline de Toni, Chris Tonietto e Bia Kicis representaram as parlamentares do PL Mulher, apresentando defesas da vida, da família, da propriedade privada e da liberdade, as quais são esferas que, atualmente, têm sido afrontadas pela doutrinação ideológica da extrema-esquerda – que não se cansa de promover uma falsa proteção dos direitos das mulheres, de promover pautas abortistas e feministas, de aumentar e aprofundar a pobreza e de limitar a liberdade.

Nossas convidadas: a senadora Damares Alves e a vice-governadora Celina Leão, trouxeram textos importantes sobre as características do trabalho da mulher na política e sobre a necessária tarefa de protegermos as crianças e os adolescentes na sociedade, visto que, lamentavelmente, há males que se escondem na escola, na comunidade e até em determinadas casas.

Também tivemos o deputado federal Gustavo Gayer, abordando um tema que ele costuma colocar muito bem: a doutrinação ideológica que a Esquerda tem tentado implementar na Educação brasileira, infelizmente, com êxito. Nossos deputados Helio Lopes – meu irmão de escolha – e Eros Biondini também trouxeram textos interessantes, discutidos a partir das áreas nas quais eles mais lutam: a área das discussões sobre o racismo e a área da defesa dos jovens contra as drogas, respectivamente.

**O que eu peço a vocês, leitores, é que NÃO DESISTAM DO BRASIL, não deixem de buscar a VERDADE e de apoiar apenas aquelas pessoas que vocês sabem – ou sentem – que são verdadeiras e justas.**

O deputado Thiago Manzoni também discorreu muito apropriadamente sobre a questão da oposição entre os fatores que determinam pobreza ou prosperidade.

Duas mulheres que vivenciaram o Comunismo trouxeram suas histórias de vida, contando como o Comunismo afetou suas vidas, suas famílias, suas comunidades e seus países: Cuba e Bolívia. São depoimentos que nos trazem forças para continuar lutando contra os perigos dessa corrente política que tem retornado de modo disfarçado para conseguir o seu principal intento: dominar a população.

Esse livro não trouxe apenas vozes de mulheres, nem apenas de parlamentares, mas também trouxe contribuições importantes de profissionais liberais e de líderes religiosos, que também se fizeram presentes, aqui, com seus textos. Os autores se esforçaram, voluntariamente, para trazer CONHECIMENTO ao povo e escancaramento de VERDADES, contribuindo para entendermos mais profundamente as imposições das narrativas da Esquerda e alertando sobre como desvios de caráter e de raciocínio têm sido perniciosos e perigosos no nosso país e no mundo.

O que eu peço a vocês, leitores, é que NÃO DESISTAM DO BRASIL, não deixem de buscar a VERDADE e de apoiar apenas aquelas pessoas que vocês sabem – ou sentem – que são verdadeiras e justas. E, por último, peço que leiam este livro e o indiquem aos seus amigos, pois, com o CONHECIMENTO ampliado, certamente as pessoas darão mais importância ao seu voto – o que ajudará para que não retornem às esferas de poder ou de governança nenhum daqueles que só têm compromissos consigo mesmos – e não com os que mais precisam. E também peço que estejam de olhos bem abertos para identificarem aqueles que “não jogam dentro das



























quatro linhas” e que se manifestem, como puderem, contra todos os ataques à nossa Constituição Federal.






























Pessoas de bem estão se posicionando, estão se fortalecendo, estão se preparando melhor e, você, leitor, está convidado a vir conosco nas próximas batalhas que nos levarão à vitória!

BRASIL ACIMA DE TUDO!  
DEUS ACIMA DE TODOS!



## PARA CONHECER MAIS SOBRE OS AUTORES, VISITE SUAS REDES SOCIAIS

<b>Valdemar Costa Neto</b>	 @valdemarcostaoficial  @CostaNetoPL  Valdemar Costa Neto
<b>Michelle Bolsonaro</b>	 @michellebolsonaro  @Mi_bolsonaro
<b>Alexandre Garcia</b>	 @alexandregarcia.br  @alexandregarcia
<b>Caroline de Toni</b>	 @carolinedetoni  @caroldetoni  carolinerdetoni
<b>Thiago Manzoni</b>	 @thiago.manzoni  @thiago.manzoni  @ThiagoManzoniDF
<b>Chris Tonietto</b>	 @christonietto  @ToniettoChris  christonietto
<b>Jean Marie Lambert</b>	 @jeanmarielambert1948
<b>Bia Kicis</b>	 @Biakicis  @biakicis  biakicis
<b>Damares Alves</b>	 @damaresalvesoficial  @DamaresAlves  @senadoradamaresalves
<b>Gustavo Gayer</b>	 @gusgayer  @GayerGus  @GustavoGayer

<b>Celina Leão</b>	 @celinaleao  @celinaleao  @CelinaLeaoDF
<b>Tassos Lycurgo</b>	 lycurgo.com  @tassoslycurgo  @lycurgo
<b>Priscila Costa</b>	 @priscilacosta  @priscilacosta_  Priscila Costa
<b>Helio Lopes</b>	 @depheliolopes  @depheliolopes  @depheliolopes
<b>Nidia Regina Limeira</b>	 @nidia.regina.limeira  @nidia_limeira  @nidia.regina.limeira
<b>Eros Biondini</b>	 @erosbiondini  @erosbiondini
<b>Adriana Marra</b>	 @adrianamarra.brasil  @adrianamarrabr  @Adriana Marra
<b>Adriano Costa</b>	 @prof_adrianocosta  @prof_adrianocosta
<b>Zoe Martínez</b>	 @zoembmartinez  @zoembmartinez  @zoemartinez
<b>Anelin Suarez</b>	 @anelinsuarez  @anelin84147296  @mariaanelinsuarez
<b>Alessandro Paiva</b>	 @Alessandropaivaap  @Alessandropaivaap

<b>Dirce Carvalho</b>	 @dircecarvalho  @_dircecarvalho  Dirce Carvalho
<b>Rogério Marinho</b>	 @rogerio.smarinho  @rogeriomarinho  Rogério Marinho
<b>Jair Messias Bolsonaro</b>	 @jairmessiasbolsonaro  @jairbolsonaro  Jair Messias Bolsonaro

...

Este livro foi impresso para o  
Instituto Alvaro Valle em junho de 2025.

O PL foi criado em 1985, por Álvaro Valle, com a missão de proteger o cidadão, defender o fortalecimento do mercado por meio da livre iniciativa e lutar pela verdadeira justiça social. Seus fundadores já propunham as reformas econômica, tributária, agrária, urbana, social e do poder judiciário, formando a base do partido. O Presidente atual, Valdemar Costa Neto, reforça esses compromissos.

Por isso o PL, no decorrer desses anos, vem convocando homens e mulheres, jovens, adultos e idosos para a realização do sonho de um Brasil com estruturas políticas voltadas para o serviço à pátria e para a formação de uma sociedade justa e que valoriza os princípios cristãos.

Nesse contexto, as mulheres têm mais do que importância: elas são imprescindíveis. **O jeito de ser, o olhar humano, a defesa da família, o potencial de trabalho e a capacidade de se reinventar contribuem decisivamente para o processo de desenvolvimento que precisamos acelerar.**

**DIANTE DO AVANÇO DE MOVIMENTOS POLÍTICOS EXITOSOS DA DIREITA BRASILEIRA, MUITOS CIDADÃOS PASSARAM A SE INTERESSAR PELA POLÍTICA, PELO PENSAMENTO CONSERVADOR E PELAS PESSOAS QUE OS REPRESENTAM.**

Queremos colaborar para que muitos desses cidadãos passem a conhecer mais profundamente as bases e valores desses movimentos e a distinguir os principais tópicos que diferenciam a vertente da Direita e a vertente da Esquerda, identificando as intenções e os perigos que se escondem no pensamento Progressista e de Esquerda.

Disponibilizar esse tipo de conhecimento aos cidadãos é necessário e urgente. Então, empreendemos a organização deste livro contando com a riqueza de sonhos, histórias e estilos dos autores. Este livro foi escrito de forma colaborativa e voluntária abordando, de maneira objetiva, pensamentos que precisamos entender se quisermos de fato mudar os rumos do Brasil para termos um país livre, sem censura e com prosperidade para todos.

Queremos contribuir para que o nosso povo tenha uma compreensão ampliada sobre questões político-ideológicas e que se posicione com conhecimento e determinação. Contamos com você para dividir com seus amigos os importantes conhecimentos dispostos nesta obra que está disponibilizada para download gratuito no site do PL Mulher ([plmulher.org.br](http://plmulher.org.br)).

EDIFICANDO  
A NAÇÃO



{ shilo }  
MÉDIA

